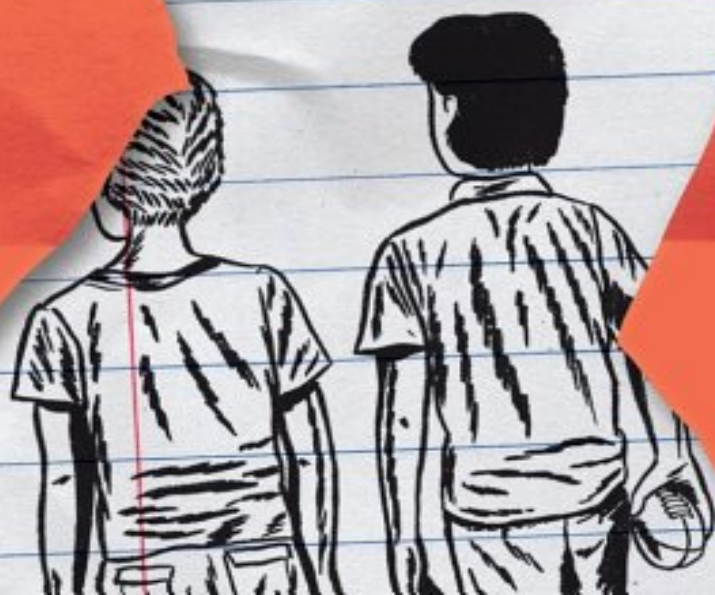


BILL KONIGSBERG

“Engraçado, inesperado, apimentado com diálogos excelentes – e, o melhor de tudo, dolorosamente honesto.” – Ned Vizzini, autor de *Casa de segredos* e *Uma história meio que engraçada*

Apenas um Garoto



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

APENAS
UM
GAROTO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

BILL KONIGSBERG

APENAS
UM
GAROTO



Título original: *Openly Straight*

Copyright © 2013 por Bill Konigsberg

Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Scholastic Inc., 557, Broadway, Nova York, NY 10012, EUA. Este livro foi negociado através da Ute Körner Literary Agency, S.L.U., Barcelona – www.uklitag.com.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Rachel Agavino

preparo de originais: Flávia Midori

revisão: Luis Américo Costa e Nina Lua

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rafael Nobre e Cadu França / Babilonia Cultura Editorial

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K86a

Konigsberg, Bill

Apenas um garoto [recurso eletrônico]/ Bill Konigsberg; tradução de Rachel Agavino. São Paulo: Arqueiro, 2016.

recurso digital

Tradução de: Openly straight

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-590-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Agavino, Rachel. II. Título.

16-33101

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Chuck Cahoy, sempre.

SE DEPENDESSE DO MEU PAI, minha vida inteira seria gravada.

Eu faço qualquer coisa e ele pega o celular.

– Opal! – grita para minha mãe. – Rafe está comendo cereal. Temos que filmar isso.

Ele fala “filmar”, como se, em vez de um iPhone, tivesse toda uma equipe de cinegrafistas ali, me filmando.

Então, quando ele estacionou seu SUV híbrido diante de uma enorme construção com fachada de pedra e eu saí do carro para examinar minha nova casa pela primeira vez, não fiquei surpreso de ele ter pegado o telefone imediatamente.

– Aja como se você estivesse chegando em casa depois de três anos servindo ao Exército – disse ele, com o olho esquerdo escondido atrás do aparelho. – Faça umas piruetas, vire estrela.

– Não acho que soldados façam piruetas – retruquei. – E... não.

– Pelo menos eu tentei.

O problema é que ninguém jamais assiste a esses vídeos. Já vi meu pai gravar o equivalente a semanas, mas nunca, nunca o vi assistir a nenhum deles, nem cumprir as ameaças de publicá-los no “Face”, como ele diz.

– Se você não guardar esse celular, vou jogá-lo longe – falei. – Sério. Chega.

Ele tirou o aparelho da frente do rosto e me lançou um olhar magoado enquanto permanecia, parado ali de pé, os joelhos ossudos reluzindo ao sol.

– Você não vai jogar meu filho longe.

– Pai. Eu sou seu filho.

– É. Mas você não grava vídeos.

Ele guardou o outro filho no bolso e ficamos ali em pé, um do lado do

outro, espantados com a fortaleza de pedra que seria o meu dormitório, na ala leste. À nossa volta, outras famílias descarregavam caixas e malas na calçada. Garotos trocavam apertos de mãos e davam “soquinhos”, como velhos amigos. O dia estava abafado, e o grande carvalho perto da entrada era o único abrigo contra o sol escaldante. Alguns pais se sentaram na grama, observando a caravana de carros passando. Cigarras cantavam, aquela cacofonia invisível invadindo meus tímpanos.

– Bem, não é assim que fazem isso lá em Boulder – disse meu pai.

Ele apontava para a antiga construção, provavelmente erguida até mesmo antes de Boulder se tornar uma cidade.

– Com certeza não – respondi, as palavras quase entalando na minha garganta.

Senti como se eu tivesse feito todos os deveres de casa e gabaritado todos aqueles testes por uma razão. Finalmente, ali estava. Minha chance de mudar. Na escola Natick eu poderia ser apenas Rafe. Não o filho colorido da Opal e do louco do Gavin. Não o menino “diferente” do time de futebol. Não o garoto declaradamente gay que calculava todos os passos que dava.

Talvez, olhando de fora, eu fosse mesmo isso. Sim, eu saí do armário. Primeiro para os meus pais, quando eu cursava o oitavo ano, depois na Rangeview, no nono ano. Porque é uma escola *aberta e compreensiva*. Um *lugar seguro*. E então meu time de futebol se reuniu e todos ficaram sabendo. O resto da família, amigos de amigos. Rafe. Gay.

E ninguém surtou. Ninguém ficou arrasado, assustado ou se sentiu insultado. Não muito, pelo menos. Tudo correu superbem.

O que é bom, claro.

Mas um dia acordei e me olhei no espelho, foi isto que eu vi:

GAY GAY GAY RAFE GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY RAFE GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY RAFE GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY RAFE GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY RAFE GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY

Para onde Rafe tinha ido? Onde eu estava? A imagem diante de mim era tão bidimensional que não conseguia me reconhecer nela. Eu parecia tão invisível no espelho quanto na manchete que o *Daily Camera* de Boulder tinha publicado um mês antes: “Estudante gay do ensino médio fala abertamente.”

Na verdade, havia muitos motivos para eu me mudar para o outro lado do país e fazer o penúltimo ano na Natick. O problema é que é difícil explicar alguns deles para determinadas pessoas – a presidente da associação de Pais, Parentes e Amigos de Gays e Lésbicas de Boulder, por exemplo. Ela não entenderia que, embora tenham tornado mais fácil a vida de um garoto gay, o garoto gay ainda queria ir embora.

Ainda mais se a presidente da PPAGL de Boulder é a sua mãe.

Talvez eu tenha omitido algumas verdades. Quero dizer, não estava mentindo ao falar que queria ir para uma escola mais parecida com Harvard ou Yale; eu queria mesmo. Minha mãe ficou preocupada que um colégio interno exclusivo para rapazes pudesse ser um ambiente homofóbico, mas expliquei que não só havia uma Aliança Gay-Hétero em Natick como, no ano anterior, um ex-aluno que é jogador de futebol americano e gay assumido foi lá dar uma palestra. Saiu até um artigo no *Boston Globe* sobre isso, sobre como até uma escola como Natick estava se ajustando à “nova

ordem mundial” em que ser gay é ok. Então minha mãe ficou satisfeita. E, sem que ela soubesse, isso me daria a chance de viver livre de rótulos.

Na noite anterior, meu pai e eu jantamos no restaurante vietnamita em Harrisburg, Pensilvânia. O que ele não percebeu, enquanto comíamos macarrão de arroz e frango em cestinhas de alface, foi que eu silenciosamente me despedia de uma parte de mim: meu rótulo. Aquela palavra que me definia como uma coisa só.

Muitas vezes isso me limitava.

– Um dólar pelos seus pensamentos – disse o meu pai. Era a inflação, explicou.

– Estou só viajando – respondi.

Eu estava pensando em como as cobras trocavam de pele todo ano e como seria maravilhoso se as pessoas fizessem isso também. De muitas maneiras, era o que eu queria que acontecesse.

Como se no dia seguinte eu fosse ganhar uma nova pele que pudesse ter qualquer aparência, ser diferente de tudo o que já conhecera. E isso me fez sentir um pouco como se eu estivesse prestes a nascer. De novo.

Meu pai abriu o porta-malas e começou a descarregá-lo, colocando minhas malas e caixas no concreto quente. O suor brotava na minha testa e pingava no lábio superior enquanto eu fazia um esforço enorme para levantar uma caixa que tinha se enfiado debaixo das malas. Era um calor úmido, algo que experimentei pela primeira vez quando chegamos ao Meio-Oeste, talvez em Iowa. Nunca estivera tão a leste do Colorado antes dessa viagem e agora ali estava eu, prestes a morar na Nova Inglaterra.

Depois de quatro longas e suarentas viagens de escada até o quarto andar, deixei todas as minhas coisas no dormitório. Meu colega de quarto, um garoto chamado Albie Harris – pelo menos de acordo com o e-mail que eu tinha recebido – não se encontrava ali, mas vimos as tralhas dele assim que abrimos a porta.

Seu lado do quarto estava uma bagunça. Como se tivesse acontecido um terremoto. Sobre o piso de linóleo, havia móveis comuns: duas mesas de madeira falsa uma do lado da outra, duas cômodas brancas aos pés de duas

camas de solteiro de metal, em lados opostos. Mas havia uma caixa de cereais aberta, com flocos espalhados pelo chão. Um travesseiro, sem fronha, tinha cruzado o cômodo e aterrissado embaixo da minha cama, junto com uma camiseta preta, um livro de ciências e o que parecia ser uma máscara com um par de óculos preso a um nariz e um bigode falsos.

Albie devia ter chegado um dia antes de mim, já que os dormitórios haviam sido abertos na véspera. Ainda assim, pelo menos cinco latas de refrigerante amassadas jaziam embaixo e em volta da cama desarrumada. No centro do quarto havia duas malas abertas, ainda cheias, com as roupas saindo pelas laterais. Na escrivaninha dele, vi dois walkie-talkies e um rádio com um monte de botões. Na parede sobre a cama, ele colara um intimidante pôster de um carro explodindo. Na parte inferior, em grandes letras vermelhas, lia-se: PLANETA SOBREVIVÊNCIA.

Olhei para meu pai e arregalei os olhos. Ele abriu aquele meio sorriso irônico de quem saboreia algo que pode lhe ser útil depois. Eu sou do tipo que guarda panos de limpeza no armário, e ele me conhecia bem o bastante para saber que eu estava horrorizado com aquela calamidade.

Desabei na cama que meu colega deixara intocada. Papai parou na entrada e pegou o iPhone, e eu gemi.

– Uma combinação perfeita – disse ele, tirando uma foto panorâmica do quarto.

Nada era mais irritante do que ver que uma opinião do meu pai se provava correta. Durante quatro meses, e ao longo dos 3.500 quilômetros que tínhamos percorrido, ele ficou dizendo que eu estava cometendo um erro. Essa seria a hora de negar, insistir na minha ideia, mas parecia inútil discutir. Se meus pais tivessem pagado meu colega para fazer meu novo quarto parecer a pior moradia possível para mim, seria exatamente assim.

Então me rendi. Apoiei a cabeça nas mãos e a balancei de um jeito exagerado, como se estivesse realmente chateado.

– Isso não é um bom sinal – falei.

Meu pai riu, aproximou-se e sentou ao meu lado, passando o braço pelo meu ombro.

– Olha. Isso é o que é – disse ele, sempre o grande filósofo.

– Eu sei, eu sei. Tenho que fazer minhas escolhas e aceitar as consequências. Sou livre para cometer meus próprios erros.

– Ei – continuou ele, dando de ombros. – O universo é infinito.

Na língua do meu pai, isso significava: *Sou só um cara. O que eu sei da vida?*

Ele se levantou.

– Quer que eu o ajude a desfazer as malas? – perguntou, com a voz de um homem que ia encarar uma viagem de volta de 3.500 quilômetros e não estava nem um pouco a fim de guardar camisas em gavetas naquele momento.

– Eu cuido disso – respondi.

– Tem certeza?

– Tenho.

Papai foi até a janela, e me juntei a ele. Meu dormitório ficava nos fundos do alojamento, com vista para um enorme gramado. Lá fora, garotos haviam se dividido em grupos e jogavam frisbee. Garotos, todos garotos. Muito conservadores, estilo Nova Inglaterra. Não pareciam muito diferentes das fotos na internet, aquelas que despertaram meu interesse. Mas bem distantes do que aquilo que eu via do meu colega de quarto.

– Tem certeza de que este é o lugar certo para você?

– Eu vou ficar bem, pai. Não se preocupe.

Meu pai olhou pela janela, como se todo aquele lugar o deixasse triste.

– Seamus Rafael Goldberg. Na Natick. De algum modo isso não parece certo – insistiu ele.

Sim, meu nome é Seamus – pronuncia-se XEI-mus – Rafael Goldberg. Experimente ter esse nome aos 5 anos. Quando criança me chamavam de Seamus, depois passaram a me chamar de Rafael, o que é quase pior (por não ser um nome comum no meu país), até eu completar uns 10 anos. Escolhi o apelido *Rafe* no quinto ano, e tenho insistido nele desde então.

Meu pai atravessou o quarto, me deixando sozinho na janela, e vi um garoto arremessar um frisbee por uns 45 metros.

Ele virou a câmera para mim e fiz uma careta.

– Vamos. Um vídeo para a mamãe – disse ele, e dei de ombros.

Fui até o meio do cômodo, perto dos cereais espalhados no chão, e apontei para baixo, como se fosse um guia turístico no Grand Canyon. Meu pai riu. Então corri até a cama do meu colega de quarto, juntei minhas mãos e inclinei a cabeça sobre elas, como se dissesse: *Estou apaixonado!*

Com a gravação ainda rolando, voltei para a janela, tentando pensar numa pose divertida. Mas então algo estranho aconteceu. Senti um frio na barriga e mordi o lábio. Não sou muito bom em demonstrar emoção, o que tornou tudo mais esquisito. Achei que eu ia sucumbir e começar a chorar, duramente ciente de que, assim que meu pai fosse embora, só haveria pessoas desconhecidas ao meu redor. Ele deve ter notado algo, porque baixou o telefone, se aproximou e me deu um abraço suado.

– Você vai ser um astro do rock aqui, Rafe – sussurrou em meu ouvido.

Essa era uma das coisas que ele sempre dizia, desde que eu tinha 5 anos e fui para o jardim de infância. Eu ia ser um astro do rock na caixa de areia do parquinho, ia ser um astro do rock na orquestra do sexto ano e agora ia ser um astro do rock na Natick.

– Eu amo você, pai – falei, um pouco engasgado.

– Eu sei. Também amamos você, cara. Vá se divertir, conhecer pessoas novas... – aconselhou ele, quase tropeçando na caixa de cereal ao me soltar e caminhar até a porta – ... arrumar um namorado.

Fiquei tenso. Não era exatamente aquilo que eu queria anunciar na minha primeira hora na Natick. Havia garotos passando, mas ninguém parou para olhar.

– Dê um abraço na mamãe por mim – falei, e o abracei mais uma vez.

– Um último videozinho? – perguntou ele, apontando o iPhone para mim outra vez.

Coloquei a mão na frente do rosto, como se fosse uma celebridade cansada de tirar fotos. E era mesmo. Não uma celebridade, mas um garoto cansado da câmera.

Quando você é o filho gay de Gavin e Opal, sempre tem a sensação de

que está sendo observado. Mas isso não necessariamente acontece de um jeito ruim. As pessoas apenas observam. Porque você é interessante e diferente. O problema é que você não sabe o que elas estão vendo. E esse é o tipo de coisa que pode deixar um cara louco.

Papai entendeu o recado e guardou o telefone no bolso pela última vez.

– Tchau, filho – despediu-se, enquanto um sorriso doce e único surgia em seu rosto.

– Tchau, pai.

Então ele me deixou sozinho no meu novo mundo, olhando para a página quase em branco que era o meu lado do quarto.



Uma coisa que eu não percebi quando idealizei minha vida idílica em Natick foi que a realidade não incluía ar condicionado. O prédio do alojamento era antigo, acho. Escancarei a porta e as janelas para que o ar circulasse um pouco, mas isso não ajudou muito a refrescar o quarto opressivo ou diminuir meu calor. Então, enquanto enfiava minha segunda mala vazia no armário, decidi tomar um banho. Pelo cheiro que eu estava sentindo, minha data de validade parecia ter passado havia semanas.

Um garoto zuniu pela porta, até que ouvi os passos diminuírem e pararem. Ele voltou. Parado na entrada do meu quarto, com uma camiseta azul royal, estava um garoto alto, com um corpo legal, cabelos pretos, olhos azuis e ombros irresistíveis.

– E aí, cara? – cumprimentou ele. – Está rolando um jogo lá embaixo, você quer... Meu Deus!

– O quê? – perguntei, olhando para trás.

– Você é igualzinho ao Schroeder.

– Do *Snoopy*?

– O quê? Não. Um garoto daqui. Ele se formou ano passado.

Megapopular. Você poderia ser irmão dele.

– Ah – murmurei, o coração disparado.

– Fui o primeiro a falar isso para você? – perguntou ele, revelando dentes brancos perolados perfeitos.

Sorri de volta, fascinado por ele. Torci para não estar corado.

– Você é o primeiro a falar comigo. É a primeira pessoa que conheço aqui.

– Está brincando? Bem, vamos descer. Estamos jogando futebol e seria bom ter mais um ou dois participantes. – Ele estendeu a mão. – Meu nome é Nickelson. Steve Nickelson.

– Rafe Goldberg.

– Você vem?

– Hum, claro – respondi.

O banho definitivamente podia esperar.

2

DESCEMOS AS ESCADAS CORRENDO e, quando saímos para o campo atrás do alojamento, vi um monte de rapazes grandes e musculosos espalhados pelo gramado, arremessando uma bola de futebol americano. Mais parecia um desfile de modelos sarados.

– Olha só – disse Steve, correndo na direção deles. – Com quem esse cara se parece?

– Com a sua mãe? – perguntou um garoto.

Então os outros olharam para mim e vi um monte de sorrisinhos.

– Achei que já tivéssemos nos livrado do Schroeder. Para onde ele foi? Para a Tufts?

Quem falou isso foi um garoto de voz grossa e rosto coberto de espinhas.

– Isso.

– Qual é o seu nome?

Os comentários e as perguntas chegavam tão rápido que eu não tive tempo de notar nada além do fato de estar diante de uns doze garotos fortes, quase todos muito bonitos. Eles pareciam formar uma grande massa, uma enorme bolha de testosterona.

– Rafe Goldberg.

– Ah, você é o garoto novo do segundo ano, né? De onde você é? – perguntou um rapaz de cabelos louros espetados e camiseta de skatista.

– Sim, sou eu. Do Colorado.

– É, eu tinha escutado falar de um aluno novo no segundo ano – comentou um cara bronzeado vestindo uma camisa dos Patriots virada do avesso. – Vai jogar?

– Claro – respondi.

As apresentações se restringiram ao mínimo. Não era bem o momento.

O Garoto da Acne estendeu a mão para mim.

– Robinson – disse.

Então respondi:

– Rafe.

E parou por aí.

– Ei! Colorado! – chamou Steve. – Você é rápido?

– Sou.

Tirando o esqui, essa devia ser minha melhor habilidade nos esportes. Jogo futebol mais ou menos bem, e meus amigos em Boulder não curtiavam muito futebol americano. De repente o pessoal da Natick poderia gostar mais.

Eles escolheram as equipes. Eu fiquei com Steve, o garoto com a camisa do avesso – cujo nome era Zack, como acabei descobrindo –, um negro caladão chamado Bryce – que usava uma camiseta com os dizeres EU QUERO CHEGAR LÁ – e Ben, um cara enorme que tinha o dobro da minha largura e pernas que pareciam hidrantes.

– Podem começar com a bola, já que vão ser massacrados mesmo – avisou Steve enquanto nos posicionávamos para o pontapé inicial.

Eu não conhecia assim tão bem as regras do futebol americano, então decidi que minha estratégia seria esperar e observar.

Steve deu o *kickoff*, chutando a bola muito alto e longe na direção do outro time, que estava de frente para nós. Então corremos uns ao encontro dos outros, o sol forte em cima de nós, o ar denso.

Acabou sendo bem divertido. Os garotos do outro time tentavam nos bloquear enquanto corríamos na direção do que tinha pegado a bola. Um levantou o braço na frente do corpo e eu tentei desviar. Ele me acertou no peito uma vez, o que quase me deixou sem fôlego. Então olhei em volta e vi Steve batendo com as duas mãos no cara com a bola, e a jogada acabou.

Enquanto os jogadores do outro time se reuniam, Steve nos disse o que fazer. Eu deveria cobrir Robinson. Ele foi até a linha, me viu e deu um sorriso forçado. Era mais alto e maior, tinha as pernas mais musculosas que

as minhas e usava um crucifixo no pescoço. Concluí que, se jogassem a bola para ele, eu deveria pegá-lo antes que ele passasse por mim.

Um garoto alto de pele branca e cabeça raspada estacou no meio, com dois caras de cada lado, nos encarando.

– Vai! – gritou ele.

Robinson deu passos largos como os de um cavalo, e eu cambaleei para trás, encarando-o. Arregalou os olhos e passou correndo por mim, então me virei e também corri o mais rápido que pude. Ouvi Steve gritando e de algum modo entendi que tinha que olhar para cima.

Ali estava a bola, voando na nossa direção. Robinson se virou e começou a se ajeitar para pegá-la. Eu estava bem ao lado dele e pulei uma fração de segundo antes.

Eu costumava jogar vôlei. Sei saltar alto e sei cortar. Usei os punhos e atirei a bola no chão.

– Isso! – berrou Steve, correndo na minha direção como um louco. – Esse é o Schroeder! Ninguém traz essa porcaria para o meu campo!

Zack estava vindo também, e os dois davam a entender que eu tinha feito algo incrível. O sangue pulsava nas minhas veias e eu sentia os cabelos da nuca arrepiados.

– Era o que Schroeder dizia – explicou Steve, batendo sua mão na minha.

Imitei a voz de Schroeder como Steve tinha feito e gritei:

– Ninguém traz essa porcaria para o meu campo!

Steve olhou para o Zack e eles bateram os punhos fechados.

– Ele fala igual ao cara! – disse Steve.

Apontei para Robinson, que corria de volta para junto do seu time.

– Hã-hã – murmurei, balançando o dedo para eles.

Ele me ignorou e se juntou ao time dele.

Steve e Zack se abraçaram, agitados.

– Agora, sim, um original do Colorado. Ninguém pode apontar o dedo para o Schroeder! Vamos ter que chamá-lo de Schroeder Dois!

Tive momentos de grande prazer na minha vida. Não consegui me

lembrar de nenhum como aquele. Isso me surpreendeu. Nunca pensei que fosse o tipo de garoto que se misturaria com os atletas, mas ali estava eu, todo orgulhoso por ter recebido um apelido.

Eu, um atleta? Pensei nisso, saboreei a ideia. Ela me fez sorrir e depois rir um pouco. A euforia tomou conta de mim. Era essa a sensação em meu peito. Euforia. Nunca tinha experimentado isso antes.

Ainda eufórico, olhei para Ben e Bryce a tempo de vê-los revirando os olhos um para o outro. Parei de sorrir, constrangido. Por que aquilo? O que eu tinha feito para eles? Só queria me divertir. Eles me fizeram lembrar as PDP em Boulder – as Pessoas de Preto, que usavam sobretudo, se isolavam e julgavam todo mundo. Quem diabos eles eram para me julgar?

Apesar disso, o jogo foi divertido. Na verdade, fiquei um pouco aliviado quando eles pararam de me chamar de *Schroeder Dois* depois que me mostrei menos apto a pegar os passes. Steve me passou a bola duas vezes seguidas. Na primeira, ela escorregou e, na segunda, me acertou no peito e quicou para longe. Achei que tinha chegado perto, ainda mais na segunda tentativa, mas isso pareceu não contar, e o apelido foi esquecido. Ótimo. Não queria mais um rótulo para me definir.

– Vamos lá – disse Steve quando nos juntamos para o último ataque, com o placar apertado. – Colorado, faça um *buttonhook* de dez passos. Zack, vá direto pela esquerda. Benny, para fora e para dentro. Bryce, você vai ter que disparar. *Flag deep*, ok?

Das outras vezes que nos reunimos, ele tinha indicado as rotas com o dedo, mas de repente começou a falar os nomes das jogadas. Eu não sabia o que fazer, então, depois que gritamos “Tempo!”, cutuquei o enorme ombro esquerdo de Ben, o Idiota.

– Hã... o que é um *buttonhook*?

Ele olhou para mim achando graça. Então ergueu a palma da mão e desenhou a jogada: uma corrida rápida – uns dez passos, calculei – e uma girada.

– Obrigado – falei, com um sorriso forçado. – Fico te devendo uma.

Ele meneou a cabeça e passou para o outro lado de Steve. Eu me alinhei

à esquerda, de frente para Robinson, e, quando Steve disse “Já!”, corri dez passos e me virei.

A bola estava no meu rosto. Atingiu meu nariz bem na hora em que eu ergui as mãos para agarrá-la. Tarde demais. A dor me fez perder o fôlego. Depois de bater no meu nariz, a bola ricocheteou para a minha mão esquerda e eu a ajeitei, afastando os braços do corpo.

Ali estava ela, nos meus dedos. Eu a equilibrei até conseguir aninhá-la, então fechei as minhas mãos ao redor dela, deixei os braços junto ao corpo e comecei a correr.

– Ele agarrou com uma das mãos! – ouvi Steve gritar.

Então saí correndo para o limite do campo do outro time.

Assim que peguei velocidade, eu soube que Robinson não conseguiria me pegar.

– *Touchdown!* – berrou Steve.

Atirei a bola no chão, como via os jogadores fazerem na TV. Então inventei uma dancinha, porque você tem que dançar quando atinge o limite do campo. Todo mundo sabe disso. Levantando e abaixando os ombros, me balancei de um lado para outro.

– O cara tem estilo! – elogiou Steve, aproximando-se para dar um tapinha nas minhas costas.

Quando me virei para responder, senti o sangue.

– Que merda! – exclamou Steve, e os outros garotos do time correram até nós.

– Parece sério – disse Bryce.

– Estou bem – falei.

Não estava tão bem assim, mas não queria parar de comemorar, mesmo que fosse por uma emergência médica.

Ben pegou no meu ombro.

– A gente devia levar você para a enfermaria. Pode ter quebrado.

– Que nada – falei, me afastando. – Meu nariz sangra só de alguém olhar torto para ele. Estou bem.

Ele me fitou nos olhos. Os dele eram de um azul translúcido. Ben

parecia ser um cara legal. Eu não queria desviar o olhar. Percebi que não ser o garoto gay ali me dava mais abertura. Jamais poderia fazer contato visual com os atletas em Boulder. Era um acordo: eles me aceitavam no time e eu não os assustava com contatos visuais. Ali não havia acordo nenhum. Ben piscou, eu pisquei de volta e, quando aquilo começou a parecer íntimo demais, desviei o olhar.

O *touchdown* marcou a nossa vitória. Terminei a última série de arremessos com sangue escorrendo do nariz e, quando o jogo acabou, Bryce se aproximou e me entregou umas folhas de papel toalha.

– Obrigado.

– Sem problema – disse ele, sem inflexão, e então se afastou com Ben, todo superior, me deixando com Steve e Zack.

Voltamos para o alojamento juntos, e eles perguntaram se eu gostaria de encontrá-los mais tarde para jantar.

– Claro – respondi.

Então voltei para o quarto com o nariz sangrando e um sentimento de euforia que era completamente novo para mim.

3

UAUI!, PENSEI, SUBINDO AS ESCADAS de dois em dois degraus e com o papel toalha pressionado no nariz. Minha aventura na Natick havia começado duas horas antes, e eu já tinha a personalidade completamente nova que fantasiara. Rafe, o atleta.

Para ser sincero, era tão fantástico que chegava a assustar.

Nenhum problema pode destruir esse novo plano, pensei, então praguejei contra mim mesmo, porque qualquer pessoa que já tenha assistido a pelo menos um filme de Hollywood sabe que pensamentos como esse levam a... bem, problemas sérios.

Problema sério número um.

A porta do meu quarto estava aberta, então dei uma espiada lá dentro. Um garoto baixinho, gorducho, de camiseta preta desfazia as malas que tinham sido largadas no meio do caminho. Deitado ali no meio do caos – caixas de cereais, latas de refrigerante –, encontrava-se um garoto magro de cabelo espetado. Ele estava de costas para mim, com as mãos atrás da cabeça, na posição de quem faz abdominais. Apertei o papel toalha no nariz e dei uma olhada. Ainda sangrava muito.

– Então vamos lá – disse o garoto de cabelo espetado. – Digamos que tivesse uma gangue de crianças de 6 anos vagando pelas ruas e elas atacassem você. Quantas você conseguiria derrubar?

Fiquei parado na soleira da porta, ainda despercebido. Apesar do desastre que era o meio do quarto, fiquei contente de ver que eles estavam arrumando tudo. Na cama do baixinho, havia uma pilha muito alta só de camisetas pretas. Ele abriu uma gaveta na cômoda perto de sua cama e começou a guardar as roupas.

– Elas têm armas? – perguntou.

– Não, só sabem lutar – respondeu o Cabelo Espetado.

– Então, acho que quatro. Duas delas poderiam agarrar minhas pernas, mas eu ainda teria os braços. Cada uma poderia pegar um membro, mas aí ninguém conseguiria atacar meu corpo. Talvez eu ficasse bem incapacitado, mas sobreviveria.

– É – disse o Cabelo Espetado. – Provavelmente quatro. Gosto de pensar que daria conta de quatro também. Se fossem cinco, eu teria problemas.

– E se elas estivessem armadas? – perguntou o Baixinho.

Cruzei os braços e me encostei no batente da porta, que rangeu com o meu peso. Os dois se viraram para mim.

– Por que essas crianças fariam parte de uma gangue? – perguntei, o sangue escorrendo do meu nariz.

O Cabelo Espetado me avaliou.

– Problemas de criação – respondeu. – Os pais delas são viciados em metanfetamina, e elas não têm para onde ir à noite, então vagam pelas ruas procurando encrenca.

O Baixinho entrou na conversa.

– Tem também a pressão social. Os irmãos mais velhos delas são membros das gangues de 8 e 9 anos.

Assenti, dobrando o papel toalha para colocar um pedaço limpo debaixo das narinas.

– É, é difícil lidar com a pressão social. Elas querem machucar mesmo ou estão só tentando aparecer?

– Principalmente tentando aparecer – disse o Cabelo Espetado. – É como um ritual de iniciação.

Se esses caras estudassem na Rangeview, seriam do tipo sobreviventes sempre preparados para catástrofes, que usam roupas camufladas, se encontram em clubes de tiro e assistem a programas sobre pescadores que morreram catando caranguejos e coisas assim. Por isso o pôster do carro explodindo, percebi.

– Queria saber o que um garoto de 6 anos precisa fazer para se tornar o

líder de uma gangue – refleti. – Roubar uma loja de conveniência feita de Lego?

O Baixinho estreitou os olhos para mim e retrucou:

– Não seja ingênuo. É uma questão de força. Sobrevivência do mais apto. O mais durão se torna o líder. Como em *O senhor das moscas*.

– Sim, em *O senhor das moscas* há uma briga que termina em morte por causa disso – disse o Cabelo Espetado enquanto se sentava de frente para mim e esfregava uma espinha na bochecha.

– Isso mesmo – falei.

E então ficamos em silêncio.

– Você é o Rafe? – perguntou o Baixinho depois de um tempo.

– Sou.

– Eu sou o Albie. E esse aqui é o Toby.

– E aí? – cumprimentei, entrando e sentando na minha cama. – Você tem um rádio cheio de botões.

– É um rádio da polícia. Conhecimento é poder – afirmou Albie. – Seu nariz está sangrando e sua calça está suja.

– Foi o futebol – expliquei.

Albie e Toby trocaram olhares.

– Que ótimo – disse meu colega de quarto, de um jeito que significava *nada ótimo*.

Olhei ao redor.

– Imagino que você não esteja estudando para cuidar de uma casa.

– Não muito. Você é do tipo certinho?

– Que nada – respondi, mas percebi que, na verdade, eu era, porque só de olhar aquela bagunça fiquei com uma vontade incontrolável de comprar um aspirador de pó. Ou de contratar um mordomo. – São muitas camisetas pretas.

– Obrigado – disse Albie.

– Ele compra roupa na loja dos garçons – comentou Toby.

– Nossa, muito engraçado – respondeu Albie. – E você compra na loja

“jamais serei contratado como auxiliar de garçom por causa da minha ficha criminal”.

– Essa foi boa – disse Toby.

– Então, o que preciso saber sobre a Natick? – perguntei.

Toby e Albie trocaram olhares de novo.

– Corra para as montanhas! – exclamou Toby.

– Não pode ser tão ruim. E posso garantir que acabei de chegar das montanhas. Sou do Colorado.

– Bem, então acho que depende do seu tipo – disse Albie.

O antigo Rafe teria deixado passar essa. Mas senti que deveria chamar a atenção dele sobre aquilo.

– Por que preciso ser de um tipo específico?

Ele me avaliou de alto a baixo, de um jeito muito óbvio.

– Bem, você não precisa ser, mas é.

Peguei outra folha de papel toalha do rolo na minha mesa e a pressionei contra o nariz.

– Ok, então qual é o meu tipo?

Cruzei os braços e estufei um pouco o peito.

– Acho que atleta – respondeu Albie.

– E isso é... ruim?

Albie deu de ombros.

– Ruim é uma traça entrar pelo seu ouvido e se alojar no seu cérebro. Ser um atleta é só... Não sei. Uma coisa.

– Parece que é uma coisa ruim.

– Bem, não é como uma traça se infiltrar no seu cérebro, mas, sim, é meio ruim.

– Meu Deus, Albie! – exclamou Toby.

– Ué, ele perguntou!

Talvez tenha sido a adrenalina do futebol e o nariz sangrando. Talvez tenha sido apenas a ironia de eu ter sido rotulado de algo comum e meu colega de quarto fracassado estar me causando problemas.

– E pelo que vejo vocês são do tipo que gosta de explosão de carros e

rádios de polícia – falei. – Fazem parte de uma milícia?

– Sim – disse ele. – Você é um gênio. Sou de uma milícia. É melhor você dormir com um olho aberto.

– Idiota – murmurei.

– Republicano – respondeu ele.

Eu? Republicano? Imaginei a cabeça da minha mãe explodindo. Meu rosto começou a ficar vermelho e Albie se virou para mim. Não havia expressão, mas vi sua sobrelanceira estremecer. *Medo? Ele estava com medo de mim?* Nunca tinham tido medo de mim, pelo menos não fisicamente. Parecia que eu tinha entrado em outra dimensão. Toby se levantou e ficou entre nós, o que quase me fez rir, porque era tipo: *O quê? Vocês vão sair na mão?*

– Sou só eu ou as coisas estão meio tensas por aqui? – perguntou Toby. – Ok, rapazes, vamos fazer o seguinte. – Ele foi até Albie e pôs a mão no ombro do amigo. – Pare de ficar na defensiva. Ele não fez nada para merecer isso.

Albie sacudiu o ombro para afastá-lo, mas acabou cedendo e assentiu com a cabeça.

Então Toby se aproximou de mim. Era extremamente magro e seu cabelo espetado tinha reflexos platinados. Se estivéssemos em Boulder, ele definitivamente seria gay. Mas, afinal, quem era eu para rotulá-lo?

– Agora você. Você vai retirar seu comentário sobre a milícia e nunca mais vai dizer nada negativo sobre esse pôster incrível, que por acaso é do programa mais legal da história da televisão.

– *Planeta Sobrevivência?* Nunca ouvi falar.

– Podemos ajudá-lo com isso – disse Toby, apertando meu ombro.

Senti meu rosto enrubescer. Sim, possivelmente gay. E não fazia nem um pouco o meu tipo.

Respirei fundo antes de responder:

– Talvez eu veja. Gosto de conhecer coisas novas.

Olhei para Albie. Ele tinha parado de arrumar as roupas e estava olhando pela janela. Parecia triste. Pensei no que eu dissera, chamando-o de

idiota. Não fazia parte dos meus planos me desentender com o meu novo colega de quarto na nossa primeira conversa.

– Albie, eu não deveria ter chamado você de idiota. Não deveria ter dito nada disso. Não foi minha intenção. Tenho síndrome de Tourette.

Ele me fitou e revirou os olhos.

– Se você tem síndrome de Tourette, teve a intenção. Só não tem capacidade de filtrar seus pensamentos.

Tive que rir.

– Qual é, cara? Está ficando difícil retirar o “idiota” – falei. Ele ficou boquiaberto, então me aproximei e dei um soquinho no ombro dele. – É brincadeira. Meu Deus, que cara sensível.

Albie pareceu refletir por um momento. E então deu de ombros.

– Tudo bem. Tanto faz. Vamos começar de novo?

Sorri.

– Claro.

Ele franziu a testa, tampou o rosto com as mãos e, em seguida, as retirou, mostrando um sorriso.

– Oi, você deve ser o Rafe, meu novo colega de quarto atleta.

Demos um aperto de mãos.

– E você deve ser Albie, meu novo colega de quarto bagunceiro.

– Prazer.

– Não estou com a menor vontade de limpar essa bagunça. E, a propósito, belo pôster. Adoro esse programa.

– Vamos jogar alguma coisa – propôs ele.

– Agora está muito melhor – comentou Toby.

Albie voltou a arrumar as roupas e eu me deitei na cama, um refúgio do estado de calamidade que era o resto do quarto. Fiquei me perguntando se iríamos nos dar bem como colegas de quarto. O lado bom é que os dois eram meio divertidos. O lado ruim... Bem, para que pensar nisso, né?

– Merda, a lâmpada queimou – disse Albie, apertando o interruptor da luminária de sua mesa.

Toby apoiou a cabeça nas mãos e fingiu chorar de leve.

– Ah, lâmpada. Nem tivemos tempo de conhecer você direito.
Ah, sim. O lado ruim.

4

NÃO É EXATAMENTE VERDADE DIZER que sempre quis me sentar à mesa dos atletas em Boulder. Quero dizer, eu gostava de sentar com minha melhor amiga, Claire Olivia. Nós ríamos muito, e algumas vezes à custa dos atletas. Mas admito que sempre me perguntei como seria estar no topo da cadeia alimentar.

Na minha primeira noite na escola, experimentei a versão Natick do que eu estava perdendo.

– Seu primeiro dia, hein? E um daqueles bem quentes – comentou Steve.

Eu estava numa mesa com oito caras, todos do jogo de futebol mais cedo. Meu nariz tinha parado de sangrar e no momento a única coisa que me incomodava era um caso grave de nervosismo. E se eu dissesse algo errado?

– É – concordei, enquanto mordida um hambúrguer.

– Terrivelmente quente – disse um cara com o rosto muito redondo.

– Fazia muito calor em Boulder? – perguntou o Sr. Camisa dos Patriots.

– No verão.

– Aposto que tinha muita neve – falou Zack.

– Sim, no inverno. Muita neve mesmo.

– Aqui também neva. Mas não deve ser como lá – disse outro garoto.

Essa conversa foi um oferecimento do Weather Channel, ouvi a voz de Claire Olivia na minha cabeça. Fiquei com vontade de perguntar se estavam estudando para ser meteorologistas, mas me controlei.

– É verdade – falei.

– Fui esquiar lá com a minha família um tempo atrás. Em Vail – disse Steve.

– Vail é excelente – comentei. – Meio que passei minha vida inteira em

Eldora.

Eles pareceram não conhecer o resort de esqui, porque ninguém disse nada.

– Você foi transferido do Rockies para o Red Sox – falou um dos rapazes.

Eu ri. Embora não entendesse muito de beisebol, sabia o bastante para afirmar que os Rockies são, foram e sempre serão péssimos.

– Tipo isso – respondi, sorrindo, e alguns garotos riram.

Então eles começaram a me zoar porque os Red Sox tinham massacrado os Rockies no Mundial de 2007, e fiquei feliz com isso. Nunca tinham me zoadado por causa de esportes. Gostei.

– O que ‘cês fazem para se divertir? – perguntei, para mudar de assunto.

Então percebi que eu tinha dito “cês”, o que era estranho, já que nunca falei desse jeito. Eu tinha certeza de que eles iam me zoar por causa disso.

Primeira bola fora, Rafe.

Mas Zack apenas respondeu:

– Dever de casa. Futebol no campo. No outono, os domingos são dos Patriots. E as noites de sábado são dedicadas às meninas da Joey Warren.

Eles explicaram que a Joseph Warren era a escola pública local e ficava do outro lado do canal Dug.

– Legal – falei, assentindo.

Tentei me imaginar como parte de um grupo de garotos que sai com as meninas da escola local nos fins de semana. Era difícil, mas eu definitivamente estava disposto a tentar. Não a parte de sair com elas. Apenas andar com o grupo.

– Divide quarto com quem? – perguntou Steve.

– Albie. Albie Harris.

– Ah, cara – disse Zack. – Que barra.

Balancei a cabeça e tomei um gole de refrigerante.

– É, a gente já meio que discutiu. Mas ele parece legal. Toby, o amigo dele, também.

– Eles são um pouco... diferentes. Toda aquela coisa da sobrevivência –

falou Steve.

Percebi que ele queria ser educado porque eu era novo por ali. Gostei disso.

– Sim. Fiquei me perguntando se eles estavam falando sério ou brincando – comentei.

Os garotos continuaram comendo. Ninguém parecia ter resposta para isso. Eles conversaram e brincaram sobre um cara chamado Jacoby Ellsbury, que parecia ser um Red Sock. Fiquei apenas ouvindo enquanto me perguntava se era possível fazer parte de um grupo sem contribuir com nada. Ao mesmo tempo, eu estava gostando daquilo. Foi algo completamente novo para mim e me senti como um antropólogo estudando outra cultura.

Comecei a comer o meu brownie e Steve me perguntou se eu ia jogar futebol ao longo do ano. A Natick era pequena demais para ter um time – isso eu tinha pesquisado.

– Sim – respondi. – Meio-campo.

– Ótimo – disse ele. – Podemos tirar vantagem da sua velocidade.

Assenti com a cabeça.

– Você está em forma? – perguntou ele.

– Não sei.

– É melhor que esteja. Futebol é uma religião aqui – retrucou Steve, me encarando. – Se você joga bem, está dentro. Se não joga, não é importante. E perder não é uma opção. Você tem que virar homem e se dedicar. Fizemos 10 a 3 ano passado, perdemos nos *playoffs* para Belmont. A gente precisa se sair melhor agora.

Parecia que ele esperava que eu gritasse, então exclamei, tentando soar como um grupo de garotos:

– Isso aí! Uhul!

Um pouco estranho. Tenho que melhorar nisso. *Segunda bola fora.*

– Alguns de nós – continuou Steve, olhando para o garoto à minha esquerda – devem se esforçar mais este ano. Porque, para ser sincero...

– Ihhh... – interrompi, sem pensar.

Ele parou de falar. E por um momento meu coração parou também.

– O que quer dizer “ihh”? – perguntou Steve, com a sobrancelha arqueada.

Todos olhavam para mim. Percebi que Steve era o líder. Talvez ele não devesse ser questionado.

Tentei não gaguejar.

– Hã... De onde eu vim, meu, hã, melhor amigo... – comecei a explicar, ocultando o fato de que na verdade era melhor amiga. Senti que não ia pegar bem. – A gente brincava com isso. Sempre que alguém diz “para ser sincero” é porque vem problema por aí. Nada de bom jamais foi dito depois dessas palavras. Nunca é, por exemplo, “Para ser sincero, o que você acabou de dizer é brilhante” ou “Para ser sincero, seu hálito tem cheiro de hortelã”. É uma forma educada de dizer: “Você se importa se eu insultá-lo agora?”

Nossa mesa ficou em silêncio. Os garotos se entreolharam. Esse era o tipo de coisa da qual Claire Olivia e eu ríamos o tempo todo, e agora eu entendia por que não sentava com os atletas. Não que eles fossem superiores, só que não achavam graça das mesmas coisas. E eu fiquei pensando *Terceira bola fora, você foi eliminado. Vou sair daqui e encontrar a mesa dos esquisitos. Onde estão o Toby e o Albie?*

E então Zack caiu na gargalhada.

– Para ser sincero – falou para o garoto à minha esquerda –, você não deveria jogar futebol.

– Para ser sincero – retrucou ele –, sua mãe precisa parar de me ligar.

– Para ser sincero – emendou outro cara –, você já pensou em fazer tratamento para acne?

– Para ser sincero, você deveria comprar uma boneca inflável.

Em pouco tempo estávamos todos rindo, e até Steve sorria enquanto todos eram sinceros uns com os outros. Senti uma onda de alívio e percebi que gostava de verdade desses caras. Eu não me divertia desse jeito desde... bem, nunca.

Meu celular tocou. O nome Claire Olivia apareceu na tela. Não nos

falávamos desde o dia em que eu chegara ao campus e eu sabia que devia atender.

Recusei a chamada sem dizer nada.

– Quem está ligando? – perguntou Steve.

– Ninguém importante – respondi, sorrindo. – Para ser sincero.



O segundo grande problema surgiu naquela noite, depois do jantar, enquanto eu atravessava o corredor para ir ao banheiro. Encontrei Ben, o grandalhão do futebol que tinha revirado os olhos para seu amigo Bryce. Eles não se sentaram com a gente no jantar.

Conheço a etiqueta do mictório. Para começar, você não pode dizer nada além de “E aí?” para outro cara enquanto fazem xixi. É o que manda a educação. Mas eu nunca tinha me divertido tanto em um único dia, e ali estávamos, dois atletas, mijando um ao lado do outro. Queria que as coisas continuassem dando certo. Então acabei quebrando a regra máxima do mictório.

– Como vai a vida? – perguntei.

Pelo canto do olho, pude vê-lo fitar o teto.

– Bem.

Silêncio.

– Foi um bom jogo hoje – continuei.

– Sim.

Mais uma vez, silêncio.

– Não se deve conversar no mictório – falei, feito um maluco. – Eu sei disso, na verdade. Estou quebrando as regras.

Ele riu.

– Você é um rebelde.

Fiquei tão agradecido por ele ter respondido alguma coisa que me virei

na sua direção. Talvez não tenha sido uma boa ideia.

– Sério, cara? – disse ele, recuando um pouco.

Eu me encolhi de volta para a frente e meu rosto ficou vermelho.

– Desculpe.

Ele respirou fundo.

– Tudo bem, não foi grande coisa.

– Sinto muito mesmo – insisti. – Não foi nada legal. Não acredito no que acabei de fazer.

Voltamos a ficar em silêncio. Não sei como eu poderia descrever a cor do meu rosto naquele momento. Era hora de lidar com o prejuízo. Um grande prejuízo.

– Tenho um problema com xixi – comentei.

Minha ideia era que soasse como uma piada, tipo “Tenho um problema com bebida”, mas, assim que as palavras saíram da minha boca, vi que não faziam sentido.

– Ah – disse ele.

– Quis dizer como um problema com bebida. Não que eu beba xixi, se é o que você está pensando.

– Claro – retrucou Ben, baixinho.

Foi tão horrível que não pude me conter. Comecei a rir.

– Este é o pior xixi de todos!

Isso o fez rir também, e me senti um pouco melhor.

– Acho que nunca falei tantas coisas erradas de uma vez só. Uau.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu já havia terminado e estava só parado ali. Ben deu descarga no mictório.

– Uau. Bem, acho que eu deveria dizer que foi legal encontrar você, mas na verdade foi meio esquisito. Eu apertaria sua mão, mas...

– Não tem problema.

Fomos até a pia para lavar as mãos.

– O dia foi meio estranho – continuei. – É meu primeiro dia aqui e...

– Você não sabe fazer xixi em público. Entendi – disse Ben.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Sim.

Ele bateu no suporte de toalhas de papel e pegou algumas.

– Acho que me sinto um pouco deslocado. É difícil.

– De certo modo, estamos todos deslocados – disse ele.

Peguei minha toalha de papel.

– Profundo – falei.

Ele deu um sorriso triste.

– Profundo mesmo.

– Não, estou falando sério – insisti, ainda enxugando as mãos, mesmo que já estivessem secas. – Gosto desse tipo de coisa.

Ele desviou os olhos, e eu desviei os meus. A situação tinha ficado estranha de novo, e a culpa era minha.

– Enfim... – emendei, sabendo que a conversa chegava ao fim, mas de alguma forma querendo que não acabasse. – Eu tenho o colega de quarto mais estranho. Conhece o Albie?

– Ah.

– Ele tem um rádio da polícia e um pôster apocalíptico. Está me deixando louco. Ele é, tipo, um sobrevivente?

– Acho que ele é um sobrevivente irônico.

Eu ri. Ben pareceu satisfeito.

– Bem, não estou muito animado com essa coisa de “meu colega de quarto é um idiota”. Isso não vai ajudar minha permanência aqui.

Ben fez uma careta, mostrando os dentes inferiores como se tivesse comido algo ruim.

– Boa sorte com isso – disse, jogando fora a toalha de papel. – Tchau.

– Não quis dizer... – falei, mas ele já tinha saído.

E eu fiquei com cara de *Dá para ter uma segunda chance urinária?*

5

- JÁ CONHEÇO QUASE TODOS vocês e li alguns trabalhos ótimos sobre *Hamlet* e *Uma ilha de paz* – disse o Sr. Scarborough, arrancando alguns murmúrios da turma, que claramente não gostou da lembrança. – Mas, na aula de redação, vamos embarcar em uma jornada bem diferente. Vamos escrever sobre nós mesmos. Sei que alguns dos veteranos acham que essa é a melhor forma de conseguir pontos fáceis em inglês. – O pessoal riu. – Mas garanto que não é bem assim. Vocês enfrentarão desafios que nem imaginam. E aviso desde já: se você não está disposto a ser introspectivo, pode desistir agora. Hoje. Sem perguntas. Ainda tem vaga na turma de literatura dramática do Sr. Stinson. Steve Nickelson, podemos conhecer os outros se não conhecemos a nós mesmos?

– Não? – respondeu Steve, meio perguntando, meio afirmando.

– Certo. Bryce Hixon, o que você acha que ganhamos ao escrever sobre nós mesmos?

Olhei em volta. Em uma sala cheia de rostos brancos, Bryce era o único negro. Ele se vestia melhor do que os outros garotos. Enquanto a maioria de nós (eu inclusive) usava jeans e camisa polo, ele vestia calça preta e um blazer azul sobre uma camisa social listrada. Bryce se destacava.

– Acho que podemos aprender sobre quem somos – respondeu ele em tom monocórdio.

Notei que Ben não estava na turma. E me senti aliviado.

– Exatamente – disse o Sr. Scarborough, agitando o punho para dar ênfase. – Escrever é explorar. Você começa do nada e aprende durante o processo. Essa é uma citação do escritor E. L. Doctorow, que escreveu...?

Ninguém falou nada por um tempo, até que um garoto lá no fundo disse:

– Livros?

O Sr. Scarborough riu, então nós também. Era a minha primeira aula, no primeiro dia, e eu tive a sensação de que os alunos ali se baseavam nos comportamentos dos professores para saber quão longe poderiam ir. O Sr. Scarborough era alto, magro e jovem, talvez recém-saído da faculdade, embora usasse um blazer bege que o fazia parecer mais velho. Ainda assim, era bonito. Para um professor, pelo menos.

– Justo. Seria esperar demais que soubessem. E. L. Doctorow escreveu *Ragtime*, que virou filme, e *O Livro de Daniel*, entre outros. É um dos melhores escritores americanos. Ele disse, e eu repito: “Escrever é explorar. Você começa do nada e aprende durante o processo.”

Anotei a frase no caderno, que estava em branco, exceto pela data e pelo título:

AULA DE REDAÇÃO DO SR. SCARBOROUGH

Sempre adorei escrever. Redação era minha matéria favorita. Não quero me gabar, mas, na Rangeview, eu era considerado um dos melhores escritores da escola. Esperava que ali acontecesse o mesmo.

– Quero começar com um exercício aqui em sala de aula – disse o Sr. Scarborough, provocando alguns gemidos. – Eu sei, eu sei. Vocês mal voltaram das férias e estão aqui, na primeira segunda-feira de aula, às oito e meia da manhã, e já têm que trabalhar. Façam isso por mim. Não vai ser um grande desafio. Quero que escrevam rapidamente sobre o seguinte assunto: alguém que você tenha magoado. Vou repetir: alguém que você tenha magoado. Quando eu peço que escrevam rapidamente, quero apenas que coloquem as palavras no papel. Não se preocupem com a edição ou com o que os outros podem entender. A ideia é registrar seus sentimentos e não permitir que a forma ou que a censura de seu cérebro fiquem no caminho.

Um dos meus momentos favoritos durante o processo de escrita é aquele *arrá*, quando você descobre o que vai escrever e isso o impulsiona a começar.

Tive o meu imediatamente: Claire Olivia. Essa seria fácil, já que eu de fato a havia magoado.

Claire Olivia e eu sempre fomos melhores amigos. Nossas famílias já se conheciam e minha primeira lembrança dela foi de meus pais falando seu nome. Os pais de Claire eram típicos malucos de Boulder, como os meus. Meus pais se conheceram na Oberlin College, que é o paraíso liberal no centro de Ohio, e os de Claire Olivia se conheceram na Reed College, a Oberlin do Oregon. O nome que escolheram para a primogênita parecia muito bom, mas havia mais uma questão. Seu sobrenome era Casey. A mãe dela falava espanhol fluentemente por causa do trabalho, e escolheram Claire Olivia para que pudessem chamá-la de Claire O. Casey.

Que deveria soar como *Claro que sí*.

Claire Olivia se rebelou – *claro que sim* – quando teve idade suficiente para entender que seu nome também era uma piada, e desde então insistiu em ser chamada de Claire Olivia. Começamos a nos referir ao incidente como uma ENT: Escolha de Nome sob o efeito de Tóxicos. O que obviamente deveria ser um crime.

Sei do que estou falando, já que eu, Seamus Rafael Goldberg, fui mais uma vítima de ENT. Todos os anos, no primeiro dia de aula, eu ouvia dos professores a pergunta: “Sua mãe é irlandesa?”

“Não”, respondia eu.

“Então... seu pai?”, perguntavam, esperançosos.

Eu podia ver as engrenagens girando na cabeça deles. Estávamos em Boulder. Poderia perfeitamente ter duas mães. Dois pais. Um pai, uma mãe e um orangotango. Três amishes descolados e uma sereia aborígine transexual.

“Não”, respondia eu. “Meus pais estudaram em Oberlin.”

Então, em geral, os professores assentiam com a cabeça. Às vezes, eles recuavam lentamente. Em outras, não comentavam nada e seguiam para o nome seguinte. Todo mundo sabia da fama de Oberlin.

Então, Claire Olivia e eu nos unimos quando crianças, já que tínhamos nomes horríveis. Fomos inseparáveis nos primeiros anos de escola, ao longo

de todo o ensino fundamental e no primeiro ano do ensino médio. Durante a primavera do oitavo ano, ela foi a primeira pessoa que ficou sabendo que eu era gay. Ela teve uma reação meio *Não me diga*.

Quando decidi ir para a Natick, ela entrou em negação, ao passo que eu só queria partir. Então nunca conversamos de verdade sobre isso até a festa de despedida que meus pais organizaram na represa Barker. Pegamos umas garrafas de Corona e nos esgueiramos sorrateiramente para os bancos de concreto de frente para a água.

– Empolgado? – perguntou Claire Olivia.

Ela estava toda de preto: “De luto”, explicou.

Tomei um gole.

– Não sei – falei, batendo as pernas uma na outra. – Meio empolgado.

Ela bufou e bebeu mais cerveja.

– Você está me abandonando por *meio*?

– Estou empolgado – falei.

– Não está parecendo.

– Bem... é que é estranho, sabe? Eu vou ser o aluno novo do segundo ano, e todos os alunos...

– Garotos – corrigiu ela, estreitando os olhos para mim.

Para Claire Olivia a simples ideia de um internato só de meninos já era misógina.

– Garotos – repeti. – Todo mundo já se conhece e vou ser o estranho vindo de fora.

Eu não tinha contado a ela o principal motivo de eu estar indo para a Natick. Sabia que ela não ia entender.

Claire Olivia encostou a garrafa na testa. Eu me perguntava se ainda estava gelada, então fiz o mesmo. Morna. Ficamos calados por alguns momentos. Ouvi a água batendo na barreira de concreto e o barulho da festa que meus pais estavam dando.

– Bem, apesar do fato de que vou ficar completamente sozinha pelos próximos dois anos – murmurou ela, rolando a garrafa de um lado para outro –, acho que estou feliz por você.

– São só dois anos. Estaremos juntos na faculdade. Prometo.

– Você é um idiota – resmungou.

Trocamos um breve olhar, mas ela logo desviou os olhos. Meu estômago revirou. Pus a mão no ombro de Claire Olivia, embora não nos tocássemos muito. Ela fitou minha mão como se fosse um papagaio exótico. Retirei a mão e ficamos sentados em silêncio, olhando para o reservatório. Ela suspirou.

– Só que não estou feliz – disse ela, pegando a garrafa de cerveja e jogando-a no banco de concreto a uns 3 metros de distância.

A garrafa bateu na borda e se quebrou. Jorrou cerveja na grama.

Olhamos a garrafa quebrada.

– Você jogou uma garrafa longe? – perguntei.

– Acho que sim.

– Agora é isso que você faz quando está infeliz?

– É.

– Bem, também não estou feliz – falei, e também joguei minha garrafa no banco.

Mas eu errei; ela caiu na grama e girou antes de parar e derramar o resto da cerveja.

– Meu Deus, vou sentir saudade – disse Claire Olivia.

– É – retruquei. – Eu também. Vou sentir.

– É assim que você fala agora que estuda na Costa Leste?

– É. Sim.



Então, eu tinha magoado Claire Olivia por ir embora. Agora, enquanto rabiscava as palavras o mais rápido que podia, tentando escrever uma verdade completa ao mesmo tempo que evitava algumas outras verdades, percebi algo que não tinha me permitido ver antes: fiquei tão focado em

partir que a afastei quando ela quis conversar sobre o assunto. Claire Olivia devia ter se sentido completamente abandonada. Apesar de eu sempre ter dito que tudo girava em torno dela, no momento mais crucial tudo tinha girado em torno de mim.

E talvez nós fôssemos para a mesma faculdade – pelo menos tentaríamos –, mas seria bem difícil conseguirmos morar no mesmo lugar. Um bolo se formou na minha garganta.

O problema, enquanto eu escrevia, era tudo o que tinha que deixar de fora. Em vez de ser sincero a respeito da nossa estranha amizade (um cara que dormia com uma garota que, na verdade, era sua melhor amiga?), eu precisava escrever de forma mais sucinta e de um jeito que minhas palavras transmitissem alguma coisa.

– Quem vai ler? – perguntou o Sr. Scarborough.

Um garoto que eu ainda não conhecia, com aparelho nos dentes, se ofereceu. O texto dele estava muito bom. Falava de uma vez que ele estava na gangorra com a irmã e, quando ela estava no alto, ele se levantou e saiu, de brincadeira, então a menina acabou despencando e batendo a boca na barra de metal. Consegui sentir o cheiro do sangue e ver o dente lascado – é assim que sei que uma redação está bem escrita.

– Bom, bom – disse o Sr. Scarborough. – Gostaria que você pensasse sobre a culpa, Curtis. Você não queria machucá-la. Foi um acidente, é claro. Como dever de casa, gostaria que escrevesse outro texto curto como esse, mas refletindo sobre uma ocasião em que machucou alguém de propósito. Podemos aprender muito ao ver a escrita fluindo. Quero ver você fazer isso. Excelente trabalho.

Meu estômago deu um nó. Eu sabia que, se ele tinha encontrado defeito naquele texto, com certeza encontraria no meu, e eu não estava gostando disso. Torci para que eu não tivesse que ler.

– Que tal o aluno novo? – disse Scarborough, sorrindo para mim. Ele buscou na lista de chamada. – Rafe?

No sexto ano, convenci meus pais a insistirem que meu nome fosse

escrito como *Rafe* em vez de *Seamus Rafael* nas listas de chamada. *Seamus Rafael* não é o tipo de nome que crianças deixam passar.

Então li a minha redação.

Claire Olivia era o tipo de garota em quem eu podia confiar. Ela ria de todas as minhas piadas, mesmo as que não tinham graça nenhuma. Ela inventou a palavra "bostatacular". Seus olhos sorriam, mesmo quando ela estava chorando. Ela está sempre bonita, especialmente sem maquiagem. Quando contei que viria para a Natick, ela olhou para cima e para a esquerda, como se pudesse encontrar a resposta ali. Sei que essa decisão a deixou triste, mas ela nunca chorou na minha frente. Eu sabia disso porque ela costumava me mandar uma mensagem à noite, e naquela noite não mandou. E, na manhã seguinte, não me olhou nos olhos. Quando você magoa alguém de quem gosta, é como se uma parte de você morresse. Se você não pode falar sobre isso, a morte passa despercebida. Nunca fui capaz de fazer isso e vou me arrepender para sempre.

– Uau. In-te-res-san-te – disse o Sr. Scarborough, sem tirar os olhos de mim. – Cheio de detalhes. Olhou para cima e para a esquerda... Turma, é assim que se usa um detalhe, o modo de mostrar muito com pouco. Mas havia algo mais, outras coisas, na verdade, que notei sobre esse texto. Alguém?

– O tamanho das frases – sugeriu Bryce, sem olhar para mim. – Muitas frases curtas.

– Sim! – gritou o Sr. Scarborough. – Exatamente. Mais alguém teve a sensação de falta de ar ao ouvir o texto? Extremamente apertado, entrecortado, controlado. Isso pode ser corrigido misturando frases curtas e longas. Algo mais?

Outro garoto levantou o braço.

– Por que alguém abandonaria a namorada gostosa e se mudaria para o outro lado do país para uma escola só para garotos?

A sala ficou em silêncio e quase pude ouvir meus órgãos se revirando dentro de mim. Examinei o que eu havia escrito. *Namorada?* Eu nunca falei “namorada”. Então me perguntei se parte de mim queria que eles pensassem isso.

– Bem, talvez essa seja uma pergunta para outro momento – disse o Sr. Scarborough, pigarreando. – Mas acho que você levantou um ponto importante. Estamos ouvindo a história completa? O que está faltando aqui? Onde está o foco do Rafe, emocionalmente falando?

Ninguém tinha resposta para isso. Os garotos meio que ficaram sem expressão, e tive a sensação de que meu peito afundava, sem saber direito por quê.

Pensei em quando estava treinando com o Abertamente, o grupo de defesa gay do qual minha mãe me convencera a participar no ano anterior. Por meio dele, dei palestras em escolas de ensino médio em todo o estado. Eles nos ensinaram um jogo que levávamos às escolas.

Todos devem escrever três fatos importantes sobre si mesmos. Então as pessoas são separadas em grupos e têm que se apresentar sem mencionar aqueles três fatos. O objetivo do exercício é ajudar as crianças a compreenderem como é difícil para os gays ouvirem coisas como: “Tudo bem se você é gay, só não fale sobre isso.”

Às vezes funcionava, às vezes não, dependia mais da turma. Mas, na aula de redação do Sr. Scarborough, senti que estava colocando esse exercício em prática.

O sinal tocou e começamos a guardar nossas coisas.

– Antes de vocês irem – disse o professor –, gostaria de anunciar que sou o orientador da revista literária da escola e estamos procurando novos colaboradores. Se tiverem interesse, me avisem. Quanto a esta turma, quero que escrevam diários. Eu vou lê-los. Não vou compartilhar nada com outros alunos nem pedir que os leiam em voz alta. Então sintam-se livres para

escrever o que julgam importante. Mas vocês devem escrever sobre vocês. Sobre as suas vidas. Me contem quem vocês são.

Ótimo, pensei. Como é que vou fazer isso?



No primeiro treino de futebol, ficamos enfileirados na parede do ginásio. O técnico, Sr. Donnelly, também era supervisor da ala leste do alojamento e professor de história. Devia ter uns 30 ou 35 anos, mas parecia mais velho; usava grandes óculos de armação de metal que tinham certo ar intelectual. Seu cabelo preto estava dividido de lado e penteado para trás.

– Os romanos dominaram o mundo por centenas de anos. Alguém sabe por quê? – perguntou enquanto estávamos sentados na frente dele no chão do ginásio.

Quase levantei a mão. Legiões, certo? Estratégia militar e organização? Eu não me lembrava muito do que tinha estudado em história no ano passado, mas ainda sabia algumas coisas.

– A força das pernas – disse ele. – Ninguém tinha coxas como as dos romanos.

Não era o que eu esperava ouvir. Finalmente fiquei interessado.

– Eles provavam isso nas famosas maratonas, descobertas pelos romanos, como vocês devem lembrar. Sabiam que o primeiro exército romano correu todo o caminho de Damasco até Constantinopla? Os franceses, os alemães e os dinamarqueses... simplesmente não conseguiam acompanhar. Esses romanos tinham estâmina. Sabem o que isso significa? Sabem?

Olhei em volta. Havia câmeras escondidas em algum lugar? Estavam brincando com a gente? Até eu sabia que os gregos tinham inventado a maratona. Olhei para Steve, que tinha uma expressão indiferente. Troquei um olhar com Ben, que desviou os olhos, mas não antes de um lampejo

cruzar o seu rosto. Sorri. Eu não era o único a pensar que o Sr. Donnelly tinha trocado alguns fatos.

– Só sei o seguinte: estamina significa nunca desistir. Significa que seu corpo nunca acumula ácido láctico. Vamos ter estamina este ano, rapazes.

Fiz uma anotação mental para pesquisar o significado da palavra *estamina* mais tarde.

O treinador nos fez apoiar as costas na parede com as pernas flexionadas, como se estivéssemos sentados. Fiquei bem por cerca de trinta segundos, mesmo quando alguns garotos começaram a gemer. Então senti. O tremor no meu quadril. Fechei os olhos enquanto Donnelly andava de um lado para outro na nossa frente.

– Sejam como Marco Antônio e, hum... – gritou ele. Mesmo com o quadril latejando, quase ri enquanto o treinador tentava lembrar outro nome. – E todos os outros líderes romanos! – Mais alguns segundos dolorosos. – Vamos lá. Não ousem desistir. Os três primeiros que desistirem vão correr pelo ginásio o resto do treino. Estão ouvindo?

Você consegue fazer qualquer coisa durante cinco minutos. Meu pai costumava dizer isso, e é verdade. Quando era criança e fazia natação, eu odiava a água fria do lago onde nadávamos. Mas, se eu não aprendesse, não poderia andar de jet ski. Meu pai dizia: “Cinco minutos não são nada. É possível fazer qualquer coisa, *qualquer coisa*, durante cinco minutos.” Então eu fazia. Fingia que vestia uma roupa de mergulho, que a água gelada em meu corpo era uma segunda pele me protegendo. E começava a nadar. Só parava quando ouvia o apito.

– Já foram quatro – ouvi Donnelly dizer, então abri os olhos e percebi que tinha me desconectado tanto que não notara quanto tempo havia passado.

Minhas pernas tremiam violentamente, mas decidi continuar. Eu poderia ganhar. Poderia ser o melhor. Poderia...

– Boa tentativa, Goldberg. O cara novo fez um grande esforço. Mandou muito bem para o primeiro dia.

Levantei-me do chão do ginásio, as coxas ainda latejando. Olhei para

Steve, Ben e Robinson, os três finalistas. Robinson caiu logo depois de mim, então restaram dois. Ben havia fechado os olhos, e vi uma gota de suor escorrer em seu rosto. As pernas dele pareciam as de um cavalo. As panturrilhas, imensas e cobertas por pelos finos, estavam inchadas e tremiam. Não me surpreendi quando Steve caiu primeiro.

– Ben Carver. Ele foi melhor, mais esperto e superou todos vocês – disse Donnelly.

Esse não era o lema do *No limite*? Eu teria que perguntar a Albie e Toby mais tarde. Não, provavelmente não era o tipo certo de programa de sobrevivência.

Saímos para o campo de futebol. A Natick tem algumas das melhores instalações esportivas da região, e isso inclui um gramado muito bem cuidado, com uma pista de corrida em volta. Treinei com os meios-campistas. Sempre gostei de correr, e eram eles que corriam mais.

Jogamos uma partida. A bola veio na minha direção e driblei o lateral. Steve veio para defender. Eu não ia conseguir passar por ele, então fingi que ia tentar. Quando ele mordeu a isca, chutei a bola para o outro lado do campo. Eu não sabia para quem estava passando, mas pelo menos pareceu a coisa certa a fazer.

Por sorte, Bryce estava lá. Ele ajeitou a bola no peito, driblou um zagueiro e fez o gol, passando a bola com facilidade por cima do goleiro, que tinha mergulhado.

– Maravilha, Bryce! Ótimo passe, Rafe! É assim que se faz – gritou Donnelly.

Fiquei feliz por ter causado boa impressão, mesmo que tivesse sido pura sorte. Eu não era o melhor jogador, mas me esforçava; tampouco era o pior.

Encontrei Ben quando voltávamos para o vestiário.

– Acho que os antigos professores de história da Natick devem estar se revirando no túmulo neste exato momento – falei.

Ele sorriu.

– Espere até ele começar a usar as analogias da Segunda Guerra Mundial. Ele confunde as potências do Eixo com Irã, Iraque e Coreia do

Norte, porque George W. Bush dizia que esses países faziam parte do Eixo do Mal.

– Parece excelente – comentei, segurando a porta para ele.

– Alguns dos veteranos reclamaram disso ano passado e fizeram o maior alarde. A Natick é famosa por varrer esse tipo de coisa para debaixo do tapete. A gente venceu os jogos, então por que se preocupar com a educação precária do time?

– Você foi um dos que reclamaram? – perguntei.

– Nada, levei numa boa.

Aquilo me fez rir. Eu gostava do Ben. Ele era inteligente. E Bryce também. Ele tinha usado a palavra “demasiado” na aula de redação. Esperava que eles percebessem que poderíamos ser amigos. Enquanto eu pensava numa resposta, ele foi embora, atravessando depressa o corredor até seu armário.

Quando comecei a tirar a roupa, vi os primeiros rapazes indo para a área dos chuveiros. Senti meu coração disparar ao ver meus colegas de time passarem, alguns com as toalhas amarradas na cintura, outros com as toalhas penduradas nos ombros.

Em Boulder, como todos sabiam que eu era gay, havia uma regra tácita de que eu não poderia ficar observando meus colegas atletas como um idiota. Isso seria grosseiro, sabe? E entendi aquilo como uma troca: eles me aceitavam e eu não reparava em seus corpos nus. Funcionava.

Em Natick, o acordo não tinha sido feito. Senti um pouco de culpa e formigamento ao entrar na sagrada área dos chuveiros com os héteros.

A questão com os garotos da Natick era que eles eram legais de verdade. Nunca estive num vestiário em que não houvesse um monte de xingamentos e insultos. Depois que foram proibidos de falar *bicha*, os atletas de Boulder criaram outras expressões idiotas: bafo de merda, cara de bunda. Na escola nova, eles praticamente conversavam apenas sobre futebol.

– Temos que melhorar este ano – disse Steve. – Schroeder foi embora, mas Bryce é o nosso cara.

Olhei para Bryce. Era quase como se ele não estivesse lá. Steve falava

dele, e não *com ele*. Era estranho.

– Acrescente Rafe e sua velocidade e temos uma grande chance de vencer, certo?

Steve se virou para mim e sorriu, fazendo meu coração disparar mais, uma vez que ele era fisicamente perfeito. E o fato de ele olhar para mim me deu uma oportunidade de olhar direito para ele. A barriga dele era bem definida, do tipo que eu não era musculoso o suficiente para ter.

Olhei para Ben, que se ensaboava e enxaguava em silêncio. Ele tinha o tronco mais largo – não gordo, apenas maior – e esculpido. A curva das costas era graciosa, o pescoço, forte. A revista *Teen People* provavelmente escolheria Steve, mas algo em Ben me fez achá-lo mais atraente.

Steve continuou a interagir com todos e percebi que aquele era seu espaço. Não importava o que dissesse ou fizesse, as pessoas apenas prestavam atenção. Eu nunca havia participado de um grupo como esse, então foi interessante observar tudo isso. Era como assistir a um especial da *National Geographic* sobre lobos com meu pai.

E eu era parte da matilha.

6

NAQUELA NOITE, ALBIE E TOBY entraram no quarto quando eu estava lendo *Uma ilha de paz* para a aula de literatura.

– Oi – cumprimentei, fingindo estar absorto no livro, embora tivesse pouco interesse em Gene e Finny.

Hávamos passado um tempo juntos no quarto no fim de semana, então finalmente a gente tinha se entendido. Eles eram esquisitos, mas inofensivos. Albie dizia coisas estranhas mas nunca ria, o que me deixava um pouco desconfortável. Toby falava sobre coisas mais estranhas ainda, mas ria bastante. Não costumava vê-los fora do quarto e, quando os encontrava, apenas acenava com a cabeça. Eu gostava deles, mas, se tivesse que escolher entre os dois e meus amigos atletas, a decisão não ia ser nem um pouco difícil.

– Saudações – respondeu Albie.

Ele usava uma bermuda camuflada enorme e o que aconteceu em seguida foi inesperado. Albie tirou quatro tigelas de isopor da gaveta da escrivaninha e as colocou sobre a mesa. Então ficou nas pontas dos pés e começou a esvaziar os bolsos. Cereais com marshmallows foram despejados nas tigelas. Cada bolso pareceu encher duas delas. Caiu um pouco no chão e eu logo me levantei para limpar, mas Albie estendeu a mão para me deter. Em seguida, ele se abaixou, pegou os cereais que haviam caído no chão e os jogou no lixo.

– Progresso! – exclamei, sorrindo, e ele fez uma medida.

– Agora é que o bicho pega – disse Toby.

Ele foi até a janela, onde havia um vaso de vidro transparente com uma rosa solitária e murcha.

Toby pegou o vaso e derramou o líquido claro – água, suponho – nas

tigelas de isopor. O nível dos cereais subiu.

– Eca – resmunguei, incapaz de esconder o nojo.

Como se aqueles cereais com marshmallows já não fossem nojentos o suficiente, ele ainda adicionava *água de flor*?

– Faz crescer cabelo no peito – disse Toby, sorrindo. – Quer um pouco?

– Estou com medo de perguntar – revelei.

– Não pergunte, não conte – retrucou ele.

– Vodca?

Toby assentiu bravamente.

– Eles podem nos expulsar por isso – explicou ele. – Por isso o vaso.

– Marshmallows com vodca?

– Uma delícia bolchevique! – cantarolou Toby. – Encare como um drinque depois do jantar.

– Na verdade, está mais para uma sobremesa alcoólica – disse Albie. – Não é um drinque.

– Parece mais a sobremesa de um alcoólatra – falei, e Toby deu uma risadinha.

Recusei uma tigela. Albie deu de ombros e disse:

– Sobra mais para a gente.

Ficamos sentados ali, um trio estranho.

– Então, qual é a sua, Rafe? – perguntou Toby, girando os cereais na boca antes de mastigá-los.

– Como assim?

– Piadas, mulheres, reconstituições históricas, poesia, violência, aeromodelismo, MTV...

Toby listou aquelas alternativas como se fossem as únicas possibilidades.

– Hum... – murmurei.

– Extração de ervas daninhas, coleção de bonecas de porcelana, rodas-gigantes... – acrescentou Albie.

Fiquei apenas encarando os dois, completamente sem palavras.

Albie olhou para Toby e, pela primeira vez desde que o conheci, ele sorriu, baixando a guarda.

– Ele não tem ideia do que fazer com a gente – disse.

– Bom – respondeu Toby, com um sorriso. – Gosto de ser um mistério.

Em Boulder, eu seria amigo desses caras. Talvez não pela coisa do *Planeta Sobrevivência*, mas eles eram divertidos. Viviam me surpreendendo. Decidi entrar no jogo. O que os olhos de Steve e Zack não vissem, o coração deles não sentiria. Além disso, seria engraçado ir contra o rótulo que os próprios Albie e Toby tinham me dado. Queria confundi-los um pouco.

– Gosto dos Yeah Yeah Yeahs e de tirar fotos de freiras em dicitos – falei.

Eu estava me lembrando do verão em que Claire Olivia e eu tínhamos visto três freiras andando em dicitos Segway no Pearl Street Mall. As outras pessoas agiram naturalmente, como é hábito entre os cidadãos de Boulder, sem dar importância àquilo. Claire Olivia e eu seguimos as freiras até que elas estacionaram seus dicitos e se sentaram num banco. Então fomos falar com elas e descobrimos que faziam parte de um grupo de freiras locais que andavam de dicitos. Apenas por diversão. Elas gostaram de nós e, claro, tive que tirar várias fotos de Claire Olivia andando num dicitos no meio de um monte de freiras.

– São duas certezas de comédia aqui – disse Albie. Ele pegou a tigela já sem cereais, levou-a à boca e bebeu a vodca. – Freiras e dicitos são sempre engraçados. Isso é comédia pura.

– Sou um comediante – brinquei.

Toby riu. Albie franziu a testa.

– Mas sei que ele se vale de palavrões e insinuações sexuais – disse Albie.

– Uma grave violação das regras da comédia.

– Albie adora regras – disse Toby, revirando os olhos. – Regras e programas de sobrevivência, claro. E de inventar novas formas de zoar e humilhar os atletas. Com exceção da presente companhia.

– Mas nunca chego a usá-las – emendou Albie. – Não gosto da ideia de ser assassinado.

Fitei Albie, que não estava me olhando, e percebi que ele ficava nervoso perto de mim. Apesar da presunção e do humor dele, ali estava eu, um suposto atleta com quem ele dividia o quarto. Albie não tinha como saber

que durante toda a vida eu tinha sido qualquer coisa, menos atleta. Meio que me senti mal por ele, então decidi dizer o que o velho Rafe diria. O Rafe pré-Natick.

– Sei como é. Em Boulder, minha melhor amiga e eu costumávamos bolar planos engenhosos sobre como fazer os VETs sofrerem.

– VETs? – perguntou Albie.

– Valentões em Treinamento.

Ele olhou para mim, me avaliando. Dava para perceber que ele achava que eu era um deles.

– Nós os chamamos de atletotas – disse Toby. – Para rimar com *idiotas*.

– Sim, eu entendi – falei. – Muito inteligente.

Isso fez Toby rir.

– Bem, de qualquer jeito, só tem VETs nesta escola – disse Albie.

– Jantei com eles no fim de semana. Steve e Zack.

Albie ergueu as sobrancelhas.

– Impressionante – comentou ele. – Quero dizer, de um jeito nada impressionante.

– Eu gosto deles – declarei.

– Preciso mijar como um cavalo de corrida – anunciou ele. – Ou seja, preciso ir correndo. – Ele saiu do quarto.

Então Toby e eu ficamos ali sozinhos. Cruzei e descruzei as pernas. Toby continuou comendo os marshmallows com vodca. Ele tinha um brinco na orelha direita e usava uma camiseta branca justa. Sua voz não era afeminada, mas sem dúvida ele era diferente.

– Se você já conversou com os atletotas, eles provavelmente já contaram sobre mim – disse ele, sem posição na cadeira. – Eu sou gay. Todo mundo sabe e não tenho problemas com isso.

Engoli em seco.

– Não – falei. – Eles não me contaram.

– Ah. Hum... constrangedor.

Durante o verão inteiro eu havia repassado todos os cenários sobre assuntos gays na Natick. Eu tinha planos bem definidos. Seria livre de

rótulos. *Não pergunte e eu não conto.* A única maneira de eu mentir seria se me perguntassem diretamente: “Você é gay?” Nesse caso, responderia que não. Mas mesmo assim não falaria que sou hétero. Eu não queria mentir; só não queria ser o garoto cuja característica principal era gostar de garotos. Então, qualquer coisa que não fosse uma pergunta direta receberia uma resposta evasiva.

Se as pessoas achassem que eu era hétero – o nome disso é heterossexismo, como aprendi no treinamento do grupo Abertamente –, eu deixaria que pensassem assim. Não faria alarde sobre o assunto.

Se me perguntassem se eu tinha namorada, a resposta seria não.

Se me perguntassem se eu gostava de alguma garota ou se tentassem arranjar alguém para mim numa festa, a resposta seria: “Estou concentrado em entrar em uma boa faculdade.” Dessa forma, eu não teria que fingir interesse, mas também não recusaria, o que, obviamente, faria as pessoas questionarem.

Se surgisse o assunto de outra pessoa ser gay, eu seria um típico liberal de Boulder e diria “Legal” totalmente despreocupado.

Eu conversaria o mínimo possível sobre sexo e me concentraria em outras coisas.

Pensei até no que faria se outro garoto se revelasse gay, então eu estava pronto para isso. Eu estava pronto para qualquer coisa.

– Eu tinha amigos gays em Boulder. Não tenho problema nenhum com isso – ouvi-me dizendo para Toby e contive uma careta.

Quantas pessoas disseram esse tipo de coisa para mim? Como se eu ficasse muito grato por saber que elas gostavam de outros gays. *Meu Deus, como você é incrível,* eu sempre pensava quando me diziam uma besteira dessas.

Ele sorriu.

– Que bom. Embora eu tenha que dizer... – continuou ele e de repente parecia querer me seduzir, piscando os olhos. – Eu achava que talvez você também fosse.

Senti meu rosto ficar vermelho. Eu não estava preparado para uma

sequência de perguntas. Tentei me esquivar.

– Deve ser difícil ser gay aqui – falei, desviando o olhar.

Toby apenas me encarou. Ele não estava engolindo minhas evasivas. Isso não era bom. Não era nada bom.

Ah, enfim, para que tanto esforço para não mentir?

– Desculpe. Eu não sou.

Ele suspirou dramaticamente.

– Todos os homens bonitos ou são héteros, ou são casados – afirmou, olhando para longe.

Eu ri, apesar de não saber ao certo se ainda estava corado.

Quando voltou para o quarto, Albie relinchou e jogou a cabeça para trás. Ao perceber certo constrangimento no ar, ele se virou para Toby.

– Então você contou a ele?

– Conteí.

– E aí? Meu time ou seu time?

– Seu – disse Toby, fingindo tristeza.

– Ah. Sinto muito, amiguinho. Qualquer dia o seu príncipe pinta por aí. Eu disse P-I-N-T-A, sem insinuação sexual. É a pior forma de fazer comédia. – Em seguida, Albie avaliou o meu humor. – Você não está muito incomodado.

– Não – respondi.

– Achei que você fosse ficar.

– Não é nada de mais.

Albie pareceu digerir a resposta. Então fingiu seriedade, estendeu a mão para mim e, baixando a voz, disse:

– Bem-vindo ao grupo, meu jovem. É bom ter você, é bom ter você.

– Hum, obrigado. Muito obrigado – respondi, imitando sua voz baixa.

Então nós rimos, e eu me perguntei se esses caras podiam de fato ser meus grandes amigos.

No conforto do nosso quarto, pelo menos.

7

– NÃO ME MATE – FALEI quando a voz do outro lado atendeu. – Sei que faz muito tempo. Tenho andado ocupado me enturmando por aqui.

– Quem é? – perguntou Claire Olivia. – Não estou reconhecendo a voz.

– Me desculpe – falei. – Desculpe, desculpe, desculpe. Não vai acontecer de novo.

– Não vai mesmo! Que história é essa de me ignorar por quase uma semana?

– Você vai apelar?

– Tudo o que sei, Seamus Rafael Goldberg, é que não ouço sua doce voz há muito tempo! O que está acontecendo?

– Ah, você sabe. Casei, separei, virei um bêbado e me mudei para Reno.

– Você NÃO vai escapar de fazer um relatório completo. Senti sua falta! Sério! Você não pode me ignorar assim. Estou com abstinência de Rafe!

– Eu sei, eu sei. Lamento ter sido um amigo tão ruim. Qual é o problema comigo?

– Não temos tempo para você ficar aí se culpando. Precisamos conversar. Afinal, minha vida está virando um verdadeiro inferno.

Deitei na cama e apoiei as pernas na parede. Eu conhecia Claire Olivia o suficiente para saber que estava prestes a ouvir uma longa história. E estava feliz por isso. Fazia mesmo muito tempo que isso não acontecia.

– Me conte – falei.

Ela respirou fundo, de um jeito dramático.

– Graças a Deus. Definitivamente preciso conversar com alguém que vai entender. Então, eu estava com a Courtney e o Sam, namorado dela, e o Sabe-o-Caleb na The Laughing Goat.

Claire Olivia chamava esse garoto, o Caleb, de Sabe-o-Caleb porque era

assim que todos se referiam a ele quando falavam comigo. Ele era o único outro rapaz assumidamente gay da nossa série na Rangeview. Se eu tivesse que descrevê-lo, diria que ele é, bem, extravagante. Odeio estereotipar os outros, mas ele é. Enfim, quase todos os dias alguém falava para mim “Sabe o Caleb?” –, como se fôssemos obrigados a ser próximos por ter a mesma orientação sexual. Isso me deixava meio irritado. Nós definitivamente não andávamos juntos.

– Era segunda-feira, primeiro dia de aula depois da escola. Estávamos conversando, e o bonitinho estava com um amigo. Ele usava um gorro de esqui laranja e tinha os olhos azuis mais lindos do mundo e maçãs do rosto saltadas... e ficava meio que olhando. Meio que olhando para mim. Quero dizer, ele estava realmente olhando. Então eu sorri para ele, e o Caleb, claro, você sabe como ele implica...

Olhei para minhas pernas magras e estudei o teto. Já tinha me acostumado com Claire Olivia falando sem parar. Era uma coisa nossa. Às vezes eu também fazia isso. Só que muita coisa tinha acontecido desde a última vez. Em Boulder, era comum que eu falasse apenas com meus pais e com ela. Agora havia um monte de gente na minha vida com quem eu conversava, e me senti diferente. Imaginei-a dentro de um bote na represa Barker, flutuando para longe.

– ... então, naquela noite, a gente ficou trocando mensagens e era óbvio que ele gostava de mim e eu dele. Aí o garoto perguntou: “Quer sair comigo na sexta?” Eu nem me fiz de tímida, porque não precisava. Só aceitei. E ele respondeu algo como: “Legal. Eu ligo para você.” Terça e quarta se passaram e nada de me ligar ou mandar mensagem. Acabei escrevendo para ele na quarta, como quem diz: “Você morreu?” E adivinha o que recebi? Nenhuma resposta.

Reprimi um bocejo. Sobre quantos namorados eu já tinha conversado com Claire Olivia? Quantos encontros que acabaram mal? E esta era a questão: de quantos ela havia falado comigo? Eu nunca contei muito sobre meus possíveis encontros, porque, sinceramente, não tinha o que dizer. E agora havia muita história para contar. Tudo bem, era culpa minha o fato

de ela não saber exatamente tudo o que estava acontecendo, mas, mesmo que ela soubesse, será que eu teria conseguido falar primeiro? Ou teríamos esse mesmo monólogo?

– Aí liguei para o Caleb e conversamos sobre isso por uma hora, até que ele encheu o saco e disse: “Já chega, você só conhece esse cara há um dia”, e eu respondi “*Mas a gente conversou tanto por mensagens...*”, e Caleb falou: “Dois em cada três psicólogos dizem que mensagens de texto não valem como um encontro de verdade.” Bom, de qualquer forma, o garoto me dispensou na cara de pau. Então, na sexta-feira, ontem, depois da escola, fomos lá na Goat de novo. Estávamos eu, Courtney e Sabe-o-Caleb de novo. Agora meio que somos um trio já que você me ABANDONOU. Enfim, estávamos lá tomando sodas italianas e adivinha quem entrou?

Houve uma pausa e percebi que era a minha deixa:

– O cara – falei.

– O cara – repetiu ela. – Pete é o nome patético dele. Pete Patético. Ele era todo sorrisos e veio se sentar com a gente.

– Uau! – exclamei, tentando deixar minhas pernas num ângulo de 90 graus em relação ao meu tronco.

– Aí, escute só, ele disse: “Não estou assim tão a fim de você. Mas você é uma garota muito legal. Podemos ser amigos?” Então deixei bem claro que não, não podemos. Ok, não foi isso que aconteceu. Na verdade, eu disse que tinha que ir ao banheiro e esperei a Courtney lá. Ela ficou do meu lado e disse que ia garantir que Pete fosse embora antes de eu sair. Ela é uma garota muito legal. Você teria gostado de conhecê-la melhor se NÃO TIVESSE ME ABANDONADO AQUI.

– Conseguiu vender os direitos do filme? – perguntei.

– Sei que você não disse isso, Shay Shay.

– Rá, rá – falei.

Mas eu só estava brincando. Até que era uma história legal, mas a questão é que a gente não se falava havia mais de uma semana e eu tinha mudado para uma escola nova. É claro que, se nossos papéis fossem invertidos, eu não teria me prendido a uma história sem sentido como

aquela. Ou teria? E esse pensamento fez com que eu me sentisse um pouco culpado, porque era Claire Olivia, e ela era minha melhor amiga.

– Esse cara é um idiota – falei, esperando que isso compensasse meu comentário grosseiro.

Ela hesitou e eu pude sentir que ela tinha entendido que nossa conexão se perdera um pouco.

– É, eu sei – disse ela.

– Um completo idiota – insisti.

– Então, além da minha vida catastrófica, o que está acontecendo com você em Rhode Island?

– Estou em Massachusetts, garotinha – corriji, um pouco irritado.

– Eu sei, Shay Shay. Mas, para ser sincera, tenho quase certeza de que a Costa Leste não é bem um lugar. Acho que não passa de uma conspiração republicana criar esse lugar liberal de mentirinha para que possa reivindicar o resto do país e dizer coisas do tipo *Vocês têm o seu lugar*. Então, como a região não existe, eu me recuso a acreditar nessas divisas falsas. Por isso vou chamar de Rhode Island, Carolina do Norte ou Delaware, ou qualquer coisa que me ocorra no momento, ok?

– Ok.

– O que está acontecendo em Vermont?

– É legal. Estou gostando bastante daqui. Estou me divertindo.

– Já conheceu alguns garotos?

– É uma escola só para garotos. Conheci vários.

– Não. Quis dizer, caras “pegáveis”.

– Todos são “pegáveis” para alguém.

– Tão evasivo... Você está me irritando.

– Conheci um monte de gente legal – falei. – Não estou a fim de namorar alguém agora. Só quero me divertir, sabe?

Ela ficou em silêncio por um tempo. Então me calei também.

– Sinto falta de ir à The Laughing Goat com você – confessou ela.

– Eu também.

Era verdade. Sentia falta de ir à lanchonete com ela e adivinhar qual dos

funcionários já tinha sido preso, quem estava usando calcinha e coisas assim. Não fiz uma amizade fácil assim com ninguém na Natick.

– Você mudou, Rafe.

– Mudei? – perguntei, um pouco ansioso.

Na verdade eu esperava que tivesse mudado. E queria que ela me dissesse exatamente como.

– Não sei se gosto disso.

– Só me dê um tempo, ok? Eu vou voltar. Prometo.

Dava para ouvir o mau humor do outro lado da linha. Imaginei Claire Olivia deitada na cama, como eu, com as pernas para cima, os pés com meias contra a parede.

– Mas não vai voltar.

Como seria isso?, pensei. Nunca mais voltar a ser a pessoa que eu era antes. Nunca mais ter que me destacar como diferente, poder me misturar na multidão, ser esse novo Rafe, descomplicado, para sempre? A ideia me fez estremecer.

– Eu vou voltar – repeti, e minha voz falhou um pouco.

– Você não vai ser o mesmo – disse ela.

– Talvez não – respondi.

8

17 de setembro

Meu nome é Rafe, e meus pais são doidos.

(Olá, Rafe.)

Não uso esse termo com alegria. Ok, uso, sim, mas, desde que concordemos em definir doido como "muito incomum" em vez de "alguém que precisa de internação", meus pais são mesmo loucos.

Minha mãe faz ioga nua. No verão, em nossa casa em Boulder, quando ouvia John Lennon ou Moody Blues saindo dos alto-falantes, eu sabia que tinha que fechar as cortinas, a menos que quisesse ver um show que nenhum filho deseja ver. Ela diz que praticar ioga nua permite que entre em contato com sua "sacerdotisa interior". Esse é o papo dela. Horrível.

Pelo lado bom, antes que você ache que a estou estereotipando, minha mãe brilha. A pele dela tem sempre algo de reluzente, e estou convencido de que não é suor, gordura, bronzeador, mas algo dentro dela que brilha através da pele do rosto. Mamãe é uma das pessoas mais felizes do mundo, e tenho certeza de que é porque ela não guarda nada para si. Quando ela sente vontade de falar algo, você com certeza ficará sabendo. E pode ser perturbador. Nesse verão, quando minha mãe contou para Claire Olivia que a blusa rosa

favorita dela era de mau gosto e “não a favorecia”, pensei que minha amiga fosse pirar. Mas, apesar de ter sido pega de surpresa, ela gostou da sinceridade e desde então vive pedindo conselhos de moda à minha mãe. Claire Olivia agora tem o mesmo estilo hippie dela.

Meu pai canta rap. No karaokê. Quando não está dançando boogie. Sim, ele usa a palavra boogie. Ele dá aula na Universidade Comunitária de Boulder, no Departamento de Inglês, e em seu piquenique anual, em junho passado, ele se levantou e cantou “Let Me Blow Ya Mind”, de Eve. Você não viveu de verdade até ver seu pai berrar “Larga os óculos, balança essa bunda” na frente de um monte de professores de inglês.

Queria muito estar brincando. O que é ainda mais estranho é que as pessoas cantam junto com ele. O chefe do Departamento de Inglês, que deve ter uns 60 anos, é o amigo mais próximo do meu pai e, por acaso, é afro-americano. Uma vez ele se levantou e cantou o refrão junto com meu pai, mesmo não sendo, enfim, um cantor. Nem de longe. Foi estranho.

Meu pai faz esse tipo de coisa o tempo todo. Quando atravessamos o país de carro para que eu viesse estudar aqui, fomos a um restaurante barato em Moline, Illinois, que servia patas de caranguejo. Quando as garçonetes começaram a dançar a música irritante “Come on Ride the Train”, meu pai se levantou, saltou para o meio do restaurante e dançou com elas, mesmo sem saber a coreografia.

Eu queria morrer. Jamais faria algo parecido em público. Tinha medo de que todo mundo risse de mim, e com certeza ririam dele. Mas, no fim da música, todos no restaurante o aplaudiram de pé. E pensei: o que eu preciso fazer para ficar confortável assim no meu corpo, para me expressar dessa forma? Pelo menos uma vez? Sou muito tranquilo, mas há uma diferença entre o conforto normal e ter 40 e tantos anos e agitar o traseiro ao som de um hip-hop ruim em um restaurante de Illinois cheio de estranhos.

Na parte inferior da página, estava escrito:

B+. Fale comigo.

Fui à sala do Sr. Scarborough no meu tempo livre e sentei na frente dele. Joguei a redação sobre a mesa, de um jeito que talvez fosse um pouco arrogante.

Ele pegou o papel, deu uma olhada, sorriu uma vez e o soltou.

– Bom começo – disse ele. – Sua escrita é um pouco desordenada, mas a voz narrativa é... intrigante.

Nunca haviam achado minha escrita “um pouco desordenada”. Pude sentir o calor tomando conta do meu rosto e das minhas orelhas. Acabar com o rótulo de gay, tudo bem. Isolar parte da minha identidade, tudo bem. Mas me deixe ser o que sei que sou: um bom escritor.

– Eu estava tentando ser divertido – murmurei.

Ele sorriu.

– Percebi. Você começou de modo um tanto genérico, com essa piadinha ruim dos Alcoólicos Anônimos, mas, por outro lado, foi bem divertido.

– Na minha antiga escola, adoravam meu senso de humor – argumentei,

cruzando e descruzando as pernas.

Ele tomou um gole de sua caneca de cerâmica laranja e se recostou na cadeira.

– Eu gostei, Rafe. Para mim, merece um B+. É inteligente, mas acho que esse texto não tem a coerência necessária para tirar A. Você levanta umas questões boas, mas não faz nenhuma reflexão sobre elas.

Ele pegou a redação e passou os olhos por ela.

– Você diz aqui que adoraria ser tão livre quanto seus pais. O que o impede?

– Não sei – respondi, ainda com o ego ferido, pensando *O que você é, meu psiquiatra, por acaso?*

– Você não precisa saber a resposta. Mas acho que não vai doer se tentar refletir mais sobre o assunto. De qualquer forma, não foi por isso que o chamei aqui.

– Ah – murmurei, me recostando um pouco na cadeira.

– Espero que receba bem o que vou dizer – começou ele. – Acho que não é preciso muito esforço para perceber que talvez você seja... bem, diferente. Você pode ser assim aqui. Diferente. Por exemplo, temos uma AGH, Aliança Gay-Hétero. Sabia disso?

Respirei fundo.

– Eu sou o orientador, na verdade. Temos vários rapazes este ano.

– Ah – falei, absorvendo aquelas informações.

Ficamos nos encarando.

– Espere aí. Eu sou diferente? – perguntei.

Ele assentiu, dessa vez com um sorriso de apoio no rosto, e eu tive vontade de desfazê-lo. Quem ele achava que era para se meter? E se eu estivesse dentro do armário, tipo bem no fundo do armário, e não quisesse sair? Espere aí. Eu estava no armário? Não, não exatamente. Mas o que isso tinha a ver com ele? Segurei os braços da cadeira.

– O que você quer dizer com “diferente”? De onde tirou isso? Frequento a sua aula há uma semana. Você está me perguntando se sou gay? Porque isso é meio invasivo, não acha?

Ele franziu os lábios e olhou para a mesa.

– Na verdade, foi sua mãe quem me contou.

– O quê? – questionei, quase gritando.

Ele pigarreou.

– Sua mãe ligou para a escola mais ou menos uma semana antes do início das aulas. Ela pediu para falar comigo, como orientador da AGH, e falou sobre seu trabalho com a PPAGL e, tenho que dizer, fiquei animado por tê-lo conosco. Mas... você não se juntou a nós, não é, Rafe?

– Minha mãe ligou para você?

Ela tinha passado dos limites. Muito.

– Ligou. Ela é legal.

Eu conseguia sentir as veias pulsando na minha testa, a pele repuxada na curva do pescoço. Por que ela não podia cuidar da própria vida pelo menos uma vez? Suspirei, joguei a cabeça para trás e fitei o teto.

– Isso é tão típico... – falei.

Ele não respondeu. Fiquei olhando para o alto durante quase um minuto, ciente de que, em algum momento, teria que falar algo. Quando tive certeza de que estava calmo o suficiente para que minha cabeça não explodisse, tornei a baixá-la.

– Quer ouvir uma história? – perguntei. – Você seria o primeiro a escutar.

– Claro – disse ele, parecendo um pouco preocupado.

Então, pela primeira vez desde que eu tinha chegado à Natick – pela primeira vez na vida, na verdade –, expliquei o que estava fazendo. E quer saber? Foi muito bom ter um confidente. Contar meus segredos. Ter um segredo pode ser emocionante no início, mas parece que sempre acaba sendo mais um peso do que qualquer outra coisa.

O Sr. Scarborough ouviu com atenção, sem tirar os olhos dos meus enquanto eu explicava o que “livre de rótulos” significava para mim e por que eu sentia a necessidade de tentar um recomeço.

– Interessante – disse ele depois que terminei.

Fiquei na expectativa. Ele não daria nenhum conselho? Percebi que não

me importaria de ouvir algumas palavras prudentes de alguém mais velho e mais experiente que não fossem meus pais. Alguém que não se assustasse ao ouvir os detalhes do meu plano. Eu vinha sendo evasivo sempre que falava com eles, e não estava dando certo. Meus pais não gostavam de evasivas.

O Sr. Scarborough abriu um sorriso quando viu que eu esperava uma resposta dele.

– Desculpe, Rafe. Não sei o que dizer, exceto que estou feliz por você ter me contado. É uma jornada interessante, e fico curioso para ouvir sobre suas explorações. Então, nada de AGH para você, não é?

– Não – respondi.

– E quanto à revista literária? Vejo que você tem interesse e talento.

– Futebol – falei, balançando a cabeça. – Desculpe.

Ele dispensou o pedido de desculpas com um gesto.

– Faça o que tem que fazer – disse ele. – E, quanto à sua experiência, não hesite em escrever sobre ela, ok? Na verdade, era isso que eu gostaria que fizesse. Um diário. Este será o seu trabalho: escrever sobre por que fez o que fez.

– Eu não saberia por onde começar.

– Então comece pelo começo. Temos o semestre inteiro.

Pensei como seria a sensação de colocar tudo aquilo no papel. Não tinha muita certeza de que ele ia gostar de tudo o que eu escreveria.

– Claro – respondi.

Ele sorriu outra vez.

– Acabo de me lembrar de um antigo provérbio chinês. Quer dizer, na verdade ninguém sabe direito de onde vem: “Que você viva em tempos interessantes.”

– Obrigado, eu acho.

Ele bateu a caneca laranja na mesa e olhou fixamente para o punho, perdido em pensamentos.

– Acho que devemos ficar felizes por você poder fazer essa escolha hoje – falou. – Tenho certeza de que esta situação não aconteceria dez ou vinte anos atrás. Já é um avanço, não é?

9

- ATÉ CINCO AGORA! - gritou o garoto de bandana preta.

O rosto dele estava vermelho, os olhos desfocados, e senti que poderia muito bem estar olhando para um espelho, porque também estava seriamente chapado.

Peguei o copinho de shots, me endireitei para não cair no chão da cozinha e olhei ao redor. Eram todos estranhos, e por um momento me perguntei onde estava. Então me lembrei: sábado, depois da primeira semana de aulas. Shawn alguma coisa. Um garoto da Joey Warren, ou seja, um caipira local. Pais fora da cidade. Todo o time de futebol lá.

E eu estava no comando.

Era tradição. Toda turma da Natick tinha que dar um jeito de se entrosar com alguns alunos da Joey Warren. Não que eles nos adorassem, mas nos toleravam, especialmente se levássemos álcool para as festas, o que sempre fazíamos. De tempos em tempos, um novo aluno herdava a identidade falsa que havia muito tempo rolava na Natick, então conseguir bebida nunca foi um problema. E contaram que as meninas gostavam dos garotos da Natick. Muito. Quase todo ano havia um escândalo envolvendo um aluno e uma local grávida.

Era bem provável que isso não acontecesse comigo.

Steve era meu parceiro no jogo da bebida em que tínhamos entrado. Ele tinha se dado bem no desafio das quatro doses, e agora eu devia beber cinco com ele me servindo.

Eles chamavam o jogo de Spinner. O interessante de andar com os caipiras era ouvir o sotaque de Boston que todos zoavam. Os alunos da Natick não pareciam tê-lo. Fiquei me perguntando se era uma disputa de classes.

As regras do Spinner eram simples: em duplas, um dos caras virava uma dose. Então o outro cara da dupla tomava um shot e girava. Enquanto ele fazia isso, o parceiro lhe servia outra dose. A pessoa que girava tinha que pegar a dose sem reduzir a velocidade do giro, sem errar ou derramar. E aí tomar a bebida de uma vez. Se cometesse um deslize, todos gritavam “Falta!”, como se o cara tivesse feito uma jogada ilegal, e então a equipe dele era eliminada. Você também saía do jogo se caísse, o que tinha acontecido com a outra dupla em quatro doses. Se conseguíssemos fazer tudo certo dessa vez, venceríamos.

A bebida era licor de caramelo, o que facilitava as coisas *de início*, porque tinha um gosto doce. Claro que isso não ajudaria muito quando chegasse ao estômago e ficasse rolando lá dentro como uma onda de xarope.

Eu estava bêbado.

– Um, dois, três e... já! – gritou um garoto careca.

Virei a primeira dose. Ela bateu no fundo da minha garganta como um xarope para tosse. Girei em sentido anti-horário, me divertindo com os gritos ao redor. Eles estavam me observando. Estavam torcendo por mim. Por mim.

Tentei não girar rápido demais para que Steve tivesse tempo de servir a dose e posicioná-la num lugar onde seria fácil pegá-la. Quando minha mão bateu no balcão outra vez, depois de cerca de três quartos de volta completa, eu a abri e tentei focalizar.

O copinho com o líquido amarronzado estava exatamente onde eu queria. Steve e eu éramos uma máquina. Eu o peguei e virei a dose. Senti a bebida queimar a garganta e a cavidade do nariz.

– Dois! – berrou alguém. – Aposto que no quarto ele cai.

Dei um giro suave, com os olhos desfocados, até sentir que era hora de pegar o copo de novo. E lá estava ele – peguei-o, virei a dose e as palmas foram música para meus ouvidos.

Na hora da quarta dose, tudo ficou mais difícil. Minha cabeça girava para a direita, meus pés para a esquerda, e eu já tinha participado das rodadas de quatro e três shots, o que era demais, e meus pés esqueceram que

tinham que girar, e eu reduzi a velocidade. Outra vez virado para o balcão, vi o copo, estendi o braço, mas minha visão, minha perspectiva, estava toda embaralhada. Ele bateu na minha mão e virou, e eu soube que tinha perdido. Ouvei um grande coro de vozes mistas gritar “Ah!” e, como efeito dramático, despenquei no chão.

– O Rafe é o cara! – disse uma voz masculina, não sei de quem.

O cômodo girou e fechei os olhos, saboreando a sensação. Meu estômago estava realmente chateado comigo, de uma forma muito ácida, mas, tirando isso, eu estava em êxtase.

Sorri. Então senti que alguém respirava próximo do meu rosto e vi que uma menina com os cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo tinha se ajoelhado sobre mim. Ela pôs a mão no meu cabelo e o acariciou.

– Você está bem, gatinho? – sussurrou.

Olhei em seus olhos, com a visão toda embaçada, e ela se inclinou, cobrindo minha boca com a dela.

Tive ânsia de vômito. A garota percebeu instantes antes de acontecer, instantes antes de o conteúdo do meu estômago começar a fazer barulho, então virei uma fonte, vomitando para todos os lados.

Todas aquelas doses. Foi um exagero. A menina saiu do caminho, com uma expressão horrorizada, e os rapazes começaram a gritar, rindo, e de algum modo percebi que não era por minha causa. Embora eu me sentisse mal pela menina, você corre um grande risco de isso acontecer quando se ajoelha e tenta beijar um cara bêbado.

Steve me levou para o banheiro do segundo andar e me ajudou a me limpar, o tempo todo repetindo como tinha sido incrível eu quase vomitar na garota que tentou me beijar.

– Cara, isso foi incrível. Você está bem, Colorado?

Resmunguei em concordância enquanto me inclinava para a pia e tentava tirar o sabor ácido da boca. Minha cabeça estava latejando um pouco, mas ainda assim era ótimo fazer parte do grupo.

– Ei, Benny! – gritou Steve, e de alguma forma saímos do banheiro e fomos parar num quarto do segundo andar.

Meus olhos vacilantes localizaram Ben sentado em uma cadeira de balanço no canto. Do outro lado do cômodo, um casal da Joey Warren conversava e Ben parecia apenas relaxar.

– Benny, fique de olho neste cara aqui – pediu Steve. – Bebeu além da conta. Mas pelo menos vencemos no Spinner. Tomei quatro.

– O pessoal do AA vai ficar orgulhoso – brincou Ben.

Ele tomou um gole de sua Coca Zero e Steve desceu para beber mais um pouco. Para falar a verdade, eu estava feliz por fazer uma pausa. Sentei no chão, encostado na cama, de frente para a cadeira de balanço de Ben.

– O cara do mictório – disse ele, e eu gargalhei.

Ele tinha me chamado assim algumas vezes durante os treinos.

– Ah, meu Deus, o mictório. Eu estava completamente doido – falei.

– Sem dúvida foi especial – respondeu ele. – Está se divertindo?

– Vomitei quando uma garota me beijou – contei, antes que pudesse pensar no que estava falando.

Então percebi: que se dane. Não havia a menor chance, com aquela quantidade imensa de álcool no meu corpo, de que eu parecesse racional e inteligente.

No entanto, Ben riu, como se o que eu tinha dito fosse algo normal.

– Você a acertou?

– Errei, graças a Deus.

Ele riu de novo, se balançou e tomou um gole de refrigerante bem devagar.

– O que você está fazendo aqui em cima? – perguntei.

Ele rolou a lata de refrigerante na perna musculosa.

– Motorista da rodada. De qualquer forma, sou mais observador do que baladeiro.

Ri e ergui uma sobrancelha.

– Você só pode dizer “baladeiro” se estiver, tipo, com um abajur na cabeça.

Ben olhou ao redor do quarto. Levantou-se, foi até o outro lado e pegou

a cúpula de uma luminária. Colocou-a na cabeça, voltou para a cadeira de balanço e se sentou.

– Baladeiro, baladeiro, baladeiro! – disse. – Agora, sim.

– É, agora você pode dizer tudo o que quiser – falei, fechando os olhos e me deitando no chão. – Por que bebi tanto?

– Pela mesma razão que eu venho a esses lugares – respondeu ele, tirando a cúpula da cabeça e colocando-a no chão ao seu lado. – Pura estupidez.

– Você é um cara legal – declarei. – Gosto de você de verdade.

Ele riu.

– Ah, que bom. Fiquei com medo de que isso fosse ser constrangedor, como no mictório.

Por algum motivo, achei o diálogo hilário e não consegui parar de rir. E parece que Ben gostou que eu o achasse engraçado, porque disse outras coisas igualmente engraçadas, mas não lembro agora porque eu estava bêbado.

– Queria ser mais parecido com você – falei baixinho. Dava para ouvir o rangido da cadeira de balanço. – Você não é ridículo.

Ouvi Ben suspirando.

– Você não é ridículo, Rafe. Só um pouco... Não sei.

– O quê? – perguntei, me sentando tão depressa que minha cabeça girou e tive que deitar de novo.

– Bêbado – disse ele, e eu ri.

Fiquei pensando por alguns segundos no que eu era, mas em seguida ouvi:

– Rafe? Acho que você desmaiou.

– Não sou assim normalmente – murmurei, me sentindo incoerente.

– Quer ir embora?

Senti um embrulho no estômago.

– Sim – respondi.

Ele me ajudou a me levantar. Ben era forte. Muito.

– Só tenho que dar uma olhada no Bryce antes de ir, ok?

– Por quê? O que ele tem?

– Ele fica meio alterado e o álcool não ajuda muito a melhorar – explicou Ben enquanto saíamos do quarto e descíamos as escadas.

Encontramos Bryce encostado na lareira, com uma cerveja na mão.

– Ei, amigo – disse Ben.

– Oi – respondeu Bryce, apático.

– Lembra do Rafe?

– Acabei de vê-lo vomitar em uma garota.

– É, já ouvi essa história umas três vezes nos últimos vinte minutos – disse Ben.

– Umás três vezes – repeti. – Você me mata.

Ben me ignorou.

– Quer ir embora?

– Não. Vou ficar – respondeu Bryce.

Ben hesitou.

– Tem certeza?

– Ainda não estou a fim de voltar para aquele maldito alojamento.

Ben suspirou.

– Eu volto para buscar você, então – avisou. – Me ligue quando quiser ir embora.

– Tudo bem.

Tentei me concentrar em Bryce. Ele era bonito e bastante inteligente. O tipo de pessoa com quem devia ser legal conversar.

– Quero conhecer você direito – disparei.

Bryce pareceu refletir.

– Ok – respondeu.

Não consegui perceber se era um ok do tipo “Ok, esse cara é um idiota” ou “Ok, esse cara é uma fraude”. Ou simplesmente “Ok”.

– Ok – falei. – Mal posso esperar, Bryce Hixon.

Ben riu e Bryce deu um sorrisinho, e eu sabia que tinha convencido no papel de bêbado sincero.



Ben dirigia um velho Chevy que cheirava um pouco a vinagre. Ouvimos jazz e observamos a noite de Natick enquanto andávamos de carro.

– É proibido vomitar na Gretchen – disse ele.

– Gretchen?

– Eu a chamo de Gretchen – explicou ele, dando um tapinha no painel do carro. Eu bufei. – Então, nada de vomitar por aqui, está bem?

– Prometo – murmurei, vendo as ruas passarem. – Gretchen.

Ficamos em silêncio, ouvindo a estranha sequência de acordes dos trompetes e saxofones. Nunca gostei muito de jazz.

– Não consigo entender você – acabei dizendo.

– Hum – murmurou Ben depois de um curto silêncio. – Tem alguma coisa para entender?

– Onde você se encaixa, no... hum, esquema das coisas na Natick?

O carro estava girando e eu sabia que não diria tudo aquilo se estivesse sóbrio. De certo modo, era bom. Menos reservado.

– Você é quieto como Bryce. E Robinson também é. Talvez não haja problema em ser atleta e ser quieto. Steve e Zack falam o tempo todo e todos os ouvem, mas eles não são inteligentes como a gente. Acho que vou ser do tipo quieto, como você, Bryce e Robinson.

– Por que tenho que ser de um tipo?

Eu pulei no banco.

– Exatamente! – exclamei, então fechei os olhos, porque tudo girava demais.

Ouvi Ben rindo.

– Você está um lixo – disse ele.

Ignorei o comentário.

– Sobre os tipos. Não sou um tipo. Estou cansado de ser um tipo.

– Eu entendo – disse ele, suspirando. – À primeira vista, eu sou um atleta, certo? Só que, por dentro, já era um milhão de coisas antes mesmo de

saber que poderia lançar ou chutar uma bola. Tipo, quem em seu juízo perfeito colocaria um rótulo em si mesmo por causa de algo tão idiota?

– Isso – concordei, me esforçando para acompanhá-lo, porque ele falava sobre coisas interessantes e eu estava chapado.

– Em New Hampshire, me chamavam de nerd porque tirava notas boas e gostava de ler. Lá, ninguém se importava se eu era um bom atleta. Era tipo: Ben Carver é nerd porque fala sobre ideias. Acho que nasci no lugar errado. Então vim para cá e fui rotulado de outra forma e, como não era nada negativo, acabei aceitando, entende?

– Entendo! – gritei.

Então cobri a boca com medo de fazer a única coisa que ele pedira para não fazer em seu carro fêmea.

Ele me lançou um olhar de advertência.

– Estou bem. Juro.

– Meus pais não tinham a menor ideia de que a Natick existia. Eu que fiz tudo. Bem, meu tio ajudou. Foi ele quem me salvou muitas vezes enquanto eu crescia. Ao contrário dos meus pais, que não gostam de conversar sobre nada, ele era falastrão. Meu tio me ensinou a compartilhar meus sentimentos, se é que isso não é algo estranho de dizer.

– Não é estranho para mim – respondi.

Ele me olhou de novo e assentiu com a cabeça.

– Enfim, ele entendeu por que eu tinha que sair de lá. Meu pai é agricultor. Por ele, eu seguiria seus passos. Mas aquilo não é para mim. Então aturei toda essa bobagem de classe alta, sabe por quê? Eu mereço a chance de ter uma boa educação e uma boa vida. Entende?

Eu assenti, assenti e assenti. Tínhamos muito em comum, mas eu nem podia contar a ele. Também havia feito todo o trabalho para chegar à Natick. Também tinha ido para lá para me livrar de um rótulo e recebera outro que não me servia mas aceitei porque não era ruim. Fiquei com muita vontade de contar minha história para Ben. Ele parecia ser o tipo de pessoa que levaria numa boa. Mas fazer isso poderia mudar tudo. Então fiquei na minha. Quer dizer, pelo menos não disse nada sobre isso.

– Entendo. Estou muito cansado de ser um tipo – repeti.

– Bryce e eu sempre conversamos sobre isso. Ele diz que, se a Natick fosse um microcosmo do país, poderíamos muito bem ainda ter instalações separadas, mas iguais. E não é só uma questão de brancos e negros. Atletas. Nerds. Maconheiros. Ninguém é considerado apenas um ser humano, ao que parece.

Não pude evitar. Virei-me para Ben e pousei uma das mãos no ombro dele.

– Eu quero ser apenas um ser humano! – falei, com a voz cheia de urgência.

– Você está muito bêbado – disse Ben.

– Não. Sério. É isso que quero. As pessoas vivem me rotulando, quero ficar livre disso.

– Isso é mesmo interessante. Mas será que é possível?

– Vou descobrir – respondi enquanto parávamos no estacionamento atrás da ala leste.

– Depois me conta – pediu ele, e senti uma pontada no coração.

Eu não queria que a conversa terminasse.

– A primeira coisa que preciso fazer é parar de me importar com quem gosta de mim.

Não soube direito de onde esse pensamento tinha vindo, mas, na minha embriaguez, fez todo o sentido. Pensei no quarto que girava e no próprio Spinner e percebi que era verdade.

Ele desligou o motor do carro.

– Você acha? – perguntou.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte I

Como a maioria dos grandes momentos da minha vida, “sair do armário” foi totalmente por acaso. Oitavo ano, primavera. Era uma noite no meio da semana e eu estava no quarto pensando em Garth. Garth era o garoto que também praticava *cross-country* na época. Depois se mudou para a Califórnia. Não chegamos a ser amigos, mas ele era muito tranquilo e trocávamos umas palavras, esse tipo de coisa. Só que eu gostava muito do Garth. E estava bem com isso. Vinha pensando nele havia semanas e, antes dele, no Mason. E, antes dele, em Corey Westerly, o primeiro garoto da turma que perdeu a virgindade, ainda no sexto ano. Então não foi como se eu estivesse sentado no quarto e tivesse tido uma epifania: *Uau! Eu sou gay!* Eu já sabia havia muito tempo. Acho que, se houve uma epifania, foi algo como: *Tenho um sentimento e ninguém sabe sobre ele. Talvez eu devesse contar a mamãe e papai.*

Então foi assim. Sem crises existenciais ou pensamentos sobre se seria expulso de casa. Era mais algo do tipo: posso até *gostar* de sorvete de chocolate, mas prefiro o de morango. Então preciso contar aos meus pais para que parem de comprar o de chocolate. Desci as escadas não com medo, mas surpresa. Porque não acordei naquele dia e pensei: *Hoje vou contar aos meus pais que sou gay.*

Simplesmente entrei na cozinha e contei.

Não houve grandes emoções de nenhuma das partes. Apenas uma boa conversa. Mãe, pai, quero que saibam que sou gay. Oh, querido, isso é maravilhoso! Estamos muito felizes que tenha nos contado!

Não fiquei surpreso por eles não terem ficado surpresos. Mas quis saber como eles sabiam.

– Ah, querido – disse mamãe. – Você é nosso filho. Sabemos quem você é.

Nós nos abraçamos e meu pai chorou um pouco. Ele não é do tipo machão, que caça, pesca e coleciona armas. Ele é sensível e carinhoso. E me deixa louco na maior parte do tempo, mas admiro o fato de ele não ter medo de mostrar seu “lado feminino”.

Só que, para mim, foi aí que o problema começou. Pensei que assumiria a minha

sexualidade para os meus pais, arrumaria meu primeiro namorado e simplesmente viveria a minha vida. Não. Em vez disso, foi como se algo tivesse acontecido e agora todos precisássemos nos mobilizar. (Eu deveria ter adivinhado. Minha mãe é uma “mobilizadora”.) De repente, eu tinha que ler seis livros sobre o que é ser gay.

– Mãe, não posso apenas ser gay em vez de ficar lendo sobre o assunto? – questionei.

Mas ela explicou – e meu pai a apoiou – que precisamos conhecer mais sobre o passado. Aqueles que não estudam história estão condenados a repeti-la, blá-blá-blá.

É como quando você sabe que precisa arrumar o quarto, mas, quando sua mãe manda, você não quer. Esse sou eu. Se eu tivesse descoberto tudo aquilo sozinho, teria sido legal aprender. Mas acabei recebendo uma pilha de livros da minha mãe e foi como se ela tivesse me passado um dever de casa sobre homossexualidade. *Obrigado por transformar essa novidade emocionante em uma tarefa, mãe. Que ótimo.*

Então li um livro sobre o movimento dos direitos dos homossexuais. E, tenho que admitir, foi interessante. Eu não sabia que ser gay era essa luta épica que envolvia tantas “responsabilidades”. Minha melhor amiga, Claire Olivia, foi lá em casa e leu alguns dos livros comigo. Na verdade, ficamos folheando e lendo trechos aleatórios um para o outro. Um deles era sobre sexo, e pensei: *Por favor, não diga que minha mãe me deu um livro que ensina a fazer sexo oral.* Mas é a cara dela fazer isso. Claire Olivia achou excelente.

– Isso é tão legal, Shay Shay! Talvez um dia você possa mostrar fotos para ela!

No fim de semana seguinte, meus pais estavam muito estranhos com um papo de sair para jantar. Queriam ir a Denver. Quase nunca fazemos isso, mas eles insistiram, então entrei no carro e partimos. Paramos em frente a um lugar chamado Hamburger Mary’s. Assim que entramos, vimos, bem na porta, uma escultura em tamanho real de uma garçonete peituda, piscando e mandando um beijo. A foto dela estava em todas as paredes e no cardápio. A clientela era bem gay, o que era legal, mas também estavam lá a vovó Chloe e o restante da família, além de Claire Olivia e os pais dela. Todos usavam chapéus de aniversário bregas nos quais estava escrito: *Rafe é gay!*

Foi HORRÍVEL. Se pudesse, teria me enfiado debaixo da mesa, mas mamãe diria “Ah, é isso que os jovens gays fazem hoje em dia?” ou algo tão humilhante quanto isso.

– Você está tentando me matar – falei para ela.

Mamãe ficou tão chocada que comecei a rir. Organizar uma festa surpresa para alguém não significa exatamente matar a pessoa. E eu ESTAVA rindo, mas na verdade tinha ficado muito chateado. É como se nada fosse o suficiente para meus pais. Pelo menos uma vez, eu gostaria que eles ignorassem algo e não fizessem estardalhaço ou qualquer uma das esquisitices que tivessem vontade.

Depois de alguns minutos, relaxei um pouco. Até deixei que cantassem “Parabéns

para você” junto com os garçons, embora os chapéus mostrassem que aquilo não era bem uma festa de aniversário.

Você vive muitos momentos divertidos quando seus pais não ficam chocados com nada. Mas isso é bom e ruim ao mesmo tempo. Pelo lado bom, nunca, nem por um momento, eles se sentiram envergonhados, ultrajados ou decepcionados. Então, por que eu deveria me importar com o fato de mamãe estar mais preparada para a minha vida sexual do que eu? São preocupações muito menores.

Rafe,

Muitas coisas interessantes aqui! No entanto, por mais que esteja bem escrito, quero saber como é o seu processo como escritor. Lembre-se da citação de E. L. Doctorow. Você começou o texto sabendo aonde queria chegar ou estava aberto para descobrir novas perguntas? Além disso, o que você quis dizer com “nada fosse o suficiente para meus pais”? Você realmente ia preferir que eles não celebrassem a sua revelação? Peço que pense nisso. Bom trabalho.

— Sr. Scarborough

10

- ANIMADO PARA UM RÁDIO-PONGUE? – perguntou Toby quando voltei para o alojamento e joguei a mochila sobre a cama.

Era sexta-feira à tarde, no fim da minha terceira semana, e àquela altura eu já tinha me acostumado com as esquisitices no meu quarto. Toby sempre estava lá, pelo menos quando não desaparecia em ação. Na semana anterior, ele sumira por completo durante longos períodos. Albie se referia a isso como abduções alienígenas. Era óbvio que havia um rapaz na vida de Toby, mas ele não queria compartilhar os detalhes.

O lado bom era que o espaço ficava mais limpo agora. Albie estava tentando. Algumas vezes voltei para o quarto e vi que ele tinha até varrido. Milagre.

– Pode repetir? – perguntei.

– Rádio-pongue. É um jogo de beber.

Vi Toby puxar uma lata aberta de Budweiser de baixo da mesa.

– Legal – falei. – Como se joga?

Albie se abaixou e pegou a própria cerveja de baixo da cama, em seguida, ligou o rádio da polícia.

– Vai jogar?

– Por que não?

Albie se abaixou de novo e pegou uma terceira cerveja. Ele considerou jogá-la, no entanto preferiu me entregar na mão. Estava quente, mas eu não me importei. Abri a lata e estava prestes a tomar um gole quando ele me lançou um olhar assustado.

– Não! – exclamou. – Você tem que escolher a sua palavra!

Ele explicou o jogo. No rádio-pongue, você ouve o rádio e, quando a palavra que você escolheu for dita, toma um gole.

- E onde é que entra o pingue-pongue? – perguntei.
- Pingue-pongue? – repetiu Toby.
- Não é rádio-pongue?
- Não seja ridículo – disse ele. – É um jogo de beber. Como o *beer pong*.
- Fiquei com preguiça de explicar a origem da expressão *beer pong*.
- Então, qual é a minha palavra? – perguntei.
- Eu escolho! Eu escolho! – gritou Toby. – Hum... *suspeito!*
- Boa – disse Albie. – A minha é *caucasiano*.
- A minha é *desconfiado* – arrematou Toby.
- Acho que vocês dois são caucasianos desconfiados – falei.

Toby bufou.

– Você fala engaçado – comentou com um estranho e falso sotaque chinês.

Como a frequência a que estávamos conectados parecia vir de uma área de baixo índice de criminalidade, ficamos muito tempo sentados ouvindo. Isso nos deu oportunidade para conversar bastante. Toby finalmente contou sobre o namorado misterioso e sobre como era chato não poderem assumir a relação, e Albie falou sobre um garoto da sua turma de matemática que ousou questionar a solução que ele havia encontrado para um exercício. O professor já tinha aceitado, então esse tal de Joseph surgiu do nada e gritou:

– Sr. Braddock! Está errado. O *dy* e o *dx* estão trocados. Olhe!

Aí o garoto se levantou e corrigiu Albie, que, no fim, estava mesmo errado. Então o Sr. Braddock usou a desatenção de Albie como lição para a turma, mesmo que o próprio professor tivesse sido desatento.

Percebi que nesse jogo havia muita conversa, e não muita bebida. Comentei isso.

– Sim, só tomamos um gole até agora – disse Toby.

Gargalhei.

– Como pode ser um jogo de beber se não se bebe?

Albie deu de ombros.

– Às vezes é melhor. Da última vez eu ganhei.

– Que palavra Toby escolheu para você?

– “Assassinato”.

– Qual era a dele?

– “Natick”.

– Legal – falei.

Finalmente consegui convencê-los a apenas beber e tomamos um gole de cerveja quente. Foi então que o rádio soou, após um longo silêncio.

– Há uma mulher caucasiana vagando nua pela Bacon Street – disse uma voz feminina.

– Estou indo para lá! – gritaram juntos dois ou três policiais em resposta.

Então houve um monte de risadas enquanto eles decidiam quem enviar.

Os olhos de Albie se iluminaram.

– Hum, Bacon. Você está pensando o que eu estou pensando? – perguntou, olhando para mim.

– Que você tem que beber? Eles disseram “caucasiana” – respondeu Toby.

– Cale a boca. Vamos encontrá-la. Vamos até lá!

– Um de nós vai se dar bem, pelo menos – falei.

Então percebi o que tinha dito e era tarde para voltar atrás. Felizmente nem Albie nem Toby eram bons ouvintes: nenhum dos dois pareceu ter escutado.

– Estou dentro – emendei.

Escondemos nossas latas de cerveja quase cheias debaixo da cama e saímos.

– Precisamos de pseudônimos – disse Toby enquanto descíamos as escadas. – Eu vou ser o detetive Pollard, o detetive de cabelos espetados que tem uma identidade secreta.

– Eu vou ser Justin Auerbach, amante de mulheres que vagam nuas por aí – declarou Albie.

– Posso ser apenas detetive Goldberg? – perguntei.

– Sem graça – gritou Toby.

– Por quê? Albie só mudou de nome. Ele gosta *mesmo* de mulheres que

vagam nuas por aí.

– Então mude o seu – disse Toby.

– Está bem – falei, com um sotaque que começou indiano e depois, de alguma forma, virou britânico. – Warren. Warren Wilson, de Londres.

– Perfeito – exclamou Toby.

Naquele momento, vi Ben subindo as escadas. Congelei, com medo de que tivesse acabado de explodir o termômetro da idiotice. Mas então me lembrei do que conversamos no carro e fiquei feliz por ele ter me visto como alguém diferente de sério e sem graça. Quando passou por mim, ele sorriu e sorri de volta. Mas ele já estava atrás de mim e não pude ver sua reação.

Albie dirigia um Toyota Celica 1993 azul-claro que apelidara de Soneca porque tendia a não pegar no inverno. Pulei no banco de trás, Toby sentou no banco do carona quando o carro já estava em movimento e aceleramos em direção à Bacon Street.

Na rua principal, Albie ligou a seta direita e reduzimos a velocidade por causa do tráfego mais intenso na Central Street.

– Muito bem, o que dizemos quando vamos nos misturar? – perguntou Albie.

Em seguida, Albie pisou fundo e os dois gritaram:

– MISTURAR!

E, assim que fomos absorvidos pelo tráfego, nada mais foi dito sobre isso.

– Temos regras por aqui – explicou Toby. – Por exemplo, se Albie passar por um sinal amarelo, temos que beijar o teto. – Ele levou os dedos aos lábios, beijou-os e em seguida tocou o teto.

– O que você faria se ele avançasse o sinal vermelho? Teria que transar com o teto? – perguntei.

Albie e Toby riram.

– Sim – disse Toby. – Isso mesmo.

Como percebemos depois, a Bacon Street em Natick era bem longa. Pegamos a Marion Street e viramos à esquerda na Bacon, mas, quando chegamos à Park Avenue, muitos quarteirões depois, ainda não tínhamos

visto nenhum sinal de uma mulher nua. Toby procurava do lado direito, eu vigiava o lado esquerdo e precisávamos ficar mandando Albie manter os olhos na pista, porque o carro deu várias guinadas enquanto ele procurava a Mulher que Vagava Nua.

Quando passamos pela Tyler Street, Toby gritou:

– Ali!

Albie pisou no freio, eu me virei para a direita e, de fato, lá estava a mulher, sem roupa, correndo pela rua. Só que ela não era jovem. Na verdade era mais velha do que a minha avó, com cabelos grisalhos e a pele branca e flácida. Albie parou o carro bem ao lado dela e reduziu a velocidade.

– Pervertido! – gritei. – Ela é, tipo, idosa.

– A gente deveria ajudá-la – disse Toby, e antes que pudéssemos responder ele já estava abrindo a janela. – Com licença, senhora, podemos ajudá-la? A senhora está bem?

A mulher olhou para o carro e uma expressão de pânico cruzou seu rosto.

– Pare de me assediar, Buzz! – gritou e então mostrou o dedo médio para Toby.

Ele tentou explicar.

– Não, senhora, eu não sou o Buzz. Estamos aqui para ajudar. A senhora está perdida?

A mulher se ajoelhou e pegou algumas folhas vermelhas, marrons e laranja amontoadas na calçada.

– Pare com isso! – gritou, atirando as folhas em nós.

Elas flutuaram por 60 centímetros antes de caírem de novo no chão.

– Acho melhor irmos embora – falei.

– Espere – disse Toby. – Ela precisa de ajuda.

– Não da nossa ajuda – insisti.

Albie tinha deixado o carro parado e me vi soltando o pedal de um freio imaginário. Se eu pudesse colocar o veículo em movimento, sem dúvida o faria.

– Podemos levá-la a algum lugar? – perguntou Toby.

Foi quando a mulher investiu contra o carro.

– Traidores! – gritou. – Vocês são todos traidores. Foi o Buzz que mandou vocês!

Foi aí que Albie percebeu que deveria dirigir. Ele começou a se afastar, e a mulher passou a bater na janela traseira. O rosto dela era enrugado como o de uma bruxa, e ela me fitou diretamente nos olhos. Não consegui evitar e soltei um grito.

– Traidores! – berrava ela. – Malditos traidores!

Albie acelerou e descemos depressa a Bacon Street, para longe da mulher louca.

Seguimos num silêncio chocado por alguns minutos, então Albie olhou para mim.

– Você grita como uma menina.

– Eu sei – respondi. – Foi totalmente natural. Ela parecia uma bruxa da Disney.

– Gosto disso – continuou Albie. – Você é um atleta que grita como uma menina.

Sim, era um estereótipo. Mas também era verdade. Uma vez, no ano anterior, corri até a casa de Claire Olivia de manhã cedo para contar que uma líder de torcida da escola que eu mal conhecia tinha falado comigo pelo Facebook. Conversamos sobre amenidades por um tempo e de repente ela disse: “Se você me desse uma chance, eu poderia mudá-lo.” Eu respondi: “Me mudar?” Ela continuou: “Isso. É legal você ser gay. Mas eu poderia fazer você virar bi.”

Foi constrangedor, e eu respondi com minha versão de *obrigado, mas não*. Então fui dormir e tive um sonho erótico com a garota. E meio que funcionou para mim. Ou pelo menos não foi assustador. Então corri para contar a Claire Olivia que talvez eu fosse bissexual.

Os pais dela me deixaram subir, o que era normal, já que eu dormia muito lá. Bati de leve na porta e a abri. Claire Olivia estava dormindo de

barriga para cima. Quando me viu, ela se sentou e o lençol caiu, e ali estavam seus seios, me encarando.

Então gritei como uma menina.

Claire Olivia se cobriu e demos uma boa risada.

– Então, o que era tão importante a ponto de você invadir a minha privacidade e me acordar? – perguntou ela.

– Deixe pra lá – falei. – Já passou.

Mas é claro que eu não podia contar essa história a Albie e Toby.

– Ela me fez lembrar a minha avó – disse Toby, melancólico.

– Sua avó era maluca e vagava nua por aí? – perguntei.

– Bem... sim – disse ele.

E, por alguma razão, aquilo foi muito engraçado.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte II

Para mim, essa coisa de sair do armário girava em torno de arrumar um namorado. Quero dizer, por que mais alguém se assumiria? Porque é divertido ser julgado? Não, você sai do armário porque quer encontrar o amor. Mas não foi o que aconteceu comigo. Mesmo em um lugar como Boulder, achar um namorado não era tão fácil assim. Foi tipo: onde procurar?

Os únicos outros garotos da escola assumidamente gays estavam mais para amigos do que para namorados. Eu gostava de caras reservados e tranquilos, mas minhas opções eram Sabe-o-Caleb, que era o oposto de tranquilo, e um garoto chamado Marshall, um ano mais velho do que eu. Ele era legal e tudo mais, só que não fazia exatamente o meu tipo. Tentei um chat on-line para jovens gays, mas logo fiquei entediado. Passar a tarde de sábado na frente do computador não é exatamente o meu conceito de divertimento, obrigado.

Enquanto isso, minha mãe tinha uma ideia totalmente diferente do que significava sair do armário. Mais ou menos um mês depois daquela festa em que me assumi para todo mundo – que meu pai apelidara de meu “baile de debutante” –, minha mãe me fez entrar no carro de novo para outra viagem surpresa. Era uma noite de quinta-feira e eu tinha teste de biologia no dia seguinte, mas ela disse que aquilo era “mais importante”.

Ela dirigiu o Prius pela rua 13, em direção à Pearl, e virou na Spruce.

– Por favor, não me diga que está me levando outra vez para o Centro de Meditação Shambhala – falei.

Certa vez, no verão anterior, ela enfiou na cabeça que eu precisava de mais serenidade. Ao que parece, serenidade é como uma festa incrível, só que sem comida, pessoas, conversas ou diversão. Ela não riu quando mais tarde eu disse que, se ela queria que eu calasse a boca, podia ter parado na porta do meu quarto e me mandado calar a boca.

– É melhor – respondeu minha mãe ao estacionar na frente de uma igreja.

Ela explicou que íamos a um grupo que vinha frequentando nas últimas semanas: a PPAGL.

PPAGL é a abreviação de Pais, Parentes e Amigos de Gays e Lésbicas, um espaço onde você pode passar algumas horas falando sobre o que o seu filho gay ou a sua filha lésbica gosta de comer no café da manhã. Havia só mais um garoto lá, e ele usava uma gravata de bolinhas. Também não era o meu tipo. Nós nos sentamos em círculo e passamos uma pena de um para outro. Enquanto ela estivesse na sua mão, você devia dizer algo sobre si mesmo.

– É uma oportunidade de se encontrar – disse a líder, uma mulher chamada Martha com uma cabeleira revolta.

Meu Deus, como eu tentei encontrar o Rafe. Todo mundo era tão sério e agradável que eu não quis bancar o idiota. Por isso, quando a pena chegou a mim, falei:

– Achei que fôssemos tomar sorvete, mas, apesar de eu não ter uma casquinha de sorvete com gotas de chocolate branco, isso até que é legal.

As pessoas riram.

– Eu amo meu filho gay – acrescentei, e elas não riram mais.

Minha mãe me lançou um olhar que dizia “Vou matar você quando chegarmos em casa” ou “Comédia não é a sua praia, não é?”. Não sabia ao certo.

Ela continuou frequentando, mas eu não. Cerca de quatro meses depois, perto do outono, minha mãe chegou em casa uma noite e contou para mim e para meu pai que tinha uma notícia maravilhosa.

– Acabei de me tornar presidente! – gritou.

Devo informar que minha mãe às vezes se esquece de revelar detalhes importantes. Como quando falou que estava pensando em couro (era para o sofá) ou quando me deu um guardanapo para guardar “minhas bolinhas” (referindo-se às balinhas de canela que eu estava chupando na ocasião).

Então meu pai e eu esperamos um pouco e minha mãe enfim acrescentou:

– Da PPAGL!

Dei os parabéns a ela, mas sabia que talvez aquela não fosse exatamente uma notícia boa. Já não tinha gostado da primeira reunião, então isso significaria que eu teria que voltar lá?

Na verdade, era ainda pior. De repente, todas as conversas durante o jantar giravam em torno da opressão. Não acho que eu seja um garoto insensível. Chorei quando Oprah Winfrey foi presa em *A cor púrpura*. E cheguei a soluçar quando Sean Penn levou um tiro porque era gay em *Milk – A voz da liberdade*. Então você não pode dizer que não tenho empatia pelos oprimidos. Mas precisávamos mesmo conversar sobre isso todos os dias no jantar? Homofobia, heterossexismo, identidade de gênero? Sério?

Era como se mamãe fosse gay agora. Eu continuava o mesmo garoto do ano anterior. Ainda virgem. Ainda sem namorado. Ainda trocando mensagens com Claire Olivia até a uma da manhã quase sempre.

Será que eu tinha deixado passar alguma coisa? Por acaso haveria algum tipo de pacote de boas-vindas para quando você sai do armário? E será que minha mãe pegara o meu para ela?

Ela perguntou se eu queria sair do armário publicamente quando comecei o ensino médio. Bem, é claro, pensei. Quer dizer, como eu arrumaria um namorado se ninguém soubesse que sou gay?

Não sou idiota. Sei que esse tipo de coisa pode causar um supertrauma. Mas crescer em Boulder é como crescer dentro de uma bolha. Eu meio que sempre soube que ficaria tudo bem.

E ficou. Mamãe marcou uma reunião com o diretor da escola e a psicóloga, Rosalie. Nós quatro nos sentamos numa sala, e me senti uma aberração ali, com o diretor lançando um olhar exagerado para mim sempre que falava alguma coisa e a tal Rosalie, toda animada com o fato de eu gostar de rapazes, sorrindo como se eu fosse seu animal de estimação favorito.

Eles me contaram sobre a AGH e que havia políticas rígidas para lidar com a homofobia e o bullying. Mas não passei por nada disso. Eu falei sobre a minha homossexualidade para algumas pessoas, que contaram a outras, e lá estávamos nós, uma escola com gays e héteros, e ninguém morreu no processo.

Rafe,

Parece que você achou que assumir a homossexualidade era algo sem importância, mas sua mãe e o resto do mundo trataram isso como um acontecimento. Por que você acha que ela reagiu assim? Ainda este semestre vamos ler em sala um trecho do romance autobiográfico Um jovem americano, de Edmund White. Gostaria de saber o que você pensa sobre a opressão e sobre sair do armário depois disso.

— Sr. Scarborough

II

UMA TRADIÇÃO ANUAL NA NATICK era o Clássico de Outono, quando calouros e veteranos se enfrentavam em um jogo de softball num fim de tarde de sábado, em setembro. O direito de se gabar era um negócio muito sério na Natick. No ano anterior os calouros o tinham ganhado quando venceram os veteranos. As apostas eram altas, e eu tinha ouvido sobre o assunto a semana toda. Na sexta à tarde, Steve parou no meu quarto enquanto Albie e eu estudávamos.

– Ei, Rafe, como você foi no teste de cálculo? – perguntou, ignorando Albie.

– Tirei A menos – respondi. – Odeio cálculo.

– Eu também – disse ele. – Pode participar do nosso grupo de estudo se quiser. Zack é fera. É só passar algumas equações diferenciais para ver que ele é um gênio. De resto, é um idiota.

– Você é bem sincero – falei, e Steve sorriu.

– Exatamente. Ah, temos um ingresso extra para ver B.o.B em Boston. Quer ir?

– Hum, claro!

Ele abriu aquele sorriso incrível e perfeito dele, e senti minhas entranhas derreterem. Não que eu estivesse apaixonado por ele. Só adorava ser incluído. Ser escolhido.

– Então você vai treinar com a gente? Amanhã?

– Hum, sim, com certeza – respondi.

Fiquei com receio de mencionar que na verdade eu não tocava numa bola de softball desde que tinha uns 8 anos. E, mesmo naquela época, foi algo que fui obrigado a jogar até que as pessoas viram quanto eu era ruim e sugeriram: “Sabe, talvez você goste de futebol.”

– Você tem luva?

– Tenho, em algum lugar – foi minha resposta abafada.

Na garagem lá em Boulder, foi o que deixei de fora.

– Bem, vamos arrumar uma para você. Destro? – perguntou Steve.

– Canhoto.

– A gente combinou de se encontrar por volta das duas. Vejo você lá?

– Beleza.

– Beleza – disse ele, sorrindo.

Depois que ele saiu, Albie disse:

– Obrigado por perguntar, Steve! Tem sido um bom começo de semestre.

Ah, sim, esta camiseta preta é nova, valeu por notar!

Dei de ombros, sentindo-me mal por ele e me perguntando como aquilo poderia funcionar: ser um atleta popular que também gostava de andar com os nerds.



Fazia sol no sábado e os calouros – basicamente todos os garotos do futebol – atravessaram o terreno em direção ao campo. Nosso time estava muito bem entrosado. Tivemos quatro vitórias e um empate nos primeiros jogos, e parecia ser muito importante que vencêssemos no softball também. Durante a semana inteira ouvi estratégias que mal entendia – “Nosso quarto jogador do campo externo fica no centro”, “Vamos usar Kenny como rebatedor extra para tirar proveito do taco” – e agora isso tinha piorado, considerando que estávamos a caminho do jogo.

– Bryce na primeira base, Zack na segunda, Morris vai ser o *shortstop*, entre a segunda e a terceira – disse Steve. – Benny na terceira, Joey atrás da *home plate*. Eu vou arremessar. Para o campo externo... Rafe, você joga no campo externo? Você é rápido.

– Sim – falei. – Na direita.

– Ok. Rodriguez no centro, Robinson na esquerda. E Standish na quarta base. Kenny é o rebatedor extra.

Um garoto gorducho que eu quase sempre via no banco de reservas nos treinos de futebol assentiu. Percebi que ele estava feliz simplesmente por ter sido incluído no time.

Desfilamos pelo terreno, nos sentindo os donos do campus. Os calouros cumprimentavam humildemente ou desviavam os olhos enquanto passávamos.

– Quer dar uma aquecida? – perguntou Robinson quando chegamos ao campo.

Eu mal tinha falado com ele, apesar de termos o mesmo círculo de amigos e de o armário dele ser ao lado do meu. Ele tinha uma verruga na bochecha para a qual eu tentava não olhar e o traseiro mais peludo que eu já tinha visto. No vestiário, o pessoal costumava chamá-lo de Gorila. Ele não parecia se importar.

– Pode ser – respondi, vestindo a luva que Steve tinha me emprestado.

Era velha e esfarrapada, e fiquei pensando se conseguiria pegar a bola caso ela viesse para mim. Robinson caminhou pela grama e correu uns 3 metros para trás. Então jogou a bola na minha cabeça.

Ergui a mão e a abri, concentrado em parecer indiferente, e a bola pousou no ângulo da luva.

Robinson sorriu. Seus dentes da frente eram excepcionalmente grandes.

– Da próxima vez, tente sem o chute.

– Que chute?

Joguei a bola de volta para ele.

– Quando você pegou a bola, levantou o joelho direito. Estava se protegendo. A bola não vai machucar você.

Ele tinha uma voz grave, bastante viril. De certo modo, parecia mais velho.

Não percebi que tinha feito aquilo. Então, quando Robinson arremessou de novo, fiz de tudo para ficar parado. Até que, no último momento, me dei

conta de que não tinha erguido a mão com a luva. Quase não deu tempo de desviar a bola da minha boca.

Ele riu outra vez, a verruga balançando enquanto sua boca se mexia.

– Ou melhor, a bola não vai machucar você desde que a segure.

Tive que rir. Quer dizer, não sou nenhum idiota, mas esse coisa de arremessar e apanhar era como um músculo que eu nunca tinha usado. Corri, peguei a bola, que tinha ido parar a uns 3 metros, e a joguei de volta para ele, de lado. Era uma sensação boa.

– Você tem um bom arremesso – disse Robinson. – Não tem jogado muito softball, não é?

– A gente gostava mais de esqui – falei.

– Legal.

Enquanto fazíamos o aquecimento, vi Ben e Bryce conversando. Pensei em falar com eles, mas achei melhor não, porque pareciam sérios. Quando Steve nos chamou para anunciar a escalação, Ben segurou Bryce pelo ombro. Bryce tinha uma expressão aflita. Eu me lembrei de como ele estava na festa e me perguntei o que poderia fazer um garoto parecer tão chateado em um jogo de softball.

Começamos como o time que ataca. Pouco antes de Bryce ir para a primeira base, ele chamou todo mundo. Enquanto falava, mantinha os olhos baixos, no chão.

– Estou tendo um dia difícil – disse ele, quase num murmúrio. – Peguem leve comigo, ok?

Os garotos se entreolharam, como se não soubessem o que dizer. Tive vontade de assentir e falar *Claro, com certeza*, mas não quis chamar atenção. Olhei para Ben e tive a impressão de vê-lo dizendo algo incentivador. Mas acho que eu não era o único com medo de chamar atenção.

– Então tá... – disse Steve, como se Bryce fosse louco. – Claro, amigo.

Fiquei impressionado com o fato de as palavras serem todas positivas, típicas da Natick, como *Um por todos e todos por um*. Era o tipo de mentalidade de pensar primeiro no time que eu estava tão acostumado a

ouvir desses caras. Mas o tom de Steve significava muitas coisas, e nenhuma delas era boa.

Bryce pisou duro da mesma maneira que eu teria feito se alguém tivesse dito algo que me magoasse. Então Zack se dirigiu à *home plate*, e foi como se aquela conversa não houvesse acontecido.

Minha vez de rebater veio no primeiro *inning*. Os rapazes eram todos muito bons, sempre acertavam a bola no campo externo. Enquanto estava no círculo de terra onde podia me aquecer, tentei me lembrar da última vez em que tinha feito um *swing*... terceiro ano? Joey, nosso *catcher*, tinha rebatido antes de mim. Ele se apoiou na perna direita, observou o arco que a bola descreveu e então movimentou o taco com força, deslocando seu peso com um grande passo à frente. Eu era canhoto, então imaginei que só tinha que fazer tudo ao contrário. Joey fez um *out*, mandando a bola alta para a primeira base, e eu me apresentei.

– Ei, você precisa ir para a base – disse o *catcher* do time dos veteranos.
Corei.

– Eu sei – falei, olhando para baixo.

Havia um retângulo tosco desenhado em volta da base. Entrei ali e estendi o taco para me certificar de que alcançava toda a extensão da *home plate*. Alcançava.

Em seguida, o arremessador fez um lançamento. Quando a bola começou a descer, pensei em fazer o *swing*, mas eu teria que rebater sobre a cabeça, o que não parecia certo. A bola caiu direto na luva do *catcher*, na altura da cintura.

– Bola um! – gritou o árbitro.

– Legal – murmurei.

Então o cara arremessou um pouco mais baixo. Eu estava prestes a rebater, mas não fiz nada.

– Strike um!

O terceiro arremesso veio muito parecido com o segundo, e joguei todo o meu peso nele, dando um passo à frente e tomando um grande impulso.

Acertei! A bola bateu no taco e foi em direção à terceira base. Observei

por um segundo, vi que o jogador da terceira base baixava a mão, porque tinha sido uma rebatida rasteira, então lembrei que eu devia correr. Corri o mais rápido que pude. Fiquei concentrado na primeira base, imaginando que a bola provavelmente chegaria lá antes de mim e eu estaria fora.

Mas não. Cruzei a primeira base e olhei para a terceira. O defensor estava segurando a canela e se contorcendo no chão.

– Boa bola – disse o jogador da primeira base. – Acho que você matou nosso homem na terceira.

– Matei? – falei, corando de orgulho por ter de fato acertado a rebatida.

Corri em torno das bases quando o cara atrás de mim, Kenny, o rebatedor extra, mandou uma bola alta que passou pelo jogador da direita. Quando cruzei a *home plate*, os caras deram tapinhas no meu traseiro e um deles apertou meu ombro.

– Nada mau para alguém que obviamente nunca jogou softball – disse Steve.

Corei.

– Tão óbvio assim, é?

– Com certeza – disse ele. – Gostou da luva?

Apontei para Robinson, que tinha feito o aquecimento comigo. Ele estava parado ali perto.

– Ele é terrível, Steve – disse ele. – Ruim mesmo.

– Vamos trocar, então – decretou Steve. – Kenny, assumo a lateral direita, ok? Rafe fica como rebatedor extra.

Assenti, certo de que aquilo fazia sentido para alguém. Imaginei que eles me diriam onde ficar e eu obedeceria. De qualquer maneira, eu estava me sentindo o máximo.

Acontece que o rebatedor extra fica sentado no banco enquanto o restante do time está em campo. Kenny, cuja barriga o fazia parecer uma mulher grávida, me lançou um olhar furioso quando gingou para o campo externo.

– Veja se aprende, Colorado! – gritou. – Precisamos da sua velocidade em campo.

No terceiro *inning*, estávamos ganhando de 5 a 4 e tive outra chance na *home plate*. Fiquei um pouco empolgado. Rebati o mais forte que pude e a bola foi muito, muito alto. Só que não muito longe. O arremessador mal se mexeu e a pegou com facilidade.

Corri de volta para o banco, envergonhado por ter sido eliminado. Sentei ao lado de Ben e peguei minha garrafa d'água.

– Onde estão Albie e Toby? – perguntou ele. – Por que não vieram assistir ao jogo?

Eu ri, mas ele não. Achei que estivesse brincando, já que a probabilidade de os dois andarem com os atletas era quase a mesma de Kenny ser modelo de cuecas.

– Vocês pareciam estar se divertindo outro dia – disse Ben enquanto eu tomava um gole.

– A gente estava mesmo – falei, fazendo bochecho com a água. – Sei que eles são estranhos, mas são legais.

– Que bom – comentou ele, me surpreendendo.

– É. Acho que sim.

Ben despejou algumas sementes de girassol na palma da mão e as jogou na boca.

– O que vocês estavam fazendo, afinal?

– Ah, fomos ver uma mulher louca que estava correndo nua pela Bacon Street.

– Ah – disse ele, estreitando os olhos.

Ele tentava adivinhar se eu estava zoando, se eu tinha senso de humor.

– É verdade! Meio difícil de explicar. Teve rádio da polícia e cerveja.

– Claro – disse ele, e nós dois rimos.

Vimos Steve caminhar até a *home plate* e treinar alguns *swings*.

– E Toby?

– Toby o quê?

– Quis ver uma... mulher nua?

– Sob pressão – expliquei, e rimos outra vez. – Então, o que você acha deles?

Passei a garrafa na testa. Mesmo fazendo 21 graus, o tempo estava bem úmido.

– Diferentes – respondeu ele. – Albie é muito inteligente. Toby é gay. Você sabe disso, né?

– Ele me contou – falei. – Não vejo nenhum problema.

Ben assentiu.

– As coisas eram bem ruins para ele – disse Ben. – Os rapazes podiam ser muito cruéis. Quer dizer, não eu e Bryce, mas alguns dos outros, sim. Então, um cara gay veio aqui ano passado, para dar uma palestra no Dia da Diversidade. Ele jogava futebol americano na faculdade. Isso mudou tudo. De repente, todo o time de futebol passou a discutir sobre a homofobia como se fosse uma questão que sempre os preocupou, sabe? E Steve começou a almoçar com Toby algumas vezes por semana. Ele sempre o cumprimentava e se certificava de que não havia ninguém perturbando o cara. E ninguém perturbava mesmo.

– É uma atitude legal – comentei, com dificuldade de engolir. – Mas agora eles ignoram Toby por completo. E às vezes falam pelas costas dele.

Vimos Bryce fazer o *swing* e rebater uma bola alta para a terceira base e depois para fora.

– Sim, é verdade. Mas não por ele ser gay. Esse foi um grande assunto durante um jantar ano passado: poderíamos zoar alguém que é gay por outra coisa que não sua orientação sexual? Decidimos que sim.

Eu ri.

– Você está brincando, né?

– Infelizmente não – disse Ben enquanto Zack pegava uma rebatida no meio do campo. – Mas o que acaba acontecendo é que ninguém zoa Toby por ser gay, então tudo bem.

– É, tudo bem – concordei.

Mas estava pensando: *Não seria bom se vivêssemos num mundo em que ninguém achasse que ser gay fosse motivo para zoar?*

– E Toby teve sorte. O coordenador achou que um garoto

assumidamente gay talvez devesse ter seu próprio quarto, individual. Então ele ganhou um.

– Ah. Agora faz sentido ele não dividir o quarto com Albie – falei. – Bem, tudo está bem quando acaba bem.

– Ben, você vai rebater! – gritou Steve.

Ben se levantou e pegou o taco. Também me levantei e fui andando com ele.

– É. Claro que o Toby tem outras questões. Quero dizer, ele é meio sem noção – disse Ben.

Eu ia deixar para lá, mas decidi que, se conversar abertamente era comum na Natick, por que não tentar?

– Isso não é homofóbico? Tipo, um estereótipo? Como se todos os gays fossem excêntricos?

– Não, é um fato. Não tem nada a ver com ele ser gay.

– Ok, é que soou como algo homofóbico, tipo, o único garoto gay é meio sem noção – justifiquei, cruzando os braços.

– Precisamos de alguém na área do rebatedor! Vem, Colorado! – gritou Steve. – Vamos lá!

Recuei, mas não antes de Ben se inclinar na minha direção.

– No ano passado, o alarme de incêndio disparou no meio da noite. Era janeiro e estava congelante, então todos se agasalharam e saíram do alojamento enquanto verificavam as coisas na escola. E Toby apareceu de short e camiseta, com um arco e flecha, juro por Deus. Todo mundo o encarou, então ele disse: “Deve ter lobos aqui fora. Não vou sair nessa escuridão sem proteção.” O idiota quase congelou, e o Sr. Donnelly precisou furar a barreira e entrar para buscar uma calça e um casaco para ele.

Tentei pensar numa resposta. Não consegui. Ben percebeu e abriu seu grande sorriso bobo, com os dentes da frente um pouco tortos aparecendo de leve sob o lábio superior.

– Ok. Ele é meio sem noção – concordei, me permitindo retribuir o sorriso.

Sentei no quinto *inning* e, no sétimo, entrei quando estávamos ganhando

por um *home run*, com dois corredores na base. Meu coração estava saindo pela boca e, enquanto me aproximava da *home plate*, dizia a mim mesmo: *Não estrague tudo. Não estrague tudo.*

– Manda ver, garoto! – gritou Steve, e ouvi o time batendo palmas para me incentivar.

Respirei fundo, entrei na área do rebatedor e ergui o taco.

O primeiro arremesso foi perfeito, bem por cima da *home plate*, e me concentrei o máximo que pude para fazer um bom *swing* e não mandar uma bola alta como a última. Rebatí bem e suave, e a bola saiu do meu taco de um jeito que não tinha acontecido antes. Virei todo o corpo com o movimento e, em seguida, comecei a correr quando a bola passou pela luva do arremessador.

Ela foi para o campo de fora, quicando na grama bem em frente ao jogador externo central, que mergulhou na direção dela. Ele a pegou quando quicava baixo e a jogou com toda a força para a *home plate*. No entanto, era tarde demais. Eu estava na primeira base, Ben na terceira e Standish, do outro lado da *home plate*, o que nos dava uma vantagem de 9 a 7.

Eu podia sentir os aplausos nos ossos, nas articulações, aquela reverberação. Abri o maior sorriso.

– Sensacional, Colorado! Sensacional! – gritou Steve.

Quando o nosso tempo terminou, voltei para o banco observando as últimas rebatidas do time dos veteranos. Eles conseguiram pôr um corredor na primeira base, depois alguém sentou e o jogador seguinte entrou, e de repente estávamos a um *out* de ganhar, com um corredor na segunda base.

O cara que foi para a *home plate*, pelo que eu lembrava, não era tão bom assim. Ele tinha rebatido para fora uma vez e, em outra, lançara uma bola fraca para a terceira base. A gente ia vencer e eu participaria da comemoração, e esse universo alternativo que eu havia escolhido não podia ser melhor nem mais surpreendente.

Steve arremessou. O cara olhou a bola quando ela atingiu o ápice, então começou seu movimento.

Ele rebateu um *soft ground* para Steve, no monte do arremessador. Steve pegou a bola com a luva, virou-se e lançou baixo para Bryce, que esperava na primeira base.

Foi como se tudo acontecesse em câmera lenta.

A bola parecia ter ficado minutos no ar. Vi a concentração e o desespero no rosto de Bryce como se ele estivesse bem ao meu lado, e não do outro lado do campo. Era quase como se eu pudesse sentir o gosto do suor que escorria na testa dele.

A bola se encaixou na luva, e Bryce moveu de leve a mão, como se tentasse fechá-la. Mas seus músculos devem ter entendido errado o comando, pois ele puxou o braço para trás em vez disso. A bola saltou da borda da luva, e observei que Bryce ficou de queixo caído: parecia não entender como aquilo tinha acontecido.

A bola caiu no chão, o corredor cruzou a primeira base e o banco do outro time explodiu em aplausos – eles ainda tinham uma chance.

Steve caminhou até a primeira base encarando Bryce. Não dava para ver a expressão dele, já que estava virado para o outro lado. Bryce baixou a cabeça e Steve se ajoelhou e jogou a bola para cima, como um professor que arranca a prova de um aluno que foi pego colando. Então voltou para o monte do arremessador resmungando sozinho. Os outros jogadores do nosso time gritavam com Bryce, e foi a primeira vez que vi uma rachadura na fachada de união desde que chegara à Natick.

Ben era o único que não estava berrando. Ele permaneceu na terceira base, de braços cruzados e cabeça baixa.

O rebatedor seguinte fez uma *double play*, correndo para marcar 9 a 8 para nós. O seguinte lançou uma bola alta para a direita. Kenny não teve a menor chance quando ela passou sobre sua cabeça. Dois *runs* marcados no *home run*, e os veteranos venceram por 10 a 9.

Todos ficaram em silêncio enquanto arrumávamos nossas coisas. A decepção era palpável, como se andássemos com um peso nas costas.

– Você só precisava fechar a mão – disse Rodriguez por fim. – Bastava

fechar. A gente ia ganhar. Qual é o seu problema? Não consegue fechar a mão? Precisa de uma nova ou algo assim?

– Agora vamos ouvi-los se gabar durante o ano inteiro – continuou Steve. – A culpa é sua, Bryce. Não foi a gente que perdeu. Foi você.

Percebi que havia ali dois rótulos mais importantes que quaisquer outros na Natick: o vencedor e o perdedor. Por que eles levavam isso tão a sério? E por que eu não estava nem aí?

Observei Bryce, que parecia não apenas aflito, mas arrasado, como alguém que tivesse acabado de saber que os pais tinham morrido.

– Deixem Bryce em paz – disse Ben, com a voz trêmula. – É só um jogo.

Bryce foi embora carregando a bolsa com o taco pendurada no ombro e de cabeça tão baixa que seria preciso um guindaste para erguê-la. Ben o seguiu, e me senti mal, com vontade de ir com eles, mas fiquei com medo de perder minha posição com Steve. Então continuei arrumando minhas coisas e caminhei de volta para o alojamento em silêncio com os meus companheiros de equipe, que pareciam estar perdidos na ideia de uma comemoração que nunca chegou a acontecer.

12

NA NOITE DAQUELE DIA, depois do jantar, enquanto Albie e Toby jogavam rádio-pongue e eu lia sobre a formação dos subúrbios nos Estados Unidos durante a década de 1950 para a aula de história de segunda de manhã, um sinal do rádio da polícia chamou minha atenção.

– Pode repetir? – pediu uma voz masculina.

– Homem negro desorientado, do lado de fora da Escola Natick – informou uma voz feminina. – Podemos enviar um carro para verificar a situação? Câmbio.

– Eu cuido disso – disse uma voz masculina; depois ouvimos estática.

– Que maravilha! – gritou Toby, ficando de pé num salto e derramando Red Bull no tapete.

Albie o segurou pela camisa.

– Devagar, detetive Pollard – avisou. – Está tarde. Não quero perder o toque de recolher. Além do mais, parece arriscado.

Toby pôs as mãos nos quadris.

– Racista! – rebateu. – E não sei quem é esse tal detetive Pollard de quem você falou. Eu sou Ryan Giles, famoso repórter policial... com bigode.

Então ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou de lá um bigode falso, que prendeu sobre o lábio superior.

– Você tem um bigode falso no bolso? – perguntei.

Ele assentiu, como se fosse absolutamente normal. Albie não disse nada, então percebi que talvez ele também tivesse um. Com certeza.

– A gente não vai – afirmou Albie. – Agora fique aí sentado e beba seu Red Bull.

Toby se sentou, mal-humorado, com os braços cruzados sobre o peito,

como se fosse um garotinho a quem tinham negado algodão-doce no parque.

– Deve ser um aluno da Joey Warren. Talvez ele tenha nadado no lago Dug. Ele pode ter achado que nadou de volta e estava em Joey, e agora se sente desorientado porque o campus está todo diferente – disse Albie.

– Ele é um espião – começou Toby. – Seu disfarce é... Bem, ele está desorientado só para disfarçar.

– Ahã – zombou o outro. – Tenho certeza de que ele se disfarçou de negro, já que vemos TANTOS negros na Natick que ele nem poderia ser encontrado.

Eu não prestava muita atenção à discussão. Minha mente estava fervilhando. E se fosse Bryce? Ele parecia bem para baixo no jogo. Não era preciso ser um gênio para somar dois mais dois. Pedi licença e corri para o quarto de Ben e Bryce. Bati à porta.

– Ah, oi – cumprimentou Ben.

Ele vestia um roupão de flanela vermelha, pijama de moletom, chinelos e usava óculos de aro preto. Se a idade dele não estivesse tão na cara e ele não fosse forte como um caminhão, podia muito bem parecer um professor de inglês de meia-idade.

– Oi. – Eu remexia as mãos e não conseguia encará-lo. – Hum, por acaso o Bryce está aí?

– Não – disse ele. – Na verdade, estou meio preocupado.

Dava para ver os vincos ao redor dos olhos dele.

– Você sabe que temos um rádio da polícia, né? Acabei de ouvir algo sobre um homem negro desorientado perto da Natick.

Fiquei me perguntando se parecia racista relacionar o episódio a Bryce. Mas na mesma hora Ben saiu pelo corredor, de roupão e pijama. Eu estava atordoado demais para ir atrás dele. Olhei para o meu relógio. Eram 22h45 e o toque de recolher de sábado à noite soaria em quinze minutos. Com sorte, Ben poderia encontrar Bryce – se é que era mesmo ele – e levá-lo de volta ao alojamento dentro desse tempo, sem falar que não precisaria envolver a polícia.

Fiquei parado na soleira da porta por um momento e depois entrei no quarto. Ben e Bryce tinham deixado o cômodo mais confortável, aconchegante. Havia uma escrivaninha iluminada por uma luminária antiga, como se tivesse saído de um antiquário. Sob a luz estava um exemplar aberto de *Folhas de relva*, de Walt Whitman. Era de Ben, calculei. Diante da mesa, em vez de uma cadeira de madeira simples, havia uma acolchoada, com espaldar alto. Na parede ao lado, havia uma ilustração de Escher, aquela com uma escada no terraço, onde homens encapuzados descem e sobem aos pares, e parece que poderiam fazer isso eternamente. Na parede oposta, sobre a mesa de Bryce, havia uma foto de Albert Einstein.

Sentei-me na cadeira acolchoada. De veludo. Confortável. Senti um leve cheiro de alho, mas não era de todo desagradável.

Cinco minutos depois, Ben voltou, sem fôlego, parecendo aterrorizado.

– Ele não está na biblioteca. Nem em lugar nenhum do campus. Não sei o que fazer. Me ajude a pensar no que fazer – pediu.

– Ok, ok – falei, levantando e andando pelo quarto. – Aonde você acha que Bryce pode ter ido? Ele parecia muito chateado depois do jogo.

– Bem, e você não estaria? Ele deixou a bola cair, pelo amor de Deus. Não matou ninguém! Os caras o fizeram se sentir um lixo. Pior do que lixo.

– Não precisa me dizer isso – respondi, na defensiva. – Foi horrível a forma como o trataram.

Ben pareceu reconsiderar.

– Mas é pior do que isso.

– Pior?

– Se eu contar uma coisa, você promete...

– Cem por cento – falei. – Pode confiar em mim. Eu prometo.

Ele engoliu em seco e respirou fundo.

– Bryce tem problema de depressão.

– Ah. Faz sentido. Como ele estava na festa... – comentei.

Ben assentiu.

– Ele tem mesmo um problema e detesta tomar os remédios. Diz que o fazem se sentir estranho. Enfim, no verão, quando foi para Rhode Island,

seus pais o levaram a um médico e ele foi diagnosticado. Não fiquei surpreso, porque eu já o conheço há alguns anos e sei que ele pode ficar bastante mal. Mas tem sido diferente este ano. De um jeito assustador.

Ele sentou na cadeira e eu na cama dele.

– Algumas noites atrás, ele ficou ali sentado na cama, olhando para o mesmo ponto na parede por horas. Eu acordei e lá estava ele, ainda olhando. Fui para o lado dele e nada, nenhuma reação. Falei que ia chamar a enfermeira da escola, e ele me implorou que não fizesse isso. Tinha receio de que o internassem. Esse é o maior medo dele. Fiquei na minha, mas ainda acho que talvez devesse ter pedido ajuda. E então teve o jogo, e isso... isso não é nada bom, Rafe. Nada bom mesmo. Estou realmente assustado.

– Ok. Bem, vamos procurá-lo.

Ben olhava pela janela.

– Não acabou – disse ele. – Bryce já tem duas advertências. Perdeu o toque de recolher duas vezes. As duas em fins de semana. Simplesmente ignorou o toque de recolher às onze horas e só chegou por volta da uma da manhã. E, como você deve saber, na terceira advertência você está fora. O treinador Donnelly avisou que da próxima vez ele seria suspenso, ou pior.

Olhamos para o relógio na mesa de Ben. Eram 22h56.

– Merda – falei.

– É – concordou Ben. – E ele tem um carro. Pode estar em qualquer lugar.

– Vamos lá. Tenho uma ideia – sugeri, me levantando e levando Ben para fora do quarto.



– Então ele está em algum lugar, talvez confuso, e por isso perdeu o toque de recolher, ou talvez esteja em apuros – expliquei a Toby e Albie.

– Deveríamos apenas avisar o Sr. Donnelly – disse Albie, seco.

Percebi que ele não estava à vontade com Ben no quarto. Acho que, para Albie, ele era simplesmente mais um atleta.

– Isso é muito sério para a gente se envolver.

– Ele pode ser expulso – disse Ben. – Não vamos contar a Donnelly de jeito nenhum.

– Olhe – começou Albie –, me desculpe. Bryce é um cara legal. Mas não vejo como isso tem a ver comigo. Com a gente.

Todos ficaram calados. O constrangimento era palpável. Assim como a estática do rádio.

Toby olhava pela janela, como se estivesse perdido em pensamentos.

– Ele é como eu – falou, quebrando o silêncio.

Ele ainda estava com o bigode falso.

Ben e eu nos entreolhamos. Ergui uma sobrancelha e Ben balançou a cabeça.

– Bryce não é gay – afirmou. – Eu o conheço muito bem, e definitivamente não é. Às vezes ele não cansa de falar sobre as garotas. Pode até ser chato.

Toby franziu a testa.

– O que eu quero dizer é que ele é diferente, como eu. Ele é diferente, e isso pode ser muito depressivo. De verdade. – Toby se virou para Albie: – Lembra o que aconteceu na última primavera?

Albie assentiu solenemente.

– Poderia ter sido eu. Eu estava, tipo, tão perto de fugir daqui, e isso não é nada engraçado.

Consideramos aquele raciocínio por um momento. Pensei no que o Sr. Scarborough tinha me perguntado: se o ato de sair do armário era grande coisa ou não. Ouvir sobre como até Toby se sentira deprimido por ser diferente me fez perceber que sair do armário talvez fosse algo mais importante do que eu pensava. Para todo mundo.

– Que merda – disse Ben. – Desculpe.

– Bem, ser diferente por aqui não é exatamente mel na chupeta – revelou Toby, imprimindo um pouco de veemência à voz.

– Mel na chupeta? Quem põe mel numa chupeta? – perguntou Albie.
– Cale a boca, Albie – rebateu Toby.
– Cale a boca você – respondeu ele. – E calce os sapatos. Temos uma missão a cumprir.



Escapar da ala leste não foi tão difícil. Donnelly, além de ser inimigo da gramática e ministro da desinformação na Natick, era notoriamente negligente com a segurança e de vez em quando deixava a porta da frente destrancada após o toque de recolher ou não programava o alarme, coisas assim. E todo mundo sabia sobre a janela do banheiro do primeiro andar. Foi bem fácil abri-la. Desde que você não se importasse de cair em cima de um arbusto nem de se enfiar no arbusto para se içar de volta, não seria um problema.

Toby foi primeiro, já que era o único de nós que realmente tinha feito aquilo antes. Ben não costumava quebrar regras, eu era novo na escola e Albie... bem, Albie teria ficado feliz de passar todas as noites de sua vida no nosso quarto ou na sala de TV. Além do mais, Toby era ágil, então não tinha problema para entrar e sair pela janela. Também achei muito fácil. Ben ajudou Albie pelo lado de dentro, e Toby e eu o pegamos do lado de fora.

Quando chegamos lá fora, contornamos as luzes e fomos para o estacionamento. Estava frio dentro de Soneca. Ben e eu sentamos no banco de trás e Albie ficou na frente com Toby, o bigode falso pendurado em seu rosto.

Albie ligou o motor, optando por deixar os faróis apagados até sair do estacionamento. Mas não tínhamos ideia de aonde poderíamos ir.

– Conheço a lanchonete favorita dele – disse Ben. – Funciona 24 horas.
– Parece um bom lugar para começar – falei.

Toby apertou o bigode com os dedos, como se estivesse analisando a

situação.

– O repórter criminal Ryan Giles acha que precisamos desenvolver um plano secreto...

– Cale a boca! – gritei. – Qual é o seu problema? Estamos procurando uma pessoa de verdade.

Toby retirou o bigode e o guardou de volta no bolso.

– Desculpe.

– Tudo bem – respondi. – Também gosto de brincar, Toby, mas vamos levar as coisas a sério por alguns minutos, ok?

– Claro – disse ele. – Isso foi idiota. Estúpido. Sou um retardado.

– Já chega – interveio Albie. – A gente te ama. Você não é um idiota.

– Isso mesmo – repeti. – Você é amado.

Assim que falei isso, fiquei imaginando se Ben ia me julgar. Mas, quando olhei para ele, os vincos na sua testa revelavam que ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Ben nos guiou até a Sparky's, uma lanchonete no centro de Natick. Estacionamos na rua principal, saltamos do carro e entramos. Estava muito barulhento lá dentro. A jukebox tocava uma balada antiga, e alunos do ensino médio conversavam em grupinhos nos reservados. Deviam ser da Joey Warren.

Toda vez que eu via alguém de pele negra, meu coração pulava, esperando que fosse Bryce. Nunca era. Ben verificou o banheiro, mas voltou sozinho. Bryce não estava ali.

Dirigimos em silêncio pelas ruas movimentadas do centro de Natick à procura de algum sinal dele. Nada.

Olhei o relógio. Eram 23h20.

– O que vamos fazer agora? – perguntei.

Ninguém sabia o que responder.

– Bryce gostava de ir a Boston – comentou Ben.

Mais uma vez mergulhamos no silêncio, finalmente quebrado por Albie:

– Vocês tentaram o celular dele?

– Não atendeu – respondeu Ben, mordendo o lábio.

– Porque Boston é uma cidade grande – continuou Albie.

– Eu sei – disse o outro, chateado. – Eu sei. Não vai dar certo. É que voltar agora significa desistir. Quero dizer, ele está aqui fora, em algum lugar.

– Acho que a gente deveria ir... – começou Albie, esperando que alguém completasse, para que ele não precisasse dizer aquilo.

– Eu diria à polícia e depois ao hospital – completou Ben, com a voz cheia de medo.

Pus a mão no ombro dele e apertei. Parecia a coisa certa a fazer. Ele não pareceu se incomodar, então a deixei ali por alguns instantes, apenas para que ele soubesse que eu me importava.

O policial com quem falamos na delegacia não sabia nada sobre um tal de Bryce Hixon ter sido pego. Dirigimos para o hospital e paramos na emergência, cada um se perguntando o que era melhor: encontrá-lo lá ou não.

– Não posso dar esse tipo de informação – disse a mulher na recepção, olhando para cada um de nós como se alguém pudesse entender.

– Por favor. Ele é nosso amigo, estamos preocupados – pedi.

Ela apertou os lábios e foi nesse momento que eu soube que havia algo errado.

– Vocês não têm um supervisor no alojamento? – perguntou ela, com o rosto preocupado. – Falem com ele.

Meu coração disparou. Olhei para Ben e abri a boca, mas nada saiu. Eu não tinha dito nada que indicasse onde estudávamos. Apenas demos o nome de Bryce.

Ela sabia de alguma coisa. Balancei a cabeça, agradei e saí correndo em direção ao estacionamento. Dava para ouvir os outros me seguindo.

Pulamos no carro e, em silêncio, Albie acelerou de volta para a escola. Parecia que estávamos no meio de um pesadelo. Eu nem conhecia Bryce direito. Bryce. Pobre Bryce.

Albie apagou os faróis, entrou no estacionamento e parou o mais

silenciosamente possível antes de desligar o motor. Nós nos esgueiramos até os fundos da ala leste, o sereno da noite arrepiando nossos pelos.

– Por que não usamos a porta da frente? – disse uma voz.

Olhamos para cima, e lá, nos holofotes, estava o Sr. Donnelly.

13

O SR. DONNELLY NOS CONDUZIU de volta à ala leste pela porta da frente e continuou andando em direção ao seu quarto, que também servia de escritório. Quando entramos, ele fechou a porta atrás de si e apontou para o sofá de tecido verde antiquado. Nós quatro nos amontoamos e esperamos, nervosos, o que estava por vir.

– Uma mulher me ligou do hospital dizendo que quatro rapazes tinham saído à procura de um amigo – disse ele, sentando-se atrás de sua mesa, do outro lado do cômodo. – Nunca mais façam isso. Nunca. Não quero nem saber como vocês saíram. – Então continuou: – Bryce está no hospital, mas vai ficar bem. Ele teve o que chamam de episódio depressivo grave. Em termos leigos, depressão. – Senti que Ben se remexia ao meu lado no sofá, e o Sr. Donnelly prosseguiu: – Bryce saiu do campus e estava confuso quando a polícia o encontrou. Em outras palavras, ele não parecia entender as regras da escola e, quando perguntaram se oferecia risco para alguém, ele respondeu: “Só para mim mesmo.”

Ben respirou fundo.

– Então ele deve ficar em observação. Os médicos vão examiná-lo e definir o que fazer em seguida. Mas, na minha opinião, acho que ele não vai voltar para cá. É uma tragédia terrível, ainda mais para o time de futebol.

Eu quase podia sentir Ben querendo atacar Donnelly. Como pode um adulto, ainda mais um professor, achar que podia dizer aquilo aos amigos do garoto?

– Tudo o que sei é que os pais dele estão a caminho. Aposto que devem levá-lo de volta para Rhode Island.

– Por que você não me avisou? – Ben explodiu. – Por que não foi lá e me contou? Sou o melhor amigo dele.

– Eu tentei, Carver – respondeu Donnelly. – Por volta de onze e meia. Ninguém abriu. Bati em outros quartos, mas ninguém sabia onde você estava. Sei que não é do tipo que foge, então imaginei que ia acabar aparecendo. Logo depois, ligaram do hospital.

– Sinto muito – falei. – Foi ideia minha. Ouvimos no rádio da polícia...

O Sr. Donnelly me lançou um olhar estranho.

– Vocês ouvem o rádio da polícia?

Albie levantou a mão, culpado, e o Sr. Donnelly abriu um leve sorriso.

– Bem, vocês poderiam se meter em problemas muito piores do que ouvir o rádio da polícia no quarto. Não é um delito passível de punição. Mas, por favor, rapazes, usem o bom senso.

– Podemos ir agora? – perguntou Toby.

O Sr. Donnelly assentiu.

– Por favor, não aprontem de novo. Vocês não são do tipo que causa transtornos. Apenas prometam que não vão fugir mais, ok?

Nós prometemos. Subimos as escadas em silêncio e paramos no meu quarto. Toby fitou Ben, que tinha o olhar perdido, e disse:

– Sinto muito sobre Bryce. E me desculpe por ter sido tão idiota. Às vezes eu não penso no que faço.

Ben assentiu.

– Tudo bem – falou. – Obrigado.

Albie abriu a porta e ele e Toby entraram. Fiquei parado do lado de fora.

– Vou ficar mais um pouco, se não tiver problema.

Olhei para Ben.

– Claro – disse ele. – A companhia pode me fazer bem.



Fomos para o quarto dele e meu coração disparou outra vez. E se eu dissesse algo errado e ofendesse Ben? Mas então me acalmei. Eu já estava na Natick

havia três semanas e nada desastroso tinha acontecido até o momento. Talvez eu só precisasse de autoconfiança.

Ben se deixou cair na cama e eu me sentei no chão, de frente para ele. Peguei uma meia largada ao meu lado e comecei a puxar o elástico, distraído, até que percebi o que estava fazendo. Ergui os olhos para verificar se Ben me flagrara brincando com a meia (provavelmente suja) de um estranho. Ele estava olhando e meio que sorria de novo.

– É divertido?

– No Colorado, eu costumava fazer isso no sábado à noite. Ia à lavanderia, roubava meias avulsas de secadoras diferentes e as levava para casa, para esticá-las. É como se fosse meu passatempo favorito.

Ben se levantou com um pulo, foi até o frigobar, pegou dois isotônicos cor de laranja e jogou um para mim. Eu estava morrendo de sede por ter corrido a noite toda, então abri a garrafa e tomei um longo gole.

– Bryce e eu costumávamos misturar essas coisas com vodca – disse Ben. – Ele chamava de *screwdriver* de plástico. Acho que porque parece mesmo o coquetel, só que o suco de laranja não é, sei lá, natural.

Fiquei sentado.

– Você tem...

– Hum. Acho que Bryce tem. Se ele voltar, posso me explicar para ele.

Ben atravessou o quarto e procurou embaixo da cama de Bryce, puxando outra meia perdida, igual àquela com a qual eu estava brincando.

– Ele chamava essas meias de órfãs. Quando dobrava a roupa, sempre falava que encontrar os pares certos era como jogar Mahjong.

Peguei e examinei a meia que eu havia segurado.

– Queria ter conhecido Bryce melhor. Ele parecia divertido.

– Era mesmo – disse Ben, puxando uma garrafa de vodca de baixo da cama. Estava apenas um quarto vazia. – É. Dolorosamente divertido. Como se fosse divertido demais para as pessoas daqui.

Ele encheu minha garrafa, que estava pela metade, até que ficasse três quartos cheia.

– Você é meio assim também – falei, enquanto tampava a boca da

garrafa e a sacudia.

Ben bebeu o isotônico até quase a metade e, em seguida, encheu com vodca.

– Eu ouço mais do que falo, sou mais plateia do que comediante.

Tomei um gole da bebida, que estava muito boa. Gostei de como a doçura suavizou o amargor da vodca. A verdade é que eu não curto muito beber. Só quando preciso. Para me encaixar em algum grupo.

– *Screwdriver* de plástico bom – falei, com um estranho sotaque russo.

Ele tomou um gole e concordou, com um sotaque tão ruim quanto o meu:

– *Screwdriver* de plástico muito bom.

Então Ben me contou tudo sobre Bryce, sobre como ele conseguia imitar perfeitamente quase todos na escola.

– Ele me imitava? – perguntei.

– Não, ainda não. Mas, se tivesse tido um pouco mais de tempo, tenho certeza de que imitaria.

Estremeci, tentando imaginar como seria.

Terminamos nossas garrafas, e Ben, já ligeiramente embriagado, pegou mais dois isotônicos. Bebemos até a metade e completamos com vodca. Dessa vez, fizemos um brinde. Puxei uma cadeira e ele se deitou na cama, de bruços. Quando falou, ergueu a cabeça e olhou para mim.

– Você não ia acreditar em como ele sabia imitar bem o treinador Donnelly – disse Ben.

Eu ri, imaginando.

– Corra o mais rápido que puder – disse ele, tentando sem sucesso soar como Bryce provavelmente soava ao imitar Donnelly. – Como os franceses na Guerra Civil, quando fugiram dos gregos em todo o caminho de Charleston para Nashville.

– Sabíamos que a única forma de atacar o Eixo era atacando as praias da Normandia – retruquei.

Ben começou a rir mais alto do que eu já tinha ouvido, e percebi que era

por causa da vodca. Isso me fez rir mais também; minha cabeça já começava a sentir os efeitos.

– Pegar Saddam Hussein foi um erro. Deveríamos ter ido atrás do Hitler. Ele era o verdadeiro perigo – disse Ben.

– Sim. E os iranianos, quando bombardearam Nagasaki.

Tivemos um acesso de riso: Ben rolava na cama e eu apoiava a cabeça nas mãos. Ficamos gargalhando até chorar. Meu peito começou a doer, e tive que respirar fundo para recuperar o controle.

Ben enxugou os olhos com as costas da mão.

– Eu deveria ter dito algo hoje à tarde – comentou.

A mudança foi tão brusca que me pegou de surpresa, e precisei me esforçar para não rir de novo.

– Não, não – falei. – Você não fez nada errado.

– Mas também não fiz nada certo – rebateu ele. – Nunca vou me perdoar por isso. Se Bryce não voltar, nunca vou me perdoar.

Então Ben começou a chorar de verdade, e eu estava tão bêbado que fiz o que qualquer bom amigo faria: fui até a cama, passei os braços em volta dele e o abracei enquanto ele chorava no meu ombro.

– Bryce é meu melhor amigo. Por dois anos, foi ele quem tornou este lugar suportável. O que vai acontecer?

– Ele vai ficar bem – respondi, mesmo sem ter certeza se era verdade ou não. – Ele vai ficar bem. Ele vai voltar, sei disso.

– Eu só... Bryce era a pessoa mais gentil que já conheci. No ano passado, quando meu tio morreu, Bryce foi ao enterro. E não só para se livrar das aulas. Quero dizer, ele realmente queria estar lá por mim, para ter certeza de que eu ficaria bem. Eu era bastante próximo do meu tio, sabe? Próximo mesmo, e Bryce foi lá por mim.

– Ele parece um grande amigo – falei.

Ben fungou no meu ombro, ainda me abraçando. Ele tinha cheiro de manteiga, álcool e alho, e a combinação me derreteu por dentro. Com o nariz enfiado na camisa dele, me dei conta de que nunca tinha conversado com um cara daquele jeito.

– Por que não fiquei do lado dele?

– Pela mesma razão que eu não fiquei. A gente estava com medo.

Ben pareceu considerar aquilo e o fungado diminuiu. Continuamos abraçados. Eu estava meio bêbado, Ben também, e não havia nenhum problema com isso.

– Você é um cara muito legal, Rafe. Eu estava errado. Você não é como os outros garotos.

– Você acha? – perguntei.

– Eu sei – disse ele.

– Obrigado.

– Acho que gosto mais do Rafe que vi hoje à noite com Albie e Toby do que daquele que vi no futebol e na festa. Desculpe se isso o magoa.

Mantive o rosto contra seu cabelo castanho curto, a sobrancelha contra sua orelha.

– Não magoa – falei. – Também gosto mais desse Rafe.

Então soltei Ben e voltei para a cadeira. Parte de mim ficou aliviada, porque, por mais que eu gostasse de estar abraçado com ele na cama, aquilo começou a parecer meio íntimo demais.

Terminamos de beber nossos *screwdrivers* de plástico e logo eu estava bocejando. Olhei para o relógio. Eram 3h17.

– Está tarde demais para mim – falei. – Hora de dormir.

Então Ben se sentou e se inclinou na minha direção.

– Não quero dormir sozinho esta noite – comentou, meio engrolado.

Fiquei me perguntando quão bêbado ele estava e quanto daquilo era cena. De qualquer forma, meu coração disparou.

– Isso é meio... Não sei – respondi. – Quero dizer, a cama é pequena...

Ele recomeçou a gargalhar.

– Na cama do Bryce, seu louco!

Eu ri e assenti. Claro, eu poderia dormir lá. Fui para a cama de Bryce, tirei a calça e me enfiei debaixo das cobertas. Era estranho estar sob as cobertas de outra pessoa. Dava para sentir o cheiro de Bryce, o leve toque almiscarado de seu suor.

- Boa noite – falei.
- Obrigado por ficar, amigo – disse ele.
- Não é nada, amigo.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte III

Não sou do tipo que acredita em destino, que tudo acontece por uma razão ou que temos almas gêmeas, qualquer coisa assim. Quero dizer, se Deus existe e todo mundo tem uma alma gêmea, por que nem todos a encontram? Será que Deus põe algumas almas gêmeas em outro país, só para ser cruel? E, se nem todas as pessoas têm uma, qual é a razão para isso? O que elas fizeram para deixar Deus tão irritado? Acho que as coisas acontecem, e elas apenas tentam descobrir por que e... *voilà!* Destino e almas gêmeas.

Escrevo isso porque definitivamente nunca achei que Clay fosse minha alma gêmea. Ele era apenas um cara decente que podia ter sido um namorado razoável.

Eu o vi pela primeira vez do lado de fora da sala de química. Tínhamos começado o período escolar havia cerca de um mês e eu nunca o vira na aula. Fui o último a sair naquele dia porque precisei fazer uma pergunta ao Sr. Stanhouse sobre a prova seguinte. Quando cheguei ao corredor, lá estava Clay, um garoto quieto, de aparência despretensiosa, com cabelo castanho-claro e algumas espinhas no queixo e na bochecha esquerda. *Um nerd*, pensei. Olhei para ele, e Clay acenou com a cabeça.

– Oi, Rafe. Você é bom em química, certo?

Dei de ombros.

– Acho que sim.

– Pode me ajudar? Não entendo nada da matéria.

Fiquei confuso. Clay queria que eu o ajudasse ali, imediatamente? A outra aula começava em quatro minutos.

– Claro...

Ele pareceu aliviado.

– Eu poderia ir até a sua casa.

– Ah – comentei, como se tivesse levado um beliscão. – Certo. Ok.

– Obrigado.

Ele desviou os olhos, e então os notei. Cor de avelã, talvez? Um nerd fofo. Ele usava

uma camisa Lacoste verde curta demais e um jeans genérico sem cinto. Péssimo gosto para roupas, nem um pouco estiloso, mas fofo. Definitivamente não era de se jogar fora.

– Hum, quando? – perguntei.

– Hoje?

Eu sabia que parecia meio estranho, mas fiquei curioso como quando você se interessa ao ver que um amigo do Facebook que você mal conhece comenta uma foto aleatória do seu álbum. Você percebe que ele tem prestado mais atenção em você do que você nele, e quer saber por quê.

– Pode ser, eu acho – respondi. – Hum, qual é o seu nome?

Ele baixou os olhos.

– Clay.

– Oi, Clay.

– Oi.



Na hora do almoço, eu o vi outra vez, sentado a uma mesa com outros rapazes, todos com cara de nerd. Bati no ombro da Claire Olivia.

– Disfarça – comecei. – Você conhece o garoto de camisa verde da mesa dois, atrás de nós, à sua direita?

A boa e velha Claire Olivia se virou imediatamente para o lado oposto, olhou para três mesas atrás e fez de tudo uma grande cena, de modo que, se alguém estivesse nos observando, pensaria exatamente que eu tinha lhe pedido para olhar alguém dessa mesa. Ela sempre fazia isso. Despistava e então focava discretamente a pessoa que eu havia mencionado.

– Nunca o vi antes. Talvez o garoto mais comum da história da Rangeview.

– Foi o que pensei – falei.



Clay foi até a minha casa naquela tarde. Minha mãe estava lá e ficou bastante surpresa ao vê-lo comigo. Ou eu andava com Claire Olivia ou não andava com

ninguém. Ela ergueu uma sobrancelha quando fomos para o quarto, e tive vontade de dizer: POR FAVOR. SEJA. NORMAL. Pelo menos uma vez.

Eu nunca tinha levado um garoto para o meu quarto. Clay sentou à escrivadinha e eu expliquei os três tipos de radioatividade. Ele estava bem próximo de mim, o nariz perto do meu. Dava para ouvir sua respiração no meu ouvido. Foi tudo um pouco surpreendente.

Foi quando eu senti.

Um dedo. Tocando a minha perna de leve.

Continuei falando sobre como alfa perde dois prótons e dois nêutrons, como se o dedo dele não estivesse na minha perna. E acho que ele gostou disso, porque continuou fazendo perguntas, como se o dedo dele não estivesse na minha perna.

Ninguém nunca havia me tocado desse jeito antes e, embora minha boca ainda estivesse se mexendo, eu me senti sob uma onda, como se houvesse água por todos os lados, além do frio e do barulho. Era quase ensurdecedor o barulho que nós dois fazíamos não falando sobre aquilo, e adorei a tontura que isso causava.

Mas não chegamos mais longe. Foi apenas uma sessão de estudo e, quando acabamos, o dedo foi embora e fingimos que nada tinha acontecido. Perguntei de que matérias ele mais gostava, e Clay revelou que queria ser engenheiro.

E eu pensei tipo: *Um engenheiro pedindo ajuda em ciências para o aluno bom em redação?* Foi quando admiti que Clay tinha vindo com um propósito específico em mente, e esse propósito era pôr um dedo na minha perna por doze a dezoito minutos. E eu definitivamente não via problema nenhum naquilo.

– Você acha que vai precisar de ajuda de novo? – perguntei.

– Sim.

– Legal.

Rafe,

Bom trabalho ao nos apresentar Clay (e Claire Olivia) sem revelar muito! Teria sido fácil dizer que Claire Olivia é boa com as palavras ou que Clay é estranho, mas você consegue demonstrar tudo isso por meio de ações e diálogos. Na sua opinião, a autoexpressão se torna mais fácil quando se está fora do armário? Você acha que isso ajudaria Clay?

– Sr. Scarborough

14

ESPEREI QUE ALBIE ARRUMASSE A mochila e fosse para a biblioteca para só então ligar para minha mãe. Era muito difícil evitar o assunto de minha sexualidade com ela, então não precisaria me preocupar com a forma como tudo soaria para ele também.

– Oi, mãe.

– Querido! Como você está? Como é Massachusetts? Você está gostando da escola? Está fazendo amigos?

– Calma, uma pergunta de cada vez, por favor – falei. – Estou bem. A escola é legal. Totalmente... diferente de Boulder. De um jeito bom.

– Isso é fantástico, Rafe. Fantástico. Mal posso esperar para ir aí!

– Ah, isso seria hilário.

O tom de minha mãe mudou.

– Querido, você sabe que o fim de semana dos pais não é este, mas o próximo, certo? Você realmente achou que não iríamos?

– Ah, sim – comentei. – Hum, é, não, eu pensei mesmo que vocês viriam.

– Rafe, você mente muito mal.

– Está bem, eu não sabia.

Apoiei a testa na escrivaninha, com a boca longe do telefone, para dizer um “merda” inaudível, mesmo estando sozinho no quarto.

– Bem, agora você sabe – disse ela. – Estamos loucos para ver você.

– Você conseguiria reembolso das passagens?

– Querido! Acha mesmo que permitiríamos que você estudasse do outro lado do país e não iríamos ver como você está? Queremos ter certeza de que você não fugiu com o circo. Nós vamos, Rafe. Conte com isso.

Apoiei a cabeça na mão esquerda, segurando o telefone com a direita.

– Estou brincando, mãe. Estou ansioso para ver vocês.

– Bem, é melhor que esteja. Não quero que seu pai enfie na cabeça que você precisa passar por um pouco de constrangimento.

– Mãe! Por favor. Por favor, diga que vai trazer a coleira dele.

– Nunca saio de casa sem ela. Agora me diga, quem são esses seus novos amigos? Já arranjou um namorado?

– ...

– Querido?

– Mãe... – falei baixinho.

– Talvez a comunicação *seja* muito mais difícil quando você não está fora do armário, como disse o Sr. Scarborough, porque senti que precisava escolher cada palavra cuidadosamente.

– O que foi? É uma pergunta normal.

– Não estou procurando um namorado, mãe.

– O que parece uma decisão estranha... numa ESCOLA SÓ PARA GAROTOS! Quero dizer, qual é, querido, com quem você acha que está falando? Você sabe, quando seu pai e eu fomos para Oberlin, bem... Ah, pelo amor de Deus. Você sabe que pode conversar comigo.

– Você não vai querer saber.

– Bem, agora que você falou isso, eu quero, Rafe. Quero saber. O que está acontecendo? – Eu podia ouvir um tom cortante na voz de minha mãe.

– Mãe, eu não sou gay em Natick.

– Você é... hétero?

– Não.

– Bi? Curioso? Transgênero?

– Pare com isso, mãe. Eu só não sou gay.

– Só não é gay – disse ela, como se lesse algum item estranho no cardápio.

– Isso.

– Mas você ainda é gay.

– Claro.

Ela ergueu um pouco a voz, o que não era comum para minha mãe:

– Eu NÃO acho que esta seja uma situação que peça esse tom

debochado. Não estou entendendo. Entrou de novo no armário?

– Não exatamente, mãe. Só não contei a ninguém.

Era mais como se eu estivesse na porta do que dentro do armário, pensei.

– Seamus Rafael. Pelo amor... Isso é estar no armário, querido. Você já passou por isso. Por que passaria de novo?

– Estar no armário é quando você não se assume – argumentei, me levantando e indo até a cama. – Não estou dizendo nem uma coisa nem outra.

Ela suspirou.

– Parece que você está mentindo, querido.

– Omitir não é mentir.

– E o que vai acontecer quando você tiver um amigo próximo?

Eu deitei, liguei o viva-voz e coloquei o alto-falante ao lado da minha cabeça.

– Já tenho – respondi, pensando em Ben. – E não vou contar para ele.

– Por que você faria isso? – Ela parecia irritada.

– Estou cansado disso. Estou cansado de ser o garoto gay. Não quero mais isso para mim. Eu só quero ser, tipo, um garoto normal.

– Ah, querido. Não existe isso de garoto normal.

Fechei os olhos.

– Você não entende.

– É verdade. Não entendo, então me explique, Rafe. Devo ter me perdido.

Respirei fundo.

– Em Boulder, quando as pessoas me viam, elas viam o garoto GAY. Era como se eu sempre precisasse ser lembrado de que era diferente.

– Ah, meu amor... – disse minha mãe, com a voz cheia de compaixão, do jeito inigualável de Opal Goldberg.

– Quando eu ia aos treinos de futebol na Rangeview, sabia que eles não conversavam sobre meninas na minha frente porque era esquisito me ter por

perto. Você sabia que, na aula de história, a Sra. Peavy me pediu a perspectiva gay do movimento dos direitos civis?

– Tenho certeza de que a Sra. Peavy só estava tentando apoiá-lo – comentou minha mãe. – Sem dúvida você poderia ter dito a ela como se sentiu por isso. Aliás, poderia ter dito a qualquer pessoa. É a primeira vez que ouço uma coisa dessas.

– Mas isso faz parte do que estou falando. Era como se eu fosse muito especial, meus sentimentos fossem muito especiais. Eu queria sofrer um pouco sem que mamãe aparecesse na escola para me socorrer.

– Bem – disse minha mãe, com a voz aguda.

– Eu sei, mãe. Você é incrível. Papai é incrível. Eu só... só queria algo diferente, só isso. Quero que as pessoas me enxerguem como eu sou.

– Você não tem a menor ideia da sorte que tem, não é?

Fechei os olhos.

– Sim, eu tenho.

– Não tem, não. Se tivesse nascido dez anos mais cedo, teria sido dilacerado ao assumir que é gay.

Suspirei.

– Eu sei, mãe...

– Vinte anos atrás, talvez fosse obrigado a abandonar a escola. As pessoas seriam agressivas com você.

– Eu sei, mãe... – repeti, no mesmo tom.

– Agora você pode ser exatamente quem é, seus amigos amam você por isso, todos parecem respeitá-lo, e você joga tudo fora – disse ela, com a voz carregada de emoção. – Eu não consigo entender você, Rafe. Não entendo por que está fazendo isso.

– Bem, acho que você não precisa entender – falei.

– Essa é a sua resposta?

Suspirei.

– Eu só... Você não compreende. Se é tão diferente ser gay nos dias de hoje, se eu sou um caso assim *tão novo*, então como você pode querer entender o que se passa dentro de mim?

Ela ficou em silêncio por um momento.

– Bem, não tenho resposta para isso, Rafe. Mas não gosto.

– Sinto muito, mãe. Era o que eu queria fazer.

– E quando nós formos visitá-lo?

Eu me sentei.

– Você vai ter que respeitar minha escolha. Desculpe, mas vai.

– Ah, não. Não, não e não – disse ela, com certo tremor na voz. – Não estou gostando nada disso, Rafe. Você quer que eu também volte para o armário! E seu pai. Como pôde não pensar nas consequências?

– Por que preciso pensar em como vocês vão reagir ao que eu faço ou não da minha vida?

– Rafe, isso é muito infantil da sua parte! – Ela quase gritou. Era tão incomum ela levantar a voz que uma parte de mim gostou de irritá-la.

– Ok, se esse é o rumo que esta conversa vai tomar, mãe, é melhor desligar – falei, mantendo a calma.

– Rafe, você esperava me contar isso e depois ficar tudo bem?

– Não esperava nem contar nada a você.

– Uau. Estou tão... decepcionada. Não sei direito como reagir.

– Você não precisa reagir a nada. Basta ser minha mãe.

– Ser a mãe do Rafe hétero, você quer dizer – disparou ela, sem rodeios.

– Por que preciso ser rotulado de um jeito ou de outro?

Ela suspirou, ainda parecendo irritada.

– Isso se chama heterossexismo, querido. Você costumava dar palestras sobre esse assunto nas escolas, lembra? Você é hétero a partir do momento que não se assume gay.

– Ok. Então, sim. Você é a mãe do Rafe hétero se tiver que me classificar de alguma forma.

Houve um longo silêncio.

– É que eu ODEIO isso, querido. Odeio. Mas se é isso que você deseja, vou falar com seu pai. Vamos tentar fazer o melhor que pudermos. Mas, por favor, não me culpe se a gente estragar tudo. Não somos perfeitos, você sabe.

– Estou contando com vocês – falei. – Preciso que tentem o máximo

possível. Por favor.

- Argh. Vamos dar o nosso melhor. É tudo o que posso prometer.
- Obrigado, mãe. Você é a melhor. De verdade.
- Sabe, estou começando a achar que sou mesmo.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte IV

Foi Claire Olivia, e não minha mãe, quem me convenceu a frequentar o Abertamente.

Um dia, depois da aula, estávamos na The Laughing Goat, uma lanchonete legal na Pearl Street, o tipo de lugar que anuncia com orgulho que os guardanapos são 100% feitos de cânhamo reciclado. Claire Olivia estava falando sobre um garoto da nossa escola, Willy. Ele era mórmon e vinha de uma grande família bastante ortodoxa. O pai dele esperava que Willy usasse aquela roupa de baixo especial dos mórmons e partisse numa missão de dois anos quando completasse 19 anos. Willy era um grande artista, incrível na pintura e coisas assim. Também era legal. Porém, definitivamente não fazia o tipo lenhador. Ele nunca usaria flanela e ficaria ridículo com um machado na mão.

Claire Olivia estava contando que ele começou a chorar do nada na sala de aula. Acontece que, na noite anterior, o pai de Willy o encontrara num site emo. Nem era algo gay; apenas música emo e bate-papo. Mas o pai dele ficou furioso e ameaçou “acabar com essa coisa maldita”. Ele disse que, se Willy entrasse no site de novo, seria enviado para um lugar chamado Exodus, um acampamento da igreja onde transformavam caras como Willy em “homens de verdade”.

Como eu falei, nem era algo gay. Mas isso me fez pensar nas dificuldades que alguns garotos enfrentam na família. No meu caso, eu poderia aparecer como a Lady Gaga vestida de Chapeuzinho Vermelho que minha mãe apenas diria: “Como foi o seu dia, querido?” Não é o que acontece com a maioria dos garotos.

Contei a Claire Olivia que minha mãe tivera a ideia de eu entrar nesse grupo e dar palestras nas escolas de ensino médio sobre o que era ser gay, tornando-me, assim, um bom exemplo. Os olhos de Claire Olivia se iluminaram.

– Ah, meu Deus, Shay Shay, você tem que fazer isso – disse ela. – Você se sairia muito bem.

Talvez eu tenha me rendido aos elogios, mas isso foi o bastante para mim. Eu me candidatei. Minha mãe ficou tão orgulhosa que começou a chorar ao me dar o e-mail da mulher com quem eu devia entrar em contato.

O treinamento de que participei durou três sábados. Aprendi a falar para grandes grupos, a me certificar de não dizer nada que pudesse ser um problema para o Abertamente e a lidar com as perguntas sobre gays. De certo modo, você se torna especialista nessas questões, pois acaba conhecendo várias estatísticas. Tipo, você sabia que as crianças LGBT são 8,4 vezes mais propensas a tentar suicídio do que as crianças hétero? Sabia que metade das crianças LGBT são rejeitadas pelos pais? Que 20 a 40 por cento dos adolescentes que moram na rua dizem que são gays, lésbicas ou transgêneros, e que metade deles já se prostituiu para se sustentar? Bem, foi esse tipo de coisas que aprendi, e o fato de não me identificar com nenhum desses problemas fez com que me sentisse o cara mais sortudo do mundo.

A primeira escola que visitei foi a Niwot, que fica cerca de vinte minutos ao norte de Boulder. Minha mãe me levou de carro e ficou sentada no fundo do auditório enquanto eu falava.

– Como foi contar a seus pais? – perguntou uma menina loura com uma presilha de borboleta no cabelo.

– Bem, meus pais são horríveis, então... Ah, oi, mãe – falei. – Minha mãe está aqui, então não vou poder contar os detalhes sórdidos.

Houve risos educados entre a plateia.

– Minha situação é meio incomum – expliquei. – Quero dizer, minha mãe e meu pai sempre conversaram comigo sobre como algumas pessoas eram hétero e outras eram gay, por isso eles não ficaram chocados quando contei. Eles levaram numa boa.

Um garoto, de uns 15 anos, levantou a mão. Lembro que eu estava sorrindo, pensando em como era bom manter um tom leve e bem-humorado. Um pouco de humor ajudava os heterossexuais a lidar com as questões gays.

– O que você faria se, tipo, tivesse um amigo... e seu amigo fosse gay? E os pais dele fossem... Bem, os pais dele não gostassem de gays de jeito nenhum e dissessem que o deserhariam se ele fosse gay?

A sala ficou em silêncio. Então eu compreendi. Vi em seu rosto cansado e triste. E de repente me senti mal por ter agido como se não tivesse tanto problema ser gay, quando tinha, sim, para outros garotos.

O que eu queria dizer para ele era: *Seja forte. Nunca deixe a luz dentro de você se apagar, porque não vai ser fácil, e provavelmente vai piorar antes de melhorar.* Mas eu não podia dar esse conselho a um garoto que estava falando de “um amigo”. Então, em vez disso, respondi:

– Apoio externo. Diga ao seu amigo que procure grupos de jovens, ou uma linha de apoio, para que ele possa conversar com alguém. E seja um bom amigo para ele. Por favor. Ele precisa de bons amigos.

O garoto assentiu, inexpressivo, e voltou a se sentar. Não me lembro do que mais aconteceu nesse dia, a não ser de como minha mãe e eu ficamos em silêncio durante a maior parte do caminho de volta para casa. Em certo momento estendi a mão e segurei a dela, e pude sentir as lágrimas escorrendo pelo seu rosto, sem nem precisar olhar.

Rafe,

Muitas coisas boas neste texto! Fiquei emocionado. Não apenas pelo garoto que fez a pergunta, mas porque sinto dor na sua escrita. Isso significa que você fez um bom trabalho ao descrever a cena e não apenas contar sobre ela. Ao mesmo tempo, é curto. Você poderia ter falado mais? Há momentos em que você prefere evitar a exposição quando poderia ter se mostrado mais? Dê uma olhada no parágrafo em que escreve "E de repente me senti mal por ter agido como se não tivesse tanto problema ser gay". Quais outras escolhas você poderia ter feito lá e como elas mudariam o texto?

— Sr. Scarborough

15

- HOJE QUERO FALAR UM POUCO sobre respeitar e compreender as diferenças – disse o Sr. Scarborough ao se sentar na beirada da mesa e olhar para a turma, cruzando os pés com mocassins.

Ele tinha se tornado meu professor favorito, e eu passava muito tempo livre na sala dele, conversando apenas sobre escrita.

– Tenho certeza de que vocês estão tristes pelo colega Bryce Hixon, que não está mais na escola com a gente. Agora, o que ando ouvindo pela escola é que Bryce sofria de depressão. Certo. Mas quero falar sobre o elefante invisível na sala. Bryce é negro. Quantos outros alunos negros há nesta turma?

Todo mundo olhou em volta. A resposta era óbvia.

– Nenhum – respondi.

Ele assentiu.

– Muitas vezes aqui na Natick conversamos sobre não fazer distinção de cores. Mas só por um momento quero que vocês pensem como seria ser o único negro da sala. A não distinção de cores seria uma coisa boa ou ruim?

Mais uma vez permanecemos em silêncio. Ouvimos apenas os pés se arrastando, nervosos.

– Depende – sugeriu um garoto no fundo da sala.

– Claro. Depende – disse Scarborough. – Que mais?

– A Natick é um lugar muito tolerante – disse Steve, em tom cortante.

– Ah, uma palavra interessante. Tolerante. O que *tolerante* quer dizer?

– Significa que toleramos – disse Steve, sem entonação. – Aceitamos as pessoas.

– Na verdade, tolerância e aceitação são duas coisas diferentes. *Tolerar* implica algo negativo a ser tolerado, não é? Mas e *aceitação*, o que é?

Pensei nisso. Lembrei o trecho de *Um jovem americano*, de Edmund White, que o Sr. Scarborough tinha mandado ler. White falava da estranha tolerância que seus colegas de quarto lhe dedicavam no colégio interno, na década de 1950. Lembro que sublinhei a palavra *tolerância*. Quer dizer, se você aceita alguma coisa, aceita como ela é. A tolerância é diferente. É pior. Então a aceitação estaria no topo da pirâmide? É isso que todo mundo quer, no melhor dos mundos? Aceitação? Pensei um pouco sobre o assunto. Não parecia certo.

Ninguém disse nada.

– A *aceitação* também tem algo de negativo, não tem? – questionei por fim.

Scarborough olhou para mim.

– Sim! Fale mais sobre isso.

Meu rosto ficou vermelho. Eu sabia que todo mundo estava olhando para mim. Não queria me destacar nessa conversa, mas eu realmente tinha algo a acrescentar. Segui em frente:

– Bem, se você precisa aceitar alguma coisa, significa que ela não é como deveria ser, certo? Você aceita algo como é.

– Não – retrucou alguém lá no fundo. – Você é aceito na faculdade. Isso não quer dizer que você não é como deveria ser. Ridículo.

– Não é ridículo – disse Scarborough. – Preste atenção. É uma acepção ligeiramente diferente da palavra. E, ainda assim, as faculdades aceitam alunos que, do contrário, seriam rejeitados. A aceitação é uma afirmação de que você é bom o suficiente.

Ficamos em silêncio. Olhei em volta. Vários garotos, inclusive Steve, pareciam anotar o que estava sendo dito e eu quase ri. *Isso não vai cair em um teste, idiotas. Escutem. Parem de se preocupar em decorar coisas que nem entendem.* Olhei para Scarborough e percebi que ele também observava isso. Dava para ver que o silêncio era ainda mais decepcionante para o professor. Sua expressão era triste. Então ele me flagrou olhando e tentou disfarçar o mais rápido possível. Fiquei me sentindo bem ao saber que eu não era o único preocupado com a falta de curiosidade intelectual da turma.

– É difícil ser diferente – disse Scarborough. – E talvez a melhor resposta não seja tolerar diferenças, nem mesmo aceitá-las, e sim celebrá-las. Talvez essas pessoas que são diferentes se sentissem mais amadas e menos... bem, toleradas.

Os alunos continuavam a escrever. Olhei para Scarborough, pensando: *Isso nunca vai funcionar com este grupo*. E dane-se se ele não olhou para mim nem suspirou.



Enquanto eu caminhava de volta para a ala leste depois da aula, notei algo pelo canto do olho. Um lampejo de cor perto das árvores. Quando você atravessa o terreno em direção ao dormitório, o bosque fica à esquerda. Há algumas trilhas no bosque, e todo mundo sabe que alguns garotos vão lá para fumar maconha. Uma vergonha. E muito arriscado na Natick: se você for pego com maconha, será expulso. Simples assim.

Virei a cabeça, e o que vi me surpreendeu. Era Robinson, saindo do meio das árvores. Ele estava meio andando, meio correndo em direção à ala leste, olhando de um lado a outro para verificar se alguém o observava. Ele me viu e, embora não tenha exatamente congelado, diminuiu o passo e olhou para baixo, como se isso de alguma forma o fizesse parecer menos culpado. Quase acelerei para alcançá-lo e dizer algo como “Peguei!”, mas eu não o conhecia bem o bastante para brincar com algo que poderia ser sério. E não achava que ele era do tipo maconheiro.

Então fingi que não tinha visto ou que não me importava, o que até era verdade. O que ele fazia era problema dele. Apenas continuei andando, quase 50 metros atrás dele. Mas, cerca de um minuto depois, notei outro movimento pelo canto do olho e, dessa vez, o que vi meio que era problema meu: Toby saindo da mata e andando em direção ao prédio onde ficavam as salas de aula, de onde eu estava vindo. Ele não me viu.

Toby e... Robinson? Sozinhos no bosque? Robinson era o namorado misterioso de Toby? A ideia me fez rir. Robinson, o atleta? Robinson, o Gorila? Não podia ser. Robinson era, tipo, a escolha mais estranha, mais aleatória. Não que eu estivesse surpreso com o fato de que ele talvez fosse gay ou bi. Muitas pessoas que você nunca imaginaria gay ou bi na verdade são. Eu sabia disso, todo mundo sabia disso. Mas... Toby e Robinson? Sério?



A caminho do jogo com a Exeter, nós tínhamos quatro vitórias, duas derrotas e dois empates. E íamos perder para eles. Sempre perdíamos. A questão era: de quanto?

Bem, sem Bryce, de 6 a 1.

Pela primeira vez comecei como meia-esquerda. Eles tiveram que remanejar Rodriguez para a posição que Bryce ocupava. O meia-esquerda precisa ser rápido e estar em forma, e deve levar a bola para a frente e passá-la para os jogadores de ataque.

Eu não era ótimo, mas também não era ruim. Não acho que tenhamos perdido por minha causa. A equipe de Exeter é super-rápida e forte, e não conseguimos acompanhar.

– Ouçam, pessoal – disse o treinador Donnelly depois do jogo. – Não costumo elogiar uma derrota. Ainda mais por cinco gols de diferença. Mas devo dizer que vocês mostraram garra hoje. Como equipe, temos uma garra e tanto, e, de modo geral, isso é resultado do esforço de vocês.

Ben e eu caminhamos para o vestiário juntos depois disso.

– Estou muito preocupado com toda essa garra que temos – falei.

– Eu também – disse Ben enquanto mantinha a porta do vestiário aberta. Fomos atingidos pelo cheiro de suor. – Provavelmente podemos consertar isso nos esforçando menos e relaxando mais.

– Sim. Deveríamos enviar isso para as revistas médicas. Salvaremos

vidas.

Nos chuveiros, foi tudo calmo. A derrota deixou muitos rapazes desanimados, inclusive Steve, que, como atacante, tinha mandado mal em seu trabalho. Então nos ensaboamos e enxaguamos em silêncio, ouvindo o barulho da água batendo nos azulejos.

Eu havia me acostumado a tomar banho no canto, pois podia me virar para a parede se ficasse tímido. Tomar banho no meio parecia perigoso, sobretudo porque havia a possibilidade de eu ficar excitado com todos aqueles corpos à minha volta. Não aconteceu ainda, mas não dava para saber, especialmente porque tinha começado a pesar o fato de não ter um quarto só meu para “resolver as coisas”. Imaginei se estocar sêmen poderia impactar a minha saúde, positiva ou negativamente, como deixar o cabelo mais brilhante ou ganhar peso.

– Ei, Steve, você ficou com a Melody? – perguntou alguém, talvez Zack, mas não tive certeza por causa do barulho dos chuveiros.

– Cale a boca – disse Steve. – Por que você quer saber? Está a fim dela?

– Pode ser – respondeu Zack. – Ela é muito gostosa.

– Então, sim, fiquei. Sai fora.

Todo mundo começou a rir. Zack molhou o cabelo e sacudiu a cabeça como um cachorro, molhando todo mundo. Eu não vi muito sentido nisso, já que estávamos no chuveiro. Pensei em perguntar a Ben depois sobre esse fenômeno. Ele vinha se tornando uma fonte muito boa para longas discussões filosóficas sobre todas as coisas menos do que brilhantes na Natick.

– Pare com isso, imbecil – pediu Steve, limpando dos olhos a água que respingara dos cabelos de Zack. – Robinson está pegando alguém. Nunca mais ficou com a gente. Tem uma garota por aí?

– Tenho – disse Robinson.

Meu rosto corou, constrangido por Robinson. Imaginei que ele estivesse se referindo a Toby. Se fosse o caso, ali estava alguém que de fato mentia sobre si mesmo. Será que ele sentia que precisava mentir? O que ele achava que aconteceria se seus amigos Steve e Zack soubessem sobre ele e Toby? E

por que ele não aproveitou para sair do armário no ano anterior, depois da palestra sobre diversidade sexual do jogador de futebol? Olhei para ele, e foi como se eu pudesse enxergar o seu interior, dentro da sua caixa torácica, todos os músculos intrincados, as veias, os ossos e o coração que todo mundo tinha. Será que sentiu seu coração apertar? Fiquei com pena dele.

– Cara, eu não ia gostar de ver essa sua bunda peluda em movimento – comentou Steve, mexendo os quadris para a frente e para trás, o que, devo admitir, não foi ruim de ver.

Todo mundo caiu na gargalhada. Robinson ficou quieto. Não teve reação nenhuma.

– Zack precisa comer alguém – continuou Steve. – E Amber, que tal?

– Amber é uma vagabunda – respondeu Zack.

– Maravilha – disse Standish. – Será que ela transa comigo?

– Não – disse Zack.

Era costume conversar sobre as meninas da Joey Warren. No entanto, nas festas de fim de semana os rapazes do time de futebol ficavam num canto da sala, observando todo mundo de um jeito formal e desconfortável, até que finalmente uma das meninas quebrava o gelo e ia falar com um deles. E aí era como se o início desconfortável da festa nunca tivesse acontecido.

– Amber é aquela menina em quem o Colorado quase vomitou? – perguntou alguém.

Muitos risos. Fiquei feliz por estar sob a água quente, pois dessa forma eles não me viam corar.

– É – disse Zack. – Ela se inclinou para beijá-lo e ele tipo... bléééé!

– Tirou o corpo fora – disse Steve. – Boa, Colorado.

– Eu só queria ajudar – comentei.

– Você não estava a fim dela? – perguntou Standish. – Ela é muito gata.

– Eu tinha bebido demais – respondi.

– É verdade. Tive que levar o Colorado lá para cima ou ele ia desmaiar sobre o próprio vômito – disse Steve, levantando o braço para lavar a axila.

– Você tem namorada?

Passei o verão inteiro pensando nesse momento: quando enfim me perguntariam se eu tinha namorada. Já decidira dizer que não. Afinal, nem todos os heterossexuais têm namorada. Eu apenas contornaria a questão e continuaria sendo um deles, só que ouviria mais do que falaria. Um seguidor. O caladão.

Mas, ali entre meus colegas de time, o silêncio se tornou ensurdecedor. Comecei a sentir como se, a cada segundo que me mantinha calado, toda a minha vida na Natick fosse sendo arruinada. E eu não podia deixar isso acontecer. Às vezes, a realidade obriga você a mudar um pouquinho os planos.

– Tenho – respondi.

– Na sua cidade?

– Sim. Claire Olivia – respondi, trincando o maxilar.

– Ah, é. Você leu algo sobre ela na aula de inglês – disse um dos caras.

– Ela é gostosa? – quis saber Steve.

– Incrivelmente – falei, virando-me para a ducha.

– Ela chupa você? – Mais uma vez foi Steve quem perguntou.

Não respondi. Olhei para Ben, que definitivamente estava cuidando da própria vida. Notei que ele não participava dessas conversas bobas, quando o assunto girava em torno de garotas. Eu gostava de ser parte do time de futebol, mas preciso admitir que preferia mil coisas a essa parte, quando falávamos das mulheres como se fossem apenas objetos. Tentei imaginar como seria se ser homossexual fosse a regra e todos fôssemos gays. Será que também trataríamos os homens como objetos?

Minha mente estava muito barulhenta. Os pensamentos eram rápidos e altos, e enfiei a cabeça sob a água quente, tentando lavar tudo.

– Cara, você deve sentir falta disso. Por que você foi embora? – perguntou Steve, por alguma razão tomando meu silêncio como um sim.

– Uma boa faculdade – falei. – Quer dizer, provavelmente vou poder pegar alguém em Harvard ou Yale, certo?

– Puta merda – disse Steve. – Aquelas garotas de Harvard são demais.

– É, como se alguma garota de Harvard fosse dar atenção a um idiota

que nem você – rebateu Zack, e todos riram.

Eu ri também, porque pelo menos não era mais sobre mim.

Olhei de novo para Ben. Ele percebeu e revirou os olhos. A princípio achei que estivesse me julgando, que sabia o que eu estava fazendo. Mas então percebi que ele revirava os olhos para a conversa e sorri, grato por ter um amigo que não me obrigava a ser quem eu não era.



Mais tarde, quando liguei para Claire Olivia, fiquei me sentindo como se tivesse mostrado fotos dela nua para os rapazes. Parecia que eu tinha ultrapassado um limite. Mas não havia como lhe explicar isso, então corri em outra direção.

– Minha mãe está me deixando louco.

– O que foi agora, Shay Shay? Ela mandou para você aquelas fronhas de cânhamo?

– Não, ela desistiu disso. Mas agora cismou que vem me visitar no fim de semana dos pais, e você sabe como ela vai me fazer passar vergonha. Ela vive para isso. Ela e meu pai.

– Ah... Pais! Eles são os piores – disse ela.

– Totalmente.

– Então, como vão os namorados?

– Inexistentes. Passo o tempo todo estudando.

– Como está o Ben?

Eu tinha mencionado meu novo amigo algumas vezes e contara a ela sobre quando saímos para procurar Bryce. Falei de como depois ele chorou no meu ombro e me pediu para dormir lá. Não revelei que vinha pensando muito em Ben, porque isso causaria todos os tipos de perguntas e eu não estava pronto para conversar sobre o assunto – o fato de Ben não saber que eu sou gay, por exemplo.

– Acho que você está apaixonada por ele – respondi, rindo.

– Eu também. Talvez eu esteja apenas com ciúme por ele ser eu.

– Isso não faz sentido – respondi.

– Ele meio que é sua melhor amiga, ou melhor amigo, tanto faz. Mas também acho muito bacana o fato de que héteros e gays podem se dar bem. Ele parece... legal.

– E é mesmo – falei.

– Sabe, você não me contou uma única palavra sobre a Aliança Gay-Hétero ou sobre como é a situação dos gays aí. Meio estranho – disse ela.

– Não estou focado nisso – respondi.

E era verdade.

– Ok, que seja. Só quero deixar registrado que, se você se tornar um monge celibatário ou algo assim, vou exigir fotos suas vestido com aqueles hábitos que eles vão fazer você usar.

– Não vou virar nenhum monge – rebati. – Se bem que alguns daqueles hábitos são muito bonitos.

Ela riu.

– Por que o Sabe-o-Caleb não pode ser menos filho da puta e mais parecido com você?

– É um dos mistérios do universo – falei. – Por que todos os gays não podem ser exatamente iguais para que Claire Olivia não precise se adaptar?

– Você é um idiota.

– Eu te amo!

Ela riu outra vez.

– Também te amo, Shay Shay. Mal posso esperar para vê-lo. Você vem para o Dia de Ação de Graças, né?

– Claro.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte V

No meu primeiro ano na Rangeview, dois veteranos do time de futebol se vestiram de Shakira e Beyoncé para o Dia das Bruxas. Um deles usava uma blusa que mostrava sua barriga peluda e ficava rebolando na cara das pessoas. O outro usava argolas enormes e um vestido vermelho apertado. Foi uma histeria. Então, no segundo ano eu tive uma ideia. Pedi que minha mãe me levasse a um brechó, onde compramos uma minissaia de couro e uma calça legging preta. Ela me arrumou de manhã, antes de eu ir para a escola, e meu pai não conseguiu parar de rir quando descí as escadas como uma roqueira dos anos 1980, com uma guitarra de plástico idiota pendurada. Eu não estava exatamente bonito. No máximo, parecia uma sapatão.

Mas tudo ficou esquisito quando cheguei à escola. Os alunos me viam e logo desviavam o olhar, como se percebessem algo delicado e secreto a meu respeito. Na aula de história, a Sra. Peavey usou a minha fantasia para falar sobre Stonewall, o grande motim em que drag queens lutaram com policiais em Greenwich Village, em Nova York. A rebelião acabou se tornando o início do movimento pelos direitos dos homossexuais.

– Quando Rafe veste essa roupa, ela atinge as pessoas em dois níveis – disse ela à turma.

Todo mundo olhava para mim e de repente eu era uma roqueira de rosto vermelho, desejando estar em qualquer outro lugar do mundo.

– É divertido e, ao mesmo tempo, lembra o importante papel que as drag queens desempenharam no movimento pelos direitos dos gays.

Eu queria dizer: *Hum, na verdade eu não sou uma drag queen. Drag queens personificam mulheres. Espere, eu sou uma drag queen?* Nem eu sabia mais. O que eu sabia era que de repente todo mundo estava olhando para a minha roupa como se fosse uma declaração política ou uma prova de que, no fundo, eu queria ser mulher. Nada divertido.

Quando os dois garotos do futebol usaram roupas femininas, tenho certeza de que

ninguém os chamou de drag queens. Lembro que, naquele dia, durante o almoço, um garoto da mesa ao lado perguntou ao amigo se ele já tinha visto os dois atletas travestis.

Drag queen. Travesti. São duas coisas muito diferentes, eu acho. E, ao que parece, um gay assumido só pode ser a primeira.

Foi um dia muito estranho. Definitivamente nunca mais vou fazer isso de novo.

Algumas semanas depois, após um jogo de futebol na Gateway, uma escola enorme em Aurora, Jordan Kemp se aproximou no vestiário.

– Oi, Rafe – disse ele, com a cabeça baixa.

Jordan e eu provavelmente só tínhamos trocado duas palavras até então. Os olhos dele estavam muito próximos, do mesmo jeito que os olhos das pessoas com problemas mentais muitas vezes ficam juntos demais um do outro.

– Oi. Bom jogo – comentei.

Jordan tinha marcado dois gols. E eu não tinha feito absolutamente nada para ajudar a equipe.

– Queria fazer uma pergunta para você – falou, olhando ao redor da área dos armários, que não tinha mais ninguém.

– Ok – respondi.

– Com certeza não sou gay, mas, se fosse, poderia ser considerado atraente?

Fiz um grande esforço para não rir, sabendo que isso fecharia essa pequena janela de honestidade que tinha sido aberta.

– Hum, sim – falei. – Acho que sim.

– Você acha que eu deveria, tipo, mudar o corte de cabelo?

Ele tocou seu cabelo louro-escuro. Era curto nas laterais e na frente, não muito arrumadinho nem estiloso, mas curto, quase como se ele tivesse um mullet, só que sem a parte de trás.

– Talvez se usasse um pouco de gel... – sugeri, sem ter ideia do que dizer.

– Legal – disse ele, evitando olhar nos meus olhos.

Então, com um aceno rápido e impessoal, foi embora. Acho que Jordan nunca mais falou comigo.

Algumas semanas mais tarde, marquei meu primeiro gol na temporada, que nos ajudou a vencer Niwot por 3 a 2.

Depois disso, um repórter do jornal da escola, Roger Jones, foi até meu armário com um bloco e um gravador digital, que enfiou na minha cara.

– O garoto gay ganhou o jogo! – disse, animado, como se fosse uma pergunta.

Eu congelei.

Olhamos um para o outro por alguns segundos, até que a situação ficou

constrangedora.

– Você tem algo a declarar? – perguntou Roger, agitado.

Eu fiquei, tipo, *Não, na verdade, não*, e ele foi embora. O artigo saiu, e no título aparecia a palavra *gay*, como se minha orientação sexual tivesse a ver com chutar aquela bola de futebol idiota. Então Rosalie, a orientadora, foi conversar com Roger. Como estávamos em Boulder, tivemos uma grande reunião e eu me sentei no fundo, desconfortável, enquanto Rosalie dava uma lição no pessoal do jornal para não alardearem a sexualidade de alguém a menos que fosse relevante. E durante todo o tempo todo fiquei me perguntando: *Quando vai ser relevante? Quando eu arrumar um namorado?*

Rafe,

Pense no que eu lhe disse no início do semestre sobre ir mais fundo. Seu texto é bem-feito, mas parece um pouco ensaiado. Quero que você se sinta mais confortável por NÃO ter todas as respostas. Para mim, parece que você tinha várias evidências e quis reuni-las como razões para a frustração que sentiu quando saiu do armário. Ok, mas o que VOCÊ está aprendendo ao escrever isso?

Esta é a principal questão aqui, afinal: quando ser gay é relevante? Agora eu pergunto para você: sua resposta mudou aqui na Natick, agora que não é "gay assumido"?

– Sr. Scarborough

16

– ESTÁ A FIM DE FAZER ALGO insanamente estúpido? – perguntei a Ben quando ele abriu a porta.

Era o início da tarde de sábado, o último antes do fim de semana dos pais. Ben olhou para mim, esfregando os olhos sonolentos. Ele estava com o short do pijama, as pernas grossas tornando difícil para mim olhar para seu rosto.

– Então, algo insanamente estúpido? – repeti. – Dentro?

– Uau, é uma proposta e tanto. Suponho que não seja um passeio.

Eu ri.

– Foi a parte do “insanamente estúpido” que entregou?

– Foi – respondeu ele.

– Na verdade não faço ideia do que significa esse passeio. Só tenho a forte sensação de que vai ser estranho, já que Albie e Toby é que estão organizando.

– Estou dentro – disse Ben.

Mais tarde, nós quatro caminhamos até o estacionamento, eu e Ben de roupas normais, Toby com seu jeans skinny e moletom com capuz, e Albie vestindo uma calça com os maiores bolsos que eu já tinha visto. Parecia caber uma família de esquilos lá dentro.

– É sempre bom estar preparado para o inesperado – explicou ele quando questionei.

E foi quando comecei a ter sérias dúvidas sobre esse passeio.

Steve Nickelson estava no estacionamento, pegando alguma coisa em sua caminhonete. Quando nos aproximamos, ele tinha um olhar estranho. Eu sabia que era porque Ben e eu estávamos com Toby e Albie. Então, quando chegamos mais perto, o olhar se transformou num sorriso.

– Ei, pessoal! – disse ele.

– E aí? – cumprimentou Ben e eu acenei.

Continuamos em silêncio em direção ao carro.

– Sabe, Steve e os outros caras são muito legais – comentei –, mas há algo de ameaçador nisso.

– Legais? Desde quando Steve Nickelson é legal? – disse Toby.

– Quase sempre – respondi.

– Sim, se você fizer parte do grupo – disse Albie. – Caso contrário, ele é pau na bunda. E não de um jeito bom, Toby.

– Obrigado por esclarecer.

– Mas Steve não foi legal com você depois que o cara...? – comecei a perguntar.

Então percebi que aquele poderia ser um assunto delicado. Quero dizer, Ben me contou sobre como Steve se sentou com Toby depois que o palestrante gay tinha ido lá e, se eu tivesse assumido, poderia falar abertamente sobre isso. Mas, como eu era supostamente hétero, tinha que prestar atenção no que falava para que não parecesse (A) muito bem informado sobre aspectos homossexuais ou (B) insultar os gays. Era cansativo. Não tente fazer isso em casa.

– Sim – disse Toby. – Mais ou menos uma semana depois da palestra do jogador de futebol, ele ficou me cercando. Eu parecia o bichinho de estimação dele. Tipo, ah, olha que fofinho. Nosso próprio homossexual. E então ele parou. Nunca mais falei com ele, e ele me ignora se eu disser oi.

Era difícil pensar em Toby da mesma forma de antes desde que o vira saindo do bosque depois de Robinson. Era difícil... imaginar a cena de fato. Primeiro, para mim, Toby era a pessoa com menos apelo sexual na história do mundo. Magro demais, estranho e de cabelo espetado. E Robinson era caladão. Não tinha nenhuma personalidade. Sobre o que eles conversavam? Será que ao menos conversavam? Talvez seja assim que funcione na Natick: aproveite o que você pode obter. Até agora, eu tinha feito de tudo para que fosse impossível arrumar um namorado lá, portanto quem era eu para falar alguma coisa?

Entramos no carro nos mesmos lugares da vez anterior: eu e Ben atrás, Albie na direção e Toby no banco do carona. Eu não tinha ideia de aonde íamos quando Albie tirou Soneca do estacionamento e pegou a Green Street.

– Por acaso essa viagem tem a ver com o fim do mundo? – perguntei.

Albie e Toby se entreolharam enquanto pensavam na resposta correta.

– De certa forma, sim – disse Albie.

– Ah, bom – falei. – Peço desculpas antecipadamente, Ben.

– Ei, eu vim por vontade própria – disse Ben.

Ainda que gostasse de sair com Steve e seu grupo, eu ficava igualmente feliz em passar tempo com Albie e Toby, um fato que escondia dos meus amigos atletas – exceto de Ben. Nas poucas vezes que nós quatro saímos, Ben não estava nem aí para o que as pessoas pensavam de ele andar com Albie e Toby. Isso fez com que ele subisse ainda mais no meu conceito.

Cinco minutos depois, Albie ligou a seta para a direita e paramos num lugar chamado Dowse Orchards.

– Ahn? Por essa eu não esperava – falei.

– Nem eu – disse Ben.

– O que isso tem a ver com o fim do mundo? – perguntei.

– Bem, se o mundo fosse acabar, um pomar de macieiras seria um bom lugar para acampar. Tem sombra e alimento – explicou Albie.

– Ah, claro – falei.

Albie abriu um sorriso distraído.

– Eu não disse que era o MELHOR lugar para se esconder durante o apocalipse. O melhor lugar para isso provavelmente seria uma caverna abastecida com alimentos não perecíveis e munição suficiente para sobreviver aos inevitáveis motins pós-apocalípticos.

Caminhamos até a barraca da fazenda, onde os proprietários vendiam sidra.

– Oi, meu nome é Bailey Hutchinson e sou um entusiasta de maçãs. Poderíamos colher maçãs em seu pomar?

Tentei de tudo para não rir.

A mulher, de uns 40 anos, com cabelos castanhos cacheados e um

monte de sardas, sorriu.

– Desde que pague por elas, não estou nem aí para o que você faz aqui – disse ela. – Quer um bastão para a colheita?

– Sim. Queremos, sim – disse Toby.

– E alguns baldes?

– Quatro, por favor.

Ela nos observou antes de se virar e pegar quatro baldes e um bastão com o que parecia uma gaiola na extremidade.

– Vocês parecem bons garotos. Comportem-se, hein?

– Eu prometo. Vou ficar de olho neles, ou meu nome não é Bailey Hutchinson – disse Toby.

Cada um de nós pegou um balde e seguimos juntos para o pomar; então o cheiro de maçãs de repente atingiu o fundo da minha garganta. Eu nunca havia percebido que maçãs tinham um aroma tão doce.

– Que tipo de problemas as pessoas poderiam arrumar num pomar de maçãs? – perguntei enquanto passávamos por um campo aberto.

– Ah, você ficaria surpreso – respondeu Albie. – Nunca ouviu falar das gangues da maçã?

Isso fez Ben gargalhar e Albie pareceu satisfeito.

– Sério. Algumas pessoas andam por aí atirando maçãs dos carros. É um mundo perigoso.

– Sem falar das coisas terríveis que podem acontecer quando gangues rivais usam as cores erradas. É como se a maçã-verde se vestisse de vermelho e a maçã gala, de verde – explicou Toby.

– Fico me perguntando como são chamadas as gangues da maçã – falei.

– Os MacDaddies? Tipo MacIntosh? Isso não é ruim.

– Ei – disse Toby. – A gente pode fazer melhor. Você não gosta de Delícia de Maçã?

– Você se ofenderia se eu dissesse que isso soou muito gay? – perguntou Albie.

– Tomaria isso como um elogio.

Ben riu de novo, então ri também.

– Estamos formando uma espécie de gangue da maçã agora? – perguntou Ben.

– Claro – disse Toby.

Chegamos a uma clareira com várias mesas de piquenique. Vimos grupos de árvores e placas dizendo quais colheitas estavam disponíveis e onde encontrá-las.

– Que tal Gangue da Tortinha de Maçã? – sugeriu Ben.

– Que diabos é Gangue da Tortinha de Maçã? – perguntou Albie.

– A Gangue da Tortinha de Maçã – repetiu Ben. – Não parece um filme antigo, um desenho animado ou algo assim?

– Soa mesmo um pouco familiar – respondi. – Eu gosto. Somos a Gangue da Tortinha de Maçã.

Toby riu.

– É perfeito. Assustador, mas não tanto. Caricatural, mas não em excesso. Sexy sem ser vulgar. Não mexa com a Gangue da Tortinha de Maçã.

Ele cruzou os braços na frente do peito magro, numa pose, e tentou fazer uma expressão séria e ameaçadora.

– Ok, mas o que a gangue faz? – indagou Ben quando nos aproximamos da placa das maçãs Jonathan.

– A gente mantém a ordem entre os diferentes tipos de maçã – explicou Toby. – Garantimos que as maçãs Jonathan e as McIntosh não entrem em conflito. E, claro, defendemos nosso território. Este, amigos, é o nosso território.

– Quero o bastão – falei.

– Achei que seria Toby quem diria isso – brincou Albie.

Fiquei vermelho.

– Ah, seja legal – disse Ben, o que deixou meu rosto e meu pescoço ainda mais vermelhos.

– Ah, qual é? – retrucou Albie. – Você deveria ouvir as coisas que ele me diz.

– É verdade – falou Toby, virando-se de onde estava montando guarda defendendo nosso território. – Eu sou terrível com ele. E ele merece.

– Vocês parecem um casal de velhos – falei. – Tem certeza de que você não é gay, Albie?

Albie passou o braço em volta de Toby.

– Quem dera. Ele não daria uma bela esposa, ou marido, ou sei lá o quê? O único problema é que acho os garotos tão atraentes quanto hamsters.

– É, e se você não acha os hamsters bonitos... – falei, olhando para Ben, que sorria para mim.

Ele devia estar pensando a mesma coisa que eu: *Somos legais, héteros e nos sentimos à vontade aqui. Tudo está indo bem, certo?*

Ben e eu começamos a colher as maçãs, o que não foi muito emocionante, mas um pouco divertido. Pegamos o bastão e foi legal tentar tirar as maçãs do alto das árvores e fazê-las cair na gaiola. Conseguimos em cerca de metade das tentativas.

– Eu nunca tive um amigo gay – disse Ben, e meu coração parou, até que percebi que ele estava falando de Toby.

– Sim – falei. – Quero dizer, eu tenho. Mas é a mesma coisa. Pessoas são pessoas.

– Pessoas são pessoas – concordou ele.

E eu ri, porque ele era tão bobo e divertido – Ben, o filósofo do pomar de macieiras – que eu já me imaginava andando por ali com ele.

Voltamos com um balde cheio de maçãs Jonathan e encontramos Toby e Albie enchendo os deles com frutas vermelhas e verdes brilhantes.

– Bom trabalho protegendo nosso território – elogiei.

– Obrigado – disse Toby.

Então uma senhora passou. Ela sorriu para nós. Eu sorri de volta. Em seguida, Toby avançou, cruzou os braços magros de novo e tentou parecer hostil. A mulher olhou para ele, olhou de novo e se afastou balançando a cabeça.

Ben soltou uma gargalhada. Acho que algo sobre Toby espantando uma senhora do território da nossa gangue era engraçado para ele, que se curvou de tanto rir. Isso me fez rir também, é claro, e depois todos nós, e eu meio

que senti pena da mulher, mas, acima de tudo, senti dificuldade de respirar, porque estava rindo demais.

– Parem – ordenou Toby depois de recuperar o fôlego e retomar o personagem. – Vocês estão acabando com a nossa reputação como membros de gangue. Somos o grupo mais durão em todo este pomar e não podemos demonstrar fraqueza.

Albie continuou rindo, e Toby pegou uma maçã e a jogou para ele. Mas ela bateu com força no antebraço de Albie.

– Ei! – reclamou ele.

Ele pegou a maçã e Toby começou a correr. Então Albie a atirou com toda a força, mas não conseguiu alcançá-lo.

– Você precisa de alguém bom de braço – disse Ben, pegando uma maçã e jogando longe.

Toby agora nos encarava, a uns 30 metros de distância, e a maçã ficou no ar por um bom tempo. Toby viu a fruta se aproximar e se espatifar em seus sapatos, sem saber como se esquivar. Pouco depois, ele ainda estava de pé no mesmo lugar quando uma maçã o acertou no ombro.

Ele caiu. E isso fez a gente morrer de rir.

Peguei um balde e corri para Toby, que a princípio ficou com medo mas depois entendeu: eu só queria protegê-lo. Maçãs começaram a voar em ambas as direções, como se brigas tivessem separado a outrora sólida Gangue da Tortinha de Maçã. Ben me acertou na canela e doeu. Mas eu o acertei nas costas e ele gritou:

– Merda!

E, mesmo que a guerra de maçãs doesse, continuamos jogando. Felizmente, nenhum de nós tinha pontaria muito boa.

– Rapazes! Com licença! Com licença! Rapazes! – gritou a mulher, correndo morro acima em direção à clareira. – Parem já com isso! Vocês vão pagar por todas essas maçãs! Estão loucos?

– Lamentamos, senhora – disse Toby. – Pedimos desculpas. Houve uma guerra de gangues.

Precisei de a toda minha concentração para não cair na gargalhada

outra vez.

Cada um de nós teve que pagar 21 dólares pela carnificina de maçãs. Queríamos levar algumas para casa, mas a mulher as confiscou e disse que nunca mais poderíamos voltar lá. Não pude evitar: meu rosto ficou vermelho por ela ter gritado, mas também por ter tido a tarde mais divertida da minha vida.

De volta ao carro, apenas ficamos rodando por um tempo, sem saber para onde ir. Então Albie enfiou a mão no bolso, de onde tirou uma brilhante maçã Jonathan.

– Estão com fome? – perguntou.

– Como você fez isso? – questionei, imaginando quando ele conseguira enfiar uma maçã no bolso.

– Ah, tenho quatro aqui – disse ele, apalpando seus bolsos enormes. – Da próxima vez que eu disser para assistir a algum reality show de sobrevivência na selva, você não vai rir.

- ENTÃO UM CARA SOFRE um terrível acidente de carro e não apresenta ferimentos, mas tem morte cerebral – disse Ben.

– Qual era o carro? – perguntei, virando-me para ele.

Ben deu um soquinho no meu braço.

Estávamos deitados no chão do quarto dele, estudando. Ele, filosofia; eu, Segunda Guerra Mundial.

– Ele teve morte cerebral, mas seu corpo está inteiro. Ao mesmo tempo, outro cara sofre outro acidente. O corpo ficou completamente mutilado, mas o cérebro permaneceu intacto. Um transplante foi feito. O corpo saudável é unido à mente saudável. Então, quem é a pessoa?

– James? – perguntei.

Ben nem olhou para mim e desferiu outro soquinho.

Esfreguei o meu braço, fechei os olhos e refleti. Nunca tive conversas desse tipo com um amigo, já que Claire Olivia não bancava muito a filósofa. Era como exercitar um músculo que eu nunca tinha usado. Gostei disso.

– Acho que a mente... – acabei dizendo.

Estávamos virados para lados opostos, com as cabeças uma ao lado da outra, perto o suficiente não apenas para que eu ouvisse a respiração de Ben, mas para que sincronizasse a minha com a dele.

– Então você acha que você é a sua mente?

– Acho que sim. Quer dizer, é a mente que diz ao corpo o que fazer.

– Sim, mas, se você não tivesse um corpo, não existiria.

Precisei pensar sobre isso um instante. Eu poderia ser apenas uma mente sem corpo? A ideia fez minha cabeça doer, mas de um jeito bom.

– Então você acha que você é seu corpo? – questionei.

– Está vendo? Você está aplicando o método socrático sem nem tentar –

disse Ben.

– Legal.

Ele riu.

– Este é o tipo de conversa que as pessoas têm nos filmes quando estão chapadas.

Assenti. Minha voz soou aguda quando falei, e isso me fez pensar que talvez eu estivesse chapado, de certa forma.

– Você já ficou? – perguntei.

– Chapado?

– É.

– Uma vez – respondeu ele. – E você?

– Sim, algumas vezes. Já faz um tempo que a maconha é liberada para fins medicinais no Colorado, por isso é fácil de obter. Mas eu não gostei muito, não.

– Nem eu – concordou Ben. – Prefiro que meu cérebro fique no controle de tudo.

– Porque você é o seu cérebro – declarei.

– Eu não disse isso.

Nós rimos. Ele fez um movimento com a cabeça, então virei o rosto para ele. Nossos olhos se encontraram. Os dele estavam literalmente a 30 centímetros dos meus, e senti aquele delicioso frio na barriga, um turbilhão, uma sensação de queda. Fiquei desorientado de repente, como se visse os olhos dele pela primeira vez. Ben tinha os olhos azul-claros que remetiam a um cochilo preguiçoso na tarde de domingo. Olhar para ele tão de perto foi como se eu tivesse voltado para casa. Os olhos dele estavam abertos. Para mim. Eles estavam me deixando entrar.

Não desviei o olhar. Não podia. Não podia dizer a ele, mas aquilo... aquilo era melhor do que sexo. Ou pelo menos melhor do que a única vez que eu tinha feito sexo, no segundo ano, com Clay.

– Esse Hitler. Ele se apossou da maior parte da Europa – falei quando o silêncio finalmente se tornou constrangedor.

Ben riu e desviou o olhar.

- Filosofia é mais interessante – disse ele, voltando para o livro.
- Concordo.



Mais tarde naquela noite, ainda acordado na cama, percebi que não aguentaria nem mais um minuto. Eu não me masturbava desde minha última noite em Boulder, e já era dia 21 de outubro. Sete semanas. Considerando minha programação, estava seis semanas e cinco ou seis dias mais atrasado do que o normal.

Saí da cama, tomando cuidado para não acordar Albie, bem consciente de que minha cueca estava explodindo. Alguns caras faziam piada sobre se masturbar enquanto o colega de quarto dormia e alguns até falavam como sabiam quando o colega estava “tocando uma”. Mas as chances de eu bater punheta assim eram as mesmas de me tornar um assassino em série de gatos. Precisava de privacidade para esse tipo de coisa.

O banheiro estava vazio, por isso entrei na cabine mais distante da porta, fechei a tampa do vaso sanitário e me sentei. Seria bom ter um pouco de hidratante, percebi. Mas não tinha. Então o cuspe serviria.

Pensei no cabelo castanho desgrenhado de Ben, o modo como sua boca se curvava para baixo e fazia cada sorriso muito mais gratificante, a forma como ele falava, como sua voz soava quando ele dizia “por acaso”. Imaginei nós dois juntos, nus, nos contorcendo. Isso, isso...

A porta do banheiro se abriu. Eu congelei, o pênis pulsando, a segundos do fim. Ainda que a porta da cabine estivesse fechada e ninguém pudesse me ver, senti como se tivesse sido pego.

- Ei – disse a voz. – Quem está aí?
- Não é da sua conta! – resmunguei.
- Colorado! Legal – comentou o desconhecido. Eu não sabia quem era e não me importava. – Cuidando dos negócios.

Por um momento pensei que ele soubesse que eu estava me masturbando, mas então percebi que ele achava que eu estava fazendo cocô. Para começar, não conseguia entender por que alguém falaria com outra pessoa no banheiro. É uma coisa particular, sabe? Então fiquei calado e, quando comecei a ouvir uns barulhos constrangedores, dei a descarga, esperei cinco segundos e saí correndo de lá.

Eu teria que encontrar outro lugar para terminar, e depressa. Aquilo não era saudável para ninguém.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte VI

– Então o polônio se transforma em chumbo. E o cobalto se transforma em...? – perguntei a Clay.

Ele estava sentado na cama e eu, na cadeira, com muita vontade de ficar na cama com ele. Eu não me achava uma pessoa tímida e não era como se Clay fosse tão incrível que me deixasse paralisado. Apenas não conseguia pensar num jeito de chegar perto dele sem parecer ansioso. Sem o dedo dele na minha perna, de repente me senti meio inseguro.

Ele me olhou, inexpressivo, e eu não consegui evitar. Tive que rir.

– Você não sabe mesmo?

Ele pareceu magoado.

– Não sei o quê?

– No que o cobalto se transforma? A diferença entre radiação alfa e gama?

Ele desviou o olhar e percebi como estava sentido.

– Clay. O que foi? Porque, tipo, não me importo que você venha aqui, mas química não é a coisa mais legal do mundo. Sério, você vai ser engenheiro. Já não tinha que saber essas coisas?

Clay não olhou para mim. Ele examinava o quarto.

– Quando meu pai tinha a nossa idade, viveu um tempo numa reserva – disse ele.

– Ahn?

– Meu avô era professor. Então eles viviam se mudando e por um tempo moraram na reserva Cheyenne, em Montana. Eu adorava quando ele contava sobre aquilo. Era como assistir a um filme na minha mente.

Eu não sabia o que dizer. Vários comentários sarcásticos me ocorreram. **Non sequitur, Clay? Quer saber? Tenho certas reservas com relação a quanta química nós temos.** Esse tipo de coisa. Felizmente, mantive a boca fechada.

– Quando meu pai morreu ano passado, decidi que deveria ser engenheiro. Como ele era. Trabalhava para a Ball Aerospace. Ele projetou instrumentos para o telescópio

espacial Hubble. Morreu de câncer de pele. Meu pai sempre quis que eu fosse engenheiro, mas não sou muito bom em ciências. Prefiro inglês e história.

Fiquei me sentindo mal pelo pai dele e pior ainda por duvidar de Clay. Arrastei a cadeira para perto e pousei a mão em seu joelho. Clay olhou para baixo como se houvesse uma tarântula em sua perna. Comecei a retirar a mão.

– Não – disse ele, sem tirar os olhos surpresos do joelho. – Pode deixar sua mão aí.

Então a deixei lá e Clay olhou para ela enquanto me contava mais sobre seu pai. Clay podia dizer coisas incríveis, surpreendentes, para um cara que no início parecia ser tão excitante quanto o nosso livro de química. Falou sobre como seu pai costumava levá-lo para sua oficina na garagem. Ele mostrava a Clay modelos que estava criando para diferentes máquinas. Um era para mudar as lentes do telescópio tão rapidamente que seria possível fazer duas imagens distintas da Terra quase ao mesmo tempo.

– Meu pai era meu melhor amigo – disse Clay, com os olhos pregados na minha mão.

Dei um leve aperto no joelho dele e quase (quase!) vi uma reação.

E fiquei radiante, e sei que isso é estranho. Porque Clay não era exatamente o capitão do time de futebol nem mesmo um grande ator de teatro. Era apenas um cara qualquer. Mas saber que eu estava começando a conhecê-lo, rompendo aquela muralha que ele tinha construído em torno de si, fez com que eu me sentisse bem comigo mesmo.

Aquilo estava se tornando alguma coisa. Quanto mais Clay falava, mais eu tinha certeza disso. Clay. Meu namorado.

Enquanto eu ouvia seu monólogo sobre o pai e, em seguida, sobre a mãe e sobre como ela pintava, percebi: aqui está uma pessoa incrível, e eu nunca teria imaginado isso com base no seu exterior. Clay era sensível e interessante e, de alguma forma, ficava mais bonito a cada segundo. E a coisa do dedo na minha perna era sua única forma de me mostrar que ele estava interessado. Em mim! Não era assim que eu esperava arrumar um namorado, mas vai funcionar, pensei.

Conversamos por muito tempo. Talvez uma hora, sem parar. E nem uma única palavra foi sobre mim.

Mas eu estava bem com isso. Porque Clay parecia precisar colocar para fora. E não é isso que os namorados fazem? Eles ouvem.

Rafe,

Bravo! Melhorou bastante aqui. Uma das minhas preocupações no início do semestre era com sua escrita meio desconectada. Agora seu texto parece

muito mais coeso. Ao mesmo tempo, ainda me pergunto quanto disso é, como diria Doctorow, "uma exploração". Você está mesmo começando do nada? O que "começar do nada" significa? Rafe, o autor, tem a mente aberta para descobrir coisas novas sobre si mesmo? Outra questão: você percebeu como tinha rotulado Clay antes de tê-lo conhecido? Já pensou sobre isso? Esse rótulo era correto?

— Sr. Scarborough

- ENTÃO, ME FALE SOBRE VOCÊ – pediu minha mãe a Ben.

Era sexta-feira à noite do fim de semana dos pais e estávamos na Peace o' Pie, uma pizzaria vegana de Boston.

– Rafe nunca conta nada. Até hoje, eu tinha imaginado você como um duende.

Ben e eu nos entreolhamos. Gostei do fato de ele ter entendido de imediato que meus pais não deviam ser levados muito a sério, que não havia problemas em trocar olhares comigo na frente deles. E percebi que meus pais gostaram de ele não bancar o falso.

– Bem, eu era um duende – disse Ben. – Meus pais são, na verdade. Mas decidi mudar. Sabe aquele ditado “Um leopardo não pode mudar suas manchas, mas um duende pode”?

Minha mãe soltou uma gargalhada. A risada dela é sempre muito alta, e eu olhei ao redor do restaurante, totalmente envergonhado. Mas os outros coroas hippies que se deleitavam com massa sem glúten e pizzas de muçarela sem lactose nem a notaram. Eu já tinha pedido desculpas antecipadas para Ben, tanto pelos meus pais hippies quanto por tudo de embaraçoso que eles diriam, além da comida, que faria o “bolo de carne especial” do refeitório da Natick parecer delicioso.

Todo mundo que conhece a minha mãe sempre comenta que ela parece feliz. Tomo isso como um elogio e sei que ela também enxerga assim. Mamãe tem um cabelo ruivo comprido, que às vezes prende num rabo de cavalo e às vezes deixa solto. Ela também adora suspensórios e *tie-dye*, e acho que nunca a vi de vestido. Nessa noite, ela usava uma camiseta com os dizeres “Fora Bush”, que tinha desde que eu estava no quinto ano.

– E você é de New Hampshire? – perguntou meu pai.

– Sim, senhor – respondeu Ben.

– Viva livre ou morra – meu pai recitou o lema do estado como se fosse uma ordem de comando.

– Não tinha percebido como Natick era longe de Boston – comentou minha mãe. – Prefiro imaginar você andando de trem o tempo todo, passeando pela cidade.

– Eu não tinha vindo a Boston até hoje – falei.

– Só em ocasiões muito especiais – explicou Ben. – Acho que ano passado eu vim, tipo, duas vezes. A Beacon Street é muito legal.

– A gente veio aqui – disse minha mãe, radiante. Dava para ver que ela gostava de Ben e senti meu coração palpitar. – Gavin e eu. Depois que nos formamos em Oberlin, moramos dois anos em Somerville. Foi uma época maravilhosa!

– Isso foi em 1930 e quanto? – perguntei.

– Seja legal com seus pais – Ben me advertiu. – Você não tem ideia de como eles são mais divertidos que os meus.

– Obrigado! – disse meu pai. – É o que a gente sempre fala para ele, mas Rafe não escuta.

Tínhamos pedido uma pizza grande de salsicha vegetariana, abobrinha e alho. A salsicha tinha gosto de carne, se você acredita que maçã é um tipo de animal. Se não, é apenas uma fraude, e eu odeio alimentos falsos. No Dia de Ação de Graças do ano anterior, meus pais tentaram me empurrar um peru de tofu. Passei a noite com fome. Matem o animal logo de uma vez!

– Humm – murmurei, engolindo minha massa sem glúten com queijo sem lactose e o “composto” Não Acredito que Não É Salsicha.

– Tão infantil... – disse minha mãe. – Não é uma criança, querido? – perguntou ao meu pai, que assentiu com veemência.

– Sim, sim, sou um péssimo filho. Eu sei.

– Não. Você é só uma criança – rebateu meu pai, piscando para mim.

Meus pais continuaram encantados com Ben. Eu teria morrido de vergonha no lugar dele, mas Ben não parecia se importar. Ele tinha o mesmo humor e era muito gentil, então parecia até gostar.

– Então como é essa Claire Olivia? – perguntou Ben para minha mãe, sorrindo. – Quero saber mais sobre essa namorada do Rafe.

Minha mãe arregalou os olhos e se virou para meu pai, que de repente mudara sua expressão. Era como *Temos que fingir tanto assim?* Eu tinha pedido um favorzinho e eles pareciam estar morrendo à primeira menção inocente a uma garota.

– Ela é... artística, eu diria – disse minha mãe, tímida. – Única.

– Alternativa – acrescentou meu pai. – São inseparáveis desde que se conheceram, aos 12 anos. Dormem um na casa do outro.

Eu sabia que meu pai estava me provocando. Ele não gostava muito que lhe dissessem o que fazer.

– Uau! – exclamou Ben. – Eu namorei a Cindy, entre idas e vindas, por mais ou menos dois anos, mas nem tão cedo pensamos em dormir um na casa do outro. Ela é de Alton, a cidade onde cresci.

– Ah – murmurou minha mãe, sem saber o que dizer. – Isso é bom.

– Mas a gente acabou terminando – acrescentou Ben, engasgando com um pedaço de massa. – Foi muito difícil, a distância e tudo.

– Deve ter sido mesmo – concordou minha mãe.

– Como você tem lidado com a distância, Rafe? – perguntou meu pai.

– Tudo bem – respondi. – Não tenho problemas com isso.

– Vocês dois sempre foram tão próximos que pensei...

– Obrigado, pai – interrompi. – Podemos conversar sobre outra coisa?

– Quanta sensibilidade! – brincou meu pai, e tive vontade de bater nele com algo grande e pesado.

Ben já tinha mencionado Cindy, então eu conhecia a história dos dois. No entanto, não pude deixar de pensar: se Ben fosse gay e soubesse que eu era gay, será que ele ficaria comigo? O único cara que ficou comigo foi Clay e, desde que comecei a escrever sobre ele, eu vinha me perguntando o que ele tinha visto em mim. Será que quis ficar comigo *mesmo*? Ou será que fui apenas um alvo fácil porque ele ainda estava dentro do armário e eu já tinha saído?

Para a sobremesa, minha mãe pediu cookies de alfarroba adoçados com

suco de frutas, que eram quase tão deliciosos quanto pareciam. Quando terminamos de comer, nos certificamos de entregar à garçonete todas as sobras e os guardanapos sujos, para que fosse feita a compostagem.

– Isso é interessante – disse Ben.

Os olhos de minha mãe se iluminaram.

– É maravilhoso! Em Boulder estamos muito à frente em termos de sustentabilidade. Fico feliz de saber que o restante do mundo está começando a se preocupar com isso.

– Que legal! – comentou Ben. – Eu adoraria conhecer Boulder.

– Você sempre será bem-vindo – disse mamãe, e senti na voz dela uma estranha combinação de emoção e pânico ao imaginar Ben no meu mundo em Boulder.

Passeamos de carro por Boston, que é uma cidade muito interessante. Várias calçadas de tijolos e paralelepípedos em ruas estreitas, de mão única, belos prédios de pedras e lâmpadas de rua a gás. Era o tipo de lugar em que eu me imaginava morando um dia, com um quê de antiquado. Ben perguntou se poderíamos procurar um banheiro e paramos num estabelecimento qualquer para que ele pudesse usar o toalete.

Dois segundos depois de Ben ter saído do carro, meus pais começaram a tagarelar:

– Você está apaixonado por ele – afirmou minha mãe, com os olhos arregalados e um sorriso travesso.

– Não estou, não – neguei, corando. – Pare com isso. Chega. Desista.

– Claro que está – disse meu pai, virando-se para apertar minha bochecha. Olhei ao redor, horrorizado. – E está tão na cara quanto esse seu sorriso de pateta, Rafe.

– Sério. Parem – pedi, desejando não ter levado Ben para conhecê-los. – Sério.

– Ah, estou tão feliz. Você está apaixonado por um menino! – disse a minha mãe. – Você ainda é o nosso Rafe, apesar desse terrível disfarce hétero...

– Não é um disfarce! – gritei, surpreendendo até a mim mesmo. – Eu sei

que você não entende, mas uma parte de mim é assim de verdade, ok? Eu sei que sou gay. Sou seu filho gay. Mas será que pode me dar um tempo, dois minutos pelo menos, para que eu possa ser apenas eu mesmo? Meu Deus! – Dei um soco no assento ao meu lado.

Um silêncio sepulcral inundou o carro. Meus pais me encararam, boquiabertos. Acho que eu nunca tinha gritado com eles. Imediatamente me senti horrível e baixei a cabeça.

– Ah, Deus. Me desculpem – falei. – Por favor. Isso foi muito errado. Me desculpem. Eu amo vocês. É só que... Eu sei que vocês não entendem. Mas, por favor, confiem em mim, ok? Sei o que estou fazendo.

Mamãe pousou a mão no meu braço e o acariciou.

– Não acho que você saiba, Rafe, mas tudo bem, querido, vamos lhe dar um pouco de espaço. E pedimos desculpas. Não é, Gavin?

Meu pai parecia menos confiante.

– Não sei – respondeu. – Estou espantado. Sinto como se não conhecesse mais você, e isso me dá vontade de me encolher num canto e chorar.

Os olhos dele estavam marejados, e tive que desviar o olhar, porque não conseguia ver meu pai chorar sem lacrimejar também. Ele começou a chorar de verdade e eu fiquei tipo *Por favor, não faça isso*, mas as palavras ficaram engasgadas e não consegui falar nada, então o abracei por trás do banco e logo ele estava soluçando.

E, claro, foi quando Ben voltou do banheiro.

– Deveria ser interdito – disse ele, antes de perceber que alguma coisa havia acontecido no carro na sua ausência.

E Ben levou tudo numa boa, o que era bem típico dele. Deixou para lá e não fez alarde para descobrir o que estava acontecendo ou por que meu pai chorava como um bebê enquanto dirigia. E confesso que isso só me fez gostar mais de Ben, se é que isso era possível.



Mamãe e papai tiveram uma reunião com o Sr. Scarborough no dia seguinte, e eu quase pirei pensando sobre o que eles conversavam. Ben não se encontrava ali; estava com os pais, que tinham vindo passar o dia. O pai dele parecia um caubói: alto e magro, bigodudo e grisalho. Foi difícil ver alguma semelhança, mesmo que Ben tenha dito que se parecia com o pai, que havia fotos do pai adolescente igualzinho a ele. Ben disse que era assustador de tão parecido. E *era* mesmo, porque eu não conseguia imaginar como Ben um dia se transformaria *naquilo*.

Achei os pais dele bem bacanas quando os conheci no sábado de manhã. Eles não fizeram um interrogatório comigo como meus pais tinham feito com Ben, e aí está a diferença entre os hippies de Boulder e os fazendeiros de New Hampshire. Conversamos lado a lado no quarto de Ben sobre como poderia nevar em breve. E foi o bastante para mim.

À tarde, enquanto meus pais falavam com outros professores, Steve começou um jogo de *touch football*. É tipo um futebol americano adaptado pelos australianos. Eu já tinha jogado algumas vezes e gostei. Não era o melhor em pegar a bola, mas era rápido o bastante para marcar quando pegava.

Mais ou menos no meio do jogo, os pais começaram a sair do prédio da escola. Era como se eu pudesse sentir meus pais me observando enquanto eu perseguia e alcançava o garoto que tinha acabado de pegar um passe longo. Quando me virei, após a jogada, lá estavam eles. Meu pai segurava seu iPhone com o braço estendido, me filmando, claro, e minha mãe sorria, alegre de verdade. Ela não fazia isso para me agradar; estava se sentindo bem com alguma coisa.

O jogo terminou e eu corri até eles. Papai estava ocupado revendo tudo o que havia registrado em vídeo e mamãe estava animada pelo encontro com os professores. Bem, alguns deles, pelo menos.

– Aquele Scarborough! Como é inteligente! Ele valoriza mesmo a autoexpressão. Eu simplesmente o adorei. Adorei!

– Sim, ele é muito legal. E o Sr. Sacks? – perguntei, tentando instigá-la.

– História? É... – disse ela, dispensando-o. – Só mais um fanático de

direita, com a esperança de envolver vocês, jovens, em mentiras. A década de 1950 foi uma época de grande alegria e prosperidade o caramba! Para quem?

Mamãe estava ficando agitada e eu não queria que os pais à nossa volta, em sua maioria conservadores, ouvissem, então peguei a mão dela.

– Vamos dar uma volta – convidei. – Vou mostrar o campus para vocês.

Atravessamos o terreno e descemos até o lago Dug, onde nos sentamos à única mesa de piquenique vazia. De minha parte, eu estava tentando descobrir como melhorar a situação. Não queria que eles me odiassem, voltassem para casa pensando que eu era o monstro que não apreciava o amor e a aceitação deles e agora queria virar hétero.

– Sei que isso é estranho para vocês – comecei.

Minha mãe olhou para mim, sorrindo, a blusa com estampa de flores balançando à suave brisa de meados de outono.

– É, sim, mas eu compreendo – revelou ela. – Não entendia antes, mas agora... Acho que entendo.

– Eu não – disse meu pai. – Mas sou todo ouvidos. Esclareça, por favor, Opal.

– Quando vi você jogando futebol lá, percebi algo que não tinha visto antes. Você estava gostando de jogar, né? – perguntou minha mãe, passando as unhas nas minhas costas por cima da camisa suada.

– Sim – respondi.

– Eu não tinha entendido esse seu desejo, esse desejo de fazer coisas de menino. Não sei como deixei isso passar.

Encostei a boca no ombro dela e dei um beijo ali.

– Você deixou passar porque eu também deixei, mãe – falei. – Eu nunca teria dito que precisava disso lá em casa, porque não sabia que queria fazer parte de um grupo, ser amigo dos garotos. Mas eu sabia que precisava de alguma coisa, entende?

– Entendo – concordou ela.

– Agora eu sinto que essa barreira que existia entre mim e os outros rapazes não existe mais. E estou adorando isso – expliquei.

Meu pai passou o braço pelos meus ombros.

– Só não compreendo por que você não pode ser ao mesmo tempo honesto e amigo dos garotos. Aqui ou em qualquer lugar. O que o impede?

– Não sei.

– Acho que é uma autolimitação – disse ele. – Quem disse que existe uma barreira? Talvez você mesmo a tenha criado.

– Acho que não, pai. E gosto disso. Gosto daqui.

Minha mãe suspirou.

– Não era isso que esperávamos que você fizesse, querido. Não sabíamos que essa era a próxima fase.

– Eu sei.

– Mas você tem todo o meu apoio. Juro. E nada de piadinhas sobre você estar apaixonado por Ben. Você não está, está?

– Não – respondi, um pouco rápido demais. – Ele é tipo... A gente tem um vínculo incrivelmente forte. Não sei explicar. Eu adoro o Ben, acho, mas não estou apaixonado, sabe?

– Sim – disse ela suavemente. – Eu entendo.

Meu pai se levantou e deu alguns passos na nossa frente, de um lado para outro.

– Eu ainda acho que você está escondendo alguma coisa – disse ele. – Você diz que vocês têm esse vínculo muito forte. Mas como é possível se ele não conhece você?

– Ora, pai. Ele me conhece.

– Conhece mesmo? – perguntou ele.

Dava para ver que ele não entendia que conhecer uma pessoa era mais do que saber com quem ela fantasiava. Na verdade, esses detalhes não importam. O importante é poder deitar no chão ao lado de um cara e olhar nos olhos dele, ter conversas profundas sobre filosofia. O importante é deixar um amigo saber quais são suas esperanças e seus medos e não fazer piada sobre isso. É isso que importa.

Apesar de papai não ter entendido tudo, eu estava me sentindo um milhão de vezes melhor quando caminhamos de volta para o carro.

– Este lugar é homofóbico? – perguntou minha mãe. – Você poderia assumir que é gay?

– Sim. Acho que sim. Sabe meu colega de quarto? Vocês conheceram Albie. Chegaram a conhecer Toby?

– O amigo dele? – perguntou papai.

– Sim – disse minha mãe.

– Ele é gay.

– A gente já tinha pensado nessa possibilidade. E você é legal com ele?

– Ele é um dos meus melhores amigos aqui. Ben também gosta dele. Ele é legal. Aqui é legal. Eu juro.

– Tudo bem. Já é alguma coisa – encerrou meu pai.

Eles me deram um beijo de despedida e, enquanto seu carro alugado se afastava, tive a forte sensação de que havia subestimado meus pais e sua devoção a mim. É claro que eles ficariam do meu lado, compreendendo ou não. Esse era o tipo de pais que eles eram.

O PASSO SEGUINTE ERA ENTRAR no armário para Claire Olivia. Eu estava achando que não ia dar em boa coisa. E tinha razão.

– Então... preciso contar uma coisa – falei de forma bem casual alguns dias após a visita dos meus pais.

– É algo escandaloso, Shay Shay? – perguntou ela. – Adoro escândalos, especialmente em escolas só para meninos!

– Bem, na verdade, é um pouco, sim.

– Uh – disse ela. – Picante.

Respirei fundo.

– Eu não sou gay aqui, Claire Olivia.

Ela ficou calada por um momento.

– Pode repetir?

– Não sou gay. Aqui. Na Natick.

– O que isso significa?

– Significa que decidi não ser gay. Eu só queria, tipo, ser uma pessoa normal pelo menos uma vez. Em vez de ser o garoto gay.

– Você voltou para o armário? – Percebi o tom cortante na voz dela, e meu coração acelerou.

– Não. Não voltei para o armário. Para mim, o armário é quando alguém não vai assumir que é gay de jeito nenhum. Eu já assumi. Só que agora estou meio que... dando um tempo.

Ela bufou.

– Dando um tempo?

– Sim.

– Não estou entendendo. Como você dá um tempo de quem é, Shay Shay?

Fiquei quieto por algum tempo. Não queria brigar com Claire Olivia, mas havia alguma coisa no tom dela que realmente me irritou, como se ela fosse tão inteligente que, em três segundos, tivesse decifrado algo que eu, que convivia com aquilo havia meses, ainda não tinha descoberto.

– Você deixa de lado uma parte de si mesmo – falei. – Quero dizer, você poderia pintar o cabelo e dar um tempo de ser morena. Certo?

– Ah, qual é? Isso é completamente diferente de negar uma parte da sua personalidade – retrucou ela. – Isso soa TÃO louco, Rafe... Por que faria algo assim? Você é feliz sendo quem é.

– Eu sou. Mas também estou feliz com quem sou aqui. Até minha mãe entendeu. Ela me viu, tipo, jogando futebol...

Ela bufou ainda mais alto dessa vez.

– Você? Jogando futebol?

– Sim, *touch football*, Claire Olivia – falei com um tom agudo. – E gostei. Eu gosto.

– Me desculpe, mas por acaso estou falando com o Rafe? Tipo, meu amigo Rafe, meu melhor amigo, que conheço desde os 6 anos? Meu amigo que eu adoro e que, a propósito, é GAY? Não é hétero, porque isso seria BIZARRAMENTE estranho?

– Sim, é ele mesmo – respondi com voz trêmula. – É o Rafe, e estou contando algo sobre mim e você está sendo cruel. Como acha que estou me sentindo?

– Ah, não sei, Rafe. Talvez da mesma forma que eu me sinto ao descobrir que o meu MELHOR AMIGO no mundo vem mentindo para mim há dois meses e agora, ao que parece, virou hétero. Agora você é republicano também?

– Não sei. Talvez.

– Fantástico – disse ela. – Então vá lá jogar futebol, tomar uma cerveja. Sair com seus amigos. Coçar o saco. Não me interessa.

E desligou na minha cara.

Meu estômago se revirou. Eu sabia que não ia dar em boa coisa, mas não imaginei que seria tão ruim assim. Fiquei de mau humor, irritado, então

desci o corredor até o quarto de Ben. Ele abriu a porta, de óculos, o livro de filosofia na mão, lendo sobre Immanuel Kant.

– O que aconteceu com você? – perguntou. – Parece que foi atropelado por um caminhão.

Entrei e desabei na cadeira.

– Claire Olivia e eu acabamos de brigar. Acho que... terminamos.

– Ah, cara – disse ele, me oferecendo uma bebida laranja do frigobar e indo pegar a vodca. – Que merda.

– É – concordei. – Uma merda.

Ele estendeu o Gatorade e bebi um terço, fechando os olhos quando a bebida congelou o meu cérebro e fez doer atrás dos olhos. Em seguida, ele encheu a garrafa com vodca, balançou e me entregou o *screwdriver* de plástico.

– Isso vai curar a sua aflição – disse ele, e eu ri, mas só um pouco. – O que aconteceu?

Ben deitou na cama.

Então contei a ele uma versão extremamente editada que envolvia a parte de ela não entender quem eu sou. Contei a parte do futebol tim-tim por tim-tim, e ele acenou com a cabeça como se entendesse.

– Cindy fazia isso o tempo todo, achava que eu tinha que ser exatamente o mesmo de sempre. Isso me deixava louco. A gente nunca pode mudar, e, se isso acontecer e elas não testemunharem, é uma grande afronta.

– Sim – concordei. – É isso que quero dizer.

– Então acabou mesmo?

Dei de ombros e tomei um longo gole.

– Ela desligou na minha cara, então é bem provável que sim.

Tirei os sapatos e coloquei os pés em cima da mesa.

– Sabe, do jeito que seus pais a descreveram, eu não consegui imaginar você e ela juntos.

Isso me fez pensar sobre como seria a garota que eu namoraria se de fato gostasse de meninas, e curti o silêncio que caiu entre nós. Era por isso que eu e Ben nos dávamos tão bem: sabíamos compartilhar os melhores silêncios.

– É, talvez – falei. – Mas ainda é uma merda.

– Eu sei. Essa conexão... é difícil de substituir. Não sei dizer quantas noites fiquei conversando com Bryce sobre Cindy na última primavera. Era como se aquela amizade, a proximidade com Bryce, a substituísse.

Olhei dentro dos olhos dele, nem um pouco envergonhado.

– É verdade. Muitas vezes me sinto mais próximo de você do que jamais me senti de Claire Olivia.

Ele sorriu e seu rosto corou um pouco.

– Sim! Não é o tipo de coisa sobre a qual as pessoas falam muito, mas eu entendo. É como se fosse um *bromance*, um lance entre *brothers*.

– Isso! – gritei. – É isso aí. Um *bromance*. Gostei disso. Eu te amo, cara!

– Eu também te amo, cara – disse ele, e, de brincadeira, fui para a cama e caí ao lado dele.

Ben riu e me abraçou, também de brincadeira, e aquilo pareceu muito, muito certo. Senti que poderia perder a cabeça de tanta felicidade, estar ali com ele me abraçando. Não me mexi e o braço dele se manteve na mesma posição. E ficamos lá, deitados, sem dizer nada.

– Na Índia, os homens andam de mãos dadas na rua – disse Ben ao pé do meu ouvido.

– Sério?

– Faz parte da cultura deles. Os indianos não fazem nada de mais, sabe, sexualmente falando. Eles só se dão as mãos. Aqui, isso seria estranho.

– Nós, americanos, ficamos muito incomodados com esse tipo de coisa – comentei. – Por que todo mundo tem que fazer alarde de tudo? Por que precisamos sempre rotular as pessoas?

O silêncio surgiu outra vez, exceto por meu coração batendo forte, o nó na minha garganta, a sensação de que ondas quebravam na minha cabeça – ondas de algum sentimento estranho ridiculamente bom. Seria amor? Será que eu estava apaixonado por Ben? Porque, o que quer que fosse, aquilo percorria o meu corpo e eu desejava mais. Queria tanto contar a verdade a Ben, sobre como eu já quase tivera um namorado mas com certeza trocaria

toda a minha experiência anterior pelo que sentia com Ben naquele momento.

Mas é claro que não poderia contar. Droga. Era difícil não poder compartilhar toda a verdade sobre o meu passado com Ben. Quem sabe um dia.

– Obrigado, Ben – falei por fim, quando tive certeza de que minha voz não ia falhar. – Talvez você seja o melhor amigo que eu já tive.

Depois de alguns segundos insuportáveis, Ben respondeu:

– Você também.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte VII

Na terceira, quarta e quinta vezes que Clay foi me visitar, começamos com química e, depois de um tempo, ele me tocava num lugar onde nunca tinha encostado antes. E depois conversávamos. Fiquei sabendo que Clay era descendente de índios norte-americanos e também franco-canadense, que ele tinha ido para o acampamento de ciências no verão anterior, que gostava de jogar pingue-pongue e que sua comida favorita era queijo brie. Cada fato gerava mais perguntas, como se estivéssemos participando de um jogo da verdade e precisássemos dissecar tudo, e algumas vezes falei sobre mim. Ele não fez perguntas e eu não sabia se ele tinha me ouvido até a quinta visita, quando mencionou o fato de eu ter feito o ensino fundamental numa escola montessoriana. Eu tinha comentado isso antes.

Percebi que ele era estranho. Não é que não escutasse ou não se importasse. Ele só tinha sua própria maneira de se expressar.

Na sexta vez, porém, as coisas foram um pouco diferentes.

Começou como sempre: debruçados sobre meu livro, eu falando de oxidação e redução, isótopos e íons, o dedo na minha perna, a respiração dele no meu ouvido. Então perguntei sobre o elétron externo que o sódio tem que o cloro poderia usar e, como ele não respondeu, encarei-o.

Ele estava olhando nos meus olhos, e senti aquele calafrio que acontece quando você olha nos olhos de alguém e tem um arrepio, porque você está ganhando acesso.

Parei de falar e fiquei encarando. Eu queria dizer como os olhos dele eram perfeitamente ansiosos e assustados, mas não deu tempo: pouco mais de um segundo depois, o rosto de Clay veio de encontro ao meu.

Eu não conseguia nem respirar. Os lábios dele pressionavam os meus, e, mesmo que tenha sido estranho e eu não quisesse que meu primeiro beijo fosse daquele jeito, deixei-o seguir em frente, porque não quis constrangê-lo. Além disso, eu sabia que devia ter sido muito difícil reunir coragem para me beijar. Sua boca tinha gosto de hortelã velha e amendoins.

Então correspon­di ao beijo e agarrei sua nuca. Quando fiz isso, ele agarrou a minha também. Ficamos de pé, nossos rostos colados, e o quarto pareceu girar enquanto nos aproximávamos da cama.

De repente, alguém bateu à porta. Que estava destrancada.

– Não entre! – gritei, sem pensar.

Clay olhou para mim, horrorizado, então fitou a porta. Ele levantou de um pulo.

– Desculpe interromper – disse minha mãe, em tom divertido.

Então se afastou. Podíamos ouvir os passos dela descendo o corredor, e ficamos muito quietos. Quando não ouvi mais nada, desabei de volta na cama e suspirei.

– Essa foi por pouco – disse Clay.

– Ela ia dizer que estávamos fazendo errado – comentei.

Clay não riu. Claire Olivia teria morrido de rir, mas ele apenas olhou para mim como se eu fosse um coral esquisito no fundo do mar, uma coisa mais ou menos interessante, mas além da sua compreensão. Percebi que ele realmente não sabia muito sobre mim, minha família e meu senso de humor.

Ainda assim, pulei e tranquei a porta.

Voltamos a nos beijar e, embora minha cabeça não estivesse ali de início, logo relaxei e comecei a desfrutar do beijo. Então, fomos mais longe.

Não foi o que eu esperava.

Depois, ficamos deitados na minha cama, sem camisa, lado a lado, sem nos tocar. Uma sensação desagradável comprimia meu peito.

– Amanhã faz 25 anos que minha mãe dá aula de jazz – disse ele, como se fosse uma coisa normal de se dizer depois de transar.

E a questão é que não havia nenhum tom em sua voz, nada de sarcástico, irônico ou qualquer coisa assim, apenas uma declaração, e eu pensei: *O que estou fazendo?*

Ali estava o cara que tinha se enfiado na minha vida. Em um primeiro momento, eu achava fofas suas histórias sem sentido. Mas minutos depois de tê-lo beijado pela primeira vez, para não mencionar o que aconteceu após os beijos, ele estava me irritando. Quero dizer, Clay falava sem parar sobre nada e raramente me perguntava algo. Que tipo de cara não se interessa por você? Por que eu estava inventando desculpas para o mau comportamento? Fiquei pensando se deveria ter começado a falar de mim mesmo como ele fazia, se é que eu conseguiria fazer isso: simplesmente entrar na vida de alguém, começar a falar sobre mim e nunca perguntar nada. Acho que não.

Não respondi ao seu comentário sobre jazz e por fim nos vestimos, guardamos os livros dele e o levei até lá embaixo. Nada de beijo, mas, quando chegamos à porta, ele tocou a minha mão e a segurou. Isso me pegou de surpresa, como de costume.

– Você é ótimo – disse ele.

No começo achei que talvez ele tivesse dito “Você foi ótimo”, mas, quando repassei isso em minha mente, tive certeza de que ele estava apenas comentando sobre como se sentia em relação a mim. Quase certeza, pelo menos. Fiquei um pouco no hall de entrada depois que ele saiu, sentindo-me totalmente diferente. Eu esperava que minha mãe descesse, pois precisava falar com ela. Já ia desistir quando a ouvi nas escadas.

– Aí está você – disse ela, toda sorrisos.

Então fez a coisa mais incrível: aproximou-se e me abraçou, exatamente o que eu queria que ela fizesse.

– Obrigado – falei em seu ombro.

Eu estava feliz por não ter que dizer a ela o que tinha acontecido. Existem algumas vantagens em ter uma mãe como a minha.

Ela me pegou pela mão e me levou para o sofá; então nos sentamos lá e não falamos nada por um tempo.

– Não fizemos muito.

Mamãe não reagiu. Percebi que ela não havia perguntado.

– Foi estranho – falei, olhando para o nada.

– O que você quer dizer?

– Eu achei que me sentiria, sei lá, muito adulto depois. Mas não.

– Como você está se sentindo?

– Não sei. Decepcionado.

Ela me lançou seu olhar de compaixão e senti lágrimas em meus olhos. Não queria chorar, mas parte de mim precisava, e eu não sabia direito por quê.

– A mãe dele dá aula de jazz.

Ela olhou para mim e ergueu uma sobrancelha, como se dissesse: *O que eu devo fazer com essa informação?*

– Obrigado! É exatamente isso. Ele fala coisas aleatórias, esquisitas. Nunca tivemos uma conversa normal. Ele nunca me pergunta nada.

– Será que ele é autista? – perguntou. Dei de ombros. – Tenho a impressão de que vocês não combinam muito.

Eu sabia que ela estava certa, claro. Mas parte de mim não queria aceitar. Eu queria tanto ter alguém para chamar de meu que não podia desistir dele. Clay era um enigma envolto em outro enigma menos impressionante. Talvez ele precisasse de reparos. Talvez com um pouco de trabalho...

– Ele tem suas qualidades. É muito doce. Ele está só... no armário.

– Bem, talvez você possa ajudá-lo a sair.

– Acho que ele não está pronto. E não acho que ele seja meu namorado. Pensei que fosse, mas agora já não sei. Por que tudo tem que ser tão difícil?

Mamãe riu, não de uma forma ruim.

– A experimentação é a nossa maneira de aprender sobre quem somos e com quem queremos estar. Antes do seu pai, tentei com alguns rapazes na escola e no primeiro ano da faculdade.

– Ok, obrigado – falei, tentando evitar uma conversa sobre os dias de farra da minha mãe.

Ela suspirou.

– Sinto muito, Rafe. Sei que você ainda não está confortável com a sexualidade. Um dia vai ficar. Um dia você vai ficar bem feliz por seus pais serem um livro aberto.

– Um dia eu vou embora para muito, muito longe – respondi, e ela riu.

Rafe,

Achei interessante você ter preferido sair de cena e não se expor quando as coisas ficaram íntimas. Bom instinto, eu acho. Mas por que decidiu sair de cena outra vez após o comentário sobre o jazz? Era um momento crucial, e você optou por guardá-lo até a hora que Clay foi embora. O que você ganha como escritor fazendo isso? O que perde mostrando a cena e permitindo que o leitor conclua sozinho em vez de dizer o que pensar sobre Clay e Rafe?

– Sr. Scarborough

20

QUANDO AS ÁRVORES PERDERAM a cor e ficaram nuas, a mesa de Bryce se tornou minha mesa e a cama dele, minha cama. Ben e eu nos divertíamos juntos, falávamos sobre coisas sérias e, às vezes, até chorávamos, como quando ele me contou da morte do tio no ano anterior. Muitas vezes apenas nos sentávamos à noite e conversávamos até as três ou quatro da manhã. Essas foram as minhas noites favoritas de todos os tempos, ainda melhores do que quando eu e Claire Olivia passávamos os fins de semana juntos.

– O que você quer? – perguntou Ben uma noite quando estávamos deitados, cada um na sua cama.

Soltei uma risada.

– De modo geral? – perguntei.

Ele não riu.

– Quero dizer, tipo, no futuro. Se você pudesse criar o cenário perfeito da sua vida, como seria?

A pergunta me tirou o fôlego. A resposta era óbvia para mim. *Você. Você e eu. Nós.*

– Você primeiro – falei.

Ele suspirou.

– Talvez uma casa no campo em algum lugar em Vermont ou Maine. Sabe, um lugar com poucas pessoas, porque as pessoas não são meu ponto forte, com exceção da presente companhia. Um labrador preto que goste de longas caminhadas. Uma esposa, provavelmente não Cindy, que goste de preparar pratos diferentes e seja divertida e interessante, mas também séria, sabe? Com o cabelo escuro e olhos bonitos e... as outras coisas também...

Eu ri.

– Você é tão careta...

– Eu sei – disse Ben. – Enfim, de repente um casal de filhos. E à noite não vamos ver TV. Vamos nos reunir na sala de estar como uma família, e haverá fogo na lareira, e leremos livros e conversaremos sobre o que estamos lendo. Claro, você vai morar na vizinhança com sua família.

– Sem dúvida – falei.

– E você? – perguntou Ben.

Fiz uma pausa para pensar. Eu tinha tantas fantasias sobre nós juntos no futuro, todas as noites, que era difícil escolher apenas uma. Será que iríamos para a faculdade juntos e depois nos estabeleceríamos em algum lugar aqui em Massachusetts? E depois da faculdade eu o levaria para Boulder e viveríamos juntos nas montanhas? Qualquer fantasia que eu escolhesse estaria fora dos limites para Ben, de qualquer forma.

– Basicamente o mesmo.

– É legal sonhar com coisas desse tipo, não é? – disse ele. – Me deixa tão calmo.

– Ahã – concordei, sentindo-me muito menos calmo por dentro.

– Então posso contar uma coisa estranha? – perguntou Ben depois de um longo silêncio.

– Sempre – falei.

Virei-me e olhei para ele na escuridão. Mesmo com o luar, mal podia distingui-lo do outro lado do quarto.

– Na primeira vez que fiz sexo com Cindy, eu chorei – disse Ben.

– Sério?

– Sério, tipo, não sei, existe ficar nu e ficar nu, entende?

– Não sei se estou acompanhando – falei, me sentindo meio esnobe.

Às vezes, quando digo uma frase, parece que estou tentando ser outra pessoa, completamente diferente, e esse foi um desses momentos.

– Quero dizer, eu já tinha ficado pelado com ela antes. Mas aquilo foi totalmente sem barreiras. E depois, estar, sabe, dentro dela? Foi como... Sabe quando os caras falam de sexo como se fosse um jogo? Não era um jogo para mim, Rafe. Foi tipo uma fusão. Fiquei me sentindo responsável por ela naquele momento, sabe? Talvez essa não seja a palavra certa. Mas me senti

muito aberto, de uma forma incrível, e acho que foi a parte que mais gostei. E eu nunca diria isso a ela, mas meio que chorei um pouco lá, no escuro.

– Isso é lindo – falei. *Você é lindo*, pensei, mas não disse.

– Imagino que não tenha acontecido com você, certo?

– Bem – falei, tentando pensar no que dizer. Eu tinha feito o melhor que podia para não mentir para Ben, mas achei melhor não ser evasivo naquele momento, ainda mais porque havia acabado de me esquivar da última pergunta. – Acho que, quando acabou, parecia que eu era uma pessoa diferente. E eu não sabia se estava pronto para ser essa pessoa. Foi como se algo grandioso tivesse acontecido e mudado tudo, e não houvesse nenhum anúncio que você poderia fazer para o mundo inteiro que não soasse superestranho.

Percebi que tudo isso era verdade.

– Sim, mas quanto ao ato em si? Tudo o que você falou é sobre o depois. Também me senti assim. Mas, tipo, quando a coisa aconteceu... O que você sentiu?

Nada, percebi, e um nó se formou na minha garganta ao pensar na minha experiência com Clay. De acordo com a maioria das definições, eu ainda era virgem, uma vez que só tínhamos ficado no quase, mas mesmo assim me vi triste ao pensar que minha primeira experiência sexual tinha significado tão pouco para mim.

Mas eu precisava responder alguma coisa, e “nada” levaria a uma conversa muito difícil, então acabei contando outra história. Pela primeira vez com Ben, fui mais fundo na mentira.

– Acho que me senti próximo dela. Conectado, sabe? Espiritualmente conectado. Eu não seria o tipo de cara que fica se gabando de ter perdido a virgindade com uma garota, então acho que me senti conectado a ela num nível mais profundo.

– Claro – disse Ben.

Então comecei a me sentir muito sujo. Era horrível ter que mentir para um amigo. Mas que escolha eu tinha? Nossa amizade era incrível e estava

ficando cada vez melhor, e isso tornava uma mentirinha boba aceitável, certo? Não seria o ideal, mas aceitável.

Em público, diminuimos a intensidade da nossa amizade, sabendo que Steve e seu bando não entenderiam nosso vínculo estranho e incomum. Mas, em particular, nos livramos de quase todas as barreiras, e isso era mais do que bom para mim.

Sexo não estava no menu. Eu ainda não sabia qual era a linha a partir da qual as coisas seriam “de mais” para Ben, mas eu tinha a sensação de que estávamos muito próximos dela. Apesar de todas as minhas fantasias com ele – e eu tinha um monte –, não conseguia imaginar nenhuma delas se tornando realidade. Várias noites, depois de as luzes se apagarem, escapei para o banheiro e “resolvi meus problemas”, pedindo a Deus que ninguém entrasse e fizesse algum barulho de uma forma que acabasse com o clima.

Toby achava bonitinho nosso *bromance*. Mais de uma vez, quando nós quatro saíamos juntos, ele revelou quanto desejava ter o que eu e Ben tínhamos, o que era engraçado, pois eu sabia que ele e Robinson tinham um caso.

Uma tarde, antes do jantar, enquanto fazíamos o dever de casa no (nosso) quarto, Ben recebeu um e-mail da mãe dele. Ele gemeu e depois o leu em voz alta:

– *Querido Benny...*

– Ah, com certeza vou chamar você assim! – comentei.

– Você com certeza não vai. *Querido Benny* – continuou ele. – *Você se importa se convidarmos os Tolleson para o Dia de Ação de Graças deste ano? Sei que Mitch não é exatamente seu melhor amigo, mas já faz cinco anos desde que o convidamos e detesto ser mal-educada.*

Ele fez o gesto de pôr uma arma na boca e puxar o gatilho.

– Mitch Tolleson não é exatamente seu melhor amigo?

– Eu brincava com ele quando tinha 6 anos. A gente se separou quando ele raspou a cabeça e virou caçador. Agora ele veste uniformes do Exército e tem um adesivo da bandeira confederada na caminhonete.

– Que maravilha. E seus pais gostam dele?

Ben se jogou na cama e cruzou os braços.

– Meus pais acreditam na civilidade a todo custo. Mesmo que os vizinhos criem um skinhead, é melhor não arrumar confusão.

Balancei a cabeça.

– Nossas famílias não são muito parecidas, né?

Ele franziu os lábios, como se imaginasse o jantar de Ação de Graças. Ben era, obviamente, a ovelha negra da família, interessado em livros e cheio de ideias. Lembrei quanto seu pai parecera desconfortável na Natick, e agora isso começava a fazer mais sentido. Fiquei tão preso aos meus problemas que nem notei que Ben, tão próximo de mim, se sentia tão distante da própria família. De repente entendi o que eu deveria fazer.

– Você não pode jantar com Mitch Tolleson – falei. – Ele parece um nazista.

Ben deu de ombros.

– Você não vai jantar com ele. O que acha de ir para Boulder comigo?

O convite pegou Ben de surpresa, mas logo depois ele parecia uma criança que acabara de ganhar o melhor presente de Natal de todos os tempos. Abriu um sorriso bobo, como se todas as suas preocupações tivessem sumido. Fiquei me sentindo incrível por ser capaz de ter um impacto tão grande em alguém impressionante como Ben.

Então me lembrei do óbvio: levar Ben ao Colorado poderia ser o suicídio da nossa amizade. Para começar, eu teria que descobrir como me “reconciliar” com Claire Olivia, já que não havia a menor chance de eu ir para casa e não vê-la. Como eu poderia ser em Boulder a mesma pessoa que era em Natick?

– Está falando sério?

– Claro – respondi, afastando esses pensamentos. – Está resolvido. Você vem comigo.

Ele baixou a cabeça novamente. Esqueci que Ben era bolsista na Natick. Minha família tinha uma situação financeira satisfatória, mas uma passagem para Denver não era exatamente algo que Ben poderia pedir aos pais.

– Meus pais compraram a passagem para você. Era para ser surpresa – falei.

Não era totalmente uma mentira, porque eu sabia que, mesmo que eles não comprassem, eu poderia comprar. Eu tinha algumas centenas de dólares guardados do meu trabalho de verão em Ripple, numa sorveteria. Ben valia o gasto.

– Não posso aceitar – disse ele.

– Pode, sim – insisti. – Você é meu amigo. Eles querem que você vá. Eu quero que você vá, Benny.

Demorou um segundo, mas logo o sorriso bobo, ligeiramente torto, voltou, e tive certeza de que amava Ben. Todos os meus medos sumiram. Ben. Na minha casa. No meu quarto. Sim, eu poderia fazer isso dar certo.

A HISTÓRIA DE RAFE

Parte VIII

Talvez isso se devesse ao fato de eu ter um namorado ainda no armário que não podia ser visto comigo em público, mas as pequenas coisas que me incomodavam em ter me assumido gay estavam me deixando cada vez mais irritado.

Foi logo depois do feriado de Ação de Graças, e eu estava na lanchonete com Claire Olivia, comendo a versão de Rangeview para tacos – tortilhas com poucas calorias e peru com gosto de tristeza –, quando as Kaitlins atacaram.

Em Boulder, todas as meninas que não têm nome de cor, mês, cidade ou estado se chamam Kaitlin, Brittany ou Ashley, de acordo com Claire Olivia. Todas as Brittany's usam faixas de cabelo legais. As Ashley's são sorridentes e apolíticas e tendem a ser líderes de torcida. As Kaitlins são louras, curiosas e integrantes da equipe do anuário ou repórteres do *Boulder Tattler*.

Kaitlin Um, nesse caso, era baixinha e usava um suéter cor de pêssego e brincos de turquesa grandes. Kaitlin Dois era alta. Jogadora de vôlei, acho.

– Oi, Rafe, Claire – disse a Dois.

Senti Claire Olivia se retesar ao meu lado. Chamá-la apenas de Claire é pedir para ter acesso a possibilidades ruins, a maioria delas violentas. Dois não esperou nenhuma resposta além de um aceno de cabeça.

– Foi tão cruel o que eles fizeram com a igreja.

Ela estava se referindo à nossa aula de história. A Sra. Peavy tinha abordado o assunto dos incêndios em igrejas no Sul durante o movimento pelos direitos civis e o comparou com o que tinha acontecido, quatro anos antes na igreja onde a PPAGL se reunia. Alguém tinha pichado “Morram Bixas” na lateral da igreja, causando uma enorme comoção. Não foi um incêndio, mas era horrível que alguém pudesse vandalizar uma igreja, para não mencionar a questão ortográfica.

Mas, como isso aconteceu em Boulder, as *autoridades* tiveram que organizar uma vigília. (Foi antes de a minha mãe se envolver na PPAGL.) Na vigília, aparentemente todo mundo teve que expressar o que sentia, e houve muitos abraços. Em seguida,

formaram um comitê para descobrir como reagir ao incidente. Depois de três meses de reuniões, o comitê abriu uma linha telefônica para a qual as pessoas poderiam ligar e expressar seus sentimentos sobre o ódio demonstrado pela pichação.

Ah, Boulder.

Dessa vez, a Sra. Peavey não me pediu a opinião gay oficial sobre o vandalismo. Progresso. Mas agora as Kaitlins estavam pedindo. Encolhi os ombros.

– Foi péssimo – falei.

– Totalmente – disse a Kaitlin Um, balançando a cabeça. – Mas a esposa do prefeito Barkley era, tipo, afro-americana, então meio que ele compreendia a questão da opressão e deveria ter organizado a vigília.

Assenti, sem entender direito o que ela tinha dito ou o que aquilo tinha a ver com o assunto.

– Certo – concordei. – O lado pessoal é político e tudo mais.

A Dois assentiu.

– Você é tão inteligente. Deve ir para uma faculdade tipo Harvard.

– Nas férias – falei, sem motivo aparente.

Meu tédio com as Kaitlins só aumentava, e fiquei com medo de que Claire Olivia estivesse prestes a iniciar um incidente internacional.

As Kaitlins riram e uma delas, a Um ou a Dois, disse:

– Ah, meu Deus! Você é inteligente como Will e engraçado como Jack. Sabe, de *Will & Grace*? Qual deles você é?

Elas não esperaram por uma resposta.

– Você é Will. Will é tão engraçado.

Olhei pela janela e vi alguns caras jogando bola. Suspirei.

– Se é o que você prefere, acho que posso ser – falei.

Elas se afastaram. Menos de dois minutos depois, Jasmin Price, que é praticamente uma Ashley, se aproximou.

– Você foi a Eldora no fim de semana passado?

Eu disse que estava lá. Ela pareceu surpresa.

– Não sabia que os gays gostavam de esquiar.

Claire Olivia ergueu os olhos de sua incessante troca de mensagens de texto e me lançou um olhar arregalado. Ignorei-a e assenti para Jasmin.

– Gostamos, sim. É um fato pouco conhecido. Dá para saber quem é gay por quem esquia e quem pratica snowboard.

Eu quase podia ver as engrenagens trabalhando em sua cabeça. Ela devia estar pensando *Espera, fulano não esquia?* Eu já ia dizer que estava brincando, mas tinha acabado de comer e fui descartar a bandeja.

Lá estava Clay, do outro lado do salão, com os amigos. Nossos olhares se cruzaram e eu sorri, mas ele mal acenou. Senti inveja dele. Clay conseguia almoçar em paz. Por que eu não?

E havia Caleb, bajulado em outra mesa, cercado de garotas. Todos riam e se divertiam. Sem dúvida, à custa de outra pessoa, mas, ainda assim, estavam rindo. Eu não era assim. Quero dizer, adorava o tempo que Claire Olivia e eu passávamos juntos, mas eu não era exagerado nem vivia cercado de garotas que queriam se divertir.

Quando voltei para junto de Claire Olivia, Jasmin tinha ido embora. Eu e Claire Olivia reviramos os olhos.

– Ei, você sabia que eu sou gay? – perguntei.

– Ah, qual é? – disse ela. – Sério? Não fazia ideia, já que as pessoas não falam só sobre esse assunto com você.

– Não é? Estou tão cansado de ser visto como “o garoto gay”.

– Bem...

Ela fez uma careta e passou a mão pelo cabelo.

– Bem o quê? – perguntei, tenso.

– Sem ofensa, Shay Shay, mas como isso aconteceu não é exatamente um mistério. Quer dizer, você não anunciou isso para o mundo nem visitou outras escolas para discutir o assunto. Sua mãe não é presidente da PPAGL de Boulder. Como as pessoas são grosseiras fazendo tanto alarde sobre o fato de você ser gay!

Curvei o lábio inferior para mostrar a ela que estava magoado. Fazer beicinho era uma brincadeira entre a gente; queria dizer que não tínhamos ficado magoados de verdade, mas poderíamos se fôssemos mais sensíveis. Mas quanto mais penso nisso, mais percebo que quase todas as vezes em que fiz beicinho tinha de fato ficado um pouco magoado. Gostaria de saber se isso também acontecia com Claire Olivia.

– Ah – disse ela, brincando. – Pobre Rafe.

– Você está sempre gritando – falei, enfiando os dedos nos ouvidos.

Rafe,

Ok, uma tarefa para você. É simples. Quero que você pegue a frase que começa com “Mas quanto mais penso nisso” e escreva a partir daí. Faça uma redação rápida, como as que fazemos em sala. Observe que agora você está refletindo sobre como se sentia antes. Por que está tão diferente dos textos

*(geralmente bem escritos) que você me entregou durante todo o semestre?
Lembre-se da citação Doctorow! Mãos à obra!*

— Sr. Scarborough

NA PRIMEIRA RODADA DAS FINAIS do campeonato do futebol, jogamos em casa contra o Belmont. Nós tínhamos ganhado o jogo do início da temporada regular por 4 a 3, quando Bryce ainda estava no time. Sem ele, sabíamos que não ia ser fácil.

– Tudo bem, rapazes – disse o treinador Donnelly no vestiário durante a preleção antes do jogo. – Quero falar sobre altruísmo. Desprendimento envolve entrega. Você se torna um mártir. Como os guerreiros camicase hindus. Esses indo-japoneses escolheram abrir mão de suas vidas e, se não o fizessem, seriam mortos. Imaginem o que suas famílias devem ter sentido. Um dia você está com seu pai e, no dia seguinte, o vê jogando um avião contra um navio em Pearl Harbor. Os filhos dessas pessoas não fizeram nada de errado. Apenas moravam em um país mau. O Eixo do Mal. Esse tipo de maldade está além de qualquer coisa que eu e vocês vamos experimentar em nossas vidas. Então, fiquem felizes. Fiquem felizes porque moramos nos Estados Unidos da América. Sejam felizes porque podemos escolher, porque somos livres. Agora vão lá e lutem!

Minha mente não estava completamente lá. Eu tinha um “salmão maior para assar”, como dizia Claire Olivia. Ela tinha ligado e a conversa foi um pouco melhor dessa vez.

– Estou muito chateada – disse ela. – Estou chateada pelo que você fez e mais ainda por ter gritado com você e desligado na sua cara. Eu não devia ter feito isso.

– Bem, eu devia ter lhe contado antes.

– Sim. Muito antes.

– Eu devia ter contado ano passado, quando decidi experimentar isso, mas fiquei com medo de que você quisesse me impedir.

– Bem, eu provavelmente tentaria impedir mesmo, já que isso é muito louco.

– Eu sei. Mas, sabe, parece tão certo. Estou vivendo um *bromance*, acredita? Somos amigos de verdade, mas isso nunca teria acontecido se eu não tivesse feito o que fiz.

– Bromance? Gays podem ter bromance? – perguntou ela. – Foi por isso que fez isso?

– Não! É só... uma grande vantagem.

– É esse tal de Ben, certo?

– Sim. Você ia adorá-lo. Bem, na verdade, não sei. Ele é muito inteligente e engraçado, mas é do tipo atleta. Talvez você o odeie, na verdade.

– Que ótimo – brincou ela.

– Bem, há um jeito de descobrir.

– Eu NÃO vou a Massachusetts visitar meu melhor amigo, que é um gay hétero. Isso NÃO vai acontecer.

– Vou para Boulder no feriado de Ação de Graças. Com ele.

– Uau! – exclamou ela. – Seus pais sabem o que você está fazendo? Eles levaram na boa?

– Não exatamente. Mas estão tentando.

– Não sei. Acho que eu não ia conseguir fingir bem.

– Ah, qual é... – falei. – Pense nisso como uma oportunidade de mostrar seu talento como atriz. Você não adora atuar?

– Atuar... é ser – disse ela, forçando um terrível sotaque inglês.

– Você poderia? Por favor? Quero sair com você E Ben enquanto ele estiver aí.

– Isso é muito estranho.

– Por favor? Por mim?

– Ah, você sabe que não consigo dizer não para você.

– Uhul! Achei mesmo que não.

– Mas você fica me devendo uma.

– Eu sei, eu sei, eu sei, eu sei. Última coisa, e também fico devendo esta:

você era minha namorada antes de ficar irritada e terminar comigo há algumas semanas.

Ela suspirou.

– Tudo bem.



Belmont marcou um gol aos 45 segundos de jogo, quando Robinson deixou uma bola muito fácil passar por entre os dedos. Minutos depois, deu um ótimo mergulho num chute à sua direita. Infelizmente, a bola passou por ele um segundo antes.

Perdendo por 2 a 0, errei o passe para Steve por cerca de 4 metros. Senti um aperto no peito. Fracasso. Aquele nervoso que parecia um arrepio. Steve me lançou um olhar do outro lado do campo, e tive a sensação de que ia ouvir muito por causa disso.

Não tivemos mais nenhuma outra chance. Em alguns aspectos, isso tornava tudo mais fácil, porque, quando você perde de 4 a 0, a culpa não é de uma jogada. Mas o fato é que não joguei bem. Resisti. E, enquanto nos arrastávamos para o vestiário, nosso time eliminado, não estava gostando nada da sensação.

O grupo estava perigosamente mal-humorado enquanto ouvia o treinador dar sua última preleção de fim de jogo do ano, algo sobre um antigo submarino alemão encontrado na costa da Carolina. Eu não conseguia prestar atenção; só queria tomar um banho rápido e escapar para o alojamento, onde poderia ficar um pouco com Ben. Acho que uma das diferenças entre mim e os atletas de verdade era que eu não me importava muito de perder um jogo.

Claro, os chuveiros nunca são uma empreitada rápida e solitária. O humor e o tom eram ruins desde o início. Tive a sensação de que estava

prestes a testemunhar o que acontece quando a fachada positiva dos atletas da Natick desaparece.

– Boa temporada, Ben, boa temporada, Zack – disse Steve, enxaguando as costas. – Na verdade, até que a gente teve um ano muito bom. Só queria saber como você perdeu uma bola que caiu perfeitamente nas suas mãos.

Olhei para Robinson, que tinha ficado quieto.

– Me desculpe – acabou dizendo ele. – Sei que foi uma merda.

– É. Bem, pedir desculpas não vai nos levar para a próxima rodada – disse Steve. – Talvez isso não tivesse acontecido se você não passasse tanto tempo com Toby chupando seu pau.

O vestiário ficou em silêncio, o barulho da chuva no telhado reverberando pelo ambiente.

– Cale a boca – disse Robinson.

Zack emendou:

– Você acha que as pessoas não percebem que vocês vão para a floresta separados e saem de lá separados? O que acha que a gente é? Um bando de idiotas? Você come a bunda daquela bicha também?

Robinson ficou apenas ouvindo, debaixo d'água, deixando que ela caísse sobre seu rosto, calado. Eu queria gritar: *Defenda-se!* Mas eu não deveria me meter.

– Um goleiro bicha que não agarra a porra de uma bola chutada direto para ele... – continuou Zack.

– Ei – falei, surpreendendo-me. – Pare com isso.

– Ah, o cara que não consegue dar um passe longo. Sim. Você devia mesmo se meter agora – disse Zack.

Dei um passo na direção dele.

– Cale a boca. Não fale assim do nosso colega de equipe. E não fale assim sobre meu amigo Toby.

A vibração em meu peito parecia um tremor. Deixava minha cabeça tonta.

– Seu amigo Toby? – Zack riu. – Ele chupa seu pau também, Colorado?

Dei mais um passo. Zack deu um na minha direção também. Estufei um

pouco o peito. Eu era magro demais para isso, mas estava com muita raiva, e às vezes, quando isso acontece, me sinto maior do que sou.

– Se disser mais uma palavra, vou arrebentar sua cabeça na parede – gritou Ben atrás de mim.

Zack congelou. Eu me virei e lá estava Ben, alto e grande, maior do que qualquer um na equipe, incluindo Steve.

Robinson apenas continuou seu banho em silêncio.

– Chega dessa babaquice homofóbica – disse Ben. – Sério. Cresçam.

Zack voltou para o seu chuveiro. Eu voltei para o meu, tímido, sentindo tudo de contraditório ao mesmo tempo. Tive medo de olhar para Ben, meus sentimentos por ele estavam fora de controle. Ele era um rapaz muito bonito, por dentro e por fora.

– Ele está certo – disse Steve, sempre o líder. – Vamos deixar isso pra lá.

Fiquei com vontade de dizer *Você que começou, babaca*. Todos ali deviam lembrar que Steve não era o atleta perfeito, e sim o cara que havia começado a tecer comentários homofóbicos no chuveiro antes que alguém maior do que ele acabasse com a discussão.

Mas, em vez disso, voltei a me ensaboar e enxaguar, permitindo que a água quente caísse com força na minha nuca, lavando a dor.



A última vez que quase entrei numa briga foi em Boulder.

Estávamos de férias no verão após o nono ano, num baile da PPAGL na igreja metodista da Spruce Street. Minha mãe já havia chegado e eu ia dançar, apesar de não ser nenhum pé de valsa. Então uns caras da minha idade passaram por mim, viram um cartaz do baile e cutucaram uns aos outros.

– Bichas – comentou um deles.

Parei e me virei para eles.

– Gays – falei. – Gostamos de ser chamados de gays, e não bichas. Só para você saber.

O cara se aproximou e perguntou:

– Você é bicha?

– Não, eu sou gay. Como expliquei. Por quê?

Meu coração batia disparado e eu o olhei de cima a baixo. Ele não era maior do que eu, mas não sabia do que seria capaz numa luta. Eu nunca tinha dado um soco em ninguém. Será que teria que chutá-lo? Mas lá estava eu, dando um passo na direção dele, o peito estufado, como se eu fosse um cara durão.

– Vou acabar com você – disse o garoto, e seus amigos recuaram, porque, obviamente, não compartilhavam da mesma ideia.

Nem eu, na verdade, mas segui em frente e percebi como seria ter um ataque cardíaco. E, quando eu já ia partir para cima do cara, sem saber se ele ia correr ou se íamos nos engalfinhar, ouvi a voz do meu pai:

– Ei!

Parei e me virei.

– O que está acontecendo aqui?

Papai veio correndo na nossa direção, o pânico em seus olhos. O garoto homofóbico começou a recuar e, em seguida, virou-se e fugiu.

– Ele me chamou de bicha – contei, com a voz embargada, a cabeça zumbindo.

Meu pai se aproximou e me abraçou com força.

– Você não é bicha, ok? Não deve nenhuma explicação sobre quem você é. Aqueles idiotas teriam sorte se fossem metade do homem que você é, Rafe. Ok? Eu e sua mãe amamos você. Não entre numa briga por causa daqueles idiotas. Eles nunca vão mudar. Deixe-os para lá.

O que estava implícito nessas palavras era que eu provavelmente teria perdido a luta. Porque não sou de brigar. E quem sabe o que acontece quando você está no chão, derrotado? Aquele garoto teria me matado se meu pai não tivesse aparecido?

Deitei na cama de Bryce, os olhos bem abertos, na noite do jogo de

futebol. Ben dormia tranquilamente do outro lado do quarto. Pensei na minha quase briga com Zack. Desde então algo não parecia certo. Ben e eu tínhamos passado tempo juntos e conversado, como de costume. Nada havia mudado entre nós. Mas parecia que uma parte de mim desaparecera na briga do vestiário.

Quem era eu? Como poderia defender os homossexuais e, ao mesmo tempo, omitir minha orientação sexual?

Fiquei me sentindo muito estranho, deitado ali, o vento uivando lá fora. O que eu estava fazendo ali? Quem era Rafe de verdade? É possível deixar uma parte de si mesmo em espera? E, se você fizer isso, ela se torna uma mentira?

Tudo é mais fácil para os heterossexuais. Eles não entendem. Não conseguem. Não existe essa coisa de ser hétero assumido.

Porque eu já fui alguma coisa antes, e era difícil ser assim. Mas pelo menos eu era alguma coisa, e não apenas um cara no chuveiro defendendo outro, quando, na verdade, deveria ter defendido a mim mesmo.

E isso era algo que meu melhor amigo Ben não podia saber sobre mim.

REDAÇÃO RÁPIDA: “QUANTO MAIS PENSO NISSO...”

Quanto mais penso nisso, mais percebo que, quase todas as vezes em que fiz beicinho, de fato tinha ficado um pouco magoado. Gostaria de saber se isso também acontecia com Claire Olivia.

Às vezes fico magoado, mas finjo que não.

Mágoa. Não gosto de me sentir magoado.

Sinto...

Claire Olivia é minha amiga, mas às vezes ela me magoa e eu a magoo. Eu sinto...

Será que eu não sei como me sinto? Já faz muito tempo. Deixe-me tentar algo mais recente:

Quanto mais penso nisso, mais percebo que não fiquei com raiva quando Steve e Zack começaram a fazer comentários homofóbicos no chuveiro. Eu fiquei magoado, porque é assim que eles me veem. Odeio que me vejam como motivo de piada. Odeio ter que esconder...

ODEIO ISSO! AAARRRGGGHHH!

Rafe,

Ah! Talvez esta não seja a melhor redação que você fez neste semestre, mas sem dúvida é a mais autêntica. Adorei a última linha! Não porque a escrita seja fantástica, mas porque é verdade. Foi um bom exercício.

Continue tentando. Você escreve muito bem. Mas considere pensar menos. Você parece muito decidido a controlar o rumo de sua escrita, e acho que parágrafos curtos não são realmente seus amigos. Você pode pensar que sim, mas é muito difícil pensar em parágrafos curtos com este tipo de escrita. Apenas escreva, Rafe. Não se preocupe com a forma. A redação rápida é uma ótima ferramenta para você. Não pense muito no que seus leitores acharão.

— Sr. Scarborough

22

ERA TERÇA-FEIRA À NOITE, DOIS dias antes do feriado de Ação de Graças. Ben e eu estávamos arrumando as malas e conversando sobre o que faríamos no Colorado naqueles três dias quando ouvimos uma batida na porta.

Ben atravessou o quarto para abri-la e vi sua expressão antes de saber quem era. Ele ficou de queixo caído e olhos arregalados, como se ganhasse vida de um jeito que eu nunca tinha visto.

Parado à porta estava o Sr. Donnelly e, ao lado dele, Bryce, com um sorriso tímido no rosto.

– B! – disse Ben, e os dois trocaram um abraço apertado.

O treinador Donnelly sorriu diante daquele reencontro e vi que havia outros garotos no corredor.

– Como você está? – perguntou Ben.

Bryce dispensou a pergunta, como se não tivesse importância. É claro que importava, mas, se um amigo teve depressão, devemos dar espaço para ele.

– Você tem outro colega de quarto? – perguntou Bryce.

– Extraoficialmente – respondeu Ben, apontando para mim. – Bryce, você se lembra do Rafe?

– Ah, certo. O cara do nariz quebrado. E aí?

– Tudo na mesma – falei, me sentindo estranho.

Eu me aproximei e apertei a mão dele.

– Você voltou para ficar? – perguntou Ben.

– Não... Vim arrumar as minhas coisas. Eu estou bem, não se preocupe. Só preciso passar um tempo em casa.

– Ah, ok... – murmurou Ben, e não consegui entender como ele estava se sentindo.

– Vocês devem ter muito o que conversar – falei.

Ben assentiu.

– Só um pouco. Mas queria que nós três passássemos um tempo juntos.

Bryce olhou para o relógio.

– Minha mãe está lá embaixo no carro. Pedi que ela esperasse uma hora.

– Será que ela não aceita esperar duas?

Bryce mandou uma mensagem para a mãe. Ela respondeu imediatamente, e Bryce sorriu.

– Sim, posso ficar mais. Ela vai tomar um café.

– Vou dar o fora – falei. – Quando posso voltar?

– Em mais ou menos uma hora – disse Ben, e Bryce assentiu.



Fui para o meu antigo quarto e fiquei com Albie e Toby ouvindo o rádio da polícia e bebericando meu Red Bull. Eles falaram sobre o treinamento de primeiros socorros que Albie estava pensando em fazer no verão. Ele achava que talvez devesse tirar um ano para fazer isso antes de começar a faculdade. Toby disse que, se ele fosse tirar um ano de folga dos estudos, seria para se tornar um Rock Cat. E então começou a dar chutinhos, o que era estranho.

– Que diabos é um Rock Cat? – perguntou Albie.

– Conhece o Radio City Music Hall em Nova York? Todo Natal os Rock Cats tocam lá. Dã.

– Por acaso a sua mãe colocava ácido no seu cereal quando você era criança? – zombou Albie. – São as Rockettes.

– Não são, não.

– São, sim.

Toby corou.

– Bem, você sempre acha que aquela canção é sobre uma “hollow batgirl”.

– Cale a boca – disse Albie, dando as costas para ele.
– O que é uma “hollow batgirl”? – perguntei.
– É “Hollaback Girl” quando você tem problemas para entender o que dizem as letras e todas as suas referências de cultura pop vêm de reality shows de sobrevivência na selva – explicou Toby.

Eu ri.

– Cara, Albie...

– Não importa – retrucou Albie. – Gosto mais da minha imagem. Uma mulher-gato oca. É poética.

– Muito. Ainda mais para uma canção em que a cantora soletra “bananas” para a plateia – disse Toby.

– Ajude: Garoto Recruta Crianças Cegas – disse Albie em tom monocórdio.

– Pare. Cale a boca – rebateu Toby.

Albie o ignorou:

– A gente estava em Cochituate ano passado e havia um grupo de jovens soldados com um cartaz que dizia: “Ajude, Garoto Recruta, Crianças Cegas”. Toby leu aquilo, agarrou o colarinho da minha camisa e me puxou para longe. Perguntei o que tinha acontecido e, com uma expressão assustada, ele disse: “Isso não está certo. Eles precisam ser detidos.”

– Ah, não – falei, dando uma gargalhada.

– Quando perguntei por que ajudar as crianças cegas era ruim, o rosto de Toby ficou branco. Ele disse: “Esqueça. Vamos.” Mas eu queria saber do que ele estava falando, então o fiz voltar lá comigo. Olhamos o cartaz juntos e ele murmurou: “Confundi a pontuação.”

Virei-me para Toby.

– Você achou que os soldados estavam recrutando crianças cegas para quê?

Ele deu de ombros.

– Bem, eles são contra gays, sabia? Acho que podem ser capazes de tudo. Além do mais, eu estava brincando.

Albie balançou a cabeça.

– Não estava.

– E como você pensou nessa sua cabeça doida que eles iam sair por aí recrutando crianças cegas? – perguntei.

Toby estudava o chão atentamente, como se fosse fascinante.

– Não sei – respondeu por fim.

Eu mal podia esperar para subir. Então, 57 minutos depois, bati à porta do quarto de Ben.

– Aí está o cara – disse ele, me deixando entrar.

Bryce estava esparramado em sua cama, agora sem os lençóis.

– E aí? Desculpe, mas você acabou de perder a roupa de cama e o edredom. Tenho que levá-los para casa.

– Espero que não tenha problema...

– Ah, não se preocupe. Estou feliz por você estar aqui.

Bryce sorriu e percebi por que Ben gostava dele. Bryce era gente boa mesmo. Vi como o rosto de Ben se iluminava na presença dele.

Ben e eu tomamos um *screwdriver* de plástico e Bryce bebeu um Gatorade puro. Ele não podia mais ingerir álcool por causa dos antidepressivos. Ficamos conversando e rindo, e o tempo voou. Bryce fazia imitações surpreendentes, e gostava de imitar as loucuras do treinador Donnelly, que ele dizia, brincando, que era de quem sentia mais falta na Natick.

Eu sabia que Bryce já havia contado a Ben o que acontecera, mas ele quis me dizer também. Bryce estava fazendo terapia, tipo, cinco vezes por semana. Tinha que tomar um antidepressivo. Sua mãe dava aulas para ele em casa, o que era bem difícil, porque isso significava conviver com sua professora o tempo todo.

Eu não conseguia imaginar como seria estudar em casa. Especialmente com minha mãe como professora. Com certeza eu viraria um assassino em uma semana.

Bryce logo olhou para o relógio e disse que era hora de ir embora.

– Eu mando mensagem para você – disse ele. – Não se preocupe, ok?

– Legal – disse Ben. – Mas depois me diga como você está, cara. Foi uma

droga ficar dois meses sem falar com você.

– Tudo bem – disse Bryce.

– Eu te amo, meu amigo.

– Eu sei – disse Bryce. – Também te amo.

Então ele se virou para mim.

– Obrigado por cuidar do Ben. Me senti muito culpado ao pensar que Ben estava sozinho aqui na Natick. Ele não está, o que é legal.

– Sim, hum... sem problema – respondi, corando.

Quando Bryce se foi, Ben deixou-se cair na cama. Eu me deitei na que agora era minha de verdade. Apenas ficamos ali, no silêncio calmo do momento.

– Ele é... um grande cara – falei.

– Eu sei.

– Por que você acha que ele estava deprimido? – perguntei.

Ben pensou por um minuto.

– Acho que ser diferente é realmente difícil, para começar.

– Sim.

– Quero dizer, ele é duplamente diferente, porque é um cara bom, sensível e é negro. Então, é como se usasse duas lentes.

– Lentes?

– Sim – disse Ben. – Bryce disse que todos enxergamos o mundo através de lentes. Elas sempre mudam sua perspectiva. Criam a sua realidade e, ao contrário dos óculos, você nunca pode tirá-las e ver o que é normal para as outras pessoas, entende? Bryce tinha duas lentes e dizia que era difícil se relacionar com alguns alunos daqui que parecem não ter nenhuma.

– Bem, você tem uma – falei.

– Acho que sim. Você também.

– É – concordei, fechando os olhos.

Imaginei as lentes. E então tentei imaginar o que as lentes de Ben viam. Em mim. Quando abri os olhos, Ben me encarava. Sustentei seu olhar, e ele também, e enxergamos um ao outro. Nós nos deciframos. Tão claramente

quanto minhas lentes permitiam, vi quem era Ben, e isso era bom. E, pela expressão dele, Ben estava me vendo também. Realmente vendo.

Tomamos outra bebida e estávamos muito cansados quando bateu meia-noite. Teríamos uma longa viagem no dia seguinte, com o voo de Boston para Denver pela manhã. Mas, além de acordar, não havia muito a fazer, então não me preocupei muito. E eu sentia uma tontura boa.

– Preciso buscar meus lençóis e meu cobertor – falei, me esforçando para ficar de pé.

Eu estava um pouco bêbado, mas para ficar mais engraçado fingi estar pior. Me apoiei no colchão e oscilei como se não conseguisse me levantar, então caí de volta na cama.

Ben começou a rir.

– Não caia.

Fiquei me debatendo por mais alguns segundos antes de finalmente ficar de pé. Balancei exageradamente.

– Você vai cair – disse ele, embora eu estivesse brincando. – Vamos.

– Vamos aonde?

Ele se sentou e deu um tapinha em sua cama.

– Venha aqui, seu idiota.

Timidamente fui me sentar na beirada da cama dele. Ben estava deitado de costas, os olhos fechados, seus enormes braços sobre a cabeça. Ele estendeu a mão e tocou meu braço.

– Durma aqui.

– Ok – respondi, perdendo o fôlego.

Em silêncio, ele chegou para o lado e puxou o edredom. Ben vestia moletom e camiseta. Continuei com as minhas roupas. Eu me acomodei debaixo dos lençóis, de costas para ele, porque, se me virasse, ele teria sido seriamente cutucado. Ben se virou e passou o braço sobre mim.

– Estou tão feliz por conhecer você, Rafe – disse ele.

– Eu também – sussurrei, meio que prendendo a respiração.

Ele me abraçou, e o calor de seu corpo nas minhas costas me fez derreter. Eu podia sentir e cheirar seu hálito de vodca enquanto ele soprava no meu

ouvido e na minha bochecha. Precisei me concentrar na minha respiração. Eu não podia me mexer. Nunca, nunca desejei mais alguma coisa do que me pressionar contra ele naquele momento, para saber se ele tinha uma ereção. Eu queria saber, precisava saber. Mas não pude me obrigar a fazer isso.

– Colorado amanhã – falei.

– Mal posso esperar.

Em pouco tempo ouvi seu ronco, suave e familiar. O mesmo ronco que eu tinha ouvido e amado do outro lado do quarto nos últimos dois meses. Em pouco tempo a ereção cedeu e relaxei nos braços de Ben. E, mesmo que eu não tenha pregado o olho, foi a noite mais relaxante que eu já tivera na vida.

23

- ESTE É DE LONGE O VOO mais longo que eu já fiz – falei, me acomodando no assento 20E.

Ben estava no 20D e não havia ninguém no 20F, o assento da janela. Não era um voo com lugar marcado, então Ben disse para eu ocupar o assento da janela durante o embarque, para garantir que ninguém mais se sentasse na nossa fileira.

– Ninguém gosta do assento do meio, ainda mais entre dois caras, sendo que um deles sou eu – disse ele, com a postura ereta, de modo que seus ombros largos parecessem ainda maiores.

Então ele me instruiu a encarar ameaçadoramente qualquer um que olhasse na nossa direção. Foi difícil fazer isso, porque eu ficava rindo, mas Ben parecia bastante determinado a seguir as próprias regras. E, como ele havia planejado, as portas se fecharam e ninguém se sentou entre nós.

O avião decolou e nos preparamos para a viagem de quatro horas. Não conversamos sobre nada de especial quando acordamos naquela manhã (bem, quando ele acordou e eu fingi que tinha acordado), quando terminei de arrumar a mala ou quando pegamos o táxi. Era como se aquele fosse nosso jeito. Então me perguntei se tudo funcionaria assim mesmo, meio *Brokeback Mountain*. Dormiríamos juntos por um ano, então finalmente iríamos além, mas nunca falaríamos sobre o assunto. Em seguida, Ben se casaria e eu seria assassinado no Texas.

Provavelmente não, mas cuidado nunca é demais.

– Você acha que Toby e Robinson?... – perguntou Ben quando atingimos tal altitude que precisei desentupir os ouvidos para escutá-lo.

Olhei para ele. Não havia ironia em sua voz, nada que revelasse que ele

estava fingindo que a noite anterior não tinha acontecido. Nada de *Brokeback* aqui, percebi. Ben era bom demais para isso.

– Eu não sei. Com aquela bunda peluda e tudo?

– De repente, sim – disse Ben.

Minha cabeça girava. Talvez todos os caras fizessem coisas gays. Se investigássemos um pouco mais, descobriríamos que Steve e Zack eram parceiros também.

– Você acha que todo mundo é assim?

– Assim como?

– Deixa pra lá – falei.

Jogamos baralho e pedi suco de tomate picante, que aparentemente só ficava disponível em altitudes elevadas, uma vez que eu nunca tinha ouvido falar disso.

– As pessoas perdem a noção com relação aos gays – disse Ben enquanto embaralhava depois de eu ter ganhado dele duas vezes.

– Sim, é verdade.

O silêncio era ensurdecedor. Havia tantas coisas que eu queria perguntar para ele, mas tinha muito medo. Como os héteros faziam isso? Chegavam de fininho perto do limite, então decidiam se o ultrapassavam ou não, sem nunca discutir as regras? Era cansativo, e eu nem sabia se existia mesmo um limite. Quer dizer, nada tinha acontecido de fato. Apenas dois caras dormindo juntos. Acontecia o tempo todo na natureza. É claro que Ben não percebeu que eu havia passado uma boa meia hora duro como uma pedra. E eu tinha certeza de que ele não ficara assim, o que me fez pensar mais se ele era apenas um hétero legal com um amigo próximo que começou a amar. Eu conseguiria ser um hétero legal também, se tentasse? Eu gostaria de ser?

Conforme sobrevoamos Ohio e depois Indiana – eu sabia disso porque o chato do piloto ficava o tempo todo nos dizendo onde estávamos –, senti que precisava falar alguma coisa. Aquilo estava me dando um nó na garganta.

– Você e Bryce sempre faziam isso?

Ben olhou para mim.

– O quê?

– Não sei. Dormir na mesma cama?

Ele riu.

– Não.

– Mas a gente dormiu.

Ele riu outra vez, seus olhos quentes e translúcidos fitando os meus sem medo.

– Obrigado, Capitão Óbvio.

– Eu só fiquei pensando... o que isso significa. Se é que significa alguma coisa. Sabe?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Quero dizer, acho que significa que nos sentimos à vontade um com o outro e que a gente se ama.

O velho careca sentado no banco da frente olhou para trás, viu como Ben era grande e se virou para a frente outra vez. Desviei os olhos de Ben também, porque tive medo do que meus olhos revelariam se eu o encarasse.

– Hum – murmurei.

– Bem, sei o que significa uma parte disso, mas a outra parte não. É tudo o que entendo disso – declarou Ben.

Eu ri.

– Talvez você pudesse explicar essa mensagem enigmática.

Ben balançou a cabeça.

– Quem sabe...

Olhamos um para o outro novamente, como se estivéssemos pedindo permissão – para falar, para ser honestos. Parecia loucura, considerando que conversávamos sobre tudo.

– Parte disso significa o que eu disse. Eu amo você. Você me ama. A gente se ama – disse ele.

– Certo – concordei.

– Os gregos eram mais inteligentes do que nós e tinham palavras diferentes para diferentes tipos de amor. *Storge* é o amor da família. Não é o nosso caso. *Eros* é o amor sexual. *Philia* é o amor fraternal. E há a forma

mais elevada, *Ágape* – explicou. – Esse é o amor transcendental, como quando você põe a outra pessoa acima de si mesmo.

– Você com certeza vai para Harvard.

Ele riu.

– Então, nossa amizade é *philia*, em algum grau.

– Como *pedofilia* ou *necrofilia*?

– Que nojo! – exclamou ele. – Mas, sim, acho que é a mesma raiz.

Assenti.

– Sobre *eros* eu não sei. Acho que essa é a parte a que me referia quando disse que não sabia. Quero dizer, para mim, meu *eros* sempre foi direcionado a garotas.

– Garotas, sim – comentei. – Eu também.

– Eu gostaria de pensar no que temos como *ágape*. Um amor maior. Algo que transcende. Algo que não tem sexo nem fraternidade, mas duas pessoas que se conectam de verdade.

E assim era Ben. Ele conseguia se safar depois de falar todas essas besteiras. Eu não conseguia. Eu não era grande ou másculo o bastante. Pelo menos não na minha cabeça. Mas Ben podia enfiar todo o *ágape* goela abaixo e você ficava apenas ali sentado, tipo, *dã. Ágape*. Interessante.

– *Ágape* – falei. – Gosto disso.

Um sorriso surgiu em seu rosto.

– Eu também.

– Então, não somos... *aga-gays*?

Ele riu.

– Eu sabia que você estava pensando isso. Acho que eu meio que estava também. Quer saber, Rafe? Se um dia eu fosse *aga-gay* com alguém, seria com você.

O cara no banco da frente se virou e nos encarou novamente. Ben olhou para ele e o homem voltou para sua posição. Não sei quão vermelho eu tinha ficado nem se Ben havia notado.

– Eu também. Com você – falei.

Ben estendeu a mão e tocou a minha, então a abri e ele pôs sua mão na

minha. Era quente e ligeiramente úmida. Eu queria pôr meus lábios entre o polegar e o indicador dele e manter minha boca ali para sempre.

– Como na Índia – comentei.

Ele sorriu.

– Isso aí.

24

É TÍPICO DO MEU PAI USAR sandálias e short surrado no aeroporto de Denver em um dia frio.

Ele estava ali, do outro lado da faixa de segurança, acenando em êxtase. Olhei para Ben.

– Vai ser um desastre.

– Ah, qual é? Vai dar tudo certo – disse ele.

– Meus dois rapazes favoritos! – gritou meu pai, abraçando-me apertado e me beijando na bochecha. Então ele pegou Ben e o abraçou também. Ben pareceu retribuir o gesto.

– Bom ver você, Sr. G.! – disse Ben.

– Gosto disso, Sr. .. Pode continuar. Ou apenas Gavin.

– Ok, Sr. G. – respondeu Ben, e soltei uma risada.

Saímos do terminal e encontramos um dia ensolarado, fresco, não muito frio. Era muito bom ver as montanhas ao longe; era a minha casa. Mamãe esperava no Prius e, quando nos viu, pulou para o banco de trás.

– Você é maior – disse para Ben, dando um beijo no rosto dele.

Depois ela se virou para mim e me deu um abraço apertado e quente.

Enquanto andávamos pela Rota 36, eu não conseguia parar de olhar para fora da janela, para as montanhas. Ben estava contando aos meus pais tudo sobre a última semana. Meus pais trocavam olhares pelo retrovisor, imaginando tudo o que eu estava pensando. Ali estávamos nós, quatro pessoas em um Prius, pensando.

Minha mãe tinha sido muito legal quando informei que levaria Ben. Ela se ofereceu para pagar metade da passagem dele, o que aceitei na hora, então meu pai me ligou mais tarde e se ofereceu para pagar a outra metade.

– Claire Olivia passou lá em casa no início da semana. Ela estava

avaliando quanto você odiaria uma festa surpresa ao chegar – disse minha mãe. – Calculei que odiaria muito.

– Calculou certo.

Contei a Ben que Claire Olivia e eu havíamos feito as pazes e nossa separação passara a ser amigável.

– Ah, como assim? Quem não gosta de uma festa surpresa? – disse meu pai.

Levantei a mão e, sem qualquer orientação minha, Ben levantou a dele também. Meus pais riram.

– Vocês dois – disse mamãe. – Tão exagerados.

– Quem diria que você teria uma duplicata no norte de New Hampshire? – disse meu pai.

Era muito difícil fazer meu pai desistir de palavras como “duplicata”. Ser professor de inglês às vezes dominava a vida dele. Ben devia saber o que era uma duplicata, ou não se importava, já que não perguntou.

Ao pegarmos a direção oeste, fiquei realmente feliz de ver minha cidade. Passamos pelo Pearl Street Mall, que, mesmo em um dia fresco de novembro, estava apinhado de percussionistas africanos e dançarinos de rua. À nossa direita ficava a The Laughing Goat e, à esquerda, o Bud, Bong and Beyond, onde minha mãe comprava sua maconha medicinal – e ela achava que eu não sabia disso. Não tenho certeza de qual dor ela sentia, mas, de acordo com a bula em sua mesinha de cabeceira, suponho que não sentisse dor nenhuma.

Quando viramos a esquina e paramos na garagem, eu só queria dizer: “Sério? Vocês precisavam fazer isso?” Ou talvez: “Vocês não podiam pedir que as pessoas estacionassem mais longe de casa?” Porque os carros denunciaram minha festa surpresa. Então meu longo suspiro demonstrou que eu tinha descoberto.

– Faça isso por nós – disse minha mãe. – Finja que gosta de pessoas e que gosta de ver as pessoas que amam você. Só um pouquinho.

– Tudo bem – falei. – Sinto muito, Ben.

– Ei, não vejo nenhum problema nisso – disse ele. – Estou sempre no

modo baladeiro.

– Lembra? “Baladeiro” está proibido para você – falei, sacudindo-o pelo ombro.

Ele riu, e fitei meu pai e minha mãe, que compartilhavam aquele olhar de “Eles não são lindos?”. Por sorte, Ben não reparou.

Saímos do carro, e fiquei feliz porque pelo menos a época do ano não favorecia uma festa ao ar livre. Dentro de casa, o evento seria menor e mais fácil de lidar. Então ouvi o barulho e percebi que o clima não era importante para meus pais. Não para Gavin e Opal Goldberg.

Fomos até os fundos.

– Surpresa! – gritaram sete pessoas.

– Uau! – falei. – Isso é... Uau! Estou chocado.

Com casacos de frio, lá estavam Claire Olivia, os pais dela, tia Ruth e tio Sidney, vovó Chloe de vestido amarelo – ela tem uma resistência sobre-humana ao frio – e outro garoto que eu mal reconhecia, de suspensórios e um casaco verde-oliva. Eu pensei na mesma hora: *Mãe. Por que você faria isso comigo?*

O garoto. Ele era da PPAGL.

O quintal tinha sido decorado com bandeirinhas roxas penduradas nas árvores. Havia uma mesa com bebidas e lanches e a *pièce de résistance*: um porco de tofu no espeto.

Meu pai correu até a mesa, onde tinha deixado uma caixa de som, e apertou o botão para tocar. Em poucos segundos, o quintal foi invadido pelo som de ukulele e guitarra, ou seja lá o que eles tocassem para criar essa música havaiana suave.

*“Oh, we’re going to a hukilau
A huki huki huki huki hukilau. . . .”*

– É um luau surpresa na montanha! – gritou meu pai, todo alegre.

Ben começou a rir e percebi que ele ficaria bem. Era comigo mesmo que

eu estava preocupado.

– Claro, claro – falei.

Dei um abraço apertado em Claire Olivia. Eu não queria soltá-la. Nós nunca fomos muito dados a abraços, mas eu tinha subestimado quanto sentia falta dela.

– Meu Deus, é bom ver você – falei.

– Então, estamos numa boa? – perguntou ela num tom monocórdio de ex-namorada.

Quase ri, porque a atuação não estava digna de Claire Olivia. Mas não quis abusar da sorte.

– Estamos bem – respondi. – Estou muito feliz por você ser minha amiga.

Isso a fez sorrir, e era um sorriso verdadeiro, então eu soube que tinha atingido o tom certo entre honestidade e, bem, a outra coisa. Nós nos abraçamos de novo.

– E esse deve ser o Ben – disse ela, ainda agarrada a mim.

Assenti e a soltei, e eles apertaram as mãos. Então Claire Olivia pediu licença para ir buscar um pouco de ponche.

– Isso já aconteceu antes? – perguntou Ben.

– Isso, exatamente, não. Em geral meus pais cantam rap no karaokê ou algo assim. Acho que nos demos bem.

Ele riu.

– Seus pais são muito engraçados.

Cumprimentei meus tios e os pais de Claire Olivia e em seguida fui dar uma olhada no porco de tofu. Ben me seguiu. Não sei como conseguiram fazer um porco inteiro de tofu, mas parecia assustadoramente real: o falso animal cor-de-rosa queimado parecia estar ao mesmo tempo comendo e evacuando um espeto de metal. Tinha um focinho perfeito e órbitas cavernosas que o deixavam parecendo chocado, como se tivesse dado seu último e desprezioso suspiro de tofu no momento em que a lança apareceu.

Vovó Chloe se aproximou por trás e beijou minha orelha.

– Você não adora tofu? – falou, olhando para o porco. – É possível fazer qualquer coisa com ele!

Possível é, mas é certo? Não me surpreenderia se Ben estivesse pensando exatamente a mesma coisa.

– Oi, vó – falei.

– Que bom ver você e seu amigo especial! – disse ela.

Olhei para Ben, que, como sempre, não parecia muito chocado.

– Olá – cumprimentou ele.

Quando vovó Chloe se afastou, sussurrei:

– Ela deve ter pensado que somos namorados.

– É, eu notei – murmurou Ben. – Muito... peculiar, eu acho. Sua família e a minha... bem, não são exatamente duplicatas.

– Bom uso da palavra – elogiei, e depois voltamos a socializar.

Havia colares de lavanda pendurados nos galhos baixos dos pinheiros. Ao lado do fogo, mamãe tinha arrumado uma mesa com travessas de abacaxi e uma tigela gigantesca de ponche de frutas – cor-de-rosa, é claro.

– Vamos acabar com essa fera! – gritou meu pai.

Ele ergueu a faca e a enterrou na barriga do porco de tofu. Vovó Chloe bateu palmas.

Sim. Essa era a minha festa.

Quando tive uma oportunidade, cheguei por trás da minha mãe e pousei o queixo no ombro dela.

– Mãe, qual é a do ponche cor-de-rosa e que ideia foi essa de convidar um garoto da PPAGL?

Ela pareceu chateada.

– Convidamos MUITAS pessoas. Até agora só essas apareceram.

– Puxa... – falei.

– Ah, querido – disse ela, apertando o meu ombro. – É véspera do feriado de Ação de Graças. Tenho certeza de que as pessoas queriam vir, mas as famílias têm planos, você sabe.

– Claro – respondi, ainda de bico, e um pensamento inédito me ocorreu: eu era uma pessoa difícil.

Um segundo antes eu estava reclamando da festa. Agora, não havia gente suficiente.

– Você me trocaria pelo Ben? – perguntei.

Ela riu.

– Não, querido. Você será sempre nosso. Claro que, pelo modo como Ben olha para você, parece que ele também será sempre seu!

Olhei para mamãe e compartilhamos um momento. Ela percebeu que eu estava tentando descobrir exatamente isso, o que fez com que eu me sentisse, não sei, menos sozinho, pois minha luta não era totalmente secreta.

– Preciso contar uma coisa. Mais tarde.

– Você pode me contar qualquer coisa, querido – respondeu ela, com os olhos brilhando, como se já soubesse. – Qualquer coisa mesmo. Estou tão feliz que você esteja em casa!

Nós nos abraçamos de novo. Então ela me levou para cumprimentar Josh, o garoto da PPAGL. Josh era alguns anos mais novo e me perguntei se ele se sentia deslocado naquela festa estranha. Não parecia estar muito preocupado. Eu nunca o tinha visto. Mamãe vivia me apresentando os garotos da PPAGL. Tipo, *Ei, Rafe, você é gay. Este é o Josh, que também é gay.*

– Parabéns – disse Josh.

Virei-me para ele, pensando se Josh estava se referindo ao fato de eu ter um pai capaz de matar tofu. Levei alguns segundos para entender que ele estava fazendo menção ao colégio interno em Massachusetts.

– Obrigado – respondi. – Então, é... Como vai?

– Tudo bem, eu acho – disse ele. – Tive que começar um tratamento de canal.

Ele franziu o rosto.

– Parece horrível.

– Dói muito. Eles me deram remédios para dormir depois. Acordei e havia uma mancha de sangue no travesseiro. Os pontos devem ter aberto.

– Uau – falei.

Eu estava ciente de que essa conversa genial de repente se tornara o principal evento da festa, então tentei dar prosseguimento ao diálogo. Mas

não consegui. Deus, obrigado pela minha mãe, a versão de Boulder de Barbara Walters. Ela começou a perguntar tudo: qual dente, como estava a dor agora em uma escala de um a dez, quem era o dentista dele. O garoto se remexia enquanto tentava sobreviver ao interrogatório, sem dúvida desejando não ter dito nada.

Então chegou a hora de brincar de passar por debaixo da corda. Vovó Chloe insistiu em ser a primeira. A brincadeira aparentemente tinha sido inventada para quebrar a coluna das pessoas mais velhas, porque o modo como a vovó se contorcia me deixou muito nervoso. Seu corpo começou a tremer quando ela se aproximou da barra, então as pessoas que a seguravam a levantaram um pouco, aí vovó suspirou e jogou o corpo para a frente, deixando a cabeça pender para trás e conseguindo passar. A alça do seu vestido de verão amarelo-limão tinha ficado frouxa e, quando ela se levantou, seu seio direito estava orgulhosamente exposto. Meus pais aplaudiram ruidosamente e todos os outros olharam para o chão, horrorizados, enquanto ela se recompunha.

Olhei para Ben, que claramente estava adorando o espetáculo proporcionado pela minha família louca. Meio que fiquei feliz por ele estar testemunhando tudo aquilo. Porque, mesmo que ele ainda não soubesse um fato importante sobre mim, já tinha uma boa noção das minhas origens.

– Agora o Rafe! – gritou minha mãe, balançando os cabelos vermelhos enquanto pulava com seu macacão desbotado. Meu pai pegou o celular e se preparou para registrar o momento. Claire Olivia me empurrou. Escondi o rosto. Eu só queria ficar quieto, sabe? Mais do que tudo, não precisava que Ben presenciasse isso.

Ele parecia maravilhado, como sempre. *Mas que droga*, pensei. Encarei a barra, respirei fundo e avancei, dançando e sacudindo meus braços travados. Foi bem estranho ouvir meus pais e minha avó aplaudindo com entusiasmo enquanto os jovens envergonhados se encolhiam num canto. O barulho ressoava na minha cabeça. *Eu não deveria estar sorrindo?*, perguntei-me. Assim, por mais que eu não quisesse, forcei minhas bochechas em algo que se assemelhava a um sorriso e curvei o tronco exageradamente. Minha

mãe assoviou. Assoviou de verdade. Balancei os quadris e depois me inclinei para trás, dobrando os joelhos.

– Vai, Rafe! – gritou meu pai por trás de seu iPhone.

Exagerei mais a curvatura, até me imaginar como um pretzel, todo contorcido como meus pais queriam que eu ficasse. Eu me transformei numa mesa, com as duas pernas na frente, inclinado 90 graus na altura dos joelhos. Molezinha. Se eles quisessem, eu me inclinaria mais. Se quisessem que eu dançasse, eu dançaria. Quero dizer, por que parar agora? Por que dar atenção aos detalhes, como o fato de que não danço em público, porque sou Rafe, não minha mãe, não meu pai, mas Rafe, um cara que se sente melhor observando do que sendo observado?

Balancei mais enquanto passava embaixo da barra, e pronto. Ninguém mais queria passar pela barra, então acabou ali.

Cheguei perto de Ben e Claire Olivia, que faziam um esforço para não falar sobre a exibição que tinham acabado de testemunhar, e então minha mãe veio correndo.

– Você foi incrível, Rafe! – gritou, dando um beijo molhado na minha bochecha.

– Obrigado – falei, sem olhar para ela.

– Você deveria ter tentado – disse ela a Ben.

Ele fez uma careta.

– Acho que meu corpo não fica daquele jeito.

Ela o pegou pelo braço.

– Ah, você ficaria surpreso com o que seu corpo consegue fazer.

Claire Olivia soltou uma gargalhada.

Morri um pouco por dentro. Pela primeira vez, realmente senti como se estivesse pregando uma peça em Ben. Só que não estava. Mas o fato de que estávamos numa festa e todos, exceto minha avó, sabiam que algo não estava certo sobre mim fez com que eu me sentisse sujo, como se precisasse tomar um longo banho.

Enquanto todo mundo conversava, vaguei de volta até o porco de tofu. Parecia real, a menos que você chegasse bem perto dele. Então podia

perceber. De perto, dava para ver como o artista tinha moldado o tofu, assim como os lugares onde havia rachaduras na pele de porco. Dava até para ver as marcas de dedo, onde ele tentara deixar o tofu liso. Era como quando você se aproxima de uma mulher que acha que é bonita e percebe a maquiagem pesada, então conclui que o que está vendo não é ela, mas sua vaidade. Você está vendo uma tentativa de beleza, e isso é o oposto da beleza que você deseja.

Ben se aproximou de mim.

– Incrível que alguém tenha feito isso – disse ele. – Não tenho vontade de comer.

– É, nem eu – concordei, sem me virar.

Ele pousou a mão no meu ombro.

– Você está bem?

Sim e não. Todo mundo que eu amava se encontrava ao meu redor, mas eu não me sentia ali por inteiro e, pela primeira vez, indaguei se minha decisão tinha sido um desastre. Quero dizer, por que tudo tinha que parecer tão sujo, tão falso? Como me distanciei tanto do verdadeiro Rafe, se meu único objetivo era encontrá-lo? E como eu poderia voltar a ser eu mesmo, sem qualquer dano grave, para Ben e para mim? Ali estava o cara por quem eu estava me apaixonando, mas como é que se parte desse sentimento feio e desse lugar irreal para um relacionamento verdadeiro e romântico com um cara como Ben? Eu nunca quis tanto uma coisa na vida, mas isso parecia tão distante para mim quanto esse porco de tofu estava de um porco de verdade.

– Sim – falei, me virando com um sorriso. – Estou bem.

25

COMO SEMPRE, MEU PAI FEZ um grande alarde sobre a organização das camas, confundindo a si mesmo e a todos.

– Não sei o que fazer – disse ele, enquanto minha mãe terminava de guardar porções individuais de porco de tofu no congelador após a festa. – Se Ben fosse menina...

– Pai... – falei, esperando que ele parasse.

Ele apenas pareceu perplexo.

– ... acho que o colocaríamos no quarto de hóspedes. Mas, como ele é um menino, eu acho...

– Pai – falei. – Ele é um hóspede. Vai dormir no quarto de hóspedes. Dã.

Ben olhou para mim como se quisesse fazer uma pergunta. Desviei o olhar. Por mais que eu ansiasse por mais um tempo com ele, o que eu desejava mais era dormir. Então não vi nenhum problema em deixar Ben no quarto de hóspedes. Assim eu também poderia desintoxicar o meu quarto. Não que houvesse muito a ser feito, mas havia alguns romances de Alex Sanchez que eu queria esconder.

Naquela noite, dormi abraçado a um travesseiro, fingindo que era Ben. Mergulhei num sono profundo e acordei na manhã do feriado me sentindo eu mesmo outra vez. De certa forma.

O jantar de Ação de Graças foi, em uma palavra, louco. Minha mãe se ocupou de cozinhar alguma monstruosidade sem carne, além de um peru, porque eu havia implorado. Meu pai, em protesto, se recusou a entrar na cozinha. Em vez de assistirmos ao jogo de futebol, houve uma maratona de *Intervention* no canal A&E, e meu pai ficou horas vendo pessoas bêbadas e drogadas fazerem coisas insanas e, em seguida, concordarem em buscar ajuda quando seus pais gritaram com elas.

Antes do jantar, meu pai disse que era hora de agradecer. Na nossa família, isso significa sentar à mesa e enumerar as coisas pelas quais somos verdadeiramente gratos, um de cada vez. A pegadinha: você só tem três segundos para pensar no que dizer e, se falhar, está fora. Também não é permitido repetir o que outra pessoa já disse. Fazíamos isso todos os anos, e eu adorava essa tradição, porque precisávamos respeitar o ritual do Dia de Ação de Graças, mas também porque ríamos muito quando todos começavam a falar besteiras.

– Sou grata pelo meu filho maravilhoso – disse mamãe, sorrindo para mim.

– Por essa viagem, por minha família... – emendou Ben.

– Diga apenas um por vez – advertiu meu pai. – Você precisa guardar para depois.

Ben deu de ombros.

– Esta viagem.

– Meus pais loucos – falei.

Papai sorriu.

– Meu filho sarcástico.

E assim por diante. Por volta da décima quinta rodada, tudo que era dito começou a ficar um pouco sem graça.

– Oreos – disse a mãe.

– Gerúndios – falou Ben.

– Lindsay Lohan. – Essa fui eu.

– Pornog... – Meu pai se deu conta do que ia dizer e parou, e todos nós rimos, enquanto minha mãe dava um empurrão nele.

– Você não apenas está fora! Você foi expulso! – disse ela. – Ok, prontos? Agora somos três. Tofu.

– Futebol – disse Ben.

– Carros esportivos – falei.

– Candelabros – disse mamãe.

– Sexo – continuou Ben.

Eu não soube o que dizer.

– Peeéé – zombou minha mãe. – Fora. Só eu e Ben, acho. Cebolas.

– Ágape.

Minha mãe ficou muda.

– Peeéé – dissemos todos.

E aplaudimos Ben, o recém-chegado, que conseguiu nos derrotar em nosso próprio jogo.

– A ágape – disse meu pai, sorrindo calorosamente para Ben.

– A ágape – repetimos, erguendo nossos copos de vinho e brindando a um amor maior.



Naquela noite, Ben e eu ficamos acordados tomando vinho com meus pais. Eles sempre acharam que o fato de eu beber com eles tornaria a experiência “normal”, como meu pai dizia, e me tornaria menos propenso a beber. Eles tinham alguma razão. Todos ficamos um pouco bêbados, e eles começaram a bombardear Ben com histórias sobre mim quando criança. A favorita da minha mãe era sobre como eu tinha ficado horrorizado com a palavra “cachorro-quente” quando um vendedor me ofereceu um numa feira.

– “Cachorro... quente?”, disse Rafe. “Cachorro... quente?” – Minha mãe riu. – Rafe ficou traumatizado, coitado. Achamos que ele fosse virar vegetariano, mas isso acabou não acontecendo.

– Meu pai me fazia vê-lo abater galinhas na fazenda – disse Ben. – Até hoje não consigo comer frango.

Meu pai fez uma careta diante da ideia de animais morrendo, mas percebi que ele estava se esforçando de verdade para não fazer nenhuma grande cena nesse fim de semana, e me senti grato por isso. Logo chegou a hora de dar boa-noite. Eu e Ben abraçamos meus pais e subimos. Ben vestiu calça de moletom e uma camiseta, e eu, uma calça de pijama de flanela e uma camiseta fina. Então ele bateu no meu quarto para conversar.

– Foi muito divertido – disse Ben enquanto fechava a porta.

– Foi, né?

Ele riu.

– Nunca me diverti tanto no Dia de Ação de Graças. Sério. Vocês devem se divertir assim todos os anos.

– Eu não diria isso – falei. – Muito foi por causa da companhia.

Deitei na cama e Ben ficou ali. Dei um tapinha no espaço ao meu lado, então ele se aproximou e deitou. A cama rangeu com seu peso. Meu coração batia tão rápido que parecia que ia explodir. Assim como eu.

– Será que seus pais iam pirar se entrassem agora?

Balancei a cabeça.

– Que nada. Meu pai praticamente já casou a gente.

– Sim, mas por quê? Os pais em geral não gostariam que seu filho fosse... você sabe. E, desde que nos conhecemos, eles me tratam, não sei... como um genro. É estranho.

– E eu não sei? Quando tinha 14 anos, minha mãe disse que queria que eu fosse gay.

– Caso de terapia? – sugeri eu, rindo, e eu ri também.

Deixei de fora o pequeno detalhe de que eu realmente tinha dito a ela que *era* gay.

– Se eu contasse aos meus pais que era gay, eles provavelmente me expulsariam de casa – revelou Ben.

– Nossa! – exclamei.

Imaginei aquilo acontecendo, e como eu ficaria ao lado dele. Seríamos eu e Ben contra o mundo. A fantasia me fez vibrar de empolgação.

– Então vamos esquiar amanhã, né? – perguntou Ben.

Assenti.

– Legal. Você tem vontade de voltar com Claire Olivia?

Pensei um pouco.

– Não. Quer dizer, talvez se a gente for para a mesma faculdade. Senão, de que adianta?

– Verdade – disse ele. – Ela é mesmo bonita. Tão cheia de vida!

– Sim – concordei. – É mesmo.

Ficamos em silêncio por um tempo, ouvindo os latidos dos cachorros da vizinhança.

– Obrigado por me trazer aqui – disse Ben baixinho. – Sua família é muito aberta e receptiva. Adorei todo mundo. Queria que a minha fosse como a sua.

– Pode ficar com eles – falei.

– Juro por Deus, como eu queria ser gay! Com certeza eu me casaria com você.

Devo ter bebido muito vinho para fazer o que não teria feito sóbrio de jeito nenhum. Rolei para o lado e encarei Ben, olhando profundamente em seus olhos amáveis e cheios de alma.

– Devemos tentar?

Ben respirou fundo e fechou os olhos.

– Não consigo imaginar de que maneira poderia ficar mais próximo de você, e sinto isso. Tipo, quero ficar mais próximo! Não é sexo o que quero, é só...

Então eu o beijei, na boca, mantendo meus lábios lá até que ele retribuísse. E ele retribuiu o beijo, e abrimos um pouco a boca e, em seguida, mais. Nossas bocas se colaram e pude sentir a língua dele, muito perto da minha. Ben respirou na minha boca. Parecia que eu tinha sido lançado para a Lua, uma montanha-russa pulsante se abateu sobre o meu corpo e eu tremi.

Ele se afastou.

– Uau – disse. – Isso foi... foi diferente.

Eu estava molhado. Dava para sentir na calça do pijama.

– Sim – concordei, sem fôlego.

– Você gostou?

– E você? – perguntei.

– Foi... foi ok. Seus lábios são diferentes dos de uma garota. Foi meio estranho.

– Totalmente.

– Você ficou... sabe... duro? – perguntou ele.

– Você ficou?

Ele olhou para baixo, então olhei também. Ben definitivamente estava com a barraca armada dentro do moletom.

– Acho que sim – disse ele.

– Graças a Deus – falei, aliviado. – Comigo aconteceu mais do que isso.

Ben olhou para a mancha molhada na calça do meu pijama e se voltou para mim, com os olhos arregalados. Parecia que meu coração ia sair pela boca.

– Isso vai acontecer – disse Ben, mas sua voz tinha algo de instável, e eu sabia que ele estava com medo. Eu também estava.

– Vai?

Eu me senti muito vulnerável. *Mais nu do que se estivesse nu*, Ben diria.

– Acho que o ágape e o eros estão próximos – foi o melhor que ele conseguiu dizer.

Isso me fez querer abraçá-lo apertado, porque era muito Ben. Mas eu estava molhado, então abraços estavam fora de cogitação no momento.

– Talvez devêssemos... – disse ele, com a voz ainda um pouco trêmula.

– Certo. Dar a noite por encerrada.

Então ele me segurou pelos ombros e olhou nos meus olhos.

– Não pira por causa disso. Está tudo bem, ok? Tudo bem.

Mas eu ouvia algo diferente na voz dele, como se Ben estivesse olhando para mim mas na verdade falando consigo mesmo. Era como se ele tentasse salvar a pele de um amigo hétero apavorado com sua primeira vez. E eu não era isso. Fiquei me sentindo como aquele porco de tofu, tão grotesco, no centro das atenções, tão desonesto que só de pensar nisso me causava dor.

– Ok – respondi. – Estamos bem.

Ele se inclinou e deu um beijo suave no meu rosto, mas quase não houve contato.

– Boa noite, Rafe – disse ele. As palavras certas, mas o tom errado. – Eu te amo, cara. Amo quem você é por dentro.

As palavras soaram vazias aos meus ouvidos.

– Sim, também te amo.

Ele foi embora, e parecia que a minha pele ia descascar e que por baixo dela haveria essa criatura que faria Ben sair da minha vida. E isso me deixou apavorado.

26

– SIGA OS MEUS PASSOS – falei. – Incline-se para a frente e deixe que os esquis façam o trabalho. Não force para os lados.

Ben colocou os óculos e ajustou as luvas.

– Sim, senhor – respondeu, e partimos.

Fomos para Eldora o mais cedo possível porque eu queria que fôssemos os primeiros na montanha – não apenas do dia, mas da temporada. Naquele ano, eles abriram no dia seguinte ao feriado de Ação de Graças. Esquiar nas trilhas virgens era algo que eu vinha tentando fazer todos os anos. Adorava o barulho dos meus esquis escavando os cobertores brancos intactos a cada descida.

O silêncio da montanha combinava com o silêncio da nossa viagem de carro até lá; a única diferença era a serenidade das trilhas. Intocadas, tranquilas. Não foi o que aconteceu no Prius enquanto Ben e eu seguíamos pelas montanhas.

– Manhã agradável – disse Ben, tomando seu café enquanto ouvíamos um dos CDs do meu pai, uma música de elevador dos anos 1970 que tínhamos ficado com preguiça de trocar.

– Linda – falei. – Perfeita.

– Perfeita – repetiu ele, muito depressa.

Eu havia colocado a música para tocar e nós seguimos em silêncio para Eldora. No avião tínhamos falado sobre dormir na mesma cama. Mas parecia muito mais difícil lidar com o que acontecera na noite passada.

Levei-o por duas trilhas para iniciantes – agradáveis e amplas, não muito íngremes. A neve era suave e estável, ideal para algumas descidas fáceis, e era bom estar de volta a um terreno familiar, considerando como tudo andava desconhecido na minha vida naqueles dias. Fiz algumas voltas

rápidas, peguei um pouco de velocidade quando chegamos a uma parte curta e um pouco íngreme da pista e depois desacelerei em um platô. Levantei o bastão do esqui esquerdo para avisar a Ben que eu estava parando e depois me virei para vê-lo.

Ele ainda se encontrava muito distante na pista. Fazia duas voltas para cada uma das minhas, atravessando a encosta antes de se inclinar para trás e equilibrar o corpo para o lado oposto, a fim de fazer uma volta rápida e atravessar novamente. Conseguia controlar os esquis, dava para ver, comandando-os em vez de permitir que a mudança de peso cuidasse de tudo. Quando chegou a mim, sua boca estava curvada para baixo e ele respirava pesadamente.

– Exibido – disse ele, entre bufadas.

Eu sorri.

– Desculpe.

– Você é muito bom.

– Sou daqui – falei.

– Só preciso recuperar o controle das pernas. Já faz dois anos. Não é exatamente como andar de bicicleta, eu acho.

– Não se preocupe. Estamos aqui para nos divertir. Como está se sentindo?

Ele ajustou o casaco.

– Apesar de congelante, é bastante agradável. Nossas montanhas não são tão altas assim.

– Suas colinas – corrigi.

– Tanto faz – disse ele. – Não são tão imponentes.

Pegamos ritmo de descida. Diminuí a velocidade e fiz voltas mais abertas, assim Ben não precisava se esforçar tanto para me acompanhar. Ele não era ótimo, mas conseguia se pôr em movimento, e nós dois relaxávamos com o esporte.

No primeiro teleférico, comecei a me sentir mais como eu mesmo. Acho que talvez seja difícil ficar ansioso ou infeliz num teleférico, no meio daquela beleza de tirar o fôlego. Pelo menos para mim é.

– Quando esquiamos, minha mãe sempre cita um ditado: “Incline-se para a frente e desça a montanha.” – comentei. – Adoro isso. E não é verdade? Sobre a vida?

Ben balançou o esqui direito de um lado para outro e descansou o esquerdo sobre o apoio para os pés.

– Interessante. O que você acha que *se inclinar para a frente* significa?

Limpei o nariz.

– Significa não ter medo. Enfrentar os desafios, não recuar. Nem sempre faço isso, mas adoro a frase.

– Incline-se para a frente e desça a montanha. Gostei – concordou Ben, e os cantos da boca dele se curvaram para cima.

Inspirei profundamente para sentir o ar fresco da montanha em meus pulmões. Ele queimou minhas narinas. Tudo ia ficar bem, percebi. Nós íamos ficar bem. Senti um grande alívio.

– Estou feliz por termos feito isso – falei, olhando para Ben. – Estou feliz por você estar contente.

– Você queria que eu sentisse prazer – disse ele.

Meu rosto corou. O silêncio parecia preencher o resort.

– Você acabou de fazer uma piadinha sexual? – consegui dizer finalmente.

Ele sorriu.

– Você é muito escroto – falei, rindo.

– Está querendo que eu faça mais uma?

Bati nos óculos dele, que descansavam na testa.

A descida seguinte foi melhor. Eu ria enquanto esquiava, pensando em Ben e na piada boba. Senti meu corpo muito mais leve do que antes do teleférico, como se eu pudesse flutuar se meus esquis não me puxassem para baixo. E Ben estava pegando o jeito: ele dava voltas apenas deslocando o seu peso. Ben tinha uma elegância própria, como em todo o resto. Quando deixava que suas pernas assumissem o controle, era um ótimo esquiador.

– Obrigado por ter me trazido aqui. Estou adorando conhecer a sua cidade – comentou quando pegamos o outro teleférico.

– Obrigado – falei. – Talvez você possa me levar a New Hampshire na próxima vez.

Ele pôs os esquis sobre o apoio para os pés e fez o gesto de cortar a própria garganta.

Eu ri.

– Tem certeza de que não é adotado?

– Se não fosse meu tio, eu não teria certeza de nada.

Acho que já tínhamos subido um quarto do caminho. Isso é muito legal quando você vai esqui. São longos períodos de descanso depois de se exaurir numa descida. A mais longa de Eldora tem quase 5 quilômetros, e eu sabia que Ben nunca tinha visto, ou esquiado, nada parecido.

– Como ele era? – perguntei.

Ben olhou para o horizonte.

– Basicamente a ovelha negra da família. Foi para a faculdade. Viajou o mundo. Nunca se casou. Quando meus pais falavam dele, havia sempre algo a mais no tom de voz. Como se ele não fosse correto. Uma vez meu tio se hospedou comigo e com meus pais, e a gente conversava sobre tudo.

Ben levantou os óculos. Seus olhos estavam marejados. Não sei se era por causa do vento ou por causa da história que ele contava.

– Foi ele que me fez perceber que era possível fazer mais do que, sabe, ficar na fazenda e trabalhar no campo. Não que haja algo de errado, eu só acho que não nasci para isso. Ele conseguiu. Saiu do inferno de Alton. Viajou. Foi para a China e deu aulas de inglês lá. Viveu uma vida plena.

– Ele parece incrível.

– Ele era. Sabe, meu tio não se importava com o que os outros pensavam dele. Eu admirava isso, porque não consigo nem...

Não pedi que ele terminasse a frase, já tinha entendido. Por mais legal que Ben fosse, por mais que não se deixasse prender aos rótulos, estava claro que, no fundo, isso era importante para ele também. Uma grande parte de Ben ainda aceitava o modo como seus pais viam a vida. Você trabalha duro, sofre e morre. Para mim, era incrível que uma pessoa fosse tão inteligente quanto Ben, mas ainda assim ficasse acorrentada ao que seus pais

pensavam. Refleti sobre isso. Será que eu aceitava tudo o que meus pais tinham me criado para aceitar? Não, ou ainda estaria em Boulder. Mas, apesar de não concordar com eles em tudo, eles me ensinaram que a vida é uma exploração, não um trabalho. Dessa parte eu gostava.

Virei-me para encará-lo.

– Seus pais têm orgulho de você – falei.

Ele não reagiu. Olhou para a neve ao longe.

– Têm, sim. Só não sabem demonstrar isso.

Ele limpou o nariz com a luva. Por um segundo me senti muito sozinho, mas então aceitei o momento, e compartilhamos um daqueles silêncios perfeitos. Concentrei-me numa bela árvore solitária no alto de uma das encostas. Parecia que esperava ali, sozinha, que lhe dissessem como agir.

– Então, estamos bem sobre a noite passada? – finalmente deixei escapar.

Ele olhou para mim. Tirei meus óculos de sol e nos encaramos.

Ficamos nos olhando por um tempo. Enquanto isso, perguntei-me o que ele via. O que vi foi aquela pessoa incrível que era exatamente quem ele era. Eu o admirava muito. Talvez ele fosse gay, talvez não. Mas ele sempre seria Ben.

– Ainda processando – disse ele.

Limpei o nariz, que estava escorrendo de novo.

– Eu também.

Ben se virou para a frente, então o imitei. Olhei as cadeiras vazias vindo na nossa direção, descendo a montanha. Observei os esquiadores lá embaixo, escavando a neve branca. Então senti um peso em cima da minha mão enluvada. Olhei para baixo. A mão de Ben estava ali. Eu me virei para ele e tive uma visão linda de seu perfil – aquele seu nariz romano forte, rosado por causa do ar frio e cortante.

Ele não virou a cabeça, mas eu podia senti-lo apertando sua mão em volta da minha. Então apertei também.

Permitimos que o assobio do vento fosse nossa trilha sonora durante um minuto. Como o pico se aproximava, era hora de erguer a barra. Ben colocou os bastões no colo enquanto ajustava o chapéu e os óculos, e eu os

peguei. Fiz um gesto e ele tirou os esquis do apoio para os pés. Era tão fácil me comunicar com Ben!

O teleférico chegou ao platô e erguemos a ponta de nossos esquis pouco antes de eles entrarem em contato com a neve. Em seguida, nos levantamos e deixamos a gravidade fazer seu trabalho, então deslizamos encosta abaixo, para a direita.

- QUE DIABOS É HOT SPOT TEEN DANCING? – perguntei enquanto passávamos pela Broadway.

Claire Olivia estava no banco do motorista, eu, no do carona, e o grande e pesado Ben, espremido no banco de trás do Cutlass Ciera 89 de Claire Olivia.

Era sábado, por volta de oito horas, nossa última noite no Colorado. Enquanto seguíamos para o Caffè Sole, onde às vezes tocava música ao vivo, vimos esse lugar novo, com uma placa reluzente que dizia HOT SPOT TEEN DANCING. Havia um grupo de jovens do lado de fora, a maioria do tipo skinhead.

– Parece que acabou de abrir – disse Claire Olivia, olhando no espelho retrovisor para fixar o penteado colmeia. Ou despenteado, dependendo do ponto de vista.

Ela ficava dizendo que estava usando o cabelo dessa maneira especialmente para mim, e eu pensava: *Hum, obrigado?*

– Parece o tipo de lugar onde se poderia levar um tiro – comentei.

– Achei bom que eles tenham criado um lugar seguro para os adolescentes se encontrarem sem álcool – disse Claire Olivia.

Ben riu no banco de trás.

– Você acha que os pré-adolescentes vão tentar entrar nesse lugar como os jovens sempre tentam entrar, tipo, em bares de verdade? – indagou ele, e Claire Olivia me lançou um olhar que dizia: *Que bom, ele entendeu.*

– Claro – falei. – Eles provavelmente vão arranjar identidades falsas comprovando que têm 13 anos.

– Com certeza – concordou Claire Olivia. – É uma indústria enorme, o

negócio de identidades adolescentes falsas. Eles deveriam fazer o Hot Spot Teen Dancing abrir para pré-adolescentes.

– De 2 a 12 anos – sugeri, e, a essa altura, já estávamos longe, quase chegando ao Caffè Sole.

Claire Olivia corrigiu:

– De feto a 12 anos.

Em seguida ela fez uma descrição muito vívida de mulheres grávidas dançando com crianças de 12 anos. Foi assustador, e me perguntei como Ben reagiria.

– Isso traz à tona a interessantíssima discussão jurídica se é estupro quando a agressora está grávida – disse Ben. – Talvez fosse possível dizer que a criança de 12 anos e o feto estavam, hum... em consenso.

– Não sei se esse é um argumento legal tão interessante quanto lascivo – falei.

Claire Olivia suspirou alto.

– Talvez. Consenso. Lascivo. Falem que nem gente – disse ela.

Encontramos uma vaga na frente da cafeteria e saímos para o ar frio da noite.

– Então o que você acha? – perguntei a ninguém em particular.

– Isto é o que eu acho – disse Claire Olivia, batendo a porta do motorista. – Acho que qualquer um que para num posto de gasolina à noite não tem boas intenções. Acho que, se a polícia quer impedir as pessoas de dirigirem bêbadas, deveria se esconder nos arbustos do *drive thru* do Taco Bell. Acho que, se você abaixa as calças e a menina com quem está começa a mandar mensagens de texto, é porque você tem um pênis pequeno.

– Não é justo. Essa última foi de Chelsea Handler – falei.

– Quem? – Ben me perguntou baixinho, uma vez que Claire Olivia saíra correndo, ansiosa por seu *s'mores* de cappuccino, que deviam ser algo tão nojento quanto o nome.

– Não se preocupe com isso – respondi.

– Não vou mesmo. Por que me sinto um ET?

– Bem-vindo ao meu mundo – falei.

Na noite anterior, Ben tinha ido dormir cedo, exausto do dia de esqui. Fiquei na sala com a minha mãe e contei a ela tudo o que havia acontecido. Ela parecia muito feliz, o que era um pouco diferente de como eu me sentia. Mais do que totalmente apaixonado, o que eu estava era confuso. Sobre o que nós éramos. Sobre o que ia acontecer. Falei isso para minha mãe e ela gesticulou descartando a minha preocupação.

– Há tantos tipos de relacionamento, querido. O que faz um ser bom e outro não é se ele tem origem no amor. Nada que venha do amor jamais poderá estar errado.

Era típico de minha mãe dizer isso. Então ela começou a cantar “All You Need Is Love”, e pedi licença porque tem coisas que são demais até para mim.

A cafeteria estava lotada com uma mistura de adolescentes e adultos. Havia alguns alunos da Rangeview – algumas pessoas com quem Claire Olivia tinha feito amizade recentemente, acho, porque eu não me lembrava delas. Ela as abraçou e, nervoso que revelassem algo sobre mim e Ben ouvisse, pedi que ele pegasse uma mesa num canto enquanto eu pedia o café.

Assim que ele se afastou, Claire Olivia se virou para mim.

– Ele é totalmente gay por você – disse ela, me cutucando com força no ombro.

Eu ainda não sabia se ia contar a ela o que tinha acontecido quando tivéssemos uma chance de conversar de verdade. Será que ela entenderia?

– Não sei – falei, esfregando o braço. – Você acha?

– Eu sei. Além disso, sou muito boa em descobrir se alguém é gay. – Ela perscrutou a cafeteria. – Devo?

– Comporte-se – falei. – Por favor.

Ela juntou as mãos debaixo do queixo.

– Um anjo – disse ela.

Abrimos caminho pela multidão até a mesa onde Ben estava, virado para a parede. Entreguei-lhe o café, sentei em um dos dois bancos virados para as pessoas e pousei minha garrafa d’água na mesa. Claire Olivia se

acomodou ao meu lado, e ficou parecendo que éramos dois entrevistadores e Ben, o entrevistado assustado.

– Então, como é o Rafe em Natick? – perguntou Claire Olivia para ele. – Estou louca para saber.

Ben olhou para mim, um pouco confuso com a pergunta.

– Ele é apenas Rafe, eu acho.

– Quem quer que ele seja – disse ela, e chutei-a de leve por baixo da mesa.

Ben tomou um gole de café e mudou de assunto:

– Então é isso que vocês fariam num sábado à noite no Colorado? Achei que fôssemos a um baile. Dançar música country. Ou a show de banjo. Isso existe? Show de banjo?

– Talvez – respondi.

– Vamos fazer tudo isso mais tarde – disse Claire Olivia, bebendo seu cappuccino. – Vamos comer testículos de boi.

Ben fez que não com a cabeça, enquanto eu tomava um gole d'água.

– Tenho um acordo de longa data com os bois de que não vou comer as bolas deles se eles não comerem as minhas.

A água saiu pelo meu nariz e tive que limpá-lo, enquanto Claire Olivia balançava a cabeça num falso desgosto.

– Problemas com bebida – explicou ela a Ben, que assentiu.

– Acho que ele também tem problemas urinários – disse ele, e eu soltei uma gargalhada.

Estávamos tomando nossas bebidas e observando as pessoas quando um vislumbre de cabelo roxo do outro lado do salão chamou minha atenção. Um garoto cheio de espinhas estava em pé na frente de outro, então eu só conseguia ver o cabelo roxo espetado acima da multidão. Eu estava prestes a fazer uma piada quando o garoto da acne se mexeu.

O Cabelo Roxo era Sabe-o-Caleb.

E, claro, como eu estava olhando para ele, Caleb se virou e nos viu. Ele ficou de queixo caído.

– E aí, suas bichas? – gritou ele, deslizando pela multidão até a nossa

mesa.

– Caleb! – falei, amaldiçoando minha decisão de levar Ben para o Caffè Sole em nossa última noite em Boulder.

O que eu estava pensando? Ele era muito popular entre a galera da Rangeview.

Graças a Deus, Claire Olivia estava lá. Ela pulou e abraçou Caleb.

– Meu cabelo não está o máximo? – gritou.

E, enquanto ele se ocupava em curvar os lábios e dizer “Na verdade, não”, ela o levou para longe de mim e de Ben.

A. Garota. Mais. Incrível. De. Todos. Os. Tempos. Ela poderia explicar a ele o que estava acontecendo.

Ben deu uma risada meio estranha.

– Amigo interessante – disse ele.

– Ele não é exatamente meu amigo – falei, e não me senti muito mal por isso, pois era a verdade.

Caleb e eu éramos, no máximo, conhecidos. As pessoas sempre tentaram nos aproximar, mas simplesmente não dava certo. Eu achava Caleb estranho e ele devia me considerar superchato.

Ben e eu continuamos sentados, ele tomando seu café e eu, minha água. Depois de um tempo, Claire Olivia voltou para a mesa com Sabe-o-Caleb, que parecia... chateado? Irritado? Entediado? Todas as alternativas anteriores?

– Ben – disse Claire Olivia. – Este é nosso amigo Caleb. Caleb, este é Ben, amigo do Rafe.

Ben estendeu a mão, para a qual Caleb olhou como se fosse um item banal em liquidação. Por fim ele o cumprimentou e fez uma reverência.

– O prazer é todo meu – disse, impassível.

Olhei para Claire Olivia em busca de uma explicação, mas ela já trocava olhares comigo, dizendo algo como: *Nem pense em dispensar Caleb por ser gay demais para andar com a gente, ou mato você.*

Caleb se acomodou ao lado de Ben e todos nos entreolhamos. Era um grupo estranho. Não estranho como Albie, Toby, Ben e Rafe. Parecia mais

ameaçador. Fiquei inquieto na cadeira e olhei para o meu pulso como se estivesse de relógio. Não estava.

– Então, como vai a vida? – perguntei a Caleb.

– Trágica – disse ele. – Estou pensando seriamente em fugir para a Califórnia e me tornar um astro pornô.

– Ele está brincando – falei para Ben.

– Dã – retrucou Claire Olivia ao meu comentário.

– Se é o que você diz... – comentou Caleb quase ao mesmo tempo.

– O que pode ser tão trágico? – perguntou Ben.

Caleb deu de ombros.

– Não consegui comprar ingresso para a turnê de reencontro do New Kids on the Block – disse ele.

Lembrei como eu detestava conversar com Caleb. Era quase impossível conseguir uma resposta direta, sem trocadilhos.

– Fiquei tão desanimado e deprimido que estou considerando ir para alguma escola preparatória chata da Costa Leste ano que vem.

– Vá se foder – falei para Caleb. Então me virei para Ben e disse: – Você precisa entender que Caleb é um babaca.

Caleb me ignorou.

– O que você precisa entender sobre o Rafe aqui é que ele é sua namorada – disse ele para Ben.

Ninguém falou mais nada. Claire Olivia batia as unhas na mesa. Caleb tomou um gole de sua água com gás, como se tivesse acabado de fazer um comentário sobre o clima. Eu não conseguia olhar para Ben, mas podia sentir meu rosto ficando quente como se eu estivesse na frente de um fogão.

– Vá se foder, Caleb – falei de novo.

– Quem dera – disse ele.

Então terminamos de tomar nossas bebidas e observamos as pessoas que passavam. Durante todo o tempo, minhas entranhas pareciam se revirar.

Na minha cabeça, eu estava registrando e traduzindo. O comentário de Caleb seguido de nenhuma reação significaria constrangimento. O comentário de Caleb com uma grande reação era mais constrangedor ainda.

O comentário de Caleb mais uma grande reação, mais Rafe fingindo ser hétero, mais Ben sendo hétero, mais o estranho evento homossexual de duas noites antes, tornava tudo superconfuso. Como eu poderia reagir sendo amigo de Ben? Como reagir sendo amigo de Claire Olivia? Como reagir sendo Rafe?

Eram muitas combinações e permutações. Minha cabeça girava.

– Uau, está cheio de gente aqui tomando café – comentou Claire Olivia.

– É – disse Ben, sem entonação. – As pessoas tomam café.

Depois do que pareceu uma eternidade, Caleb foi embora. Mas a noite estava arruinada. Eu não sabia o tamanho do estrago que tinha sido feito. Não conseguia nem olhar para Ben, e isso não era bom.

Mesmo sabendo que isso não era bom, fiquei calado durante todo o tempo na volta para casa. De fato, não era a melhor maneira de lidar com o que foi basicamente um comentário estúpido de uma pessoa muito estúpida. Mas meu instinto falou mais alto e liguei o CD player. Ficamos ouvindo o Yeah Yeah Yeahs enquanto eu observava a cena: meus amigos ao redor, mas com uma parede de desespero e música entre nós.

– Então, o que foi isso que acabou de acontecer? – perguntou Ben quando chegamos ao meu quarto.

Ele falava com paciência, em tom gentil, como se não tivesse certeza da resposta, mas ao mesmo tempo não quisesse mostrar como aquilo o deixara nervoso. Mais parecia uma mãe conversando com o filho depois que ele chega em casa com um hamster morto.

Olhei para ele. Estávamos comendo os dois últimos pedaços da torta de maçã da minha mãe com sorvete de baunilha. Ele tinha se sentado no chão e eu, na cama.

– Não sei. Meio que perdi o controle, desculpe.

– Você contou para Claire Olivia, não foi? E ela contou para ele.

Balancei a cabeça com veemência.

– Não. Não contei mesmo, de verdade. Acredite em mim.

– Hum – murmurou Ben, pegando um pouco de sorvete.

– O que “hum” quer dizer?

– Bom, se você não contou... – disse ele, fazendo uma pausa dramática.

Minhas entranhas se reviraram. Tentei mentalmente completar a frase dele. Não consegui encontrar um final que não levasse a uma conversa longa e difícil. Quem é que fica melhor amigo de uma menina que usa penteado colmeia? Quem ejacula prematuramente ao beijar outro rapaz?

Um gay. Não um garoto que apenas está descobrindo que talvez seja gay, mas um gay de verdade, que tenha saído do armário há muito tempo.

– ... talvez seja essa coisa de radar gay – concluiu Ben.

Respirei fundo e olhei para ele.

– O quê?

– É, quero dizer – continuou ele, cruzando as pernas e, em seguida, descruzando-as –, talvez ele simplesmente saiba quando dois caras... sabe?

– Talvez seja isso.

Olhei para Ben e me senti corar. Também estava ficando um pouco sem ar e excitado, e me perguntei se íamos nos beijar outra vez. Eu poderia entrar nessa, mas não queria forçá-lo. Ele corou um pouco também.

– Nunca senti algo assim por um cara, sabia?

– Nem eu – falei, e era verdade.

– Quer dizer, nem sei se estou sentindo essas coisas mesmo. É você. Não é um cara qualquer.

– Obrigado.

Ele riu.

– Quer dizer, você é um cara, claro. Mas eu não posso... Não é como se eu não pudesse lidar com o fato de ser gay.

Ele disse “gay” num tom mais baixo, como se meus pais fossem capazes de bater em nós em vez de nos abraçar se o ouvissem dizer aquilo.

– É só que isso não é muito eu, entende?

Eu não sabia se acreditava nele.

– Eu entendo. Entendo mesmo.

Então ele se levantou e pôs o prato vazio na minha cômoda. Eu fiquei de pé também. Nós nos encaramos. A porta estava fechada, e pensei que teria um ataque cardíaco se algo acontecesse. O quarto parecia muito menor do

que era, como se nós não pudéssemos fazer um movimento sequer sem nos esbarrarmos.

– O voo vai sair cedo – disse ele, desviando os olhos dos meus. – É melhor eu arrumar as malas.

– É... Certo – gaguejei.

Então ele se aproximou e me deu um abraço, e eu o segurei, hesitante. Então ficamos ali, nossos corpos pressionados levemente um contra o outro, como se fossem frágeis. Por fim, ele se afastou e sorriu para mim, e então me beijou no rosto.

– Boa noite, Rafe.

– Boa noite.

Quando ele saiu do quarto, desabei na cama, com os braços e as pernas abertos. Permaneci nessa posição por um tempo, tentando acalmar o meu coração disparado.

Horas mais tarde, quando o sol começou a nascer e meus olhos ainda estavam abertos, sucumbi à verdade dolorosa de que algumas coisas teriam que ser esclarecidas se eu quisesse voltar a dormir em paz um dia.

- EU QUERO SALVAR AS CRIANÇAS. Quero comemorar com todos os povos da Terra. Quero acender velas em seus corações.

Toby estava de pé no meio do nosso quarto, que tinha voltado a ficar um caos, se balançando de um lado para outro, segurando um lápis como se fosse um microfone e usando enormes óculos de sol amarelos que engoliam seu rosto. Albie se encontrava sentado à escrivaninha, a cabeça apoiada nas mãos, tentando estudar. Eu não conseguia tirar os olhos de Toby, que dava um novo significado à palavra *desastre*.

Era domingo à noite e eu tinha acabado de chegar do Colorado. Toby mais parecia uma versão do Michael Jackson com estranhos óculos de sol de armação amarela. Ele falava para uma plateia imaginária, pedindo que dessem uma chance à paz.

- O que está acontecendo? - perguntei a ninguém em particular quando Toby começou a cantar uma música que não rimava nem fazia sentido.

*“Alimentem o mundo.
Deem mantas às crianças,
porque os cobertores são muito grandes
e elas estão com fome.”*

- A mãe dele baixou um vídeo do Michael Jackson na Netflix no Dia de Ação de Graças - disse Albie em tom monocórdio. - Agora ele acha que é um astro pop humanitário. Admito que é uma de suas fases mais irritantes.

- E você ganha um carro. Tome um carro - dizia Toby, fingindo distribuir carrinhos para um público que talvez apenas ele visse.

Albie foi até a geladeira e pegou uma Coca-Cola. Abriu a lata e sentou na cama.

– Ele está assim desde que voltou. Não sei como fazê-lo parar.

– Como Oprah Winfrey se encaixa nisso? – perguntei, observando Toby engrenar uma conversa profunda com um dos membros da plateia.

Ele mostrava à pessoa como dirigir um carro, pelo que parecia.

– Não sei – respondeu Albie, suspirando. – Racismo?

– Filantropia! – gritou Toby, com sua voz normal. – Eu sou o grande filantropo com muitas facetas.

Albie e eu nos entreolhamos. Não havia nada a dizer, nada a fazer, senão dar de ombros.

– E como foi seu feriado? – perguntei a Albie.

Descobri que, por mais que eu ainda estivesse chateado pelo caos no quarto, a bagunça me incomodava menos do que no início do semestre. Progresso?

Toby se sentou no chão, abandonando de vez o personagem. Tomou um longo gole de Coca-Cola.

– Obrigado por finalmente perguntar. Meu Deus. Foi INCRÍVEL. Minha mãe e Jenny desapareceram a manhã toda e David, meu padrasto, me levou a um campo de tiro. Ele me ensinou a disparar uma arma! Foi muito maneiro. Ele é de longe meu pai favorito. É o número três. Quando você aponta a arma, parece que está num filme, e foi isso que fiz. Fingi que era o James Bond.

Toby fez o gesto de erguer uma arma e atirar. Ele ainda usava os óculos enormes. Na verdade, era um cara incrível. Totalmente ele mesmo. Sem nenhum problema em ter todos esses lados diferentes de sua personalidade. Ele não ligava para o que as pessoas pensavam e, naquele momento, minha inveja era tão grande que eu queria dar um soco na cara dele.

– Como foi o seu? – perguntou Albie para mim.

– A gente se divertiu bastante – falei. – Ben gostou do Colorado, eu acho.

O que eu não contei foi que Ben ficou superestranho no voo de volta

para Natick. Algo acontecera entre a nossa conversa na noite anterior e meus pais nos levarem para o aeroporto essa manhã. Ben foi muito educado com eles, mas distante comigo. No avião, ele avisou que aproveitaria o tempo para adiantar um dever de casa. O que foi bom, porque eu também tinha que estudar. Mas parecia errado não estarmos nos falando.

– Vocês esquiamam?

– Sim.

– Ele conheceu Claire Olivia?

– Conheceu – respondi.

– Quanta empolgação da sua parte – comentou Albie.

– Ele teve uma queda por Claire Olivia? – perguntou Toby. – Eles se beijaram na sua frente? Foi tipo “melhor amigo, conheça a ex-namorada”?

Ignorei Toby e me virei para Albie.

– E o seu?

Ele deu de ombros.

– Fiquei direto assistindo à TV. Você vai voltar a dormir aqui?

Já fazia um tempo que eu não dormia no meu quarto, mas, considerando que Ben mal tinha murmurado “tchau” quando o ônibus nos deixou no campus, então, sim, eu provavelmente dormiria ali.

Eu estava muito confuso.

– Vou – respondi.

– Briga de namorados, ops, quero dizer, de irmãos? – perguntou Toby.

Eu me levantei, caminhei até onde ele estava sentado, tirei os óculos amarelos do seu rosto, joguei-os no chão e pisei neles.

Toby olhou para os óculos quebrados e eu pensei que ele fosse chorar. Em vez disso, ele embarcou na filosofia.

– Sabia que isso iria acontecer – falou.



Sonhei que Bryce tinha voltado. E dividia o quarto com Ben. Isso tinha acontecido enquanto eu dormia no outro quarto com Albie e Toby. Ben parecia aliviado por eu não estar presente e fingiu que eu não havia passado nenhuma noite lá. Bryce perguntou o que ele tinha feito no feriado de Ação de Graças e Ben disse que se divertira muito em New Hampshire. Foi quando eu me meti na conversa, porque era uma mentira deslavada. Mas, quando abri a boca, as palavras não saíram. Minha voz tinha sumido. Tentei bater os pés no chão para chamar a atenção deles, mas não ouvi barulho nenhum, como se o chão o tivesse devorado, e comecei a suar. Eu queria dizer: *Ouçam-me! Ouçam-me!* Mas nada saía. Então Toby começou a andar em cima de uma corda com seus enormes óculos amarelos no lugar dos sapatos, e eu acordei, porque algumas coisas não merecem o tempo que você sonha.



A segunda-feira foi surrealmente estranha. Vi Ben atravessando a quadra em direção ao alojamento enquanto eu ia para a aula de matemática, e senti uma grande onda de alívio, uma estabilidade em minha alma, como se um velho e querido amigo voltasse da guerra ou algo assim. Eu sorri e quis estender a mão e abraçá-lo, dar meia-volta, matar a aula e ficar com ele, apenas conversando. Porque não havia motivo para que parássemos de nos falar; não tínhamos brigado nem nada. Talvez fosse coisa da minha cabeça.

Quando nos aproximamos, tentei diminuir a velocidade, mas meus pés não obedeceram, meu rosto se contorceu e falei “Oi”, mas não parei nem sorri. Um lampejo também cruzou o rosto de Ben e ele respondeu “Olá”, mas também não parou.

Talvez não fosse coisa da minha cabeça.

Fui para a aula de matemática com a sensação de que estava em um rio congelante e tentava subir em um barco mas a correnteza era forte, e eu não

tinha equilíbrio para me içar. Não ouvi uma palavra sequer durante toda a aula de matemática nem na de história, que veio em seguida.

Ben não estava em seu lugar de sempre na biblioteca – última fileira, perto da parede –, então procurei por ele no refeitório na hora do jantar. Nada, de novo. Voltei para o meu quarto para estudar, mas era impossível. Meu coração estava disparado e comecei a pensar sobre como Bryce tinha ficado deprimido, vagando pelo campus. E se Ben estivesse com depressão agora? Porque com certeza ele mudara bastante desde que tínhamos voltado. Se algo tivesse acontecido com Ben, eu não iria me perdoar, então corri para o quarto dele.

– Oi – disse ele ao abrir a porta.

Ele usava um robe de flanela vermelha sobre moletom azul-marinho. Uma roupa típica de Ben.

– Oi – respondi.

Apenas ficamos ali, como se tivéssemos congelado.

– Posso entrar?

– Ah, sim – disse ele, dando um passo para o lado. – Entre.

Sentei na cama de Bryce, que meio que tinha sido minha, mas agora eu não tinha mais certeza. Não parecia certo, não como era antes de irmos para o Colorado.

– Como você está? – perguntei.

– Ocupado – respondeu ele. – Clarkson decidiu que dois dias depois do feriado de Ação de Graças seria uma boa data para entregar um relatório de laboratório. O efeito da concentração na taxa de uma reação. Argh.

– Parece fascinante. Como foi o seu dia?

– Bom – disse ele. – Quer dizer, não exatamente bom. Indiferente, eu acho. E o seu?

– Legal.

Ficamos ali sentados, buscando as palavras.

– Por que as coisas estão tão estranhas? – perguntei.

Ele suspirou.

– Não sei. Não me sinto estranho, na verdade.

– Nem eu! Quer dizer, estou bem. Mas sinto falta de andar com você.
– Não precisa sentir. A gente ainda pode andar juntos, mas também, tipo... Não sei.

– Certo – falei, rápido demais. – Espere. Tipo o quê?

– Eu não sei – disse ele. – Só não... Acho melhor você dormir no seu quarto agora e a gente andar junto apenas de dia.

– Claro – concordei. – É uma boa ideia. Foi tudo muito estranho. Nosso *ágape* virou todo *eros*.

Ele riu.

– Certo. Acho que quando as garotas estão longe...

– É verdade.

Ficamos em silêncio novamente, até que Ben se levantou. Então me levantei também. Imaginei se aquele era o jeito dele de dizer que queria que eu fosse embora. Parecia que meu coração ia se desmanchar se eu desse mais um passo em direção à porta e Ben dissesse “A gente se vê”. Mas eu não sabia como fazer com que ele não dissesse isso.

– É melhor eu voltar para o relatório – disse ele. – Conversamos amanhã?

– Claro. Sem dúvida.

Não fizemos contato visual quando saí do quarto. Ele fechou a porta, e eu fiquei no corredor, totalmente vazio. Despedaçado. Partido.

ABRI OS OLHOS NO MEIO DA NOITE. Havia indícios no quarto de Ben. Em uma caixa de madeira ornamentada com uma alça vermelha. Ele acorda no meio da noite, vê a caixa, a abre e descobre tudo. Nunca mais fala comigo. Nunca mais.

Com o coração acelerado, me sentei depressa. O quarto às escuras girava, e eu não conseguia ver nada na minha frente. O único barulho eram os roncões leves de Albie. Olhei para o relógio digital: 3h49.

Percebi que tinha sonhado. Não havia indício nenhum. Fora um sonho. Mas era como se eu estivesse nu, completamente nu, de tão vulnerável que me sentia. Uma combinação de desejo e pânico me fazia respirar com dificuldade, e os arrepios! Cada nervo do meu corpo estava em chamas.

O banheiro parecia um lugar razoável para liberar um pouco da tensão. Caminhei lentamente pelo corredor, imaginando se havia mais alguém acordado.

A uns seis passos depois do quarto de Ben, uma coisa incrível aconteceu: a porta dele se abriu. Lá estava ele, com seu robe de flanela, calça de moletom, sem camisa. Ele abriu a porta, a luminária da escrivaninha acesa, nossos olhos se encontraram e nada precisou ser dito. Mas Ben disse mesmo assim:

– Esses passos... Conheço esses passos – sussurrou.

Parei e entrei.

Ele fechou a porta e tudo foi tão rápido que eu não poderia dizer quem instigou o quê. Nossas testas juntas, depois os narizes e então nossos lábios colados e ligeiramente abertos, a ponta de uma língua explorando, e eu não sabia como, de quem era o quê. Ele tinha gosto de isotônico de laranja com vodca, além de um ligeiro toque de alho, típico de Ben. Meus dedos o

acariciaram sob o robe de flanela, que caiu no chão. De repente estávamos na sua cama. E Ben, o doce Ben, debaixo de mim, com seus braços fortes ao meu redor, e, em seguida, lado a lado, explorando um ao outro com os lábios e as mãos.

Sem palavras. Os pensamentos também se dissiparam. E fizemos o que preenchia minha mente havia meses.

Depois não foi tão difícil encontrar as palavras. Era como se alguma coisa tivesse se aberto em Ben e ele pudesse dizer o que antes tivera dificuldade em assumir.

– Senti sua falta – disse ele. – Senti muito a sua falta.

– Eu também. Você está bêbado?

– Um pouco. Será que somos bi?

– Talvez.

– Meu tio era bi.

– Ah!

– Sim, e eu sei que, assim como com Cindy, eu definitivamente... sabe... gosto disso. Com ela. Mas com você também. Foi muito bom.

– Foi mesmo – falei.

– Você sentiu a mesma coisa? Como com você e Claire Olivia?

Ben parecia sem fôlego, maníaco, de um jeito que eu não estava acostumado a ouvir.

– Mais ou menos – falei. – Gostei muito mais disto.

– Ah – murmurou ele, e ficou quieto.

Eu me senti em paz também. Finalmente um passo na direção certa. Finalmente eu me aproximava da verdade, um caminho cujo destino eu queria seguir. Com Ben.

– Será que... – começou ele. – Será que você não é nem bi?

– Não sei – falei. – Talvez não.

E dormimos, meu peito encostado nas costas de Ben, e, dessa vez, consegui fechar os olhos e pegar no sono. Enfim eu me sentia em casa.

30

QUANDO ACORDEI, Ben não estava lá.

O relógio marcava 8h13. Isso significava que eu tinha dormido umas três horas na cama de Ben, e ele ainda menos. Meus olhos estavam pesados, mas minha cabeça, mais leve. Ele devia estar na aula de química, entregando o relatório de laboratório e tentando ficar acordado enquanto Clarkson tagarelava sobre a tabela periódica.

Puxei os lençóis até acima da cabeça. O cheiro de Ben ainda estava lá, e eu inspirei fundo. Ben. Meu namorado. Finalmente tinha um namorado. Lembrei como era a sensação de tocar os músculos das suas costas. Quente e suave. Era o tipo de sensação em que eu podia me viciar, e não me importava que soubessem disso.

O ar estava gelado quando finalmente saí de baixo das cobertas. Então percebi: era 1º de dezembro. Nunca me esqueceria dessa data. Olhei pela janela e o céu tinha um estranho tom cinza-arroxeadado que me deixou com vontade de passar o dia hibernando. Esperando que Ben voltasse. Ben. Meu Ben.

Tomei um banho e fui para o refeitório. Steve e Zack tinham se sentado juntos e me chamaram quando me viram.

– Oi – cumprimentaram, enquanto eu pousava minha bandeja de frente para eles.

Escolhi omelete de queijo suíço, tomate e cogumelos. Eles comiam panquecas.

Remexi meu café da manhã, sem resmungar muito mais que um oi. Minha cabeça estava em outro lugar, bem longe, orbitando em torno de algo que eu sabia que esses caras não entenderiam.

– Qual foi? – perguntou Steve.

Ele usava uma camiseta dos Red Sox do lado avesso, a nova moda entre os atletas. Já tinha notado que alguns deles vinham se vestindo assim. Talvez Steve tivesse feito isso sem querer da primeira vez, então de repente todo mundo começara a imitá-lo.

– *Nada mucho* – respondi.

– Como foi seu feriado?

– Ben foi para o Colorado comigo – falei, bebendo meu suco de laranja.

– Maneiro – disse Zack. – Você podia levar a gente da próxima vez.

Queria esquiar lá.

– Claro.

Nunca, nem em um milhão de anos, isso ia acontecer.

– Você se lembra daquela garota, Amber, em quem você vomitou? – perguntou Steve.

Eu ri.

– Mais ou menos.

– Eu a encontrei no feriado. Teve uma festa e alguns alunos da Joey Warren foram – disse Steve. Eu sabia que ele era de Newton, algum lugar a leste dali. – Ela ainda fala de você. Acha você bonito ou algo assim. Quer ficar com ela?

– Se eu quero ficar com a garota em quem vomitei?

Zack riu.

– Colorado leva jeito com as palavras.

– É – disse Steve.

– Não, tenho zero interesse.

Espetei um pedaço da omelete e o pus na boca.

Steve e Zack se entreolharam.

– Ela é muito gostosa, sabe? – comentou Zack.

– Não é o meu tipo.

Eles se entreolharam de novo.

– Ok, então... – disse Steve, no mesmo tom em que falara com Bryce antes do jogo de softball.

Eu não me importava nem um pouco. Esses caras não tinham nenhuma

das características que eu buscava nos meus amigos. Já sabia disso fazia tempo. Não tinham personalidade, não eram particularmente agradáveis, nem muito inteligentes. Olhei para Steve, que me encarava com um olhar que poderia ser considerado de pena. Este Schroeder não era como o antigo, devia estar pensando, e eu não dava a mínima.

– Ei, Steve – falei. – Sua camisa está do avesso. Você parece um idiota assim.

E, com isso, me levantei e peguei minha bandeja, cheio de um orgulho que não sentia desde que saíra do Colorado.



Depois da aula de inglês, fui até a biblioteca. Ben estava lá, em seu lugar de costume, e eu me aproximei por trás dele e coloquei as mãos sobre seus olhos. Ele ficou tenso. Tirei as mãos e, quando ele se virou, sorri e sussurrei:

– Surpresa!

Ele olhou discretamente para os lados. Estava de óculos, lendo seu livro de filosofia. Tão bonito em seu suéter de caxemira azul, com aqueles óculos de armação grossa e moderna sobre seus olhos de coruja.

– Ei, e aí? – disse ele.

Olhou para mim como se esperasse que eu dissesse por que tinha ido incomodá-lo na biblioteca.

Abri a boca para fazer uma piada sobre como ele estava agindo, mas nada me ocorreu. Não era engraçado. Na verdade, era a segunda vez que ele ficava frio de repente comigo. Que droga.

Ben viu a dor nos meus olhos. Percebi o reconhecimento quando ele arqueou o canto da sobrancelha. Ele respirou fundo, então suspirou.

– Eu só preciso de um tempo – sussurrou. – Um pouco de espaço. Para digerir as coisas. Ok?

Dei de ombros.

– Tudo bem – rebati, e me virei e fui embora.

Ouvi Ben chamar “Rafe” em voz baixa, como se eu estivesse fazendo muito barulho por nada. Mas eu não ia ficar ouvindo essa merda. De jeito nenhum. Por que o cara com quem tenho um envolvimento físico sempre fica todo estranho? Por que todas as vezes o simples fato de estar comigo levava automaticamente a esse momento, quando o cara precisava digerir as coisas ou fugir? Eu não seria capaz de fazer isso com ninguém. Nem em um milhão de anos. Saí da biblioteca e atravessei a quadra correndo, o vento gelado batendo no meu rosto.

Não parei de correr nem mesmo quando subi as escadas até o quarto andar. Disparei pelo corredor, esperando ter o quarto só para mim, para que eu pudesse gritar, fazer o que quer que tivesse que fazer a fim de parar de me sentir daquele jeito.

Não tive essa sorte. Albie estava lá, na sua posição habitual na escrivaninha. *Você nunca sai deste quarto?*

– Oi – disse ele, sem erguer os olhos, quando entrei e bati a porta.

Não respondi. Joguei minha mochila na cama, larguei o casaco no chão, furioso, e peguei uma cerveja embaixo da cama dele.

– Você se importa? – perguntei quando peguei a bebida.

– Fique à vontade.

Tirei a tampa e bebi. E bebi. E bebi. Eu só queria cerveja na minha corrente sanguínea. Alguma coisa, qualquer coisa, para tirar aquela dor. Terminei a cerveja, arrotei e estendi a mão para outra, que peguei e levei para a minha cama. Desabei de bruços.

– Eu falei “fique à vontade”, e não “fique insanamente bêbado” – disse Albie.

Quase o mandei se foder. Mas não queria brigas com ele.

– Desculpe – falei.

– Peça desculpas ao seu fígado.

Olhei para ele, que tinha virado a cadeira de costas para a mesa e de frente para mim. Eu não estava muito a fim de conversar.

– Achei que você tivesse dormido aqui ontem à noite – disse ele.

– Eu comecei aqui – falei, esfregando a cabeça e tomando outro gole de cerveja.

Tinha um gosto horrível, como urina quente gaseificada.

– Ah – comentou ele, como se fizesse sentido dividir suas noites entre duas camas.

Olhei para Albie, o desprezioso e nerd Albie. Um cara engraçado. Meu amigo. Que não julgava. Senti o impulso irresistível de contar a ele o que estava acontecendo.

Ele foi até a geladeira e pegou uma Coca-Cola.

– Rádio-pongue? – sugeriu.

Assenti. Eu não me importava se o rádio estava ligado ou não, e Albie era compreensivo o suficiente para ligar o rádio e não perguntar qual era a minha palavra.

– Estou apaixonado – falei.

Ele assentiu.

– Tipo, seriamente apaixonado. E isso dói.

– Claire Olivia – disse ele.

– Não.

– Outra pessoa?

Assenti. Tentei pensar em como explicar tudo para Albie.

– Então Ben não está correspondendo? Ou está? – perguntou ele.

Olhei pela janela. A neve começava a cair em grandes flocos, o tipo de neve que era úmida demais e evaporaria assim que atingisse o chão. Neve de 0,5 grau.

– Difícil dizer – falei. – Você sabia?

– Você o levou para sua casa no feriado. Vocês dormem no mesmo quarto. Quem se importa?

– Toby sabe?

Ele deu de ombros.

– Não é um assunto recorrente entre nós. Meu Deus, o que eu tenho para atrair todos os gays? Devo ser tipo a Lady Gaga ou algo assim.

– É isso aí. É exatamente como você é. Somos atraídos pela sua persona e

por suas frequentes trocas de roupa. Albie Gaga.

Ele assentiu.

– Que tal a sua palavra ser *gay*?

Fiz uma careta como se dissesse *o quê?* E então percebi que ele se referia à rádio-pongue, e isso me fez rir.

– E a sua é *apocalypse* – falei, e bebemos a isso.

O TEMPO DE BEN “DIGERIR as coisas” durou a semana inteira, e nesse período voltei para o meu quarto, evitei o objeto do meu eros/ágape e passei a maior parte do tempo com Albie e Toby. Albie não contou nada a Toby, e tenho que lhe dar crédito por isso. Talvez fosse uma boa ideia não lhe revelar nada mesmo. Nunca dá para saber quando Toby vai dizer algo inesperado, e eu não queria que ele contasse o meu segredo. Já tinha problemas suficientes.

No sábado à tarde, Albie, Toby e eu estávamos atravessando o pátio para almoçar quando vimos Steve e Zack caminhando no sentido contrário. Senti um tremor familiar na barriga, me perguntando se eles iam fazer uma piadinha e o que eu responderia. Desde o dia em que tomei café da manhã com eles, eu havia sido praticamente cortado do mundo dos atletas populares. Na verdade, eu não me importei. Estava mais feliz conversando com pessoas que realmente tinham cérebros. E Toby.

Então Steve e Zack se aproximaram, e eu sustentei o olhar de Steve. Ficamos nos encarando enquanto passávamos, e então ele desviou os olhos, como se me dispensasse, como se fosse bom demais para desperdiçar seu tempo comigo. *Bom*, pensei. Se era assim que ele se sentia, por mim tudo bem, desde que deixasse a gente em paz.

Depois do almoço, Toby falou que tinha algo para nos mostrar. Ele nos levou ao outro lado do pátio e virou à esquerda. Havia uma pequena trilha entre dois pinheiros, e ele nos conduziu por ela, afastando galhos para que não batessem na nossa cara.

Finalmente chegamos a uma clareira rodeada pelo bosque, talvez uns 4,5 metros de grama úmida, terra e montes de neve que ainda não havia derretido, resultado de uma tempestade no início da semana. Atrás de nós, eu tinha um vislumbre do lago Dug congelado.

– É aqui que a gente vem – disse Toby.

Albie e eu nos entreolhamos.

– A gente...?

– Eu e... você sabe.

Os olhos de Albie se arregalaram.

– Acho que não quero saber disso.

– Eu quero – falei, surpreendendo a mim mesmo.

Estava cansado de esconder a verdade de Toby. Depois de Ben, ele e Albie eram meus melhores amigos na Natick.

Toby pareceu um pouco surpreso, como se tivesse imaginado que não íamos querer ouvir os detalhes.

– Você quer?

– Sim.

Ele deu uma olhada em volta para se certificar de que estávamos sozinhos. Definitivamente estávamos. Até onde eu sabia, ninguém mais ia ali. E também fazia frio. Tipo, 6 graus negativos. Só três idiotas iriam à floresta no inverno.

– Robinson – disse ele.

– Gorila – falei, balançando a cabeça. – Eu sei.

– Você sabe?

– Sim.

Toby cruzou os braços e fingiu ficar irritado.

– Você está roubando a minha cena. Ladrão de cena.

– Desculpe. Então, você e Gorila... Uau.

Toby fez um gesto como se me dispensasse.

– Ele odeia esse apelido – disse. – Mas, sim, é peludo.

– Ah, olhe, o resto do universo – disse Albie, voltando para o campus e nos deixando na clareira.

– Ele é muito hipócrita – disse Toby, revirando os olhos. – Achei que você seria também.

Estremeci. Eu sentia frio nas mãos enluvadas, mesmo que as tivesse enfiado nos bolsos do casaco, e meu nariz estava gelado. Mas, por dentro,

veio um calor bom. Percebi que era porque Toby me contara um segredo. Era uma coisa boa. E pensei que poderia ter mais dessa sensação de calor se eu quisesse. Só dependia de mim.

– Não muito – falei. Então respirei fundo. – Eu sou gay, Toby.

Ele me empurrou e eu escorreguei nas folhas molhadas. Mal consegui evitar cair de bunda no chão.

– Cai fora.

– Eu adoraria, se você quer dizer cair fora da floresta. Está congelante aqui.

Ele cruzou os braços magros.

– Mas você disse que não era.

Suspirei.

– Eu disse um monte de coisas. Acho que menti. Desculpe.

Ele fez bico.

– Menino mau.

– Nem me fale. Tenho muita merda para contar. Está a fim de trocar confidências?

Ele riu.

– Com certeza.

Ele se sentou, como se o chão não estivesse frio e molhado. Comecei a dizer algo sarcástico, mas percebi que, se eu também não sentasse, ficaria olhando para ele de cima. Toby parecia achar que não seria um grande problema congelar a bunda, então me acomodei no chão também.

Frio. Como se flocos de gelo subissem pela espinha.

– Eu e Ben – confessei, com os dentes quase batendo.

Os olhos de Toby se iluminaram.

– Sério?

– Totalmente. Totalmente sério.

– Que ótimo!

Fiz uma careta.

– Nem tanto, na verdade.

– Ele bate em você?

Parei um instante. Era difícil dizer quando Toby não estava brincando.

– Não. Ele está com medo.

– Ah. A coisa do medo.

– Sim.

– Bom, já passei por isso. A única coisa que você pode fazer é esperar. Às vezes eles ficam bem, mas às vezes fogem e você nunca mais os vê.

Meu estômago embrulhou. A ideia de nunca mais ver Ben doía como uma facada. Com direito a torcer a faca. Toquei minha barriga por cima do casaco.

– É pior do que isso.

Toby esperou que eu explicasse, e tentei pensar em todas as razões para não contar a minha história, mas, além do fato de eu não me sair bem nela, não consegui nenhum argumento plausível. Era melhor abrir o jogo.

Então eu contei. Toby ficou de queixo caído.

– Isso é... Nossa! – disse ele. – Você precisa contar a verdade para Ben.

– Acho que sim – concordei. – Não quero que haja mais nenhum segredo entre nós. Quero dizer, ele está apavorado. Não posso jogar tudo em cima dele. Posso?

Ele não respondeu.

Conversamos mais, e Toby me contou tudo sobre Robinson, que estava no fundo do armário e morria de medo que as pessoas descobrissem. Robinson ficava dizendo que mal podia esperar para entrar na faculdade – talvez na Universidade de Michigan? –, onde ele poderia recomeçar e ser ele mesmo, além de evitar idiotas que não o respeitavam.

Refleti sobre Robinson. Ele era a pessoa menos estereotipadamente gay possível. Tinha um rosto forte, mas coberto pela acne, e um corpo musculoso, mas coberto de pelos. Uma parte de mim sempre achou que esses eram os caras mais sortudos, porque podiam se passar por héteros. Mas agora percebia que acontecia exatamente o contrário: fingir ser alguém que você não é na verdade é uma espécie de maldição. Ainda mais se você colocar isso em prática.

– Acho que minha bunda congelou – falei, tentando ficar de pé.

Eu precisava usar os braços, porque minhas pernas estavam frágeis, completamente imóveis. Mas também me senti grato por ser amigo de Toby, um garoto legal de verdade, com exceção de algumas partes totalmente não legais. O que de fato só o tornava ainda mais legal.

– Outro amigo gay. Iei! – disse Toby, cantarolando. – Você vai contar para as outras pessoas?

Eu me encolhi diante dessa ideia. Sair do armário de novo? Por que era tudo tão difícil?

– Talvez – falei. – Vou.

DECIDI CONVERSAR COM BEN no domingo de manhã. Talvez fosse um costume de igreja minha vontade de fazer a coisa certa quando os outros saíam para fazer a própria versão da coisa certa.

Bati à porta dele e Ben atendeu com uma camiseta preta e a calça de moletom azul. Ele olhou para mim e um sorriso cruzou seu rosto. Um forte sentimento de alívio percorreu minha cabeça. Eu queria dizer *Eu amo você, estou apaixonado, vamos ficar juntos não importa o que aconteça depois dessa conversa*. Mas não é assim que as coisas funcionam. E eu estava prestes a descobrir.

Ele me deixou entrar e fechou a porta. Sentei na antiga cama de Bryce/minha. Parecia fria, sem uso. Não era mais minha. Ben sentou em sua cama e deu um tapinha no espaço ao lado dele.

– Venha – disse. – Precisamos conversar. Venha aqui.

Meu coração acelerou quando atravessei o quarto e me acomodei ao lado dele, sentindo seu habitual cheiro de alho e suor. Poucos centímetros nos separavam. Olhei-o nos olhos e fiquei surpreso ao encontrar seu olhar suave, gentil. Vermelho.

– Sinto tanto a sua falta – começou ele, e a primeira lágrima caiu. – Não deu nada certo esta semana. Está tudo errado. Eu só... sinto muito a sua falta, mas isso é difícil.

– Eu sei – falei, passando a mão na perna dele.

Ben sentiu o toque, respirou fundo e relaxou.

– Sabe, Rafe, eu amo você, mas... Sei que você me ama também. Eu sei disso. Mas... eu simplesmente não posso suportar a ideia de você estar com raiva de mim, e isso está me destruindo.

As lágrimas corriam soltas agora, e eu me permiti chorar também. Ali

estávamos nós, dois atletas, chorando juntos.

– Por favor, não me odeie. É só que... Eu sei que amo você, mas a questão é que menti para você – confessou.

Eu não conseguia engolir.

– Menti para você quando eu disse que não havia problema em ser gay ou hétero. Tem problema, sim. Quero dizer, para outras pessoas, não. Mas para mim... Eu tenho que ser hétero.

Meu estômago embrulhou.

– Eu entendo – falei.

– A questão é a seguinte, Rafe. Andei pensando muito sobre isso, então, por favor, apenas me escute antes de dizer qualquer coisa ou ir embora. Eu amo você. De verdade. Você é o melhor amigo que já tive, a pessoa de quem sou mais próximo no mundo.

Novas lágrimas caíram, mas ele não as secou nem parou de falar.

– Eu tenho certeza de que você é gay. Eu sei disso. Você nunca fala de Claire Olivia a menos que eu toque no assunto. Acho que, com o tempo, você vai perceber que é gay mesmo, e eu estou bem com isso. Mas a questão é que isso... nós... é algo que simplesmente não vai acontecer, porque não pode.

Fiquei calado. Não sabia como reagir.

– Então, mesmo que você me diga que não é, eu acho que é. E tenho certeza de que eu não sou. Porque não posso ser. Minha família não é como a sua e... não estou pronto para desistir deles. Eles são tudo o que tenho, Rafe. Além de você. Então não podemos fazer isso. Ok? Você consegue me amar como amigo, mesmo que a gente não se envolva sexualmente?

Minha cabeça zumbia tanto que levei alguns instantes para começar a falar.

– Você está certo, Ben. Eu sou gay.

– Sim, eu sei – disse ele, dando um suspiro de alívio. – E é muito bom que você admita isso também.

Eu queria me levantar. Andar um pouco. Queria tirar a mão da perna de

Ben e andar de um lado para outro no quarto. Só que me sentia colado no colchão.

– Tenho mais coisas a dizer. Mas prometa que vai me deixar falar tudo e que o que vou falar vai não nos separar. Não vá apenas sair ou fugir.

A expressão de Ben era de dor, e parecia que minha cabeça ia explodir por causa da pressão dentro dela.

– Eu prometo, Rafe. Apenas me diga. Você está me assustando.

Toda a explicação levou pouco mais de dez minutos. Contei a ele a verdade sobre como tinha sido minha vida em Boulder e como eu desejava que tudo acontecesse diferente na Natick. Revelei que eu não tinha a menor intenção de me apaixonar, mas, quando aconteceu, era tarde demais para confessar qualquer coisa sem arriscar perder a amizade.

Ben ficou em silêncio por um momento, sem olhar direto para mim, sem olhar para qualquer lugar, na verdade. Seus olhos, seus lindos olhos azuis, estavam dolorosamente fora de foco, e eu só queria abraçá-lo e repetir quanto eu estava mal por não ter contado tudo antes.

Quando terminei de falar, o quarto mergulhou num silêncio sepulcral, Ben e eu ali, juntos. Minha mão ainda estava pousada em sua perna, mas agora parecia estranho, errado. Tirei-a.

Então Ben se levantou, atravessou o quarto, pegou os sapatos e o casaco e saiu.

ENCONTREI BEN NA BIBLIOTECA. A biblioteca da Natick não tem muito movimento aos domingos, pelo menos não pela manhã, e ele estava sozinho, lendo. Ergueu os olhos, me viu e virou para o outro lado.

– Você não pode me deixar em paz?

– Não – falei. – Não posso. Precisamos conversar. Não acabou, Ben. Quer dizer, não precisa acabar. Se você puder ao menos me deixar explicar...

– Não, sério – interrompeu Ben, erguendo um pouco a voz, embora estivéssemos em público. – Não somos mais amigos. Você tem ideia do que me fez passar? Não acredito que pensei que amasse você.

– Eu amei você. Amo.

– Sim, mas *eu* não tinha todos os fatos – retrucou Ben, baixando a voz novamente. – Pensei que estivéssemos passando pela mesma coisa.

– Como assim?

– Experimentando. Dois caras descobrindo as coisas juntos.

– Mas é exatamente isso. O que nós somos.

Ele balançou a cabeça.

– Parece que você estava bem mais avançado do que eu. Só não me contou.

– Então você não teria se apaixonado por mim se soubesse que eu era gay? – perguntei.

– Acho que nunca vamos saber.

Sentei no chão, ao pé dele.

– Sabe, eu entendo que estraguei tudo. E sinto muito. Mas não compreendo por que o fato de eu não lhe contar tudo sobre meus pensamentos mais íntimos é pior do que você não me contar sobre os seus.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça.

– Não importa.

Isso me irritou.

– Não é como se você tivesse compartilhado tudo comigo. Ágape o cacete. Era *sexo*, Ben. E eu sou homem. E não venha me dizer que você nunca tinha pensado nisso, porque é claro que tinha.

Fiquei surpreso com minha ousadia.

– É totalmente diferente – disse ele. – É normal não compartilhar todos os pensamentos íntimos com alguém. O que não é normal é SER gay assumido e não compartilhar esse detalhe.

Balancei a cabeça.

– O problema aqui é o rótulo, não é? Se fossem dois caras héteros brincando, experimentando, tudo bem. Mas, se um dos caras é gay, tudo muda de figura. Perfeito.

Ben respirou fundo.

– Pense o que quiser. O fato é que você inventou uma pessoa e essa pessoa era meu melhor amigo. Com quem fiz *sexo* – retrucou ele, baixando a voz novamente. – Como espera que eu me sinta?

– Todo o resto era eu de verdade – falei. – Apenas uma parte não.

Ele se encolheu.

– O que isso quer dizer? Como você pode desligar uma parte tão importante de si mesmo e esperar que todo o resto seja igual? Você mentiu para mim, Rafe. É isso que você é. Não importa se é gay, se é hétero. É alguém que mentiu para mim e em quem não posso confiar.

– Você não entende. Eu não quis mentir. Era só... essa barreira. Sempre houve essa barreira entre mim e outros garotos. Eu não aguentava mais. Você precisa entender. Estava muito cansado de me sentir diferente. Queria me sentir como um dos caras pelo menos uma vez.

Ben mordeu o lábio com tanta força que tive medo de que fosse sangrar.

– Então não tem problema você mentir porque queria se sentir... o quê? Como um dos caras? O que isso significa, afinal? Você mentiu, Rafe. É a única coisa que importa aqui, e não o porquê. Importa apenas que você mentiu.

– Me desculpe – falei, escondendo o rosto nas mãos. – Me desculpe mesmo. Apenas tente entender. Preciso que você compreenda, senão não vou ter nada nem ninguém.

Ben se levantou.

– A barreira não é ser hétero ou gay. É contar a verdade ou contar a mentira. Pensei que você fosse honesto e agora acho que nada passou de um monte de besteira. Nunca vou perdoá-lo por isso.

– Foi uma bola de neve. É difícil revelar certas coisas a alguém se você não se assume logo de cara – falei.

– É por isso que você não deve fazer esse tipo de coisa – disse Ben. – Assim, alguns meses depois seu melhor amigo não vai ficar com vontade de matar você.

Eu nunca poderia imaginar que ele sentiria tanta raiva por uma simples omissão.

– E quanto ao Robinson? Não sou o único cara que não contou a verdade a ninguém.

– Não – respondeu Ben, recolhendo seus livros. – Mas você foi o único que fez isso comigo.

Essa doeu. Não sabia o que dizer. Ben balançou a cabeça e, mais uma vez, foi embora. Saiu da sala. Eu já estava me acostumando com isso. No entanto, antes de sair, ele disse uma última coisa:

– Eu deveria ter ouvido o que minha intuição tentou me alertar no primeiro dia. Eu sabia o que você era.

Os olhos de Ben estavam frios, mortos para mim.

– Gay? – perguntei.

– Não – disse ele, exasperado. – Uma pessoa muito desonesta.

34

- VOCÊ PASSOU A AULA TODA quieto – disse o Sr. Scarborough quando entrei no seu escritório depois da aula na segunda-feira. – Não é fã de A. M. Homes?

– Ela é boa. Acho que só não estou muito fã de Rafe hoje.

Desabei na cadeira em frente à mesa dele.

– Ihhh – disse ele. – O que aconteceu?

Apoiei a cabeça nas mãos.

– Minhas vidas colidiram oficialmente – expliquei. – Uma batida feia. Perda total.

– Ah. E agora?

Eu não havia contado a ele sobre Ben. Quando eu aparecia, conversávamos basicamente sobre livros e escrita.

– Não faço a menor ideia – falei.

– Escreva sobre isso.

– E *A história de Rafe*?

– O que que tem? Parece que sua história chegou ao presente. Escreva sobre o que está acontecendo. Escreva sobre como está hoje sua tentativa de se separar do passado. Pelo que posso ver, não está indo tão bem.

– Não. Meu melhor amigo...

Ele gesticulou.

– Não me conte. Escreva. Tenho certeza de que neste momento você já está bem distante da parte em que começa com nada. Continue de onde você está, ok?

O ESTADO ATUAL DE RAFE

Tenho plena consciência de que não sou um órfão na Somália, uma criança pobre de 10 anos trabalhando como escrava numa fábrica chinesa ou crescendo nas favelas de Nova Orleans. Estou falando sério. Entendo que eu esteja longe de ser um dos desafortunados do mundo. Mas, de certa forma, isso só torna mais difícil dizer o que preciso. Sinto que sou amaldiçoado.

Larguei a caneta e resmunguei.

– Que porcaria – falei. – Melhor começar de novo.

Olhei ao redor do cômodo vazio. Era terça-feira de manhã e Albie estava na aula. Eu estava matando matemática, porque isso parecia mais importante.

– E agora eu estou falando sozinho. Ótimo. É um excelente sinal.

Por que sempre que escrevo sinto como se estivesse no palco? Quem disse uma besteira como “Tenho plena consciência de que não sou um órfão na Somália”? Era só mais besteira, não era? Era disso que o Sr. Scarborough vinha falando durante todo esse tempo, mas também era assim que eu estava acostumado a escrever.

– Ok, Rafe – disse a mim mesmo. – Tente outra vez. Pare de escrever besteira.

*Não acho que ser gay seja uma maldição.
Definitivamente não é. Mas sabemos que sair do armário*

traz um monte de coisas que tornam a vida mais difícil. Mesmo que você tenha pais maravilhosos e uma escola que o trate bem, a revelação acrescenta algo à sua vida. O pior é como todo mundo olha para você de um jeito diferente. Eu fiquei cansado de ser olhado.

Corta para a minha vida em Boulder. Eu levava o lixo para fora, no beco ao lado da nossa casa, e lá estava meu vizinho, o Sr. Meyers. Eu acenava e sorria, e ele acenava de volta, mas o sorriso era muito forçado. Sempre. Era como se eu pudesse ler a mente dele. Conseguia vê-lo olhando para mim e pensando que eu gosto de meninos, não de meninas. Também pude ver isso nos olhos do atendente que verificava os ingressos no show da Lady Gaga em Denver ou nos olhos dos meus colegas do time de futebol. Essa maldita câmera, o tempo todo em cima de mim. Só porque eu sou gay.

Levantei da escrivaninha e peguei um refrigerante na geladeira de Albie. Fico devendo um. Voltei a sentar e tentei me concentrar. Por que eu estava escrevendo sobre Lady Gaga e câmeras? O que isso tinha a ver com o que eu estava sentindo?

Um exercício de escrita rápida é assim mesmo, argumentou outra parte de mim. Reli a página. A frase “Eu fiquei cansado de ser olhado” me encarou.

As palavras se misturaram. Ser olhado. Serolhado. Eufiqueicansado. O que tudo isso significava? Peguei a caneta e respirei fundo. *Escreva até que algo aconteça, falei para mim mesmo. Apenas continue.*

Então talvez ser gay assumido não seja uma maldição, e sim algo desgastante. Sempre pensamos no que as pessoas

estão vendo e nos sentimos isolados de grande parte do mundo. É difícil. Teria sido diferente se eu pelo menos conseguisse arrumar um namorado, mas não era o que estava acontecendo. Clay era o cara errado, e ele não estava pronto. Depois que as coisas se tornaram físicas, ele me mandou uma mensagem uma vez e perguntou se eu queria vê-lo. Escrevi de volta, sugerindo: "The Laughing Goat?"

"Sua casa?", perguntou ele de volta.

Eu respondi: "Vamos conversar. Fazer alguma coisa em público."

Ele rebateu: "Só quero ficar um pouco com você."

Não falei mais nada. Não era o que eu procurava.

Fiquei cansado de me sentir isolado, sabe? Então decidi derrubar essa barreira. Vim para Natick e fiz uma escolha diferente. Não que ser gay seja uma escolha, mas estar fora do armário, com certeza.

E quer saber? A barreira caiu. Chequei aqui e, pela primeira vez, talvez em toda a vida, a barreira que existia entre mim e os garotos héteros desapareceu. Parecia que eles me viam de verdade. Ben. Ele me viu. Viu quem eu era por dentro e gostou, e eu gostei. Gostei de quem ele viu. Eu de verdade, não o rótulo. Sei que você não entende o que estou falando, mas não tem problema. Estou explorando alguma coisa aqui.

Eu queria isso. Precisava disso.

Não contei a ele que era gay porque não queria que nada se interpusesse entre nós.

Peguei o papel e reli o que tinha acabado de escrever.

“Não contei a ele que era gay porque não queria que nada se interpusesse entre nós”, falei em voz alta.

Mordi a ponta da caneta e deixei que as palavras e seu significado se infiltrassem no meu cérebro. E foi tipo *Uau. Acabei de escrever isso? Eu não queria que quem eu sou ficasse entre nós? Como posso não ter visto isso?*

Passei a caneta sobre meus dentes de cima, como uma vara de percussão num xilofone. Eu não queria que nada ficasse entre nós, então escondi uma parte de mim? Como eu não tinha percebido que isso não fazia sentido? Como esperava me tornar próximo de alguém não sendo quem eu sou?

Parecia que eu estava bêbado, cambaleante. Olhei para a Coca-Cola para ter certeza de que não bebia cerveja sem saber. Como não percebera isso antes?

Eu precisava continuar. Ver que outras loucuras ocupavam a minha cabeça.

Claro que foi uma ideia louca, e acabei de me dar conta disso. Não é nada brilhante tentar se aproximar de uma pessoa omitindo a verdade dela.

Acho que concluí que ser gay era um mero acessório, e não uma parte fundamental de mim. Como um casaco que eu poderia despir a hora que quisesse.

E não posso, né? Simples assim. Está dentro de mim. De fato nunca parei para pensar como me sinto com relação a isso. Talvez eu tenha pulado essa parte do processo. Meus pais eram tão tranquilos com o fato de eu ser gay que acho que, de certa forma, decidi que eu também poderia ser.

Como eu realmente me sinto sobre ser gay? Sempre pensei que estivesse bem com a minha orientação sexual.

Mas será que estou mesmo? Quero dizer, não me assumi mais, então por isso talvez eu não estivesse bem? Preciso lidar melhor com essa questão, pois não é uma parte de mim que eu possa remover.

Assim que deixei o rótulo de lado, acabei inventando uma mentira. No fim, essa mentira criou uma barreira muito pior do que a original. Que loucura é essa? É irônico, quero dizer. Criei uma barreira para me livrar de uma barreira.

No início das aulas, quando você disse para começar do nada e aprender no caminho, tenho que admitir que não prestei atenção. O que eu fiz, na verdade, foi buscar uma forma agradável de lhe dizer o que eu já sabia, leitor. Vejo isso agora. Mesmo enquanto escrevia, estava encenando para a câmera, não estava? Não sei se isso faz sentido, mas é novidade para mim. É por isso que estou escrevendo. Porque é uma novidade, e não algo ensaiado. Aqui estou eu reclamando de sempre ter sido observado, quando, na verdade, passei um semestre escrevendo sobre um eu ensaiado. Mas agora sou eu de verdade, Sr. Scarborough, e não sei o que aprendi, mas sei que não sei tudo. Então acho que já é alguma coisa, certo?

35

PASSEI A MANHÃ TODA ESCRREVENDO. Assim que terminei, deitei na cama e liguei para minha mãe. Queria contar a ela o que estava acontecendo. Eu sabia que mamãe não ia dizer que tinha avisado. Ela não faz esse tipo.

– Ah, querido. Sinta-se abraçado por mim.

– Isso seria muito bom – falei.

– O que você vai fazer?

Fechei os olhos e vi o quarto girar. Meu cérebro estava cansado de tanto escrever e pensar.

– Não sei. Não quero dizer nada que vá magoar Ben. Mas acho que devo contar a verdade às pessoas.

– Como acha que vai ser isso?

– Não me importo – falei. – Não tenho vergonha de ser gay.

– Nunca pensei que você tivesse. Você sempre pareceu estar bem com isso.

– Eu estava. Estou. E então estraguei tudo. Minha vida inteira.

Ela riu.

– Você estragou apenas alguns meses da sua vida. Não ela toda. Sempre pode torná-la melhor.

Eu sabia que mamãe estava certa, mas isso me irritava um pouco. Por que eu sempre tinha que fazer a coisa certa? Em todo o planeta, as pessoas fazem a coisa errada o tempo todo e não é o fim do mundo. Então eu evito ser totalmente honesto pela primeira vez na vida e tudo explode na minha cara.

– Por que eu não posso ser mau? – perguntei, achando que minha mãe não teria a menor ideia do que eu estava falando.

– Bem, isso é fácil, querido. Você pode ser o que quiser, mas não vai se

sentir bem quando for contra o que é de verdade.

Absorvi um pouco as palavras dela. Sim. Simples. Engraçado que eu nunca tenha pensado nisso. Não existia nenhuma lei contra não ser gay assumido. Omitir a minha sexualidade só me machucava por dentro. Muito. Porque ser gay *estava* dentro de mim. E quando o exterior não combina com o interior...

– Terra chamando Rafe.

– Estou aqui. É só... Obrigado.

– De nada.

– Mais uma coisa.

– O quê?

– Obrigado pelo jantar no Hamburger Mary's, quando saí do armário.

Minha mãe riu.

– Isso aconteceu há anos. Por que está agradecendo agora?

– Porque sim. Tenho quase certeza de que não agradei na época.
Obrigado.

– De nada. Seu pai e eu amamos você exatamente como é, e queremos que seja feliz. Só isso.

– Eu sei. Obrigado, mãe. Então pode aumentar a minha mesada?

– Não – respondeu ela, rindo.

– Achei que valia a pena tentar.



Almocei com Albie e Toby, o que foi razoavelmente divertido, embora a brincadeira Férias, Mudança e Bomba (alguém grita três lugares e você tem que decidir onde gostaria de passar férias, para onde se mudaria e onde jogaria uma bomba) tenha perdido a graça após três rodadas. Depois fui para as aulas da tarde, me sentindo um pouco melhor. Eu não queria encontrar Ben, mas também não queria ser reprovado.

Assim que as aulas terminaram, liguei para Claire Olivia, embora eu soubesse que eram duas horas mais cedo no Colorado e ela ainda estaria no colégio. Ela atendeu mesmo assim.

– Então, como vai Boulder? – perguntei, me encolhendo debaixo do cobertor, sem trocar de roupa.

– Está sentindo a sua falta. Você está bem?

– Na verdade, não. Adivinha o que aconteceu?

Ela deu um suspiro cansado.

– Você reprimiu sua sexualidade em nome do tédio e agora está triste?

– Conte para Ben. Tudo.

– Ah.

– Grande desastre – falei, roendo a unha. – As coisas não estão muito bem por aqui.

– Sinto muito, Rafe. De verdade. Sei que não ajuda, mas lamento. Sei que você gostava mesmo dele.

– Eu o amava – corrigi.

Era a primeira vez que eu admitia isso para ela. Imaginei se ela sabia quanto perdê-lo tinha me machucado.

– Amava – repetiu ela. – O que você vai fazer?

– Não faço a menor ideia – respondi. – Eu sou uma pessoa horrível?

– Sim.

– Sério?

– Ei, não faça perguntas quando já sabe a resposta!

– Ok. Então por que me sinto como uma pessoa horrível? Tipo, você ficou com raiva de mim quando menti, e agora Ben está furioso comigo. Se eu não sou uma pessoa horrível, por que meus dois melhores amigos me chamaram de mentiroso?

– Na verdade é muito simples – explicou Claire Olivia. Ao fundo, eu ouvia o barulho típico da Rangeview: armários fechando, pessoas gritando.

– Chamamos você de mentiroso porque você estava mentindo. Você é uma pessoa incrível que estava mentindo. Claro que sabia que precisaria mentir,

ou então não teria feito isso, já que, como acabei de falar, você é uma pessoa incrível. E pessoas incríveis não mentem a menos que precisem.

Ficamos em silêncio, mas minha cabeça estava um turbilhão. O discurso dela me lembrou uma das frases da minha mãe: “A culpa é sobre algo que você faz. A vergonha é sobre quem você é.” A culpa, ela explicou, era útil, porque poderíamos aprender a lição e acertar da próxima vez. A vergonha, por outro lado, era inútil. O que eu poderia ganhar pensando que era uma pessoa ruim? Eu não era ruim.

Então eu me sentia culpado. Não envergonhado, mas culpado. Por quê? Por ter mentido. Eu sabia. Mas, como Claire Olivia dissera, eu precisava mentir.

Pensei em Ben e em como ele pareceu ferido quando contei tudo. Meu coração ficou apertado. Percebi que era simples, na verdade. Eu tinha errado, e não importava o motivo. Isso não fazia de mim uma pessoa horrível, apenas alguém que mentiu para a pessoa que amava e precisava consertar as coisas.

– Você ainda está aí?

– Sim – respondi. – Só... refletindo. Sobre o que você disse.

– Bom, também quero falar uma coisa com você.

– Diga o que quiser. Estou ouvindo.

– Que bom, porque, por um tempo, nesses últimos meses, eu não tinha certeza se você estava mesmo.

– Eu sei. Sinto muito.

– O que quero dizer é o seguinte: talvez eu não tenha sido a melhor amiga do mundo, porque não prestei tanta atenção quando você desabafava sobre tudo isso ano passado. Eu não entendi, e, se tivesse entendido, talvez você não precisasse ter fugido para Natick. Então, quem é a pessoa horrível agora?

– Não exatamente uma pessoa horrível. Apenas alguém que talvez pudesse... Eu não sei. De todo modo, você é uma grande amiga. Sempre foi. Minha melhor amiga.

– Eu só queria ter deixado você falar sobre isso pelo menos uma vez, e

não ser uma vaca.

– Você não é uma vaca. Nunca.

– Bem, às vezes.

– É verdade. Às vezes. Mas obrigado, eu precisava ouvir isso – falei.

– De nada, Shay Shay.

QUANDO A PORTA SE ABRIU, seis rostos esperançosos se viraram para ver quem poderia ser. Toby sorriu imediatamente, e eu sorri de volta. O Sr. Scarborough acenou com a cabeça e retribuí.

– Rapazes, parece que temos um novo membro! – disse Scarborough. – Tenho certeza de que todos vocês conhecem Rafe Goldberg.

Eu não conhecia muito bem os outros quatro membros da AGH. Quer dizer, eu os tinha visto. A Natick não é uma escola tão grande a ponto de haver garotos com quem eu nunca esbarrara. Mas eles não faziam parte do meu círculo de amigos. Seja lá qual fosse.

– Oi – falei.

Todos me deram as boas-vindas e o Sr. Scarborough apontou para uma das cadeiras vazias. Havia doze – *você chamaria isso de pensamento positivo?* – e eu peguei uma ao lado de Toby, que esticou o braço e apertou o meu.

Eu me sentia muito sem graça. Esses garotos podiam se tornar uma parte importante do meu futuro na Natick, e eu queria saber se iam com a minha cara. Analisei os diferentes membros do grupo, ciente de que eles também me avaliavam. Será que me consideravam uma boa aquisição? Eu esperava que sim.

Reconheci um aluno do ano anterior ao meu, da equipe de *cross-country*. Ele era louro, tinha olhos grandes, pele pálida e suave, e sempre usava um sobretudo preto e um cachecol verde e azul. O nome dele era Jeff e talvez eu tivesse trocado duas palavras com ele, mas definitivamente o incluía na minha lista de “bonitinhos” quando cheguei. Dei um aceno de cabeça para Jeff e ele acenou de volta.

Toby se inclinou e me cutucou.

– Você está babando – sussurrou. – Jeff vai ser o próximo Ben?

Olhei para ele, horrorizado.

– Cedo demais? – perguntou.

– Cedo demais – respondi, ciente de que Toby não tinha como saber quanto a perda de Ben ainda me deixava mal.

Eu gostava muito de Toby, mas com certeza nunca compartilharia isso com ele. Tentei parar de pensar em Toby. Todos estavam acomodados e a troca de experiências começou. Basicamente, era como um círculo da pena em Boulder, só que sem a pena. (Pensando bem, círculos da pena só podem ser coisa de Boulder.) Um garoto chamado Ned refletiu se poderia sair do armário para seu colega de quarto. Era meio que interessante, ênfase no *meio que*, porque ele pontuava cada frase com *e tal*, o que só fazia sentido em pouquíssimos momentos.

– Então, acho que eu poderia contar a ele antes do recesso e tal. De repente é bom lhe dar uma chance de pensar sobre o assunto enquanto estiver em casa com a família e tal.

Enquanto ele falava, eu me distraí, olhando ao redor do círculo. De frente para mim estava um calouro que eu vira várias vezes no campus, Carlton. Era difícil não vê-lo. Suas feições eram tão femininas: lábios carnudos, sobrancelhas arqueadas como se fossem modeladas, e talvez fossem mesmo. Ele usava jeans skinny preto e um blazer preto justo que parecia ter sido cortado para uma mulher, e seu cabelo era impecavelmente arrumado – um penteado desordenado perfeito, como o do Justin Bieber.

Ali estava alguém que poderia se passar por uma menina se tentasse. Eu nunca quis ser menina. A vez em que me fantasiei de roqueira fora suficiente para mim, obrigado. Imaginei-me vestindo a roupa dele e pensei: *Ai, meu Deus, como Steve e Zack reagiriam se eu andasse pelo campus assim?* E então imaginei como seria passar tanto tempo na frente de um espelho para ficar perfeito daquele jeito. Será que alguém na Natick realmente se importava ou o elogiava? Por que ele fazia isso? Será que isso funcionaria comigo?

E aqueles olhos, tão castanhos. Castanhos, não eram? Eles olhavam na minha direção. Foi então que percebi que Carlton estava me observando observá-lo. Desviei o olhar. Espiei de volta e, mesmo que ele não parecesse

ofendido, eu queria lhe dizer: *Não se preocupe, eu não estava julgando. Eu estava pensando em mim mesmo.*

Ah.

Uau.

Eu estava pensando em mim mesmo!

Era como se o mundo tivesse se aberto para mim naquele momento, e meus pensamentos tropeçavam um nos outros. Eu observava o garoto afeminado julgando minha própria masculinidade, ou a falta dela. Será que eu era tão diferente assim de todos os outros? Quem era eu para dizer no que o Sr. Meyers devia pensar enquanto acenava para mim, lá em Boulder? Como eu poderia ter certeza de que o que se passava pela cabeça dele tinha realmente a ver comigo? Talvez fosse sobre ele. O mesmo valia para todos os outros.

E, enquanto eu pensava essas coisas, percebi que não estava ouvindo. Ned ainda falava, provavelmente sobre algo importante para ele. Devia ter passado muito tempo escolhendo as palavras e imaginando como elas soariam. E lá estava eu, pensando em mim mesmo outra vez. Será que todo mundo era assim? E, se fosse, isso significava que talvez eu estivesse livre? Talvez eu pudesse perder menos tempo me preocupando com o que as pessoas pensavam sobre mim, já que era bem provável que *não estivessem* pensando em mim. Deviam estar pensando em si mesmas.

– Rafe? – chamou o Sr. Scarborough.

A sala estava em silêncio. Todos me fitavam.

Ah, merda. Minha vez. Eu tinha viajado completamente no fim do relato de Ned.

– Só queria uma pausa dramática – falei, me xingando.

Eu precisava aprender a ouvir. Olhei para o Sr. Scarborough e foi como se ele lesse a minha mente; ele sabia que eu estava pensando nisso. Era enervante. Então contei como foi sair do armário da primeira vez e ser um gay assumido e, em seguida, como decidi que não queria mais ser reconhecido como o garoto gay. Expliquei um pouco sobre meu tempo na Natick, deixando de fora o meu *bromance*, uma vez que, se mencionasse

esses detalhes, ficaria bastante óbvio sobre quem eu estava falando. Concentrei-me principalmente em contar por que eu tinha ido estudar lá e por que não me assumi para eles.

– Eu só queria ser eu mesmo um pouco. Sem que minha sexualidade ganhasse mais destaque, sabe?

Recebi olhares vazios de Ned, Carlton e Mickey, outro garoto que eu não conhecia muito bem.

– Eu entendo – disse Jeff. Ele tinha uma voz profunda de que eu gostava. – Sair um pouco do radar. De vez em quando também me sinto assim. Tipo, por que a gente tem que marchar em paradas e todas essas coisas?

– Se a gente não marchar nas paradas, as pessoas nunca vão nos ver – disse Mickey.

Ele usava uma camisa estampada e seu cabelo estava preso num rabo de cavalo.

– O que você quer dizer? – perguntou Jeff. – As pessoas não vão parar de ver os gays porque não marchamos em paradas idiotas. Heterossexuais não desfilam em paradas, por exemplo.

– Bom, eles não precisam – disse Mickey. – Que nome se dá quando uma pessoa hétero se assume?

– Como? – perguntou Jeff.

– Uma conversa – disse Mickey. – Heterossexuais não precisam pensar se estão saindo do armário cada vez que falamos. A gente precisa. Pode ser difícil, mas também é por isso que temos que nos assumir. Se a gente não fizer isso, é praticamente impossível ter uma conversa sobre qualquer coisa sem mentir. Não temos escolha, temos?

Jeff cruzou e descruzou as pernas.

– Só que isso não é verdade – disse ele. – Gay é apenas uma das minhas características. Não me define.

– Talvez não – disse Mickey. – Mas, se você não aceita essa parte de si mesmo, esqueça. Rafe acabou de dizer isso. Como foi para você, Rafe? Esconder parte de si mesmo?

Então percebi duas coisas: primeira, não gosto desse tal de Mickey; segunda, ele tinha razão.

– Você está certo – falei. – Quando abandonei o rótulo, as coisas foram ótimas por um tempo, porque não precisava mais carregar aquele fardo. Mas depois percebi que foi como se eu também não existisse mais, e isso era uma droga.

Por fim Carlton disse:

– Eu odeio rótulos. Sou apenas eu.

E assim começou uma conversa muito legal sobre o que significava ser você mesmo. Jeff se engajou, depois Toby discordou e ficou do lado de Mickey e Carlton, e Ned não tinha opinião formada sobre o assunto. Rimos muito com a história de quando Toby participou da parada em Boston com um grupo de jovens. Ele usou uma camiseta camuflada e jeans rasgado, e um garoto afetado se aproximou dele e disse: “Ah, Toby. Eu queria muito levá-lo para casa, tirar sua roupa e consertar você.” Estávamos tão envolvidos na conversa que ela transcorria naturalmente.

E foi então que percebi. Pela primeira vez em muito tempo, eu tinha me perdido. A câmera. Não existia mais. Eu tinha esquecido que os outros garotos podiam estar olhando para mim, e tinha parado de tentar agir de uma forma particular. E quase ri, porque era muito simples.

Ninguém realmente olhara para mim o tempo todo. A não ser eu.

Parecia ter sido uma grande descoberta e eu queria saber como passar o resto da vida com a câmera desligada, ou virada para outro lado, para que eu pudesse enxergar as pessoas como elas eram. Não para julgá-las, apenas para vê-las. Porque ali estava um grupo de pessoas que eu ainda não conhecia muito bem, mas que, se eu tivesse sorte, poderia conhecer.

E talvez eles pudessem me conhecer um pouco também.

Durante o restante da reunião, parei de me preocupar com o jeito como as pessoas me viam ou o que pensavam de mim. Eu sorria sem me preocupar se havia comida presa nos dentes. Eu ria sem querer saber como a risada soava. Além dos meus momentos com Ben e parte do tempo que passei com Albie e Toby, esse foi o mais feliz desde que eu chegara à Natick.

Percebi que queria mais. E o mais legal era que, com esses caras, possivelmente meus novos amigos, talvez eu pudesse ter.



Assim que saí da reunião da AGH com meus novos colegas, Steve veio pelo corredor na nossa direção. Ele examinou o grupo com quem eu estava andando e me lançou um olhar estranho. Talvez eu devesse contar a ele naquele momento. Steve ficaria sabendo mais cedo ou mais tarde e, mesmo que eu não gostasse mais dele e dos atletas, ainda seríamos colegas de equipe. Avisei aos garotos da AGH que os encontraria no jantar e corri atrás de Steve.

– Você deve estar se perguntando o que tudo isso significa – comentei quando o alcancei na escada.

Ele deu de ombros e não parou de descer os degraus.

– Na verdade, não.

– Bom, o fato é que eu sou gay. Queria contar logo para que você não soubesse por outra pessoa – falei, parando de caminhar quando chegamos ao outro andar.

Ele também parou, mas dava para ver que não queria.

– Hum... ok.

Olhamos um para o outro e, pelo menos para mim, foi como se o visse pela primeira vez. Ele era apenas um cara. Bonito e em forma, com certeza. Mas fosse qual fosse o poder que ele tivera sobre mim, como um ícone de como uma pessoa do sexo masculino deveria ser, aquilo tinha acabado.

– Então, só queria que você soubesse – repeti.

Ele deu de ombros.

– Não estou nem aí para sua vida sexual. Desde que não queira transar comigo...

Tive que rir. *Problema resolvido, Steve. Não precisa se preocupar.* Por mais

bonito que fosse, ele era o último na minha lista. E lembrei-me de seus comentários no chuveiro; então soube que pelo menos uma parte dele se importava, sim.

– Se eu tivesse assumido antes da temporada de futebol, você também teria sido tão legal comigo?

– Claro – disse ele, cruzando os braços.

– Hum... ok – falei, imitando-o.

– Quero dizer, a gente teria que se revezar no chuveiro, porque... Bom, você sabe.

Eu quis dizer: *Não, eu não sei. Nem todo cara gay quer ir para a cama com você, seu idiota.* Mas não botei para fora.

– Bom feriado para você, então – foi o que eu disse.

– Para você também – respondeu ele, e continuou andando.

Percebi que não ia sentir tanta falta assim do time de futebol fora da temporada.

O que foi que eu vi neles mesmo?

- OI - FALEI, QUANDO BEN abriu a porta.

Era véspera da primeira de nossas provas finais, e decidi que não podia mais adiar meu pedido de desculpas. Ele estava atrapalhando seriamente meus estudos.

Ben não demonstrou nenhuma emoção. Seus olhos estavam vazios.

- Posso entrar por um segundo? Sei que você não quer falar comigo, mas preciso lhe dizer uma coisa. Por favor...

Ele franziu ligeiramente os lábios, mas, fora isso, sua expressão não mudou. Deu um passo para o lado e me deixou entrar.

Parei no meio do quarto, o quarto onde eu havia dormido tantas noites de frente para ele, o quarto onde ele e eu tínhamos ficado tão próximos um do outro.

- Estou aqui para pedir desculpas - expliquei. - Eu menti para você e sinto muito. Acho que não percebi o que eu estava fazendo com você durante todo esse tempo. Não foi minha intenção, se é que isso importa. Provavelmente não. Eu só queria que você soubesse que agora entendo.

- Bem na hora - comentou ele, sem inflexão na voz.

Senti meu rosto corar um pouco.

- Sério? É tudo o que você tem para me dizer?

Ele balançou a cabeça.

- Você ainda não entendeu, não é? Você entra aqui como se eu não estivesse fazendo nada. Estou estudando, Rafe. Não sei quanto a você, mas entrar para uma boa faculdade é praticamente meu único objetivo, então é muito inconveniente você vir aqui doze horas antes da minha prova final de história. O pedido de desculpas não deveria acontecer pelo meu bem?

Por mais que eu não quisesse, percebi que ele estava certo, e não só um

pouco. Não tinha me dado conta de quanto eu era importante para ele e como minha mentira o magoara, e naquele momento eu me vi tão envolvido nos meus problemas que nem passou pela minha cabeça o fato de aquela hora ser ruim para um pedido de desculpas.

Eu não conseguia encontrar as palavras, e acho que Ben percebeu isso, porque seu tom mudou. Ele se sentou na cama.

– Eu amei você, Rafe. E, mais do que isso, gostava de você. Você era meu único amigo de verdade. Meu tio morreu. Bryce foi embora. Você era tudo o que eu tinha e me magoou demais.

Sentei no chão, de frente para ele, e o encarei.

– Se serve de consolo, eu me magoei também.

Ele riu e balançou a cabeça.

– Como serviria?

– Bom, pelo menos não foi um ato agressivo, certo? Eu não sei. Me ajude com isso. Estou tentando melhorar.

Ben esfregou os olhos e passou a mão pelo cabelo desganhado. Parecia que não dormia havia séculos.

– Acho que é só uma questão de tempo, Rafe. Ok?

– Ok – respondi.

E eu realmente compreendia. O buraco que havia no meu coração, não consigo nem descrever. É difícil quando você abre seu coração e deixa alguém entrar e então, de repente, a pessoa não está mais lá. Não importa de quem é a culpa: o vazio dói tanto que você deseja encontrar qualquer tipo de alívio ou se enrolar o mais apertado possível até não sentir mais. Eu sabia que seria assim por um tempo. Ou talvez por um longo tempo. Para nós dois.

Ben se levantou e olhou pela janela, de costas para mim. Também me levantei. Definitivamente era como se uma barreira tivesse sido erguida, e eu sabia que ele não deixaria ninguém entrar por um tempo. Ben era assim. Difícil de ter acesso, mas muito valioso depois de conquistado.

– Vou deixá-lo em paz agora. Me desculpe por ter vindo aqui na véspera

das provas finais e tudo. Enfim, espero que você se saia bem e aproveite suas férias. Feliz Natal antecipado do garoto judeu.

– O mesmo para você – disse ele, sem se virar para mim. – De um cristão não praticante.

– É. – Houve um silêncio. – Por favor, diga algo mais interessante, para que minha última palavra do semestre para você não seja “é”.

Dessa vez ele se virou.

– Olha, não posso dizer que estou exatamente feliz por ter conhecido você. Quero dizer, fiquei feliz com sua amizade este ano. Apesar de ser um porra-louca, você tem qualidades.

– Obrigado, acho. Eu estou feliz por ter conhecido você. Mesmo com tanta mágoa envolvida. Pela qual peço desculpas mais uma vez.

Ele assentiu.

– Queria que pudéssemos ser amigos de novo – falei.

Ben olhou para mim e inclinou a cabeça.

– Quem sabe? Nada de promessas.

Não sabia se ele realmente queria dizer isso ou se estava falando por falar. Sorri o melhor que pude.

– Talvez ano que vem a gente possa dar uma volta ou algo assim. Conversar um pouco. Tomar um *screwdriver* de plástico.

– Parei de beber – disse ele. – Meio problemático.

Ben olhou para longe.

– Legal – falei. – Não seria uma má ideia para mim também.

– Certo – disse ele.

Tive a sensação de que estávamos apenas adiando o inevitável: dar adeus por ora.

Inclinei-me um pouco, uma última vez.

– Sabe, eu realmente não estava tentando enganá-lo para levá-lo para a cama. Acredite em mim. Eu nunca, nunca faria isso. Me apaixonei por você. Não queria magoá-lo.

Ben sorriu.

– Sabe o que é mais louco? Eu acredito em você, Rafe. Acredito que não

foi má intenção. Só que isso não significa que não doeu. Mas eu acredito em você, se isso faz você se sentir melhor.

– Bem que eu queria.



Quando o primeiro semestre terminou, descobri que eu era gay assumido de novo, pela primeira vez na Natick e pela segunda vez na vida. Eu sabia o que esperar dessa vez, por isso foi mais fácil. Deixei que os boatos fizessem boa parte do trabalho de contar às pessoas. Andar com Carlton, Mickey e Toby (Jeff ainda não queria ser visto com a gente em público) certamente pareceu ajudar. Também me envolvi na revista literária, o que foi legal. Muitos novos possíveis amigos, e nem todos por causa da minha orientação sexual.

No último dia de aula, eu estava voltando para o alojamento depois de almoçar uma pizza quase passável com Toby e Carlton. Conversávamos, ríamos e nos divertíamos quando notei um garoto que às vezes saía com os atletas. Ele caminhava na nossa direção e olhava para mim com uma expressão engraçada, como se estivesse segurando uma gargalhada.

Imediatamente fiz o que costumava fazer: olhei para longe e fingi que não havia notado, e então... *Ah, que se dane.* Não era nada legal as pessoas me lançarem olhares desagradáveis só porque eu fazia parte de um grupo de garotos assumidamente homossexuais. Pouco me importava se ele via em nós um espelho de si mesmo ou o que fosse. Eu estava farto disso.

Assim que nos aproximamos, eu perguntei:

– Ei, qual é o seu problema?

O garoto pareceu surpreso. Ele apontou para si mesmo.

– Eu?

– Sim, você. Nunca viu três caras gays andando juntos antes?

– Eu n-não... – gaguejou ele.

– Isso é tão engraçado que não consegue nem se segurar? – rosnei.

– Cara – disse ele. – Você está cheio de molho de tomate no queixo.

Toquei o queixo e ali estava, uma mancha de molho bem na minha cara. Limpei-a e, em seguida, enxuguei a mão num lenço que eu tinha no bolso do casaco.

– Deixa pra lá – murmurei. – Foi mal.

O garoto foi embora e nós caminhamos em silêncio por um momento.

– Uau, você o enfrentou – disse Toby. – Na próxima vez, de repente você pode andar por aí com uma meleca no nariz e depois chamar de antissemita qualquer um que olhar!

– Cale a boca – falei – Sério. Apenas cale a boca.

O DIA 28 DE DEZEMBRO foi um daqueles que às vezes acontecem no inverno do Colorado: você pode andar por aí com um casaco leve e o sol brilha tão forte que até parece abril. Fiz uma anotação mental para escrever aos meteorologistas sobre o tempo quando voltasse à escola. Eu sabia que eles iam achar fascinante.

Claire Olivia e eu fomos tomar um café no Pearl Street Mall. Eu tinha tanta coisa para consertar antes de voltar para a Natick que não era nem um pouco engraçado. Quantas vezes eu poderia irritá-la e ela ainda estaria ao meu lado? Eu tinha muita sorte por ter uma amiga tão leal.

Passamos pelo prédio do *Daily Camera* de Boulder, e me senti tão feliz por estar de volta à minha vida que dei uns pulinhos. Eu ia pular e girar, mas no último segundo decidi cortar a segunda parte.

– Ai, meu Deus, você deu para pular agora – comentou Claire Olivia. – Que mudança estranha.

– Já se sentiu como se as pessoas estivessem olhando para você e quis que elas parassem? – perguntei.

Ela pensou e fez uma pirueta. Estava usando uma saia *tie-dye* com tons de marrom, laranja e um traço de azul. Combinava com ela, e era lindo o modo como as cores giravam em conjunto enquanto ela rodopiava.

– Não, eu gostaria que *mais* pessoas olhassem para mim – disse ela, então gritou: – Olhem para mim!

Mas os passantes mal deram atenção, já que ela parecia muito normal naquele pequeno trecho da rua. Claire Olivia não notara que estava competindo com uma anã que fazia malabarismo com facas, duas irmãs gêmeas calvas cantando enquanto dedilhavam guitarras idênticas e quatro homens brancos de *dreadlocks* fumando num banco.

– Mesmo que o resto do mundo não olhe, eu fico feliz de olhar para você – falei. – Sempre.

– Obrigada, amável senhor – disse ela, então pegou minha mão e começou a pular pela rua. Pulei com ela.

Vimos as freiras em dicitos.

– Ei! Freiras! – chamou Claire Olivia e saiu correndo em direção ao grupo.

Eu a segui. As freiras pareceram não ter problema em serem chamadas pela rua e sorriram quando nos viram. Devem ter se lembrado de quando tiramos fotos com elas no último verão.

– Como foi o seu Natal? – perguntou uma delas a Claire Olivia.

– Bem maneiro – respondeu ela, e as freiras assentiram, como se a gíria fizesse sentido para elas. – E vocês, se divertiram?

Eu ri. O que as freiras faziam para se divertir, afinal? Além de andar de dicitos?

– Tivemos momentos maravilhosos cozinhando sopa – disse outra freira. – Você já foi voluntária lá? Gostaria de ir algum dia?

Claire Olivia olhou para mim. Ajudar os outros nunca foi realmente a nossa praia, embora eu viesse pensando nisso como parte dessa ideia sobre deixar de olhar para o meu umbigo. Minha mãe tinha falado sobre um lugar chamado Carriage House, uma organização local que ajuda os sem-teto e especialmente adolescentes gays, e eu queria ajudar em alguma coisa lá. Ter uma mãe que é presidente da PPAGL de Boulder tem suas vantagens.

– Claro – disse Claire Olivia. – Pode contar com a gente. O Rafe aqui vai comigo, porque ele me deve, tipo, um MONTE.

– Ele é seu namorado? – perguntou a primeira freira.

Claire Olivia me olhou de cima a baixo.

– Não. Ele é meu amigo gay que decidiu que era hétero e, sozinho, causou estragos em toda uma escola só para meninos em Massachusetts neste outono. Agora ele é gay de novo e está de volta para o Natal, uhul!

– Isso é bom – disse a segunda freira, sorrindo, e eu soube que, de fato, estávamos em Boulder.

Caminhamos mais um pouco, enquanto o sol se punha, assistindo primeiro à pequena malabarista com suas facas não tão pequenas e, em seguida, à apresentação de um grupo de percussionistas africanos. A batida percorreu a multidão e depois de um tempo Claire Olivia começou a dançar. Logo outros se juntaram a ela. Negros, brancos, pardos, sem-teto, ricos, jovens, idosos, bêbados, em pouco tempo uma multidão dançava, e eu os vi pular e se remexer ao ritmo da batida.

Senti certo desejo de pular e me remexer também, como meu pai faria, como Toby faria. Todas aquelas pessoas que não restringiam seus movimentos como eu fazia com meu cérebro. E, quando eu estava prestes a jogar tudo para o alto e participar da diversão, parei. Com minhas mãos no ar sobre a cabeça, meio que protegendo o rosto, como se alguém fosse lançar uma bola de queimado para mim, eu parei. Baixei os braços e sorri para mim mesmo. Eu sabia que poderia ter dançado se quisesse, de verdade. Mas eu não queria, então não ia me obrigar. O mundo precisa de pessoas que se sentem mais confortáveis quando paradas. Nós mantemos a Terra no eixo quando todo mundo em volta está pulando.

Então discretamente bati o pé no ritmo da música, como sempre fazia quando ia a um show no Red Rocks e queria me mexer um pouco. Vi minha melhor amiga dançando, e ela adorava isso, e eu a adorava.

Éramos dançarinos, percussionistas, paradões e malabaristas, e não havia nada que alguém precisasse aceitar ou tolerar. Fizemos uma festa.

Agradecimentos

TODAS AS ESCOLAS DESTA HISTÓRIA são instituições fictícias localizadas em cidades reais. Tentei me manter o mais fiel possível à geografia de Natick, em Massachusetts, e de Boulder, no Colorado, dois lugares que conheço por causa das minhas viagens.

Sou extremamente grato a minha família e meus amigos, que ficaram ao meu lado o tempo todo. Também sou eternamente grato a Cheryl Klein e às pessoas maravilhosas da Arthur A. Levine Books, que acreditaram neste livro e me ajudaram a melhorar meu ponto de vista.

Agradecimentos especiais a:

Chuck Cahoy, minha vida, talvez a única pessoa capaz de me aturar quando ligo o modo criativo; minha mãe, Shelley Doctors, por ser sempre minha maior torcedora; meu pai, Bob Konigsberg, por seu amor, apoio e sagacidade (às vezes dolorosa); minha irmã, Pam, por seu amor e sua bondade; meu chefe/irmão, Dan, por ser meu amigo, empregador e elo em Boulder; minha incrível agente, Linda Epstein, da Jennifer Chiara Literary Agency, que poderia ser eu; Debbie Schenk, minha salvadora em Montana; Melissa Druckman, por tirar um tempo para falar comigo sobre a PPAGL de Boulder; Rose Lupinacci, da Fairview High School, por me ajudar a entender o ensino médio de Boulder; Kriste Peoples, por responder aos estranhos e-mails de Rafe; Lisa McMann, por me mandar calar a boca e começar a escrever; Jim Blasingame, por ser Jim Blasingame; Chuck Wright, por sua sabedoria e amizade; Phyllis Hodge, por sua sabedoria e amizade; Steve Feinberg, idem; Jim Wink, por me fazer sorrir e também por inventar o melhor nome falso para maconha medicinal; Craig Neddle, por Mwah!; Bob Nogueira, por me aturar no meu momento mais egoísta e me amar mesmo assim; meus amigos escritores incrivelmente talentosos Liz Weld e

Beth Staples, por sua amizade, feedback e sessões de terapia improvisadas; Greg Watson, por todas as suas perguntas; Terry Buffington, pelos pedidos intrincados em restaurantes em toda a área de Phoenix; Mabel, por suas constantes lambidas na orelha; e, não menos importante, meus fãs, que têm ajudado a me sustentar quando tudo parecia muito difícil. Amo vocês e sou eternamente grato.

Sobre o autor

AS MUITAS IDENTIDADES DE BILL KONIGSBERG incluem (*não* em ordem de importância): escritor em tempo integral, doceiro em tempo parcial, ex-jornalista esportivo, jogador de *softball* razoável, jogador de tênis propenso a lesões, caubói exasperado de um cão mestiço (labrador com poodle), cantor de karaokê mediano e, de vez em quando, marido meloso. É autor de *Out of the Pocket*, que ganhou o Lambda Literary Award para ficção juvenil. Bill mora em Chandler, no Arizona, com seu parceiro de longa data, Chuck, e sua cadela, Mabel. Visite seu site www.billkonigsberg.com ou siga-o no Twitter [@billkonigsberg](https://twitter.com/billkonigsberg).

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[Sobre o autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)